



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DAS
MULHERES

APOIO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Vera Vieira (coordenadora)

São Paulo - 2025

Mulheres ocupando e transformando os espaços de poder e decisão

Vera Vieira

coordenadora

São Paulo - 2025

REALIZAÇÃO



APOIO



www.mulherespaz.org.br

associacao@mulherespaz.org.br

Título:
Mulheres ocupando e transformando
os espaços de poder e decisão

Concepção e coordenação do projeto:
Vera Vieira

Coordenação da publicação:
Vera Vieira

Editora:
Associação Mulheres pela Paz

Edição:
Fratezoi Produções

Edição eletrônica

Capa:
Neon Cunha

Transcrição das gravações e Secretaria:
Walkíria Lobo Junqueira Ferraz

Edição final:
Rosane Maximiano

Local e Ano da publicação:
São Paulo - 2025

Edição:
1a. edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mulheres ocupando e transformando os espaços de
poder e decisão [livro eletrônico] /
coordenação Vera Vieira. -- São Paulo :
Associação Mulheres pela Paz, 2025.
PDF

Várias autoras.
ISBN 978-65-995398-5-5

1. Mulheres - Aspectos sociais 2. Mulheres -
Direitos 3. Mulheres - Identidade 4. Mulheres -
Participação política I. Vieira, Vera.

25-251510

CDD-305.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Aspectos sociais : Sociologia 305.42

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



“A vida em Brasília não é fácil! É um ambiente hostil, machista e violento. Tudo isso porque cada vez mais estamos ocupando os espaços de poder e decisão. E para que isso continue acontecendo é preciso que a gente se fortaleça. As oficinas deste projeto possuem uma metodologia feminista e popular que contribuem sobremaneira para a formação de novas lideranças.”

Juliana Cardoso, Deputada Federal PT/SP e autora da emenda parlamentar deste projeto



“Que nada nos limite. Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância.”

Simone de Beauvoir, escritora francesa

SUMÁRIO

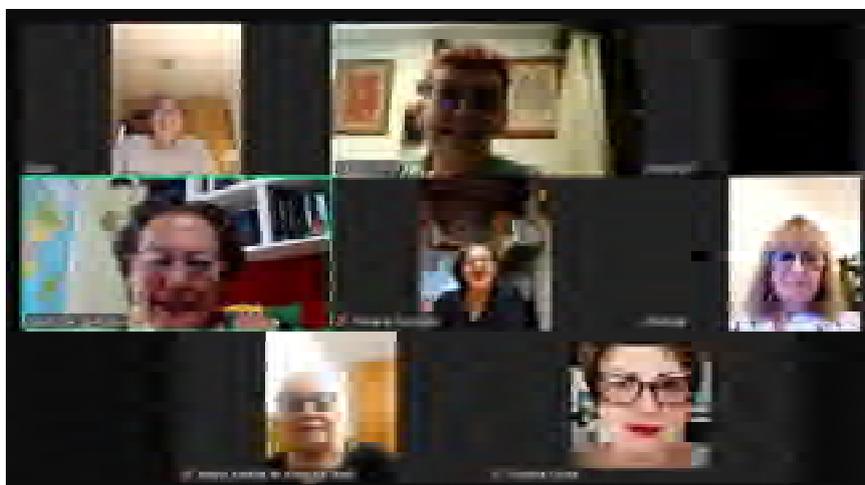
Lugar de mulher é onde ela quiser! Que tal nos espaços de poder e decisão? Vera Vieira	09
Gênero e interseccionalidades, poder e vieses inconscientes das discriminações Marilda Lemos	17
A Importância de ocupar os espaços de poder e decisão Silmara Conchão	43
Buscando a construção de referências feministas de poder Amelinha Teles	77
O Consenso, o Dissenso e a Arte da Negociação Judeti Zilli	99
O Empoderamento Psicológico, Emocional, intelectual e Financeiro das Mulheres Luana Alves	123
Conciliando Vida Privada e Vida Pública Rai de Oliveira	149
A Incidência nas Mídias para Pautar e Ampliar a Participação Efetiva de Mulheres nos Espaços de Poder e Decisão Cristina Costa	185
Redes, Alianças e Articulações Zeza Lopes	223



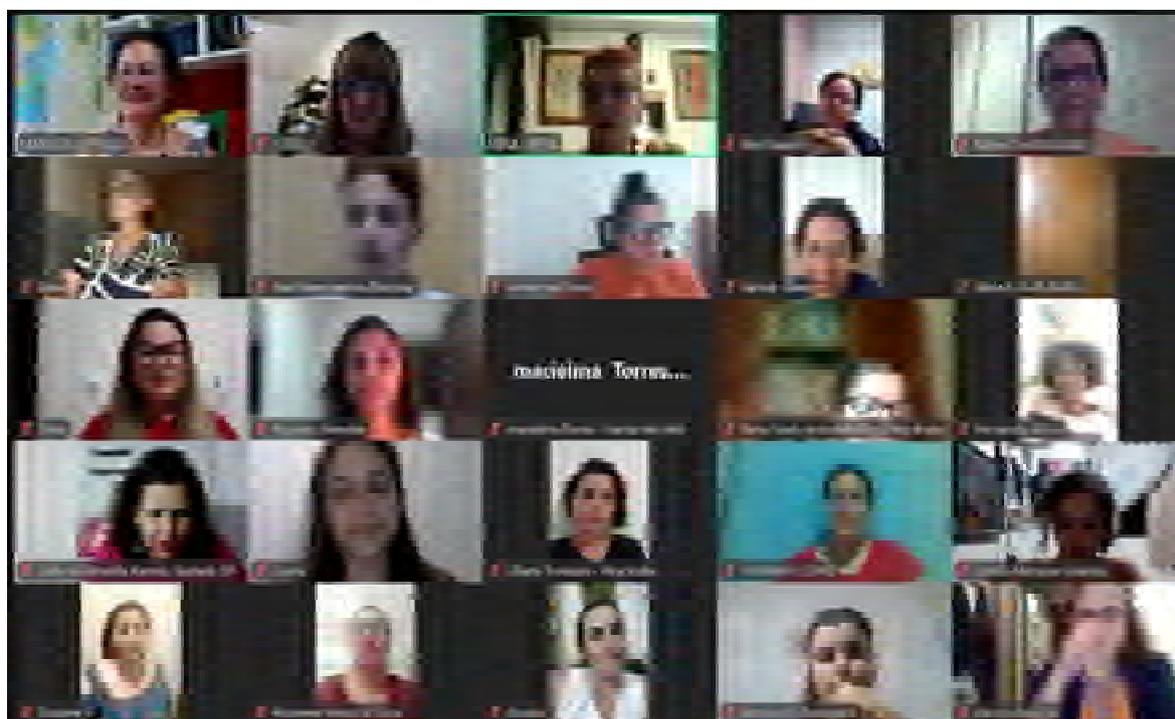
Vera Vieira é jornalista, doutora em comunicação e feminismo pela Universidade de São Paulo, diretora executiva da Associação Mulheres pela Paz e educadora popular feminista. Foi coordenadora e educadora da Rede Mulher de Educação no período de 1996 a 2008. Escreveu e coordenou várias publicações sobre violência de gênero e também sobre mídias digitais e feminismo. É coordenadora regional [Brasil] da PWAG – Peace Women Across the Globe, com sede na Suíça.



**Lugar de mulher é onde ela quiser!
Que tal nos espaços de poder e decisão?**



Reunião preliminar com palestrantes, a coordenadora e a secretária Walkíria Lobo J. Ferraz



Uma das oficinas...

Lugar de mulher é onde ela quiser!

Que tal nos espaços de poder e decisão?

É nos espaços de poder e decisão que se consegue influenciar e alterar a realidade das desigualdades de gênero e suas interseccionalidades. No Brasil, continua sendo um grande desafio o aumento dessa participação feminina, seja no âmbito político, governamental ou empresarial. Em 2022, o Brasil ocupou a posição 129, com apenas 17,7% de assentos ocupados por mulheres na Câmara dos Deputados (TSE). As mulheres ocupam 38% dos cargos de liderança no Brasil, de acordo com uma pesquisa realizada pela Grant Thornton com 250 empresas. Na comparação com outros países, o Brasil está atrás de África do Sul (42%), Turquia e Malásia (40%) e Filipinas (39%), mas tem um resultado melhor do que a média da América Latina (35%), por exemplo.

O projeto *Mulheres ocupando e transformando espaços de poder e decisão* contemplou a realização de um ciclo de capacitação on-line, pela plataforma virtual da entidade, visando o aumento do número de mulheres nesses espaços, além de campanhas e sistematização do processo, como instrumento de multiplicação. As atividades se alicerçaram na metodologia de educação popular feminista, isto é, foram construídas *com* as pessoas e não *para* as pessoas. O

conteúdo teórico e prático focou aspectos subjetivos e objetivos que auxiliam na desconstrução de estereótipos discriminatórios e o fortalecimento das participantes, para aumentar o número de mulheres ocupando os espaços de poder e decisão, impactando, assim, na realidade das inequidades de gênero e suas interseccionalidades.

As oito oficinas on-line, com concepção e coordenação geral de Vera Vieira, contaram com profissionais renomadas em cada um dos focos, os quais estão detalhados nas páginas seguintes. Todas as oficinas foram precedidas pela tarefa de refletir sobre um vídeo postado na plataforma online, possibilitando o aquecimento ao foco abordado, além da troca de opiniões e a interação entre participantes - que iam de Roraima, Rio Branco, Angra dos Reis e Viçosa a Piracicaba, Riacho Fundo, Indaiatuba e Taubaté. Foram 159 inscrições, mas muitas participantes não conseguiram tempo para o curso, o que reforça as dificuldades da mulher para conciliar a tripla jornada de trabalho. Com duração de três horas por dia, as oficinas aconteceram em outubro de 2024 (14, 15, 16 e 17) e em novembro (18, 19, 20 e 21), totalizando uma carga-horária de 32 horas, incluindo o tempo para os exercícios de casa.

AS OFICINAS

Concepção e Coordenação Geral: Vera Vieira

Módulo 1

Gênero e Interseccionalidades, Poder e Vieses Inconscientes das Discriminações

Marilda Lemos

Módulo 2

A Importância de Ocupar os Espaços de Poder e Decisão

Silmara Conchão

Módulo 3

Buscando a Construção de Referências Feministas de Poder

Amelinha Teles

Módulo 4

O Consenso, o Dissenso e a Arte da Negociação

Judeti Zilli

Módulo 5

O Empoderamento Psicológico, Emocional, intelectual e Financeiro das Mulheres

Luana Alves

Módulo 6

Conciliando Vida Privada e Vida Pública

Rai de Oliveira

Módulo 7

A Incidência nas Mídias para Pautar e Ampliar a Participação Efetiva de Mulheres nos Espaços de Poder e Decisão - Cristina Costa

Módulo 8

Redes, Alianças e Articulações - Zeza Lopes

A raiz do problema da baixa participação feminina

São diversos os fatores que podem explicar a baixa participação feminina nesses espaços, entre eles, a tripla jornada (trabalho remunerado, tarefas domésticas e tarefas de cuidado); falta de apoio financeiro e outros pelos partidos políticos; ausência de referências femininas de ocupação do poder; violência doméstica, sexual e assédios. Ao nascer, as mulheres já se encontram em desvantagem em relação aos homens. Essa

desigualdade vai acompanhar as mulheres na trajetória de vida, em termos das oportunidades e do nível de poder. Se ela for pobre, de raça negra, indígena, com outra orientação sexual e identidade de gênero que não a binária, a situação vai piorar ainda mais. A raiz dessa injustiça milenar está na forma equivocada com que se aprende as noções de feminilidade e masculinidade. São as relações sociais de gênero que colocam a mulher em situação de subordinação ao homem. Trata-se de uma construção social, reforçada pela cultura e que vem sendo mantida historicamente por milênios. Assim, há a necessidade de se empoderar as

mulheres em termos psicológicos, emocionais e financeiros, visando um mundo mais equilibrado, o que será benéfico para toda a sociedade.

“Empoderamento é a capacidade da pessoa realizar, por

si mesma, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer” (Paulo Freire). O processo de empoderamento se dá através da conscientização de que todas as pessoas são iguais em direitos e deveres; que os direitos das mulheres nada mais são do que direitos humanos; que o corpo da mulher a ela pertence e isso deve ser respeitado; que uma vida sem violência é um direito das mulheres; que existe Lei para punir os crimes de violência doméstica, violência

sexual, assédio, tráfico para fins sexuais; que a informação de qualidade é fundamental na trajetória de vida... Para tanto, é preciso buscar: elevar a autoestima gostando de si mesma, cuidando-se, valorizando-se e aprendendo coisas novas; novos cursos; equilibrar as diferentes dimensões da vida – física, emocional, profissional e espiritual; se unir a outras mulheres e considerar as diferenças das pessoas e das opiniões como um rico caminho de aprendizado; aproveitar os conhecimentos e habilidades para atingir aspirações e gerar renda, visando a autonomia financeira e satisfação pessoal.

Há a necessidade de se empoderar as mulheres em termos psicológicos, emocionais e financeiros. “Empoderamento é a capacidade da pessoa realizar, por si mesma, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer”.

(Paulo Freire)

A BAIXA PARTICIPAÇÃO FEMININA

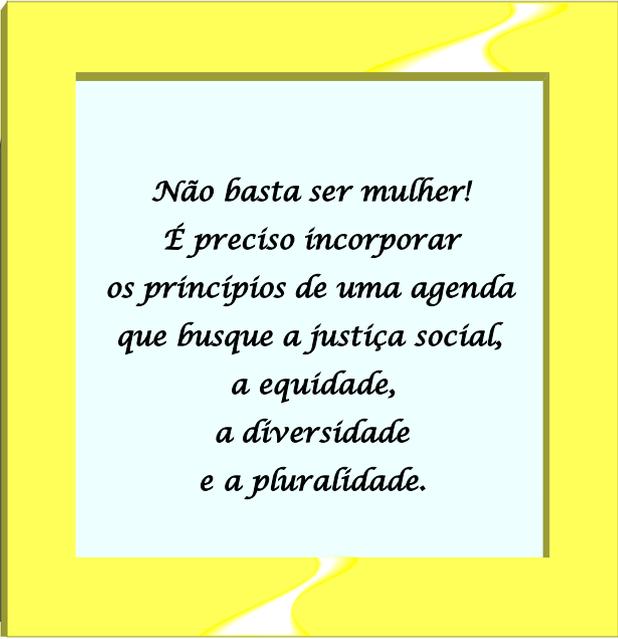
-  **Governadoras:** 02 mulheres (RN e PE); 25 homens – em 2022.
-  **Deputadas federais:** 91 mulheres de um total de 513 – em 2022; crescimento 18%.
-  **Senadoras:** 10 mulheres de um total de 81 – em 2022 (encolheu; eram 12).
-  **Deputadas estaduais:** 25 mulheres SP (26,6%).
-  **Prefeitas:** 658 mulheres (11,8%) – em 2020]; ; 727 mulheres (13%) em 2024, o que significa 30% das candidaturas femininas.
-  **Vereadoras:** 9.371 mulheres (16%) – em 2020; 10.649 (18%) em 2024
-  **Executivas** em altos postos (CEO): 35%; na liderança financeira: 37%.

Este projeto é importante para que mulheres e meninas das áreas periféricas urbanas e rurais busquem ocupar e transformar os espaços de poder e decisão. Os estereótipos discriminatórios - de gênero, raça, etnia, orientação sexual, identidade de gênero, etc. - precisam ser desconstruídos em todos os espaços: dentro de casa, na rua, nas escolas, nas igrejas, nas leias, nas instituições públicas e privadas, na literatura (na escrita e nas imagens), nos meios de comunicação de massa... Para o processo de desconstrução, é preciso a sensibilização e a

conscientização dos preconceitos e das discriminações, principalmente dos vieses inconscientes, que são “as preferências que ficam escondidas no inconsciente e que influenciam as atitudes, as percepções, os julgamentos e as ações das pessoas sem que elas percebam que estão dando vantagem para um determinado aspecto”.

Nada melhor do que a metodologia de educação popular feminista que vai trabalhar aspectos teóricos da problemática, mas, principalmente, aspectos emocionais, que levarão à sensibilização e o impulsionamento para a busca de recursos necessários para alterar a realidade vigente.

E lembre-se: lugar de mulher é onde ela quiser!
Por que não nos espaços de poder e decisão?



*Não basta ser mulher!
É preciso incorporar
os princípios de uma agenda
que busque a justiça social,
a equidade,
a diversidade
e a pluralidade.*

Não basta ser mulher!

Sabemos que quando aumentamos o número de mulheres em cargos de poder e decisão – seja na política, em órgãos governamentais ou em empresas privadas – toda a sociedade passa a ser beneficiada. Obviamente, que essa transformação não ocorre pelo simples fato de serem mulheres. Não basta ser mulher! É preciso incorporar os princípios de uma agenda que busque a justiça social, a

equidade, a diversidade e a pluralidade. Significa adotar um olhar transversal alicerçado na riqueza da diversidade de nossa sociedade e da falta de oportunidades que ocorre nas camadas mais vulneráveis, cuja população é marcada por preconceitos sexistas, racistas e homofóbicos, principalmente. Daí a necessidade de formação para lideranças efetivas e potenciais, com poder de multiplicação, visando aumentar o número de mulheres nos cargos de decisão e poder.

Resultados esperados

São mulheres que farão a diferença nessas posições, com impactos positivos para a luta pela equidade de gênero e

interseccionalidades, com a contribuição da capacitação pelas oficinas on-line, dos materiais de divulgação e do processo de multiplicação com a publicação eletrônica [sistematização de todo o processo]. Dentre os resultados, destacam-se:

- a) Enfrentamento às barreiras invisíveis (vieses inconscientes) que permeiam as ações de mulheres, que acabam por reforçar estereótipos discriminatórios;
- b) Conscientização sobre a existência de tais vieses inconscientes como impulsionadores da hierarquização entre mulheres e homens, com base, principalmente, nas diferenças de sexo, raça, orientação sexual e identidades

de gênero, visando à ressignificação (algo que se modifica ao modificar);

- c) Conscientização sobre a importância da ocupação de espaços de decisão e poder pelas mulheres, nos diversos âmbitos;
- d) Empoderamento de mulheres para que vislumbrem um futuro ocupando espaços de poder e decisão, principalmente nos âmbitos político, governamental e empresarial;
- e) Embasamento de políticas públicas educativas, voltadas para o aumento do número de mulheres nos espaços de poder e na construção de referências femininas, moldadas pela horizontalidade, paz, equidade e justiça social.

Este projeto se concretizou com o apoio do Ministério das Mulheres, por meio de uma emenda parlamentar da deputada federal Juliana Cardoso (PT/SP).





Marilda Lemos é doutora em ciências sociais pela FFLCH/USP; Membro do Comdim de Pirajuí/SP; Facilitadora do Programa *E Agora José?* de Pirajuí e professora do Curso Gênero e Masculinidades do mesmo programa da ONG Entre Nós.



**Gênero e interseccionalidades,
poder e vieses inconscientes das discriminações**

Exercício preliminar*

Vídeo: Viés Inconsciente [1:30]

<https://www.youtube.com/watch?v=IE01HiODNWO>

Você poderia identificar e descrever um fato em sua vida em que foi movida pelos vieses inconscientes?

Na divisão de um grupo de pessoas para a realização de uma atividade, escolher estar com pessoas que de alguma forma aparentavam se assemelhar a mim.

(Roseany Mendes)

Me isolar de um grupo do trabalho, por acreditar que eu não me encaixava por ter ideias diferentes, e me aproximar de uma colega que eu acreditava ser parecida comigo, mas no fim estar enganada em ambas as situações.

(Renata)

Precisamos refletir mais sobre o assunto. Convivemos com esse tipo de atitude todos os dias.

(Macielma Torres Rodrigues)

Sou professora na Unesp, Câmpus de Bauru. Creio que muitas vezes somos levadas ou nos deixamos levar por vieses inconscientes, mas confesso nunca ter pensado sobre isso. O primeiro exercício me fez refletir sobre o tema.

Na universidade, nas ações cotidianas, consciente ou inconscientemente, fazemos isso. Posso citar, de forma muito recente, a demanda de criação de uma comissão de avaliação de desempenho.

(Maria Cristina Gobbi)

Subestimar o potencial de entendimento das pessoas. Trabalho no atendimento às pessoas em situação de alta vulnerabilidade.

Veç ou outra, subestimamos o verdadeiro potencial de cada indivíduo.

(Vanessa)

* Cada um dos módulos foi precedido por uma tarefa de casa, postada na plataforma digital, contendo um vídeo e uma pergunta sobre o tema, a cargo de Vera Vieira, proporcionando a interação de ideias entre as participantes. Em cada oficina, os trinta minutos iniciais eram dedicados ao debate sobre o exercício, possibilitando a intervenção de todas as participantes, o que também foi considerado importante na capacitação para a ocupação de cargos de poder e decisão.

Acredito que prejulgamentos e preconceitos, ainda que manifestados de forma inconsciente, sejam fruto também de construção social. Penso que todas nossas decisões, conscientes ou não, são tomadas a partir da intersecção entre raça, gênero e classe e faixa etária.

(Aline Santos Abbadia)

Quando fui indicada para trabalhar como diretora da estação do ofício da minha cidade, fui movida pelos vieses de duas funcionárias do RH. No entendimento delas eu não era capaz de assumir tal cargo por não ter uma faculdade. Eu saí de lá muito triste com o ocorrido, mesmo sabendo que quem me indicou acreditava na minha competência.

(Gina Nascimento)

Atualmente, não consigo recordar um momento específico em que fui influenciada por vieses inconscientes. No entanto, essa dificuldade me faz refletir sobre a importância de reconhecer esses vieses em nossas vidas.

Embora não tenha um exemplo concreto, percebo a necessidade de explorar minha própria perspectiva para entender como minhas crenças e experiências moldam minhas decisões. Assim, considero essencial reservar um tempo para pensar sobre por que algumas opiniões me impactam mais do que outras.

(Sílvia)

Infelizmente, tenho o péssimo hábito de “julgar o livro pela capa”.

Várias vezes, julgo pessoas e situações pela impressão à primeira vista. No trabalho, percebo que me engano sempre com as pessoas. Às vezes, a pessoa parecer ser legal, mas no final é totalmente o contrário; às vezes, imagino que a pessoa seja chata ou queira me prejudicar de alguma forma, mas no fim vejo que só queria me ajudar e me alertar para algo que poderia não ser tão bom quanto imaginei. E isso me acompanha em todas as situações, meio social ou no trabalho. Reconheço que essa minha característica não é legal e acabo me sentindo mal após as conclusões finais de minhas atitudes e meus pensamentos.

(Fernanda)

Na aproximação de pessoas na faculdade, estágios e quando estou andando sozinha na rua na percepção de perigo; essa já está desvinculada da raça, mas ainda muito no gênero que não consigo confiar em homens no geral; sempre fico atenta e insegura.
(Bárbara Bolognesi)

Observo que eu tenho uma postura evitativa, em certos momentos, por insegurança e também por identificar pensamentos ou atitudes que divergem das minhas.
(rcpisaias@gmail.com)

Isso já aconteceu comigo em processos de contratação. Notei, no início, que tinha mais interesse em pessoas que possuíam alguma semelhança comigo.
(Fernanda Santos)

Quando fui indicada para trabalhar como diretora da estação do ofício da minha cidade, fui movida pelos vieses de duas funcionárias do RH, pois, no entendimento delas, eu não era capaz de assumir tal cargo por não ter uma faculdade. Eu saí de lá muito triste com o ocorrido, mesmo sabendo que quem me indicou acreditava na minha competência.
(Gisa nascimento)

Não me recordo de uma situação específica. Mas retomando o vídeo, talvez, sem perceber, tendo a me aproximar de pessoas semelhantes a mim. Porém, nem acho que fisicamente, porque, de verdade, quando paro para refletir sobre as pessoas ao meu redor, vejo estereótipos diversificados, mas digo na forma de pensar, agir e viver a vida. Profissionalmente, acho que isso acontece menos ainda comigo, porque trabalho no serviço público, então, quando troco de setor costumo me relacionar bem com todos os colegas de trabalho, diferentes ou iguais. Claro, alguns mais que outros. Porém, nunca exerci cargos em que teria que tomar certas decisões e escolhas. O que, por outro lado, de modo geral, não falando de mim, nas relações de trabalho próximas a mim, percebo que isso tende a acontecer. Homens em cargos de lideranças e pessoas brancas acabam sendo mais privilegiadas. Acho que isso é um reflexo da desigualdade da nossa sociedade e da divisão sexual do trabalho.
(Luana Cachuite)

Acho que nunca parei para me aprofundar em vieses inconscientes. Acredito que um exemplo típico em ambientes de trabalho e cursos é procurar pelos “semelhantes”, ouvir uma fala apenas e julgar como: essa pessoa é boa e essa que falou algo que discordo, não deve ser tão boa assim.
(Liliane)

A princípio, quando a gente é ativista, que a gente trabalha com esses temas, a gente é imune a esse tipo de tomada de decisão. Mas, quando fazemos uma varredura rápida das pessoas ao nosso redor, mais próximas da gente, dos nossos amigos, é muito menos diverso do que gostaríamos que fosse. O universo de pessoas próximas, íntimas, é muito mais parecido comigo, do que não.

BEATRIZ ACCIOLI (SÃO PAULO)

Tem uma lista nessa pergunta, mas uma delas que fica clara, é o viés inconsciente, que é muito confortável. Isso que está no vídeo é bem legal, é uma opção de você escolher rápido, não precisa pensar muito, se sente à vontade.

Eu, por exemplo, trabalhando no processo de contratação, eu passei a lutar muito sobre isso, depois que fui conhecer o viés inconsciente. Percebo que acabo muito mais gostando de pessoas que têm a ver comigo, com semelhanças, porque são mais interessantes no primeiro momento. Eu me vejo um pouco nelas. Fico pensando, talvez, que vou me dar bem logo de cara. A primeira coisa que veio à minha mente é o desafio de não pensar tanto nisso; deixar de lado, para conhecer todos os outros perfis e outras características.

FERNANDA DUTRA (SÃO PAULO)

Estou com a mesma pontuação que a Beatriz fez. A minha reflexão sobre o vídeo é pegando um pouco das falas das colegas. Como nós somos recortados a todo momento; não somos sujeitos neutros e muito menos imparciais. A todo momento somos cortados pelas ideologias, por nossas escolhas e quando se pega na questão do diálogo com outras pessoas - e quando elas são diferentes -, a gente acaba caindo até mesmo em armadilhas, por não ser intolerante, estar construindo pontes e não muros. Tem também algumas questões ideológicas, na questão de convivência, no diálogo com outras pessoas. Isso causa alguns impactos, porque é uma relação de poder. E nas relações de ambiente de trabalho, estar conduzindo isso de forma ética, porque acabamos dependendo de nossas escolhas e podemos estar anulando o outro. E até que ponto não podemos nos fechar...

MARCILENE PEREIRA
(RIACHO FUNDO - BRASÍLIA/DF)

Eu ainda estou refletindo sobre o vídeo. O que ficou para mim de mais importante é adquirir essa consciência de que nós agimos, o tempo todo, embasadas em vieses inconscientes. No meu caso, estou sempre pensando que, quando estou num grupo pequeno, muitas opiniões me impactam tanto e outras não têm impacto nenhum. Até que ponto minhas crenças estão influenciando as minhas decisões? Estou muito ansiosa pelo curso e acredito que vou aprender muito. Agradeço por essa oportunidade.

SILVIA RAQUEL
(SANTA RITA DO SAPUCAI- MG)

Pensei no meu presente,
que é a questão do etarismo, porque,
quando eu tinha 30/35 anos,
eu me lembro de uma vez em que
uma chefe foi demitida, e ela tinha uns 55 anos.

Eu disse também, na hora,
que ela deveria se aposentar, curtir a vida.
Hoje, tenho quase 60, e estou vivendo isso.
Tenho muitas tarifas. No trabalho, todo mundo é mais
jovem, as pessoas aceitam em alguns lugares mais,
outros menos. Mas, é quase uma excessão que eu
sinto. Penso que ela está sendo legal de estar aqui com
a gente, mas sinto que já passei por isso, pois também
já tive 30/35 anos, tinha amigas mais velhas; era legal.
Acho interessante quando se vive e a gente passa a
viver aquilo que a gente fez. Acho o vídeo muito bom,
mas não concordo que seja fácil. Temos que estar
sempre alertas, porque é muito difícil.

PATRICIA NEGRÃO (SÃO PAULO)

Quando eu vejo uma pessoa mal vestida,
me olhando de um jeito estranho,
eu já acho que vou ser abordada e assaltada.
Assim, considero isso uma discriminação
de classe social. É muito preocupante. Até a Vera,
que está sempre comigo, me chama atenção pela
minha constante preocupação em
andar nas ruas sobressaltada.

Esse viés inconsciente me persegue sempre.

É difícil mudar

WALKIRIA (SÃO PAULO)

Foi uma vitória poder estar aqui.
O que eu respondi foi parecido com o que a
Fernanda Dutra respondeu,
que é a questão da simpatia e antipatia
que a gente cria logo de cara pelas pessoa.
É um desafio sair disso, dessé automático, de
querer estar perto de pessoas que a gente acha
que tem simpatia e evitar aquelas pessoas que
discordam de certa opinião ou algo assim.

LILIANE (PIRACICABA/SP)

Eu só queria trazer a questão do
vício de linguagem que, inconscientemente,
a gente coloca umas expressões.

Depois, a gente até se choca.

Eu passei por uma situação, em que eu estava dando
uma aula sobre a questão de violência contra a mulher.
Eu estava refletindo que cada mulher reage diferente e
que existem mulheres que estão vivendo uma situação
e elas pintam mais preta do que ela é.

Na hora uma mulher preta levantou a mão e disse para
eu corrigir a minha fala. Eu pedi desculpas, porque me
dei conta de que, por mais que a gente defenda a
questão do anti racismo, a gente sem querer reproduz.
Isso foi há 20 anos, mas ainda hoje
a gente reproduz os vícios de linguagem.

ZEZA – (Indaiatuba/SP)

Boa noite pessoal!

Sou imigrante venezuelana e estou muito grata por fazer parte desse curso aqui, pois sei que vai me auxiliar muito.

Esse posicionamento de políticas públicas, a gente tem um trajeto longo para aprender. É nesses pequenos espaços de conversa que a gente consegue levantar um pouco a voz.

Pegando a fala de nossa amiga Gislaine, eu também fui indicada a um cargo público comissionado pelo governo do estado de Roraima. Trabalhei por 15 dias, mas não me efetivaram no cargo por conta de eu não ser naturalizada.

Não era por falta de conhecimento, nem de trabalho, porque eu estava exercendo a função de secretária de um gabinete que trabalhava com imigrações. Pelo fato de eu não ser naturalizada brasileira, não teria como exercer o cargo. Depois, eu fiquei sabendo que dentro do governo, eles tinham feito um concurso envolvendo organizações, que estão fazendo a graça de trabalhar com migrações. Nessa época que eu trabalhei, eles iriam passar por uma inspeção.

E foi justamente depois da inspeção, que me informaram que eu não poderia ser efetivada no cargo. Eu fui usada...

Yormery Lopez (Boa Vista - Roraima)

Sou da região de Maringá, e gostaria de falar que eu tive uma experiência. Há quatro anos, fui indicada para trabalhar na Prefeitura, num cargo de chefia.

Fui enviada à Assistência Social para conversar com as meninas do RH, para ser efetivada. Eu não esperava passar pelo que eu passei. Olharam para mim de cima embaixo, sabe aquele olhar que não tem como esconder o que a pessoa está pensando. Foi feito um monte de perguntas: se eu tinha faculdade e porque eu estava ali. Respondi: estou aqui porque eu fui indicada, e quem me indicou acredita que eu tenho capacidade para exercer essa função. Insistiram pra saber o nome de quem tinha indicado. Disse que o próprio prefeito havia me indicado para estar aqui e falar com vocês. Me trataram de uma maneira tal, menosprezando, porque eu só tinha o ensino médio. Na mente delas, por eu não ter uma faculdade, não tinha capacidade para exercer aquele cargo. Sai de lá muito triste. Falei comigo mesma que iria estudar para nunca mais alguém me humilhar por falta de um canudo na mão.

Foi triste, mas foi um pontapé para eu seguir em frente. Às vezes, as coisas ruins que acontecem, nos fazem tomar uma atitude, para não acontecer mais e a gente melhorar.

(GISLAINE – Paçandu/PR)

Gênero e interseccionalidades, poder e vieses inconscientes das discriminações

Relações sociais de gênero

O primeiro uso do termo gênero foi feito pelo psicólogo Robert Stoller, em 1968. Gênero é a definição cultural de comportamento definido como apropriado aos sexos em dada sociedade, em determinada época. Gênero é um conjunto de papéis culturais. É uma fantasia, uma máscara, uma camisa de força com a qual homens e mulheres dançam sua dança desigual.

Sistema sexo-gênero é uma expressão muito útil, apresentada pela antropóloga Gayle Rubin, que encontrou ampla aceitação entre feministas. Refere-se ao sistema institucionalizado que distribui recursos, propriedade e privilégios a pessoas de acordo com papéis de gênero definidos culturalmente. Assim, o sexo determina que mulheres devem ter filhos, e o sistema sexo-gênero afirma que elas devem criar os filhos.

Scott (*in* Saffioti) sinaliza a importância do gênero como uma maneira primordial de significar relações de poder e a recorrência deste elemento, na tradição judaico-cristã e na islâmica, para também estruturar os modos de

perceber e organizar, concreta e simbolicamente, toda a vida social. Ela coloca o fenômeno do *poder* no centro da organização social de gênero.

Gênero é aqui entendido como muito mais vasto que o *patriarcado*, na medida em que neste as relações são hierarquizadas entre seres socialmente desiguais, enquanto gênero compreende também relações igualitárias. Diz respeito às representações do masculino e do feminino, as imagens construídas pela

sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando estas inter-relacionadas. Como pensar o masculino sem evocar o feminino? O recurso ao termo gênero foi, sem dúvida, a recusa ao *essencialismo biológico*, a repulsa pela

Sistema sexo-gênero refere-se ao sistema institucionalizado que distribui recursos, propriedade e privilégios a pessoas de acordo com papéis de gênero definidos culturalmente.

imutabilidade implícita em “*a anatomia é destino*”, assunto candente naquele momento histórico.

Sobre o poder

O poder pode ser democraticamente partilhado, gerando liberdade, como também exercido discricionariamente, criando desigualdades (...) duas modalidades essenciais de participação nessa trama de interações. Na ordem patriarcal de gênero, o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual (SAFFIOTI).

Sobre interseccionalidade

Nos primeiros anos do século XXI, o termo “interseccionalidade” passou a ser amplamente adotado por acadêmicas e acadêmicos, militantes de políticas públicas, profissionais e ativistas em diversos locais. A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A

interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

O capital é interseccional. Ele sempre intersecciona os corpos que produzem trabalho. Logo, o acúmulo de riqueza está incorporado nas estruturas racializadas e engendradas que o aumentam.

*Como ferramenta analítica,
a interseccionalidade elucida
seis ideias centrais:
a desigualdade social,
as relações de poder
interseccionais,
o contexto social,
a relacionalidade,
a justiça social, a complexidade.*

Como ferramenta analítica, a interseccionalidade elucida seis ideias centrais: a desigualdade social, as relações de poder interseccionais, o contexto social, a relacionalidade, a justiça social, a complexidade. “O que faz com que uma análise seja interseccional não é o uso que ela dá ao termo interseccionalidade nem o fato de estar

situada numa genealogia familiar, nem de se valer de citações padrão”, nosso foco deve ser “o que a interseccionalidade *faz* e não o que a interseccionalidade *é*”.

Sobre os vieses inconscientes

Vieses inconscientes são preconceitos implícitos ou

pensamentos tendenciosos a respeito de uma ideia, grupo ou indivíduo, tendo como base os próprios julgamentos e formas de enxergar, devido a experiências passadas que permanecem; é um pressuposto, uma crença ou uma atitude aprendida que parte do subconsciente. ... nós, em algum momento, já manifestamos vieses inconscientes como resultado de um pensamento tendencioso ou uma opinião equivocada. Da mesma forma, não é raro preterirmos A ou B sem qualquer fundamentação. Na maioria das vezes, esses vieses são involuntários e funcionam como mecanismos do cérebro humano. No entanto, o fato de serem instintivos não justifica sua propagação.

Sabemos que julgamentos e generalizações impactam as relações. A neurociência explica os vieses inconscientes como mecanismos do cérebro resultantes da organização da própria mente. Essa ordenação ocorre devido às experiências vividas, ambientes frequentados ou em consequência de nossas heranças ancestrais e/ou primitivas. Esses fatores desencadeiam juízos antecipados,

discriminações, estereótipos, generalizações, julgamentos sem conhecimento e exclusões sem justificativa. Apesar de não ser uma regra, na maioria das vezes, essas crenças ocorrem involuntariamente. Aliás, muitas delas não têm relação com o caráter do indivíduo e poderiam até ser evitadas.

Esses mecanismos podem ser desencadeados por características como: gênero, raça, orientação sexual, deficiência, origem, religião, físicas (visíveis ou invisíveis). Os tipos mais comuns de vieses inconscientes nas relações interpessoais são: viés de afinidade, viés de percepção ou aparência, viés confirmatório, efeito de halo/auréola, efeito de grupo, viés da maternidade.

Vieses inconscientes são preconceitos implícitos ou pensamentos tendenciosos a respeito de uma ideia, grupo ou indivíduo, tendo como base os próprios julgamentos e formas de enxergar, devido a experiências passadas que permanecem.

Referências bibliográficas

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

KARNAL, Leandro; FERNANDES, Luiz E. O. *Preconceito: uma história*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

Vieses inconscientes. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Vieses_inconscientes_16_digital.pdf, acesso em 22.09.2024.



DEBATE AO FINAL DA OFICINA

Eu quero falar de vieses inconscientes porque é uma terminologia que eu não conhecia com essa expressão. Eu conheço preconceito, pré-conceito, discriminação, inclusive comprei esse livro que eu recomendo do Leandro Carnal “Pré-Conceito”, que é muito interessante. No primeiro capítulo, ele diz assim: “O primeiro dos preconceitos é a misoginia. As primeiras mulheres e os primeiros preconceitos, então, quando eu comecei a estudar sobre os vieses inconscientes, no primeiro momento, eu pensei são os preconceitos e são. Mas, vieses inconscientes que eu entendi, é alguma coisa como o preconceito, ele está registrado na gente, vem como uma herança cultural. Apesar dos nossos neurônios terem fotografado algumas coisas ao longo da nossa vida e que determina o nosso comportamento, eu acredito também que é uma herança cultural, da família que vivemos, da cidade, da vizinhança, de onde nascemos, da igreja que frequentamos. Eu não conhecia com essa expressão. Aí eu me lembrei de um viés inconsciente, de uma coisa que aconteceu comigo, que na época eu partilhei coma a Leila, de Taubaté, companheira de trabalho do Agora José. Eu li o livro Torto Arado, e até hoje eu fico chocada de lembrar de que quando li o livro. Quando a gente lê, a gente vai criando e enxergando os personagens. Pasmem! Os meus personagens de Torto Arado eram todos brancos, e quando eu cheguei ao final do livro, eu me dei conta que aquela história era a história de um quilombo. E eu estou envolvida com quilombos desde 2013, como assessora, para ficar com mais vergonha... Eu não tenho mais nada para dizer para vocês....porque todos os personagens eram brancos. O quanto isso está enraizado e está introjetado; a gente projeta em tudo, inclusive na leitura de um romance.

A Vanice é de pele negra, uma Assistente Social, ela sabe muito bem o que é isso. Ela me consolou, me jogou para cima, porque eu fiquei muito, muito mal. Quando no início, alguém disse isso não é fácil a mudança, e ao ler a história de um quilombo eu não os imagino pretos, é muito grave isso. Eu me dei conta agora quantos outros vieses inconscientes ainda não são conscientes. Eu queria partilhar isso.

Marilda - palestrante - (Pirajuí /SP)

Eu até escrevi no exercício que sentia muita vergonha do que aconteceu. Eu estava andando aqui pelo centro de São Paulo, já faz cinco anos, em frente à Praça da República. Como se sabe, o centro é um lugar que ocorre muito assalto. A gente teve escritório localizado bem ali durante muitos anos, mas nunca aconteceu nada. Eu estava com a Walkíria na rua Sete de Abril, quando passou um rapaz negro em direção oposta, eu segurei a minha bolsa com força. Quando eu fiz isso, senti uma vergonha muito grande, porque eu não achei que ele fosse me assaltar. Senti mesmo muita vergonha dessa situação, mas, ao mesmo tempo, isso foi muito importante no meu processo de desconstrução do racismo. Estou convicta de que o primeiro passo para a gente desconstruir o racismo é reconhecer que é racista. Não tem como não ser, porque a nossa sociedade é racista, machista. Foi um viés inconsciente que me fez agir dessa forma. E eu me lembrei da minha avó italiana, sentada na calçada comigo em frente a sua casa em Ribeirão Preto. Passou um casal, ele negro a moça loira, e minha avó falou “que pouca vergonha”. Eu, uma criança, ouvindo a minha avó falar daquele jeito. Claro que ficou em meu imaginário. Minha ascendência é italiana e portuguesa, ambas muito racistas. Enfim, assim são os europeus, os latinos-americanos e por aí afora. Foram situações que me fizeram continuar o processo de desconstrução do racismo, porque é um processo contínuo. Como na linguagem, quando eu digo denegrir a imagem de alguém - e na USP, onde fiz meu mestrado e doutorado, tinha professora que usava muito esse termo como se fosse chique.

Fui e venho tomando consciência de tudo isso, o que tem me ajudado muito nos processos de desconstrução dos vieses inconscientes.

Vera Vieira (São Paulo/SP)

Como herança cultural, eu não consigo; talvez eu tenha que me preparar melhor para tirá-los dessa conotação de pré-conceitos, quer dizer, onde começa e acaba um preconceito, e onde começa e acaba um viés inconsciente. Pelo que a senhora falou, é mais difícil lidar, porque o preconceito nós temos consciência, está muito próximo de alguma coisa que a gente administra, a gente sente, vê as expressões, lidamos com isso de uma forma mais presente, mais participativa. Agora, como viés inconsciente, eu creio que é um desafio muito maior, porque grande parte desses preconceitos estão ligados a esses vieses inconscientes que a gente externa através do preconceito. Uma outra forma de olhar esse viés inconsciente, é que ele está embutido, faz parte da nossa cultura. E como a gente externa isso através dos preconceitos que de alguma forma a gente manifesta, o viés inconsciente a gente acaba não fazendo assim. O preconceito é explícito em nosso semblante, na maneira como nos falamos, como nos dirigimos a alguém, como fazemos algumas seleções. Então, é explícito, e o inconsciente não é. Não sei o viés se externa através de um preconceito, se ele antecede a própria manifestação do preconceito.

Maria Cristina Gobbi (Bauru/SP)

Eu penso exatamente como você, o próprio nome viés inconsciente a gente não se deu conta, quando a gente externaliza e percebe e se deu conta, aí a gente pode nomear como preconceito. Uma das consequências do preconceito é você discriminar a pessoa; o viés inconsciente vem de um lugar que são percepções que a gente foi aprendendo e não se deu conta, mas na medida que a gente cresce, se relaciona, que lê, que estuda, que esfrega nas relações humanas, a gente vai aprendendo, vai se talhando, se gurilando, os neurônios registram do meio cultural em que a gente foi forjado, que a gente foi fabricada; nós somos fabricadas a cada dia e fabricamos.

Dois leituras de preconceito: preconceito, para mim, é fruto da incompreensão da inteireza do outro ser, incapacidade de olhar e ver outro como ele é, e não como gostaríamos que ele fosse, por isso todo o preconceito são fruto da ignorância, alimentada nas pessoas pela estrutura social, que prefere nela investir e que entorteca a mente das pessoas. (depoimento do Daniel Mundurucu)

O preconceito julga, desmerece, oprime, machuca, afoga, afunda e mata.

É a tentativa covarde de tirar a humanidade do outro (Daniela Mercury)

Marilda - palestrante - (Pirajuí/SP)

Eu acho muito importante falar de viés inconsciente, de nós ficarmos mais alertas o tempo inteiro, mas eu acho que isso não resolve muita coisa; o que resolve é lei contra racismo, são cotas, são políticas públicas. Tem uma realidade: muitas de nós aqui mal convive com pessoas pretas, não é porque a gente não quer, mas porque a gente não tem no nosso meio, não teve na faculdade, em muitos trabalhos, no nosso convívio a gente mal tem duas ou três pessoas pretas.

Quantas festas, quantos lugares eu fui, que não tinha uma pessoa preta, ou tinha uma só.

Quando a Vera fala que teve medo e segurou a bolsa, muita gente já passou por isso.

É uma realidade, pois tem muito mais jovem preto assaltante do que branco, porque tem muito mais pretos que não conseguem estudar, estão muito mais nas favelas.

Então, tem uma realidade que precisa ser alterada, com mulheres e homens na política, negros, pretos, mais pessoas estudando. Se a gente não sair desse lugar, se ficarmos só nos vigiando, isso não vai mudar nada. No vídeo, as pessoas brancas e as pessoas pretas fazendo totalmente diferente é a realidade que a gente vive, uma realidade extremamente desigual, pois as oportunidades não são as mesmas. Então, se não lutarmos por políticas públicas, mais pretos na política, nos lugares de poder, a gente não vai sair desse lugar. Só nos vigiarmos e trazermos o racismo, o patriarcado do qual nos fomos criadas, eu não acho suficiente. Não sei se sou muito pessimista.

Patricia Negrão (São Paulo/SP)

Refletindo a respeito do conteúdo da aula, cabe justamente isso: nos policiar e parar com os normalismos. Não podemos nos calar quando a situação requer um posicionamento. É chato porque sempre tem alguma coisa a criticar, a pontuar, porque nem sempre a gente consegue se espelhar na dor da outra pessoa. Quando não é com a gente, é difícil sentir. Eu tenho visto, vivenciado situações. Eu sou branca e meus filhos são morenos; tem que explicar porque uma mãe branca tem filhos morenos. É aquela generalização, fora do comum. Já é um bicho estranho, e cabe a nós ir atrás do geral, do normal, sair das nossas zonas de conforto. Quanto tempo a gente demora para ficar na zona de conforto, pois estou cômoda aqui. Tem que se policiar, porque, às vezes, esse comodismo acaba deixando para trás as lutas de tantos povos, tantas situações. Eu já cheguei aqui e já estou de boa... As lutas vão cedendo e vai diminuindo a força.

Yormery Lopez (Boa Vista - RR)

Bom, eu gostei de tudo o que vocês trouxeram aqui, mas além disso teve um dos vídeos que chamou muito minha atenção, aquele quando o rapaz esbarra na mulher, dá licença tem reunião com o chefe, e quando chega lá o chefe é uma mulher. Como é difícil uma mulher ocupar um espaço de poder! À primeira vista, somos rebaixadas, nunca somos vistas como pessoas que estão ali no topo, independente da idade, da formação. A gente é vista como sempre abaixo de um homem, e isso vem com uma dúvida, porque eu já senti essa dor do tipo, quem você pensa que é... Para a gente aceitar esse espaço, tem que ser mais firme, se posicionar mais, pois tudo pra gente é o triplo de esforço pra gente ocupar esse lugar. Aí vem essa dúvida: como a gente tenta?

Fernanda Dutra (São Paulo/SP)

Agradecer esse curso e a super atenção da Walkiria. Um curso tão importante como esse e quantas pessoas foram desistindo! Eu fiquei bem impressionada com essa desistência, porque foi muito grande; e isso me chamou a atenção, porque as mulheres teriam uma certa relação com a aula de hoje.

Eu sempre começo as minhas falas como uma mulher 60 a mais e da roça. E por que isso é importante?

Porque essas coisas que a gente trata é muito orgânico para mim, porque eu vivo isso.

Eu queria enfatizar duas coisas que a Marilda trouxe, como profissional que ela é; a gente é facilitadora de grupo, o que me auto valoriza. A questão do viés a gente começou a conversar sobre isso, mas a psicanálise já conversa há muito mais tempo. E a gente trouxe isso meio como um consolo para as nossas atitudes de preconceito. A gente jogou nesse lugar de inconsciente, mas, na verdade, a gente está tentando se consolar, justificar o que que é esse não conviver. É por isso que acho importante falar sobre a idade. E pelo menos sou de uma geração onde existiam as pessoas pretas, que eram marcadas. E hoje a gente convive com as pessoas negras. Esse apagamento é muito mais na nossa sociedade. E eu concordo plenamente com a Patricia quando ela disse que se a gente não tiver política pública, a gente não vai conseguir sanar essa nossa dívida.

Quero voltar para o gênero, que tem um pouco a ver com essa desistência que houve em relação ao curso.

Parece que a gente ficou um pouco tímida, de estar em um lugar que deveria ser técnico.

Foi essa ação do patriarcado que a gente tem muito presente nas nossas atitudes e nas nossas ações.

O problema do gênero é como devemos ser e não reconhecer o que somos. Chegamos aqui nesse movimento de desistência querendo estar presente com uma timidez que não se justifica.

Fazer uma conquista de poder, a partir do compartilhamento dele.

Leila Ramos (Taubaté/SP)

Sou de Osasco, que fica na Grande São Paulo, e é um prazer muito grande estar aqui com mulheres gigantes. Trabalho na Secretaria da Mulher e Diversidade Sexual, atuo com mulheres há vinte anos, aqui na região, pegando o consórcio eixo Oeste, que reúne doze municípios. Estou indignada com o fato de muitas companheiras terem declinado do curso, mas aí eu vou praticar uma empatia. A gente assume ainda, como mulher, tantos papéis, dentro e no mercado de trabalho, mas a gente tem muito a alcançar nos papéis desempenhados pelo gênero masculino. Eu cheguei em casa, estava fazendo janta para minha mãe de 86 anos, pois me divido entre duas casas. Eu quero dizer que também sou 50+ e compartilho o etarismo com as meninas. A gente passa por várias fases, desde a nossa menarca. Entrando no assunto, desde que a gente trouxe como reflexão a questão do inconsciente, pensando na nossa cultura da forma que fomos criadas, dos costumes e hábitos enquanto seres em desenvolvimento, criança e adolescente. Independente do arranjo familiar, essa reprodução do meio que a gente conviveu vai estar realmente na vida adulta. Aí, a gente traz no inconsciente alguns preconceitos, que têm muito a ver com as relações corporativas, institucionais. Mesmo que a gente atue no combate ao machismo, ao racismo, à misoginia, há vários recortes nessa questão transversal, a gente acaba reproduzindo de forma inconsciente. Daí a importância da efetivação de políticas públicas, com as interseccionalidades, com a gama da diversidade humana e dos temas de recortes que a gente trabalha no dia a dia, além do gênero. Tenho formação em assistência Social e direito, e sempre atuei como técnica na gestão dessas políticas, percebendo o quanto isso é importante. Aqui em Osasco, a gente conseguiu construir quatro secretarias executivas: da Mulher, agregando a Diversidade Sexual; da Criança e Adolescente; da Pessoa com Deficiência e da Igualdade Racial. Antes, eram todas ligadas a uma única coordenadoria. Então, tivemos esse avanço dentro da política, mas estamos ainda muito fragmentadas, apesar de mais integradas. As questões sociais tem que estar muito juntas para atender uma mulher vítima de violência doméstica, por exemplo, para realmente promover a integração.

São questões complexas para que as pessoas consigam evoluir, alcançar suas autonomias. Hoje foi uma reflexão muito rica, agregando com vocês, e muito obrigada pela oportunidade.

Luciana (São Paulo/SP)

Sou de São Paulo, e quero agradecer a oportunidade, porque essas aulas trazem reflexões muito pertinentes para nós enquanto sociedade. Pensando sobre viés inconsciente, eu respondi no questionamento que vai muito ao encontro do que foi dito aqui por algumas das colegas. O fato de existir uma certa blindagem, um termo que vai de uma certa maneira maquiagem o que de fato a gente tem que nomear na sociedade em que a gente vive hoje. Isso, principalmente para nós que somos mulheres e que tivemos instrução. Quando a gente está nesse movimento de se formar como ser humano, de ser responsável, de ser representante, cabe ter uma postura diferente daquela que a gente foi condicionada a viver, quer dizer, os costumes culturais que fomos condicionadas.

Acredito muito que deixa de ser inconsciente a partir do momento em que a gente toma consciência, e é uma porta que se abre e não se fecha mais. A consciência racial é isso, um portal que a gente atravessa e nunca mais retorna. Eu acho muito pertinente, ainda que estamos buscando através da academia, dos conceitos, a gente olhar para o nosso convívio. Estamos aqui com colegas brancas, então, é muito importante existir essa mobilização. É muito fácil para uma pessoa preta falar para uma pessoa branca deixar de ser racista.

Só que não é um papel das brancas, porque não foram elas que inventaram o racismo.

A gente tem que estar sempre revendo como ser humano, porque a gente carrega inúmeros preconceitos.

Aline (São Paulo/SP)

Sobre a questão do preconceito, consciente ou inconsciente, quero compartilhar com vocês que eu tive uma experiência com a minha filha branca. Quando ela era pequena, fui ao hospital e tive a experiência por conta da cor da pele. Eu não cheguei a ficar triste, mas fiquei revoltada. Fiquei tão nervosa que eu respondi que a mãe só poderia ser eu. E isso aconteceu comigo, que não é uma coisa constante. Imagino as pessoas que passam por isso constantemente. Eu já passei por experiência de entrar numa loja e ser vigiada por todos.

Na região em que eu moro, não é só a questão da cor da pele, mas também da forma como as pessoas se vestem. Chegar numa loja e acharem que a gente não tem dinheiro para pagar; por isso, ficam andando atrás, achando que a gente vai roubar, como se só as pessoas pretas ou pardas fossem tirar alguma coisa dali. Sabemos que tem muitos ladrões de pele clara e de olhos azuis. Só que quando se adentra uma delegacia, eles vêem muito essa questão da pele da pessoa e como você está vestida, para ser atendida. Se estiver mal vestida, a pessoa é tratada como o pior dos bandidos. Isso a gente vê muito acontecer. As políticas públicas e as leis têm que ser cumpridas. Estamos com um monte de leis. Acontece que muitas pessoas sofrem racismo, violências de vários tipos, e a lei não é cumprida. A lei de feminicídio aumentou agora a pena para 40 anos. O crime não vai acabar porque a pessoa que cometeu o crime não vai ficar quarenta anos presa.

Para mudar, a primeira coisa é educarmos os nossos filhos que não se bate em mulher, que não se tira a vida de uma mulher.

A mulher tem o direito da escolha de ficar ou não com alguém; se não está bem, cada um segue o seu caminho.

É necessário ter educação dentro de casa. Eu vi várias mulheres sendo vítimas de violência quando eu era criança.

Eu ficava horrorizada com aquele monte de agressores, e ninguém fazia nada. Eu morei em uma comunidade em Foz do Iguaçu, que era fruto de invasão de terra. Ali eu vi de tudo acontecer, e nem a polícia ia lá para fazer alguma coisa para aquelas mulheres, crianças, jovens vítimas de violência. Eu convivo com pessoas de diversidade de religião, de raça e escolha sexual. Essas pessoas vão nos lugares que não são respeitados, são humilhados e são tratados de forma diferente. Isso é muito triste, e parece que estamos retrocedendo na luta. É grande o número de pessoas homossexuais, trans que são vítimas de violência. Em Maringá, um caminhoneiro matou com requintes de crueldade. Precisamos de pessoas que tenham essa consciência dentro dos governos e dessa luta pelo direito da minoria, para defender as pessoas que estão sendo oprimidas. Aqui onde eu moro, no sul do Brasil, o nível de machismo e preconceito é muito grande, é gritante, e não temos pessoas para lutar por mudanças. Temos vereador que foi reeleito e está sendo acusado por assédio moral e sexual...

Aqui fica minha indignação. Quero agradecer por esse curso. O dia de hoje foi de muito aprendizado.

Gislaine (Paiçandu/PR)

Agradecer a oportunidade pelo curso e por rever pessoas queridas.

Eu estava lembrando tudo o que foi colocado. Eu não saberia colocar palavras que as companheiras já colocaram tão bem. A reflexão da Bell Hooks (Tudo sobre o amor): é a socialização machista que ensina às mulheres, e a auto afirmação é uma ameaça à feminilidade; aceitar essa lógica, é equivocar para o terreno da baixa autoestima. Os conflitos que a mulher vive nessa sociedade machista, por conta de passar despercebida, muitas vezes, para evitar conflitos e assim não sofrer desprezos e humilhações nos espaços em que elas se encontram. Porque a menina tem que ser boazinha, a mulher tem que estar com a boquinha fechada, as perninhas fechadas. É tão bom viver no comodismo...

Bom, ela fala uma coisa que a gente já sente na pele faz tempo. Cada uma no seu campo de atuação, e se a gente entra em conflito coloca o nosso pensamento ou uma contradição, sempre há uma reação.

E as dos homens que estão no poder são muito mais fortes.

Indignação é pouco pra gente que está há tanto tempo nessa luta, tentando ouvir as nossas vozes, e em pleno século 21, precisar de leis... O que deveria ser uma condição natural, de todos os seres humanos. A natureza está clamando para ser respeitada e a gente ainda vivendo momentos de aprendizado muito grande. Ainda vai levar algum tempo, porque as mulheres no campo de poder estão muito aquém de nos tentar calar.

Neti Navarro (São Paulo/SP)

Todas essas reflexões, me provocaram muito. Para mim, o que ficou muito forte nessa exposição da Marilda foi a questão do viés inconsciente. Fiquei pensando o tempo todo numa das coisas que a Associação Mulheres pela Paz, através da Vera Vieira, que investe pesadamente na questão da desconstrução da cultura da violência. E a cultura da violência traz essa coisa da interseccionalidade, passa pela questão de gênero, pelo racismo. A cultura da violência envolve tudo isso, o que me fez pensar em duas coisas: primeiro, nós temos a importância de investir em políticas públicas e leis. Temos que brigar por leis, pois é a única forma de a gente conseguir os instrumentos para garantia de direitos. Resumindo, para fechar essa minha reflexão, eu estou mobilizada por essa questão de viés inconsciente. Para mim, o que fica é a questão da importância das rodas de conversa entre nós, não só mulheres, mas entre homens e mulheres. A gente fala do racismo, misoginia, só que isso está no plano racional, e o que não está é aquilo que nós temos que desconstruir, que é o inconsciente coletivo. O viés desse inconsciente coletivo que está ali, e a gente só vai conseguir desconstruir, sentando numa roda e botando isso pra fora.

Precisamos de mais rodas de conversa, de muitas ativistas, com formação e reflexão.

Zeza (Indaiatuba/SP)

Parabéns, Marilda! Você pontuou várias questões que envolvem a temática que estamos conversando, além dos exemplos que vocês trouxeram para mostrar o que fica cristalizado no imaginário social. Como vocês falaram, não é a cultura, a criação de algum setor social. Nas palavras do professor Paulo Freire, educar para serem dominados. Quero lembrar das questões das famílias educarem os meninos e meninas, e também proporcionar essas rodas de conversa em vários locais para a gente promover essa reflexão com todas as pessoas. Sem esquecer as políticas públicas, as leis para que os governos façam acontecer, incluindo a educação em todos os níveis. A criança na escola tem a possibilidade da socialização. Não é só o conhecimento historicamente acumulado que está recebendo, mas também as relações sociais. O processo de socialização está em curso em todos os níveis de ensino, e todas as áreas de conhecimento, como já estava presente no Plano Nacional de Educação e Direitos Humanos, nas diretrizes nacionais. E desde os anos 1990, o próprio Estado não proporcionou a formação necessária, porque nem todas as pessoas tinham esse conhecimento no seu processo educacional, não tendo oportunidade de refletir.

E os professores acabam reafirmando, como se fosse verdade.

Todas as pessoas são sujeitos de direito e têm que ser respeitadas.

Tânia Brabo (Marília/SP)

Saiu tanta coisa bonita! Eu concordo com todas, e eu não tenho dúvida de que nós precisamos lutar pela implantação de políticas públicas para eliminação de qualquer tipo de desigualdade. Quem formula políticas públicas é o Executivo.

Que possa ter esse nível de consciência. Exemplo aqui da minha cidade, que elegeu uma prefeita e uma vice-prefeita do PL. Então, eu vou conversar com elas. Em uma cidade de 25 mil habitantes, dá para fazer muita coisa se a gente quiser. Concordo com a elaboração de políticas públicas.

Nós não somos neutras e imparciais; quando tomamos consciência disso nós temos lado e nós devemos ter lado.

O meu convite aqui é para que nós, mulheres, assumamos o lado das mulheres, sejam cis, trans, bi, que assumam a luta das mulheres. Que nós sejamos parceiras, cúmplices, porque há milênios a filosofia, a teologia mais tantas *ias* da vida vêm dizendo o contrário: que nós competimos umas com as outras, somos invejosas.

Isso só nos dividem, e não é verdade. Somos capazes de ser companheiras, de estar lado a lado, de lutarmos pela nossa dignidade, de sermos visíveis, reconhecidas e respeitadas como seres humano. As feministas tinham o slogan: sem as mulheres os direitos não são humanos. Precisamos despertar em nós essa cumplicidade.

Indignação é a minha palavra de vida.

Enquanto eu estiver respirando, eu vou lutar contra a violência que as mulheres sofrem.

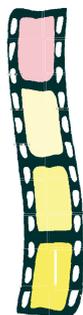
Marilda - palestrante - (Pirajuí/SP)



Silmara Conchão é professora universitária, socióloga, feminista, ex Secretária de Políticas para as Mulheres de Santo André, mestra em sociologia e doutora em ciências da saúde.



A importância de ocupar os espaços de poder e decisão



Exercício preliminar *



Vídeo: Três razões pelas quais as mulheres brasileiras não estão na política [17:45]

https://www.youtube.com/watch?v=d_cmGEWhpTw

Em sua opinião, qual dos aspectos citados pela autora do vídeo é mais determinante para explicar a baixa participação de mulheres na política? Por quê?

Acredito que todos os aspectos trazidos pela Mônica sejam determinantes, com maior ou menor grau de influência em cada uma de nós. E os reforços que recebemos cotidianamente, chegando ao ponto de termos que afirmar que “o lugar da mulher é onde ela deseja estar, é onde ela quiser estar”, reforça essa assertiva. É um processo de “aniquilamento” da participação que nos invisibiliza (não estamos nas fotos, mas estamos ali ao lado, preparando a máquina, o close e a cena para que a foto saia perfeita). Interessante a fala da Mônica, que reúne muitos aspectos vivenciados por cada uma de nós. Traz, para mim, a reflexão sobre quem é exatamente essa mulher que sou e aquela que eu poderia e/ou gostaria de ser. É necessário romper as barreiras e acreditar que é possível. Assumir, como bem disse a presidenta do México em seu discurso recente: “é preciso nomear as coisas, pois somente o que é nomeado existe. Assim: PresidentA, engenheirA, advogadA, prefeitA, senadorA, chefA, membrA...), ou seja, trazer a mulher para a cena política institucional. É necessário também mudar os algoritmos, para que palavras femininas apareçam.

A título de curiosidade:
em minha cidade, apenas uma vereadora foi eleita
(dos 22 possíveis, e ela teve a maior votação).

(Maria Cristina Gobbi - Bauru)

Considero que a falta de preparo para a política que temos na escola está na base do problema. Como em muitos casos, também não somos informadas sobre a política em nossas casas; nos formamos sem saber a importância da política, sem entender que se trata de um espaço que possibilita discussões e lutas pelos nossos direitos e pelas nossas causas.

(Roseany Mendes)

Nós, mulheres, não estamos nos lugares das decisões a serem tomadas por falta de oportunidade de ocupar os espaços de poder.

(Walkiria L. J. Ferraz)

* Cada um dos módulos foi precedido por uma tarefa de casa, postada na plataforma digital, contendo um vídeo e uma pergunta sobre o tema, a cargo de Vera Vieira, proporcionando a interação de ideias entre as participantes. Em cada oficina, os trinta minutos iniciais eram dedicados ao debate sobre o exercício, possibilitando a intervenção de todas as participantes, o que também foi considerado importante na capacitação para a ocupação de cargos de poder e decisão.

Historicamente, lugares de poder e destaque foram negados às mulheres. Essa noção de lugares determinados a mulheres e lugares determinados a homens reforça e dificulta o acesso de mulheres a esses espaços.
(Letícia Marques)

Acredito que o machismo estrutural, refletido nos comentários das pessoas sobre os corpos das mulheres, é o mais determinante. Isso tira do foco o que é verdadeiramente importante. Mulheres recebem comentários que as inferiorizam em relação aos homens o tempo todo, numa tentativa de desqualificá-las. Isso é uma ameaça!
(Marília Neves Santos)

O distanciamento dos saberes formais das práticas cotidianas é o principal deles. Os sistemas de ensino ainda mantêm matrizes curriculares calcadas em saberes euro-estadunidenses, que distanciam o que é efetivamente discutido como escolar do experienciado cotidianamente
(Rosa Barbosa)

Nós, mulheres, não fomos nem estamos sendo preparadas para ocuparmos os espaços de poder, principalmente na política.
(Macielma Torres Rodrigues)

Os três pontos são importantes, pois se conectam entre si e trazem questões sociais relevantes para a baixa participação de mulheres. Acredito que todos esses somados ao aspecto da colocação da mulher no lugar de responsável pelo cuidado, faz com que distancie ainda mais da possibilidade de seguir nesse caminho.
(Bárbara Bolognesi)

Falta investimento na educação e o combate aos estereótipos de gênero. Mulheres não são só corpos; precisamos de oportunidades e espaços de tomadas de decisões. Os partidos, de uma geral, não oferecem condições para que mulheres concorram com igualdade com os homens.
(rcpisaias@gmail.com)

A política, não está no cardápio dos sonhos da maioria das mulheres. Não fomos preparadas para compreender o que é política, como funciona, quais as regras, o fazer, como fazer e por que fazer. Acredito que atualmente as plataformas de mídia social estão tão vazias e sem conteúdo, porém tão supervalorizadas e reconhecidas, que as pessoas, principalmente mulheres, acabam se deixando levar e tendo como referências essas pessoas que publicam/geram esse tipo de comunicação. Pessoas estas, que na percepção da maioria, têm valor, ganham dinheiro. Uma mulher política ou defensoras de ideias “inteligentes”, não são tão atrativas aos olhos de alguns, pelo contrário. A representatividade feminina na política é realmente baixíssima, justamente porque a maioria não tem acesso a esse tipo de conteúdo e quando tem, não os entende.

(Fernanda)

Os três aspectos citados são extremamente relevantes, se completam e são fatores estruturais em nossa sociedade. O patriarcado também possui grande relevância ao tema, visto que a mulher sempre foi associada a espaços de afazeres domésticos ou de cuidados.

(Vanessa)

Para mim é claro que a tripla jornada, a maternidade e a falta de rede de apoio são as principais dificuldades das mulheres para sua atuação na política. Não existe suporte para que as mulheres mães tenham a possibilidade de atuar.

(Mafragi)

Na reflexão sobre os fatores apresentados no vídeo “Três razões pelas quais as mulheres brasileiras não estão na política”, a inadequação da formação escolar para preparar especialmente as meninas para a política pode ser um dos aspectos mais importantes para entender a limitada participação feminina nesse espaço. A escola desempenha um papel fundamental na formação da identidade e das aspirações dos jovens. Quando o sistema educacional não oferece uma base sólida em argumentação e conhecimento político, as meninas podem internalizar a ideia de que esses espaços não são para elas, o que limita suas chances de engajamento político futuro. Além disso, a ausência de referências femininas na política pode intensificar essa desconexão, criando uma situação recorrente que desestimula as meninas a aspirarem a essas funções. Portanto, ressignificar o papel da escola, integrando a política na formação educacional, pode ser considerado essencial para transformar essa realidade, empoderando as jovens e promovendo uma representação mais equitativa na política brasileira

(Sílvia)

Impactante o vídeo, pois reflete todas as nuances que perpassam a realidade das mulheres. Diante disso, todos os aspectos estão relacionados e são determinantes para nos reprimir de estar em espaços de decisão. Sempre cito a segregação vertical e horizontal, na qual, são barreiras adicionais nas nossas trajetórias que vão prejudicar a nossa carreira. Historicamente, segregamos espaços em carreiras ditas femininas e que conseqüentemente são as menos remuneradas e de menor privilégio social, como enfermagem, professora, empregada domésticas e demais áreas ligadas ao afeto e ao cuidado.

E mesmo quando ocupamos áreas ditas masculinas (áreas exatas e políticas) temos dificuldades em acessar cargos de liderança. Ou mesmo nas áreas ditas femininas, é comum vermos os poucos homens liderando as muitas mulheres. Acredito que isso esteja bastante relacionado com as expectativas sociais que nos são impostas: boa mãe, boa esposa, boa filha, excelente dona de casa e adicionalmente nos último século mais um papel foi adicional, precisamos ser, uma profissional de sucesso. O que acontece é que, essas demandas não foram divididas de maneira igualitária entre os homens, e isso acaba gerando uma sobrecarga em todas as esferas, impactando na saúde e bem-estar de nós mulheres. Além da pressão estética, mulheres quando envelhecem ou não cumpre o padrão de beleza, não servem. Dito isso, mulheres cansadas e estressadas não são capazes de “brigar” por representatividade ou quebrar barreiras, pois estão com suas lutas diárias que já são muito pesadas.

(Luana Cachuite)

A falta de instrução na escola.

Porém, falar de escola, é falar sobre tudo, visto que a educação no Brasil é muito deficiente.

A falta de referência também eu vejo que é definitivo.

Hoje em dia, as mulheres referências são *influencers*, blogueiras, o que também é reforçado pela falta de educação e de pensamento crítico.

(Vanessa)

A baixa participação das mulheres na política pode ser explicada por diversos fatores, e, na minha opinião, um dos mais determinantes, é o machismo estrutural e a cultura patriarcal que ainda permeiam a sociedade. Esses sistemas mantêm a crença de que o espaço de poder e decisão é naturalmente masculino, perpetuando estereótipos de gênero que desencorajam mulheres a se engajarem na política ou limitam suas oportunidades.

(Maria Silvia Oliveira)

Infelizmente, o índice de mulheres com pensamentos machistas ainda é muito grande, e, da mesma forma, temos muitas mulheres que só votam em candidatos que seus companheiros indicam. E os próprios partidos só colocam mulheres para tapar buraco, somente para completar o coeficiente, não dando o verdadeiro apoio político que merecemos. Mas, mesmo diante de tantas barreiras, não podemos desistir, e sempre conversar para mudar os pensamentos de outras mulheres que ainda não entendem a importância de mulheres na política.
(Gisa Nascimento)

Acredito que todos os fatores são importantes, mas penso que a falta de referências seja o fator mais relevante, porque enquanto as meninas não se virem representadas nos espaços de poder, não acreditarão que seja possível que estes locais sejam ocupados por pessoas como elas.
(Amanda Das Candongas)

Acho que os três motivos convergem:
Não sermos preparadas e instruídas politicamente. Por sua vez, ao não saber sobre, não imaginamos estar nesses espaços, e por não ter segurança ou representação de figuras femininas, não somos então nem estimuladas a imaginar, a buscar e muito menos encorajadas a estar lá, nos espaços de poder e decisão. E quando estamos, a troco de muita luta, suor e sangue, somos esculachadas por homens e mulheres que, primeiramente, vão se preocupar com a cor do batom, o comprimento da saia, o peso, o cabelo, a vida pessoal... E, se nos derem espaço pra falar, vão tentar invalidar a todo custo nosso saber, nossa formação. Eu amei esse vídeo; me indignou (que bom, né?) e me incentivava a reassistir para ter mais reflexões e escritas, além de compartilhar com outras mulheres e homens para incomodar também e incentivar o debate sobre o tema.
(Gisa Nascimento)

O sistema educacional.

A escola é um território de atravessamento de poderes, ao qual é utilizado para determinar os sujeitos que serão detentores de poder.

Se faz necessário repensar o currículo educacional de forma que as mulheres se vejam como criadoras de contextos políticos atuantes, onde a política não seja resumida a uma questão partidária.

(Marcilene Pereira Barbosa)

O aspecto mais determinante para explicar a baixa participação

de mulheres na política é resumir a mulher em sua aparência – acrescento aparência desejável ao mundo machista em que vivemos. Dessa maneira, nessa perspectiva cultural machista em que fomos construídas – o ser mulher – não há necessidade de refletirmos ou pensarmos para além de servir o homem, os filhos – tudo dentro do lar. Assim, mesmo com avanços sociais, carregamos no nosso sexo, culturalmente construído sobre poderes de homens, a servidão e nossa própria objetificação e escravidão de nosso gênero, características ainda coloniais.

(Ana.B.Souza)

A falta de preparo na base escolar e acadêmica, de conhecimentos específicos de atuação política, além dos julgamentos estereotipados que ainda persiste na sociedade.

(Yormery Jeliverth Lopez Bello)

Nossa cultura acaba por reforçar o domínio dos homens nestes espaços de poder, e enfraquece e desencoraja muitas mulheres, mesmo aquelas que conseguem se inserir de alguma forma nesse viés da política partidária e ascender a um cargo eletivo. Entretanto, aquelas que resistem ao sistema viciado por esta cultura podem sucumbir das piores formas, tendo sua representatividade abolida e extinta, muitas vezes antes que consigam lutar pelo direito de fazer leis. Outro aspecto que me chama a atenção é quanto à sororidade na prática, pois precisamos exercitar mais umas com as outras e apoiar nossas irmãs que avançam nestes espaços.

(Luciana Cristina Ribeiro da Silva)

O vídeo é bem interessante, pois nos faz refletir bastante sobre o nosso lugar de fala, principalmente na nossa infância. Ele me remeteu muito ao ambiente escolar, me trazendo até os dias atuais. É muito comum no nosso meio, no dia a dia, em diferentes espaços em que a gente transita, quando a pauta é política, a gente escutar que as mulheres não gostam de política. Isso está muito atrelado à questão da visão que nós temos disso. Até no processo educacional, aborda-se somente o momento da votação, como se a política fosse feita só naquele momento. Como se aquela festa democrática fosse apenas esse ato de exercer e votar. É um momento de contemplação da nossa escolha, mas está muito além disso, porque a gente vota e o resultado ecoa durante quatro anos. Até mais que isso, pois muitas decisões são tomadas e vão ecoar anos após anos. Muitas de nós somos cortadas de nossas vivências, dos nossos direitos, porque não temos um representante que olhe pra gente, fazendo com que muitos dos nossos direitos, que são tão difíceis de ser acessados, numa canetada, no apagar das luzes, sejam retirados. Um dos pontos fundamentais que eu vejo no questionamento que foi abordado após o vídeo, uma das coisas que têm que mudar na nossa base, é o nosso sistema educacional. Só que a gente vê a política como uma questão partidária. Viver é um ato político; a política está nas condições do nosso dia a dia, como serviços básicos, água, luz, escola e transporte para as crianças. Os poucos serviços que a gente tem acesso para o nosso direito de existir, e não apenas de sobreviver. São pautas que acabam sendo muito caras pra gente, no sistema em que a gente vive, de opressão. As pessoas que criam leis, por exemplo, para o transporte público, nunca entraram em um ônibus, não sabem o que é isso. É um processo de sufocamento, pois a gente não se sente representada. Quando ela pontua a questão dos sonhos, vai nos minando...
MARCILENE PEREIRA (RIACHO FUNDO I – BRASÍLIA/DF)

Eu amei o vídeo! Realmente, é isso que tinha vontade de compartilhar bastante.
Foi muito bom! Eu acho que os três motivos que ela citas convergem, como outras pessoas falaram. Acompanhar o fórum na plataforma digital, as outras respostas, é bem inspirador. É com muito custo e com muita luta que se chega num lugar de poder. E para a mulher chegar lá, acho que falta inspiração, porque a gente não vê tantas mulheres nesse lugar.
Aquilo que você trouxe no começo:
não está no “cardápio de sonhos”....
LILIANE (PIRACICABA/SP)

Com relação à minha provocação de ontem, a humilhação, o sistema criado pelos homens é feito para nos calar. A partir de atitude covarde, prevalece esse sistema também na política. A gente vê várias políticas sendo ameaçadas, provocadas, abusadas. Ataques de todas as formas, que realmente torna muito frágil a proteção às mulheres.

Muitas têm receio desse cenário de guerra, porque não é nada animador ver essas condições e entrar na política. Além de todo o esforço, a gente tem que se preparar com o conhecimento. É o conhecimento que liberta e é fundamental dentro da escola. Com relação às cotas para mulheres na política, teve um grande *boom*, mas de repente houve uma grande falha que estão tentando corrigir.

Precisamos de muita luta, do começo ao fim, e que mulheres entrem na política para um exercício legítimo e não só fazer número para a platéia, para os opressores.

Neti Navarro (São Paulo/SP)

Na linguagem da academia, eu falo tudo. A minha fala sempre é a primeira pessoa. E por que ela se tornou assim? Porque eu percebi que escrever tem que ser na primeira pessoa. Quando eu vi esse vídeo, me veio na cabeça, além do fantástico cardápio de sonhos, que minha filha que hoje tem 41 anos, quando ela era muito pequena, seria a presidente do Brasil. Ela nasceu em 83, e eu votei a primeira vez em 82, quando a gente não votava para presidente. Ela nunca participou da política partidária, mas ocupa o lugar de poder muito bem, não só no atual trabalho, como no histórico dela. Recentemente, a família da minha filha caçula se mudou para os EUA. Na chegada nesse país, estavam vendo uma apresentação parecida com a quadrilha da fumaça, e meus netos se encantaram pela questão da aeronáutica. Foram visitar um museu; minha neta super participando. Eu fiquei muito feliz, porque minha neta é aquela criança que quando for perguntada o que ela vai querer ser, ela dirá cientista, astronauta. Mesmo a gente não sendo de política partidária, essa construção se deu na minha casa. Acho fantástico que a gente consiga estar aqui porque são espaços nos fazem levar para as escolas.

Leila Ramos (Taubaté/SP)

Eu achei sensacional o vídeo, moderno, surpreendente. Tem uma coisa de otimismo, porque ela traz soluções. Temos uma tendência a ficar reclamando de tudo, e uma coisa que eu acho muito importante, quando ela fala 'vamos apoiar mulheres que se tornam candidatas, vamos estimular'. E o fundamental agora é acompanhar as candidatas que foram eleitas, porque isso a gente faz muito também. A gente vota em mulheres, tem todo um trabalho, e depois a gente esquece, não acompanha, não está presente. Em certos momentos, elas precisam da gente lá, e é muito importante essa parte. A minha candidata não entrou, mais entraram muitas mulheres maravilhosas. E as de São Paulo são minoria, e elas precisam da gente. Apoiar depois da campanha é fundamental. Patricia Negrão (São Paulo/SP)

Quero compartilhar que aqui, no meu município de Paiçandu (Paraná), tivemos uma mulher eleita e ela foi a mais votada. É o segundo mandato dela. Tivemos também o primeiro vereador negro eleito no município. Essa vereadora luta muito pelos direitos das mulheres, está bem envolvida com a causa, faz muitas campanhas. Nós temos falado muito disso, da importância de votar em mulheres, sejam vereadoras, prefeitas, deputadas, senadoras, quem sabe presidenta também. Tivemos só a Dilma. Precisamos colocar mais mulheres. Temos feito muitos trabalhos no município, porque aqui em Paiçandu, existe muito bloqueio com relação a mulheres votarem em mulheres. Há receio, preconceito, e acabam votando naquele candidato que o marido indicou. Eu tenho uma filha de nove anos, que vai comigo nos encontros. Eu ensino que ela pode ser o que ela quiser, estar e estudar para ser o que ela quiser e que nada pode impedi-la de ser ela mesma. Ela é menina, mas se quiser fazer um trabalho considerado de menino, ela pode fazer. Gislaïne (Paiçandu/PR)

Queria dar um testemunho de verdade.

Sou Judeti Zilli, de Ribeirão Preto.

Sou militante feminista desde os meus vinte anos.

A política foi um espaço que provocou muito medo nas mulheres, porque até os dias de hoje é um espaço muito inóspito para nós e muito violento. Hoje, eu tenho muita tranquilidade de afirmar isso, porque em 2020 nós fomos eleitas por um mandato coletivo, com três mulheres, sendo duas mulheres negras também feministas e do movimento negro.

A gente tem vivenciado muito isso, na cidade de Ribeirão Preto, que é extremamente Bolsonaroista...

Judeti (Ribeirão Preto/SP)

A importância de ocupar os espaços de poder e decisão



O objetivo desta apresentação é compreender a relevância da participação ativa em espaços de poder e decisão para promover mudanças sociais e garantir representatividade.

Vou dividir o conteúdo em duas partes: a) Lideranças que buscam conhecer e valorizar a luta contra as desigualdades; b) A importância da reversão de decisões impregnadas de sexismo, racismo, LGBTfobia e outras discriminações, com impacto positivo para toda a sociedade.

Como dinâmica de aquecimento, eu proponho pensarmos sobre os seguintes pontos:

1. O que significa “espaços de poder e decisão”?
2. Qual é a importância da diversidade nesses espaços?
3. Quais barreiras você observa que impedem pessoas de diferentes grupos sociais de ocupar esses espaços?
4. Como a ocupação de espaços de poder pode influenciar políticas públicas e práticas sociais?
5. Que habilidades ou características são necessárias para

ocupar efetivamente um espaço de decisão?

6. Quais são os riscos e responsabilidades associados à ocupação de espaços de poder?

7. De que maneira o empoderamento individual e coletivo pode transformar a dinâmica dos espaços de poder?

8. Como a tecnologia e as redes sociais têm mudado a forma como as pessoas se engajam e ocupam espaços de decisão?

9. Qual é o papel da educação na capacitação de indivíduos para que possam ocupar esses espaços?

10. Como podemos promover uma cultura que valorize e incentive a participação em espaços de poder e decisão?

Vamos refletir: imaginem alguém sempre fazendo as

nossas escolhas por nós. Imaginem se não escutarem nunca a nossa opinião em escolhas que afetam a nossa vida! Pois é exatamente essa é a realidade de nós mulheres... Mas o que isso significa?

A ex-presidenta Dilma Rousseff, em seu discurso final, por ocasião do impeachment/golpe, deixou uma mensagem

Às mulheres brasileiras, que me cobriram de flores e de carinho, peço que acreditem que vocês podem. As futuras gerações de brasileiras saberão que, na primeira vez que uma mulher assumiu a Presidência do Brasil, o machismo e a misoginia mostraram suas feias faces. Abrimos um caminho de mão única em direção à igualdade de gênero. Nada nos fará recuar”.
(Dilma Rousseff)

inesquecível para nós, as milhares de mulheres que estavam em Brasília na IV Conferência de Políticas par as Mulheres em 2016 (Relatório IV CNPM): “Às mulheres brasileiras, que me cobriram de flores e de carinho, peço que acreditem que vocês podem. As futuras gerações de brasileiras saberão que, na primeira vez que uma mulher assumiu a presidência do Brasil, o machismo e a misoginia mostraram suas feias faces. Abrimos um caminho de mão única em direção à igualdade de gênero. Nada nos fará recuar”.

Vamos às desigualdades deste o topo:

 200 maiores empresas (63% PIB: R\$ 8,7 trilhões): dos 1.347 cargos da alta gestão (presidência, diretoria), apenas 144 (11%) são ocupadas por mulheres.

 200 maiores grupos: apenas três são presidentas (Magazine Luiza, Aché, Solvay).

 Das 144 gestoras, maioria está no RH [Recursos Humanos]; apenas seis são diretoras financeiras.

 2020: 238 pessoas bilionárias no Brasil, 46 (19%) são mulheres.

Na política, 52% do eleitorado é feminino, mas:

 Apenas 12,1% das prefeituras.

 Só 16% dos cargos de vereança.

 Duas governadoras (Fátima Bezerra, PT, no RN, e Raquel Lyra, PSDB em Pernambuco), dos 27 eleitos em 2022.

 Só 18% (91) são Deputadas Federais (total 513).

 Também só 15% (11) são Senadoras (total 81)

No entanto, nos últimos anos, houve um aumento na presença feminina em cargos políticos e de liderança.

Vamos refletir: Esse avanço atingiu todas as mulheres na sua diversidade? Podemos atribuir esse avanço a algumas

iniciativas? Há exemplos?

As mulheres estudam mais e ganham menos:



Em média ganham 23,5% a menos que homens.



2019: 24.200 pessoas receberam título de doutorado: 13,3 mil mulheres e 10,9 mil homens.



Faculdade: 16,9% das mulheres e 13,5% dos homens.

Avanços

1) Crescimento da Representação Política: Em vários países, a presença feminina em parlamentos e cargos executivos tem aumentado. Em 2021, a média global de mulheres em parlamentos nacionais era de cerca de 25%, um aumento em relação a 11% em 1995. Países como Ruanda se destacam, com mais de 60% de representação feminina na Câmara dos Deputados, resultado de políticas afirmativas e de uma forte mobilização feminina.

2. Legislação e Políticas Afirmativas: Diversos países implementaram cotas de gênero para aumentar a representação feminina em esferas de decisão. Essas medidas têm sido fundamentais para garantir que as mulheres tenham uma voz nas políticas públicas e na formulação de leis que impactam suas vidas.

3. Movimentos Sociais e Advocacy: O ativismo feminino tem sido crucial para a promoção da igualdade de gênero. Movimentos como o #MeToo, a Marchas Mundial das Mulheres, as Promotoras Legais Populares e outros... têm chamado a atenção para a violência de gênero, assédio sexual e a necessidade de mais mulheres em posições de liderança.

4. Políticas públicas: Vimos nas últimas décadas, no Brasil, a implementação de políticas públicas específicas, leis (como a Lei Maria da Penha, Feminicídio...), e iniciativas governamentais. São *insights* valiosos sobre as estratégias concretas adotadas para promover os direitos das mulheres e combater a violência de gênero. Também a atuação feminista nas gestões do PT, baseadas sobretudo na participação das mulheres no Estado como mais um instrumento de disputa para a mudança social das relações de gênero, racial e de classe e para o enfrentamento da violência contra as mulheres.

5. Empoderamento Econômico: O acesso das mulheres ao mercado de trabalho e a sua presença em cargos de liderança nas empresas também têm sido significativo.

Massssssssssss,

...Apesar de alguns avanços, as mulheres ainda enfrentam barreiras gigantescas, como a disparidade salarial e a dificuldade de conciliar trabalho e responsabilidades familiares.

Barreiras

A participação das mulheres nos espaços de poder e decisão enfrenta diversas barreiras. Aqui estão alguns dos principais fatores que dificultam essa participação:



Taxa de Aprovação dos Líderes Mundiais

Líderes do G20 • Plus: Ucrânia, Israel e Nova Zelândia • Em junho 2023



Desafios

Estereótipos de Gênero: A persistência de estereótipos e normas sociais que associam liderança e poder predominantemente aos homens, ainda é um grande obstáculo. Muitas vezes, as mulheres são desencorajadas a assumir posições de liderança devido à crença de que não têm as mesmas habilidades ou aptidões que seus colegas masculinos.

Falta de Representação: A sub-representação feminina em cargos de liderança pode criar um círculo vicioso, no qual a ausência de modelos femininos dificulta a aspiração e a confiança de outras mulheres em buscar tais posições.

Discriminação e Violência de Gênero: As mulheres frequentemente enfrentam discriminação explícita e implícita em ambientes de trabalho, além de serem alvo de assédio e violência de gênero. Esse clima hostil pode desestimular a participação feminina em espaços de poder.

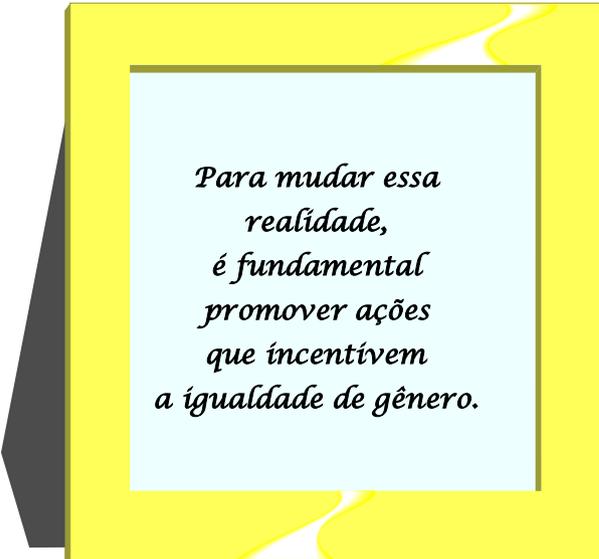
Desigualdade na Distribuição de Tempo e Recursos: Muitas mulheres ainda assumem a maior parte das responsabilidades familiares e domésticas, o que limita seu tempo e recursos disponíveis para se engajar em atividades

políticas ou de liderança.

Falta de Políticas Afirmativas: Em muitos lugares, a ausência de políticas que promovam a igualdade de gênero e incentivem a participação feminina em posições de poder contribui para a manutenção da desigualdade. Medidas como cotas de gênero podem ser eficazes, mas ainda são pouco implementadas em diversas regiões.

Cultura Organizacional: Muitas organizações ainda possuem culturas que não são inclusivas ou que não valorizam a diversidade, dificultando a ascensão de mulheres a posições de liderança.

Rede de Apoio: A falta de redes de apoio e mentoria para mulheres pode limitar suas oportunidades de desenvolvimento profissional e acesso a cargos de decisão.



Para mudar essa realidade, é fundamental promover ações que incentivem a igualdade de gênero.

Existe possibilidade de mudança?

Existe! Isso tudo não é normal! Para mudar essa realidade, é fundamental promover ações que incentivem a igualdade de gênero, tais como a educação contra os estereótipos de discriminação de gênero; a garantia da diversidade nos espaços de poder; a promoção de políticas de apoio à conciliação entre trabalho e vida pessoal; a criação de ambientes de trabalho mais inclusivos.

Somente assim poderemos avançar rumo a uma representação mais equitativa e justa.

MULHEREM-SE...

Dilma Rousseff - Primeira mulher a assumir a presidência do Brasil, governou de 2011 a 2016.



Marielle Franco - Política e ativista dos direitos humanos, conhecida por sua luta contra a violência e a desigualdade social no Rio de Janeiro.



Carmen Lúcia - Ministra do Supremo Tribunal Federal (STF) e ex-presidente do tribunal, ela tem sido uma figura importante na justiça brasileira.



Maria da Penha Maia Fernandes - Ativista e farmacêutica, conhecida por sua luta contra a violência de gênero. Sua história inspirou a criação da Lei Maria da Penha (11.340/2006), que visa coibir a violência doméstica.



Dandara dos Palmares - Embora tenha vivido no século XVII, Dandara é uma ícone da luta contra a escravidão e a opressão negra, sendo uma líder importante na resistência dos quilombos.



Kamala Harris - Vice-presidente dos Estados Unidos, é a primeira mulher, a primeira mulher negra e a primeira mulher de origem sul-asiática a ocupar o cargo.



Jacinda Ardern - Ex-primeira-ministra da Nova Zelândia, foi amplamente elogiada por sua liderança durante crises, incluindo a pandemia de COVID-19.



Malala Yousafzai - Ativista paquistanesa pela educação e a mais jovem laureada com o Prêmio Nobel da Paz.

MULHERES TRANS



Érica Malunguinho - A primeira mulher trans a ser eleita deputada estadual em São Paulo. É uma importante voz na política brasileira e atua em prol dos direitos da população LGBTQIA+.



Duda Salabert - A primeira mulher trans a se eleger como vereadora em Belo Horizonte. Duda tem se destacado por seu trabalho em defesa dos direitos humanos e da diversidade. Professora de literatura e ambientalista.



Érica Hilton – Eleita a melhor Deputada Federal do Brasil em 2024. Atua nas causas voltadas aos direitos das pessoas negras e LGBT, dentre outras....

MULHERES TRANS INTERNACIONAIS



Marsha P. Johnson - Uma figura icônica no movimento de direitos LGBTQ+ e cofundadora da *Street Transvestite Action Revolutionaries* (STAR), que se destacou pela defesa dos direitos das pessoas trans e de pessoas em situação de rua.



Laverne Cox - Atriz e ativista, conhecida por seu papel em *Orange Is the New Black* [série]. Ela também é uma defensora dos direitos das pessoas trans, utilizando sua plataforma para discutir questões sociais e políticas.



Sarah McBride - A primeira mulher trans a ser eleita para um cargo público nos Estados Unidos, quando se tornou membro do Senado do estado de Delaware em 2020. Ela é uma importante ativista pelos direitos das pessoas trans.



Danica Roem - A primeira mulher trans a ser eleita para a Assembleia da Virgínia, em 2017, e uma defensora dos direitos das pessoas LGBTQIA+ e de uma série de políticas progressistas.

VÍDEOS BRASILEIROS SOBRE MULHERES EM ESPAÇOS DE PODER E DECISÃO

1. “As Mulheres na Política” - Canal do YouTube do “Maria do Voto”: Este vídeo discute a importância da participação feminina na política brasileira, trazendo exemplos de mulheres que têm feito a diferença em cargos de liderança.
2. “Mulheres que Mudam o Mundo” - Canal do YouTube “Canal Futura”: Uma série de vídeos que apresenta histórias inspiradoras de mulheres brasileiras que estão ocupando espaços de liderança em diversas áreas.
3. “Feminismo e Política” - Canal “Papo de Homem”: Discussões sobre o papel das mulheres na política e a importância de sua presença em decisões que afetam a sociedade.
4. “Como as Mulheres Estão Mudando a Política no Brasil” - TEDxSãoPaulo: Uma palestra que aborda o impacto das mulheres na política brasileira, destacando suas contribuições e a necessidade de uma representação mais equitativa.
5. “Vozes Femininas na Política” - Canal “Mídia Ninja”: Um documentário que apresenta as experiências de diversas mulheres que atuam na política e suas lutas por igualdade e representatividade.
6. https://youtu.be/6RSc_XYezig?si=XlupcNs2vXKnOiHY - ONU Mulheres, 2016.
7. https://youtu.be/rt97T_Ny2GM - O “Mulheres do Brasil, Presente!” traça um retrato da mulher brasileira, com depoimentos marcantes de lideranças e narrações de atrizes famosas. O vídeo é um chamado à participação feminina, pois mostra que as mulheres só têm conquistas quando lutam por seus direitos. O vídeo foi encomendado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres – GF - para exibição na I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, em 2004, em Brasília.

REFERENCIAIS DESTA AULA

Uma feminista que escreveu sobre a importância de ocupar os espaços de poder e decisão é a filósofa e escritora **Bell Hooks**. Em suas obras, Hooks aborda a necessidade de mulheres estarem em posições de liderança e influência para promover mudanças significativas na sociedade.

Outra referência importante nesse tema é a escritora e ativista **Chimamanda Ngozi Adichie**, que em seu famoso discurso *We Should All Be Feminists* destaca a importância de garantir que as vozes femininas sejam ouvidas em todos os níveis de decisão.

Além delas, muitas outras feministas internacionais e nacionais ao longo da história têm enfatizado a relevância de mulheres ocuparem espaços de poder, para que suas perspectivas e necessidades sejam adequadamente representadas.

Dentre tantas, uma feminista brasileira que escreveu sobre a importância das mulheres nos espaços de poder e decisão é a socióloga e ativista **Marilena Chauí**. Em suas obras e discursos, ela aborda a necessidade de uma maior representatividade feminina na política e em posições de liderança, destacando como isso é crucial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. **Margareth Rago, Eva Blay, Rose Marie Muraro, Eleonora Menicucci, Amelinha, Matilde Ribeiro, Raquel Moreno, Vera soares, Tatau Godinho, Marilda Lemos...**

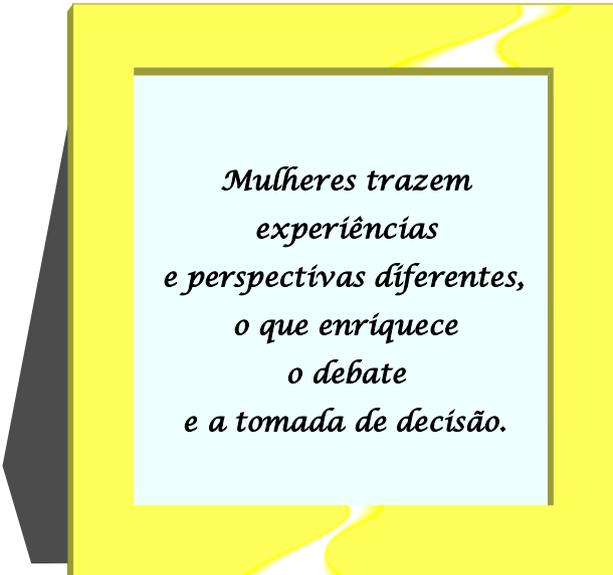
Outras figuras importantes, como a filósofa **Djamila Ribeiro, Joice Berth** e as **ativistas e políticas Benedita da Silva, Dulce Xavier** também têm contribuído significativamente para essa discussão.

Além disso, esta sistematização das oficinas promovidas pela **Associação Mulheres pela Paz...**

Por que isso é importante?

A presença feminina em posições de liderança não apenas promove a equidade, mas também traz uma diversidade de perspectivas que são cruciais para a construção de sociedades mais justas e equilibradas. As mulheres em posições de poder desafiam estereótipos de gênero e promovem uma mudança cultural que beneficia a toda a sociedade. Quando as mulheres ocupam cargos de liderança, elas se tornam modelos para as gerações futuras, mostrando que é possível romper barreiras e alcançar objetivos que historicamente foram considerados inatingíveis. Essa representação é fundamental para inspirar jovens meninas a perseguirem suas ambições profissionais e pessoais.

Pesquisas demonstram que a diversidade de gênero nas equipes de liderança resulta em melhores decisões e estratégias. Mulheres trazem experiências e perspectivas diferentes, o que enriquece o debate e a tomada de decisão.



*Mulheres trazem
experiências
e perspectivas diferentes,
o que enriquece
o debate
e a tomada de decisão.*

Em ambientes onde há uma maior representação feminina, há também uma tendência a considerar questões sociais que afetam diretamente a vida das mulheres, como saúde, educação e direitos reprodutivos. Isso resulta em políticas públicas mais abrangentes e justas, que atendem às necessidades de toda a população.

Considerações finais

Um ponto importante é que a presença das mulheres em espaços de poder impacta positivamente a economia. Estudos indicam que empresas com liderança diversificada têm um desempenho financeiro superior. Isso se deve, em parte, à capacidade das mulheres de criar ambientes de trabalho mais colaborativos e inovadores, além de serem mais propensas a promover práticas sustentáveis e socialmente responsáveis.

Ainda enfrentamos desafios significativos: a discriminação de gênero, a falta de políticas de apoio e a cultura machista presentes em muitas sociedades continuam a limitar a ascensão das mulheres a posições de liderança.

Para mudar esse cenário, é essencial promover políticas de igualdade de oportunidades, como programas de incentivos para a contratação de mulheres em cargos de liderança e a implementação de legislações que promovam a equidade de gênero. **Mudar cultura é preciso...**

A importância de as mulheres ocuparem espaços de poder e decisão vai além da busca por igualdade; trata-se de construir um futuro mais justo, inclusivo e sustentável. A presença feminina em todos os níveis de decisão é fundamental para a promoção de uma sociedade que valoriza a diversidade e busca soluções equitativas para os desafios contemporâneos.

Apesar dos avanços, as mulheres ainda estão sub-representadas em muitos níveis de poder. A presença feminina em cargos executivos, por exemplo, ainda é baixa e, muitas vezes, as mulheres que alcançam essas posições enfrentam desafios adicionais, como a discriminação de gênero e a dificuldade em conciliar responsabilidades profissionais e familiares.

Além disso, o ambiente político pode ser hostil, com ataques e violência política de gênero que visam

deslegitimar as mulheres que se aventuram na arena política.

A *interseccionalidade* também é um aspecto importante a ser considerado.

Mulheres negras, indígenas e de outras comunidades marginalizadas enfrentam barreiras ainda mais significativas para sua participação, evidenciando que a luta por igualdade de gênero deve ser também uma luta contra o racismo e outras formas de opressão.

Sem medo de ser feliz...

Quando as pessoas sentem que podem viver

suas vidas sem medo de represálias ou discriminação, a confiança na sociedade aumenta, levando a uma maior colaboração e participação social. Além disso, as mudanças nas decisões e políticas têm um efeito simbólico poderoso.

A interseccionalidade também é um aspecto importante a ser considerado. Mulheres negras, indígenas e de outras comunidades marginalizadas enfrentam barreiras ainda mais significativas para sua participação, evidenciando que a luta por igualdade de gênero deve ser também uma luta contra o racismo e outras formas de opressão.

Elas enviam uma mensagem clara de que a sociedade está comprometida com a equidade e o respeito às diferenças. Essa mudança de paradigma pode inspirar novas gerações a valorizar a diversidade e a lutar contra a discriminação em suas diversas formas.

Por fim, a reversão de decisões discriminatórias é também uma questão de direitos humanos. Essas decisões, que por muito tempo moldaram normas sociais, políticas e jurídicas, perpetuam desigualdades e injustiças, afetando não apenas os grupos marginalizados, mas a sociedade como um todo. Todas as pessoas, independentemente de sua raça, gênero, orientação sexual ou qualquer outra característica, têm o direito de viver com dignidade e respeito.

Vozes diversas e plurais

Quando as vozes de todos os segmentos da sociedade são ouvidas e respeitadas, criamos um ambiente em que a diversidade é celebrada.

Isso não apenas enriquece a cultura e a economia, mas também fortalece o tecido social, criando comunidades mais coesas e solidárias.

Em suma...

A consolidação da democracia no Brasil depende da plena participação de todas as vozes, e isso inclui a voz das mulheres em toda a sua diversidade.



DEBATE AO FINAL DA OFICINA

Primeiro, eu vou ver se consigo falar porque eu fui tomada por uma emoção muito forte.

Passa uma filme em nossa cabeça, com todas essas mulheres que vieram nos inspirando, abrindo caminhos e faz parte da nossa história. Mas, Vera, eu quero dizer uma coisa: muito obrigada, do fundo do meu coração. Que honra trabalhar contigo, porque esses projetos que você idealiza, exige que você se debruce, e acaba por possibilitar essa roda de conversa, essa riqueza, essa reunião de mulheres com muita sabedoria, com muita experiência, com muita história.

O que vimos com a Marilda ontem, e hoje com a Silmara, não é teoria, é vida, é um conhecimento que foi lapidado e que nos lapidará. Quero dizer que essas mulheres, logo no início da fala de hoje, elas são referências. E nós temos que apoiar. Quando eu elogiei a Vera, é porque estou vendo as coisas acontecerem de uma forma impressionante.

Eu faço parte do Levante Estadual contra o Femicídio. Vamos ter agora em novembro o primeiro Encontro Nacional.

As pessoas que estão vindo da articulação pra representar o Estado, são pessoas que saíram do curso que a Vera possibilitou em outras cidades do interior. Estou falando do impacto desse tipo de trabalho. O quanto nossa ação impacta nos homens também, pois o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, que é líder na região, me solicitou quatro vagas, para levar as diretoras, porque a questão do feminicídio impacta em nossas vidas.

Além de levar a vereadora Juliana de Americana, para discutir a questão da violência política que as nossas vereadoras sofrem. Vejam o quanto esses momentos de formação trazem de desdobramentos.

Zeza (Indaiatuba/SP)

Gostei demais da aula de hoje.

Estou muito agradecida à Silmara e a esse projeto.

A Silmara tem o poder de jogar a gente pra cima e para frente, através dessa energia que ela tem.

E eu fico muito tocada, sensibilizada, querendo sair nas ruas e juntar todas as mulheres.

Ouvindo a Silmara e assistindo o vídeo, eu fiquei pensando que a nossa geração não pode falhar, porque a geração anterior preparou e nós também precisamos preparar o caminho para aquelas que vêm vindo atrás de nós.

Nós estamos fazendo isso. E quando eu penso na minha idade, eu penso que não vai dar tempo...

A gente precisa ir pra rua, fazer mais, senão não dará tempo.

Estou muito agradecida por isso e por essa beleza de mulheres reunidas aqui. Obrigada mais uma vez!

Marilda (Pirajuí/SP)

Agradeço a todas, porque esse momento é impar. Tudo o que a gente pode trocar no cotidiano, neste curso tem essa demonstração de carinho e de amor.

Para, nós, mulheres, a soronidade é muito importante, porque aquece os nossos corações, pois a nossa luta é constante. Temos que resistir para sobreviver dentro das pautas. E os recortes e a interseccionalidade que a Marilda expôs, e a minha admiração e inspiração pela Silmara. Antes do Consórcio existir, conhecemos a Secretaria da Mulher, e hoje reúne doze municípios. Agora, aplicar no dia a dia tudo isso que a gente compartilha entre nós, só nos fortalece.

E queria compartilhar com vocês que é muito bom a gente apoiar umas às outras.

E quando a gente vê uma mulher fragilizada, temos que abraçar.

Eu me senti abraçada. Eu fui vítima da síndrome de *burnout* [esgotamento profissional] não pelo volume de trabalho, mas pelo ambiente doentio por causa de uma mulher.

Então, neste momento é muito importante a gente poder refletir entre nós.

É importante a gente processar a educação desde criança. Não tem brincadeira de menina ou menino.

Educá-los por uma cultura de paz desde as relações familiares, independente do arranjo, até as relações sociais de trabalho para separar essa divisão sexual de papéis que a gente vive no dia a dia e também a misoginia. Gratidão!

Luciana (Osasco/SP)

Quero parabenizá-las pelos momentos especiais de ontem e hoje.
Esse tema é muito caro para mim. Foi o tema do meu Doutorado. A professora Eva Blay que foi minha orientadora e essas senhorinhas do vídeo são muito importante.

As senhorinhas que escreveram fizeram parte dos meus estudos também.
É com muita emoção que nós ouvimos todas essas questões, os pronunciamentos, os exemplos.
O motivo que me levou a estudar o tema foi pelo fato de, desde crianças, observar as diferenças entre homens e mulheres. Às vezes, pessoas que cometiam violências contra as mulheres nas famílias, que sofriam caladas. E eu não me conformava. Quando eu tive a oportunidade de aprofundar meus estudos, chegando na pedagogia, eu fui também estudar as feministas. Eu via que elas se preocupavam com as minhas questões e tinham trabalhos excelentes.

Rever a Clara Charf, exemplo de mulher lutadora... Temos muito nas nossas histórias...

Tania Brabo (Marília/SP)

Sou de Piracicaba, tenho 29 anos.
Acabei de sair de um curso de feminismo. Estou no processo de entrar na política.
Ajudei muito nessa última eleição, o que me motivou muito.
E este curso me incentivou muito a querer estar num partido.
Nesse partido que eu quero entrar, não tem muita mulher. O curso está me ajudando muito...

Vanessa (Piracicaba/SP)

Quero agradecer aqui e também falar da emoção por um sentimento que aflorou por demais. Nesta noite, faz exatamente cinco anos que eu estou muito imersa na vida política do Legislativo, dentro do partido. Dada as circunstâncias que eu vivi nessa última eleição, até hoje me faz acordar e me traz de uma maneira muito forte esse sentimento e essa necessidade que a gente tem de se alimentar, de beber dessa fonte do movimento feminista, da educação popular, de todo o conteúdo e reencontrar todas essas mulheres.

É algo que nos coloca de frente e atravessa nossas vidas. Também faz parte dessa história desde o fim da década de 1980. É necessário que a gente tenha espaços de acolhida, de afeto para a gente se alimentar, se fortalecer e continuar a ter resistência em nossa caminhada na vida, porque é disso que a humanidade precisa. É o que as mulheres fazem rotineiramente.

E sistematizar, isso que a Vera, a Rede Mulher e a Associação fazem tão bem.

Como a gente deu conta no passado, dá conta no presente.

Nós, mulheres feministas, seremos a revolução de um tempo que arde, que queima e clama dentro de nós!

Muito obrigada! Esse momento é muito especial, muito verdadeiro! É alimento! É água na fonte!

Judeti (Ribeirão Preto/SP)

Sou assistente social e trabalho em Angra dos Reis.

Sou feminista e estou fazendo meu projeto de mestrado sobre a contribuição do serviço social para o feminismo. É um tema que me toca pessoalmente, porque eu fui vítima de violência, apesar de conhecimento. Não foi física, foi psicológica. Isso me fortaleceu no sentido de colocar como objetivo de vida profissional, trabalhar com mulheres vitimas de violência. Isso, para mim, tem sido um ganho no sentido intelectual, de militância. Outras mulheres também passaram pela mesma situação que eu.

Eu gosto muito de autores e autoras que estou revisitando. Também estou procurando rodas de conversa, me capacitando, para estar trocando com quem está no cotidiano do trabalho. Elas incorporam muito esse discurso machista da sociedade. É algo que precisamos estar lutando, porque nos últimos quatro anos tivemos um governo passado que tentou desconstruir toda uma luta social do feminismo.

Então, necessitamos e queremos não só mulheres empoderadas, mas mulheres emancipadas.

O direito de poder escolher o que eu faço com meu próprio corpo.

Eu acho que precisamos estar reforçando o coletivo, principalmente nas nossas bases, no cotidiano do trabalho.

Infelizmente, a gente vem de uma sociedade patriarcal, machista. E é favorável para o capitalismo ter as mulheres cuidando do lar e fazendo a manutenção dessa propriedade privada.

Sou super favorável às mulheres na politica. Nós podemos hoje ocupar esses espaços. Temos um palco, um conteúdo. Temos acesso a determinadas coisas que a gente não tinha. E as mulheres são a maioria da população.

Esses dois dias de curso foram de muita riqueza.

Cátia (Angra dos Reis/RJ)



Amelinha Teles [Maria Amélia de Almeida Teles] é consultora jurídica e educadora popular feminista em direitos humanos. É membro da União de Mulheres de São Paulo e uma das coordenadoras do Projeto Promotoras Legais Populares e do Projeto Maria, Marias, em parceria com o Instituto Brasileiro de Ciências Criminais IBCCRIM. Ela é uma das nomeadas brasileiras ao Prêmio Nobel de 2005, uma indicação coletiva de 1000 mulheres ao Prêmio Nobel da Paz de todo o mundo.



Buscando a construção de referências feministas de poder

Exercício preliminar *

Vídeo: Não basta ser mulher [4:21]

[https://www.google.com/](https://www.google.com/search?q=não+basta+ser+mulher+sâmia+bonfim&ocq=não+basta+ser+mulher+sâmia+bonfim&gs_l=fpstate=ive&vld=cid:1c5e8698,vid:8NB5JvNqfxc,st:0)

[search?q=não+basta+ser+mulher+sâmia+bonfim&ocq=não+basta+ser+mulher+sâmia+bonfim&gs_l=fpstate=ive&vld=cid:1c5e8698,vid:8NB5JvNqfxc,st:0](https://www.google.com/search?q=não+basta+ser+mulher+sâmia+bonfim&ocq=não+basta+ser+mulher+sâmia+bonfim&gs_l=fpstate=ive&vld=cid:1c5e8698,vid:8NB5JvNqfxc,st:0)

Em sua opinião, por que não basta ser mulher para modificar os espaços de poder e decisão?

É um desafio, mas como falou Sâmia, não é possível abandonar a luta. Concordo com a Roseaney que fala em uma sociedade machista, mas defendo que temos conseguido muitas conquistas. Em cada ambiente de circulação, é preciso defender o espaço das mulheres, apresentar dados que mostrem as diferenças e “brigar” para ocupar lugares, postos, cargos e direitos que são legítimos. Na minha universidade, temos empreendido uma luta pela inclusão das referências femininas, negras e indígenas nos planos de ensino, trazido esse tema para a sala de aula. Temos realizado pesquisas que mostram as diferenças de acesso, participado de forma mais ativa nos espaço de decisão. Temos combatido de forma sistemática a violência de todos os tipos, mesmo que isso, em um primeiro momento, não dê em nada, mas tem gerado movimento de mudança. Pelo menos no sentido de tirar as pessoas de suas zonas de conforto e de discursos que repetem mais do mesmo, sem mudanças. Tivemos uma conquista recente com a alteração da Lei 9.394 (LDB) com a inclusão da obrigatoriedade de incluir abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio. Ou seja, defendo que, juntas, somos mais fortes!

(Maria Cristina Gobbi)

Não basta, porque, nós, mulheres, que vivemos em uma sociedade machista e patriarcal, muitas vezes não alcançamos o letramento de gênero necessário para percebermos este fato. Por isso agimos conforme o que a sociedade aponta como correto, como normal, como sendo nosso dever, nosso lugar. Nesses casos, atuamos no sentido de apoiar e não confrontar a sociedade que está posta.

(Roseany Mendes)

Muitas mulheres não enxergam as questões históricas, políticas e sociais que estão implícitas na existência social feminina, por isso, ao não acreditarem/entenderem a realidade que vivem, muitas apoiam a reprodução do *status-quo* dominante

(Leticia Marques)

* Cada um dos módulos foi precedido por uma tarefa de casa, postada na plataforma digital, contendo um vídeo e uma pergunta sobre o tema, a cargo de Vera Vieira, proporcionando a interação de ideias entre as participantes. Em cada oficina, os trinta minutos iniciais eram dedicados ao debate sobre o exercício, possibilitando a intervenção de todas as participantes, o que também foi considerado importante na capacitação para a ocupação de cargos de poder e decisão.

Porque subverter a lógica da estrutura machista e patriarcal vai muito além de ser mulher.

É preciso haver luta, mobilização popular coletiva e um lembrete contínuo de que conquistas não são permanentes.

(Rosa Barbosa)

Para mudar essa cultura machista secular, na qual a mulher é apenas responsável por servir, minimizando o seu exercício da cidadania, é necessário ter consciência da condição de opressão, abrir espaço para que mulheres ocupem cargos estratégicos, para que possam garantir os seus direitos.
(rcpisaia@gmail.com)

Não basta ser mulher, porque ainda quem mais tem influência nos espaços de poder e decisão são homens que são machistas e reproduzem essa cultura institucionalmente, de diversas formas.

Desde sempre, em todos os âmbitos que existem, o que dificulta não apenas o entendimento dessa desigualdade, como a reprodução incansável desses comportamentos e pensamentos – inclusive por algumas mulheres também. E que, além do gênero, há outros aspectos que ainda influenciam na chegada nesses espaços, como a raça e classe. Também é importante que a luta das mulheres seja uma luta social de todos os participantes, não apenas responsabilidade das mulheres.

(Bárbara Bolognesi)

Por que o machismo e o patriarcado são tão enraizados em nossa sociedade, que até mesmo nós mulheres reproduzimos de forma impensada?

A reprodução destas ações e pensamentos é quase que automática. As relações de poder envolvem manter o poder ao grupo/segmento que, via de regra, sempre esteve no poder. A conquista de novos espaços, principalmente o de poder, acredito que requer o rompimento da lógica dita instituída, a quebra de padrões e conceitos cristalizados. Os embates serão inevitáveis e contínuos, visto que ainda vivemos em uma sociedade machista e desigual.

(Vanessa SP)

Não basta ser mulher, tem que ter coragem e apoio para enfrentar uma sociedade que, na sua maioria, é machista (o que não significa que esse público seja dominado somente por homens; há muitas mulheres machistas também). Como dito na lição anterior, mulheres são minoria nos espaços políticos; alguns espaços de poder e decisão não fazem parte do cardápio dos sonhos de muitas mulheres, onde a maioria das decisões e leis são constituídas. Contudo, as mulheres necessitam de apoio para que sua voz ganhe proporções maiores, para que atinja aquelas pessoas com pensamentos machistas, patriarcais, que tomam a mulher como “sexo frágil” até nos dias de hoje.

Não basta ser mulher, tem que haver medidas garantidoras para dar mais voz e autonomia às mulheres, para fazer acontecer sem represálias.
(Fernanda)

Não basta ser mulher; tem que conhecer os direitos e lutar por eles, pois a todo instante tentam tirá-los de nós. Se hoje temos direitos, é porque outras mulheres lutaram por eles.
(Macielma Torres Rodrigues)

Não basta ser mulher, tem que ter coragem para lutar; muitos direitos que hoje alcançamos foi graças a mulheres que lutaram batendo de frente com o sistema. Nós, mulheres, temos que aprender a ser unidas e lutar juntas para alcançar espaços de poder e decisão.
(Gisa nascimento)

A presença feminina em posições de poder é considerada relevante, mas pode ser insuficiente para garantir a equidade de gênero. A equidade requer a criação de um ambiente que valorize e respeite as contribuições das mulheres, o que pode envolver ações concretas, como políticas que promovam a igualdade de oportunidades, o combate à discriminação e o apoio a iniciativas de liderança feminina. Além disso, pode ser fundamental promover mudanças nas mentalidades para desconstruir estereótipos persistentes na sociedade. O reconhecimento das experiências e competências das mulheres pode ser essencial para assegurar que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas. Assim, a luta pela igualdade de gênero se torna um processo abrangente e profundo, que tem o intuito de transformar as estruturas sociais e culturais que, historicamente, marginalizam as mulheres.
(Sílvia)

Enquanto sejam julgadas,
menosprezadas em razão do nosso gênero,
e sejam cada vez mais diminuídos e
invisibilizados os nossos
serviços de política de cuidados,
teremos, a cada dia, que tomar
mais coragem e posicionamentos.
(Yormery J. Lopez Bello)

A presença de mulheres
nos espaços de poder e decisão
é fundamental, mas, como você observou,
não basta ser mulher para
efetivamente transformar esses ambientes.
É preciso uma atuação consciente, embasada em
princípios de igualdade, justiça e direitos humanos.
Modificar os espaços de poder demanda um
compromisso coletivo com a inclusão,
o fortalecimento de alianças
e a capacidade de trazer novas formas
de pensar e agir,
algo que vai além da identidade de gênero.
(Maria Sílvia Oliveira)

Porque precisamos ter mulheres conscientes na política, na perspectiva de garantia de uma representatividade feminina, que legitime nossos direitos humanos, fundamentais e sociais. Para além disso, abrir diálogo com homens, buscando garantir caminhos que possibilitem uma nova forma de pensar, por meio de processo educativo da sociedade como um todo. É preciso rever conceitos e preconceitos que nos oprimem e nos mantêm na condição de submissão, sujeitas ao império machista que se perpétua desde a época da colonização.

O empoderamento feminino é um processo que precisa ser compartilhado com todas, todos e todes para garantir que a diversidade feminina e equivalência de direitos caminhem um dia para, de fato, ao respeito a nossa dignidade da pessoa humana como mulheres, conforme determinado na constituição federal de 88.

Alcance nosso direito como cidadãs para além do direito de votar. Que tenhamos leis que nos representem e reconheçam nossa condição humana e nossa realidade como mulheres.
(Maria Silvia Oliveira)

A modificação de um sistema só se faz no coletivo. Uma estrutura só se modifica se todos os sujeitos envolvidos no percurso se propuserem a desconstruir o modelo de opressão, visto que os territórios econômicos, sociais, políticos e culturais irão passar por alterações, e os ditos “papéis” sofrerão revisões.
(Marcilene Pereira Barbosa)

Buscando a construção de referências feministas de poder

Os marcadores estruturais da sociedade que os nossos Feminismos precisam enfrentar

Toda história da luta das mulheres por sua autonomia e auto determinação só tem sido possível graças ao protagonismo das próprias mulheres.

Somos herdeiras de conceitos e aportes que nossas feministas ancestrais levaram e (levam) séculos teorizando e praticando. Precisamos trazê-las para os dias de hoje (História das Mulheres), mostrando a vigência das discriminações e opressões, apesar de séculos de existência e resistência. Precisamos usar “lentes violetas’ ou “lentes de gênero” ou “lentes antirracistas” para qualificar nossos argumentos. Devem ser convincentes, realistas e incontestáveis. Contra fatos, não há

argumentos. Há uma “amnésia sexista” ou “cegueira de gênero”, o que significa o negacionismo histórico, o apagamento da história das mulheres. Os marcadores históricos que precisamos conhecer para entender como se dá a opressão das mulheres são patriarcado, gênero, raça/

etnia, classe social, orientação sexual, idade, região de origem, entre outros.

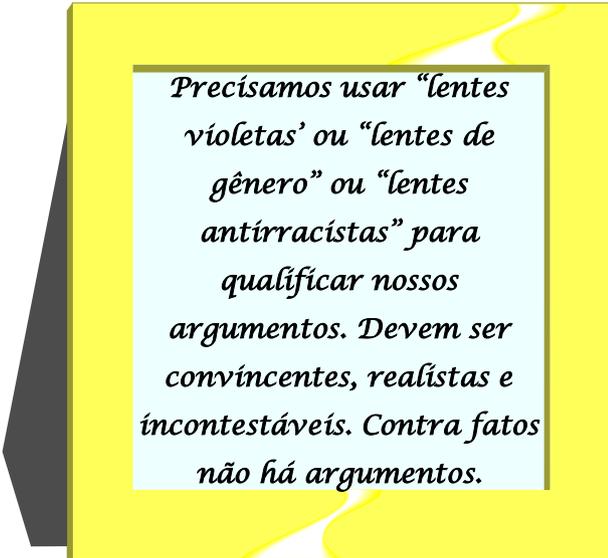
O feminismo será interseccional ou não será!

Nós, seres humanos, somos diferentes e desiguais. As diferenças são benéficas e favorecem a criatividade, as iniciativas e inovações.

As desigualdades são o resultado das injustiças sociais impostas por grupos que se tornaram e se tornam privilegiados com a exploração e opressão da maioria da população.

A elite exploradora e dominante se utiliza das diferenças para criar e aprofundar as desigualdades sociais,

alimentando preconceitos, naturalizando-os. Procura invisibilizar a diversidade. A elite nos dias atuais se identifica com o capitalismo neoliberal e com a extrema direita. “O proletariado brasileiro é majoritariamente feminino, negro, além de ter grande presença LGBTQIA+”, enfatiza Letícia



Precisamos usar “lentes violetas’ ou “lentes de gênero” ou “lentes antirracistas” para qualificar nossos argumentos. Devem ser convincentes, realistas e incontestáveis. Contra fatos não há argumentos.

Parks, editora do Esquerda Diário e uma das fundadoras do Quilombo Vermelho. (Ópera Mundi, em 8/04/2022)

Faz-se necessário conhecer e saber usar conceitos como patriarcado, gênero, racismo/etnia, divisão sexual e racial do trabalho, justiça social, justiça reprodutiva, direitos sociais e sexuais, direitos humanos das mulheres.

Conceituar é politizar (Célia Amorós), é historicizar, é o aprofundamento, é o reconhecimento político e social de diversos aspectos fundamentais para construir a democracia, é a valorização, é a dignidade, é o incentivo às ações políticas em defesa da cidadania e dos direitos humanos das mulheres.

Nomear as violações de direitos humanos das mulheres, é torná-las “questões políticas relevantes” que devem ser

tratadas nas leis, nas políticas públicas, nos serviços públicos, na mídia, na educação, na saúde, no mercado de trabalho e em outras áreas.

Argumentar é justificar a urgência de tomada de medidas preventivas e curativas das violações dos direitos humanos das mulheres.

Precisamos de palavras que enfrentem a “invisibilidade” das mulheres negras, deficientes, indígenas, periféricas. Precisamos enfrentar o pensamento androcêntrico que

alimenta a linguagem misógina.

Enfrentar a violência de gênero e raça

Não há democracia, não há direitos humanos, não há paz mundial, sem as mulheres! Os nossos feminismos são vividos tanto individualmente como em lutas coletivas. Exige

esforço pessoal, implica remover pilares sobre os quais toda a sociedade foi construída/estruturada. Por meio do trabalho de introspecção e autocrítica, temos que nos conscientizar que “o pessoal é político”. Temos o direito de decidir e de escolher.

Quando as mulheres avançam, nenhum homem retrocede! Não há justiça social sem as mulheres. Como bem enfatiza Angela Davis, “os feminismos são a ideia radical de que as mulheres são pessoas, são seres humanos. Quem poderia estar em desacordo?”.

O patriarcado nos afeta em todos os campos da vida! As mulheres são metade da humanidade, e não estão representadas em igualdade de condições em nenhuma esfera de poder:

Poder econômico: 98% do poder econômico está com os homens (Banco Mundial)

Poder religioso: 100% em mãos masculinas.

Poder militar: 100% com os homens.

Poder Político: 80% sob o comando dos homens.

Faz-se necessário conhecer e saber usar conceitos como patriarcado, gênero, racismo/etnia, divisão sexual e racial do trabalho, justiça social, justiça reprodutiva, direitos sociais e sexuais, direitos humanos das mulheres.

Globalmente, o Fórum calcula que a diferença de gênero em termos de política, economia, saúde e educação só será eliminada em 99,5 anos. A desigualdade econômica entre homens e mulheres poderá demorar 257 anos a ser sanada. No ritmo atual a igualdade de gênero será alcançada em 131 anos, horizonte que retrocedeu 35 anos, devido à pandemia de Covid-19 (Jornal da USP de 20/10/2023).

O secretário-geral da ONU disse em sua fala inicial no evento da Comissão das Mulheres da ONU, em que foram discutidos os direitos das mulheres, que, se continuar do jeito que está, a igualdade entre homens e mulheres vai demorar 300 anos para se concretizar no mundo”. A ministra do Ministério das Mulheres, Cida Gonçalves, e a socióloga e primeira-dama, Janja Lula da Silva, passaram uma semana em Nova York para participar de um evento da Comissão de Mulheres da ONU, em que foram discutidos os direitos das mulheres. Cida Gonçalves também trouxe diversos dados que apontam a relevância desse movimento iniciado com a promulgação da Lei de Igualdade Salarial, em julho do ano passado. “Não podemos admitir que tenhamos que viver mais 300 anos lutando, falando e brigando para termos as mesmas condições que os homens. A igualdade salarial é o básico

[...]. Essa tem que ser uma luta de todo Brasil. Igualdade significa justiça, significa tirar as mulheres da situação de pobreza”, pontuou ela, destacando que reduzir a desigualdade de gênero em 25% até 2025 poderá aumentar o PIB em U\$ 5,3 trilhões, segundo dados da OIT.

*No ritmo atual, a
igualdade de gênero
será alcançada em
131 anos.*

*[...] As mulheres enfrentam
a violência na política.
Têm suas vidas ceifadas
pelo patriarcado em
diversos espaços públicos.*

O poder político e a violência de gênero e raça

O caso Marielle Franco (1979-2018) marca uma nova forma de luta feminista nos espaços de poder. E as mulheres vêm lutando pelo poder político ao longo da história.

As mulheres enfrentam a violência na política. Têm suas vidas ceifadas pelo patriarcado em diversos espaços públicos.

Marielle Franco, presente!

“A disputa política é um grande desafio, principalmente para nós mulheres. A lógica machista nos persegue a todo tempo e a sentimos com intensidade, principalmente quando decidimos ocupar um espaço na institucionalidade política”. (Feminismo, ações e História de mulheres, 2023, p. 103)

O Brasil se encontra na 132ª posição, entre 193 países, em relação à eleição de mulheres para o Parlamento Federal. Isto quer dizer que no momento atual, 17,7% são mulheres.

E, nós mulheres, somos mais da metade do eleitorado.

Em 2020, foram eleitas 658 prefeitas (11,8%); em 2024, 727 (13%). Veredoras em 2020 foram 9.371 (16%); em 2024 foram 10.649 (18%). Luís Roberto Barroso, presidente do TSE em 2020, declarou: “Mas também tivemos um aumento nos ataques físicos e morais a mulheres candidatas. Precisamos de mais mulheres na política e, portanto, precisamos enfrentar essa cultura do atraso, da discriminação, do preconceito e da desqualificação.”

Nas eleições municipais de 2024, 155.564 mulheres se candidataram aos cargos de vereadora e prefeita nos mais de 5 mil municípios; 969 são mulheres trans. Mulheres negras e indígenas enfrentam o atraso de verbas e falta de apoio nas eleições. (Catarinas em 04/10/2024). O aumento nas candidaturas de mulheres negras e indígenas nas eleições contrasta com o subfinanciamento das campanhas. Foram 158 mil candidatas, sendo que 81 mil se autodeclararam negras e 961 indígenas. 70% da verba pública eleitoral foram destinadas a candidatos brancos.

O aumento nas candidaturas de mulheres negras e indígenas nas eleições contrasta com o subfinanciamento das campanhas. Foram 158 mil candidatas, sendo que 81 mil se autodeclararam negras e 961 indígenas. 70% da verba pública eleitoral foram destinadas a candidatos brancos.

Candidata pela segunda vez neste pleito, a vereadora Elizangela Altoé (PT), de Cachoeiro de Itapemirim (ES), denunciou ter sido agredida pelo empresário Robson Salles Gratival, dono da loja de motos ZeroKm, enquanto cumpria agenda de campanha em 13/11/2024. O empresário a teria

agredido verbalmente, jogado uma lata de cerveja na candidata e ainda a teria derrubado no chão. “Quando eu estava no chão, o agressor me segurava pelo cabelo, tive machucados na mão e no braço. Fui agredida por ser mulher e por ser de esquerda, do PT”, conta a candidata. Após as agressões, ela foi encaminhada para o hospital do município. Altoé registrou um boletim de ocorrência na 7a. Delegacia Regional da Polícia Civil da cidade, que investiga o caso.

Esse tipo de agressão afasta mulheres da política, que já são minoria nos espaços de tomada de decisão, segundo Altoé. “O lugar onde fui agredida era um lugar muito comum de candidatos fazerem campanhas, por isso eu compreendo que a agressão foi a mim enquanto candidata mulher. Isso mostra o olhar das pessoas em relação à mulher e como é mais fácil para eles nos agredir (...) Desde esse dia, eu parei de fazer campanha”, conta. Em vídeo que circula pelas redes sociais, é possível

ouvir o empresário chamando Elizangela de “puta”.

O caso não foi isolado. Um levantamento inédito realizado por uma coalizão de nove veículos jornalísticos contabilizou 114 casos de violência relacionados à eleição ocorridos desde o começo de novembro. Isso significa que houve, em média, um episódio de violência política a cada três horas nos primeiros 15 dias de novembro. O levantamento inclui ameaças, ofensas, agressões, tentativas de homicídio e assassinatos. O número de ataques é 60% maior do que o registrado às vésperas das eleições de 2018. Em pelo menos oito ocasiões, as mulheres foram alvo de violência política de gênero.

O caso não foi isolado. Um levantamento inédito realizado por uma coalizão de nove veículos jornalísticos contabilizou 114 casos de violência relacionados à eleição ocorridos desde o começo de novembro. Isso significa que houve, em média, um episódio de violência política a cada três horas nos primeiros 15 dias de novembro.

comportamentos para humilhar, constranger, ameaçar ou prejudicar uma candidata ou mandatária em razão de sua condição feminina.

A desqualificação da mulher na política pela indução à crença de que ela não possui competência para a função a que está exercendo, ou o questionamento da mulher, seja ela candidata ou com mandato político, sobre a sua vida privada (relacionamentos, sexualidade, maternidade) são exemplos de violência política de gênero.

A Lei 14.192, de 4 de agosto de 2021, criminaliza a violência política de gênero no Brasil. Essa lei estabelece normas para combater a violência política contra a mulher em espaços e atividades relacionadas ao exercício de seus direitos políticos e funções públicas.

Violência Política de Gênero

O Conselho Nacional de Justiça, considerando um levantamento de 15 meses de vigência da lei, destaca que o Brasil registra a cada 30 dias, sete casos envolvendo

O que fazer?

Temos que nos organizar, participar e lutar COLETIVA e articuladamente para mudar este cenário. Cada feminista

precisa argumentar com firmeza e segurança, com o uso dos conceitos de enfrentamento da misoginia e violência política de gênero. Reconhecer e analisar sua própria experiência pessoal, tornando-se referência feminista no enfrentamento das violências políticas de gênero. Valorizar os pequenos avanços, sem perder de vista os retrocessos que ocorrem com frequência quando a extrema direita ganha espaço.

Como exemplo, podemos citar o PL 1904/2024 que defende o estupro e penaliza a vítima. As mobilizações de rua apoiadas por parlamentares progressistas fizeram com que o Presidente da Câmara retirasse a urgência do PL para votação.

Enfrentar os conflitos dentro do nosso próprio campo, com dignidade e justiça

O Ministério das Mulheres divulgou nota que classificou como graves as denúncias da organização de apoio a vítimas de violência sexual “Me Too” contra o Ministro de Direitos Humanos e Cidadania, Silvio Almeida, acusado de assédio sexual. A pasta manifesta solidariedade às vítimas que quebram o silêncio e denunciam o assédio sexual. Reafirma que nenhuma violência contra as mulheres deve ser tolerada. As denúncias dessa natureza precisam ser investigadas “dando crédito à palavra das vítimas.” É preciso que toda denúncia seja investigada de forma célere, com rigor e perspectiva de gênero.



Eu prometo ser rápida. Primeiro, eu queria agradecer imensamente a palestra que foi, assim, espetacular, do começo ao fim. Trouxe muitas, muitas perspectivas. E aí, eu queria falar para você, Amelinha, que lá na nossa universidade a gente tem feito um trabalho para trazer as mulheres como referências...Qual universidade? Na Unesp de Bauru. Eu trabalho com comunicação social, então, nós temos tentado mudar as referências das disciplinas, tanto da graduação quanto da pós-graduação. E no sentido de trazer mulheres mesmo como autoras, como pesquisadoras, porque uma das minhas linhas de estudos é essa invisibilidade feminina.

Parece que nós não produzimos conhecimento, porque as nossas referências são masculinas. Na área de comunicação isso é muito forte. E aí, a gente tem discutido muito essa ideia dos pais fundadores. O pai fundador do conceito, o pai fundador... E a gente tem trazido essa ideia de mães fundadoras, pois se nós temos pais, nós temos mães fundadoras. Não no sentido de descredenciar o conhecimento masculino, mas de incluir a mulher nesse conhecimento também. E aí, queria só falar uma coisa. Eu pesquiso a América Latina mais especificamente, e foi maravilhosa o discurso da presidenta do México quando ela fala exatamente uma coisa que você falou, que é o que não é nomeado não existe. Então, ela vai falar da presidenta...Então, ela vai trazer tudo no feminino, como a nossa presidenta Dilma já falava. E foi tão combatida! E a outra coisa que eu queria só pontuar, e aí eu encerro, é esse cuidado que a gente tem que ter. E aí eu trago o nome de um teórico, que é o Boaventura de Souza Santos, que está sendo acusado de assédio. E nós somos incapazes de tirar o nome de um camarada desse das nossas referências. Porque o que ele diz é bacana. Então, eu acho que esse também é um movimento muito grande dentro dos espaços que nós estamos, como você falou. Então, muito obrigada pela sua grande contribuição dentro daquilo que a gente vem pesquisando. Foi uma aula e tanto, viu?

Maria Cristina Gobbi (Bauru/SP)

No dia 17 de agosto, a Amelinha esteve palestrando em São José dos Campos. E lá, ela citou um livro que até ela disse que não leu, mas ela citou, que é A Criação do Patriarcado. E a citação que ela fez é que em 3.500 anos antes de Cristo, os homens começaram a escrever suas histórias, as histórias dos homens. E que só no século XIX, as mulheres começaram a escrever suas histórias. E ela disse que escrever é um ato político. Baseado nisso, ela também fez uma citação do Drummond em um texto Os Lírios Não Nascem das Leis E aproveitando essa citação, e também enquanto facilitadora de grupos reflexivos do programa E Agora José, que até a Marilda é a minha chefe, eu fiz uma coisinha que eu quero compartilhar com vocês. E se chama E Agora Maria.

“Os lírios não nascem das leis, é preciso apimentar a fita, colocar tempero, ser picante, ferver a língua, arder a garganta, temperar o sangue, parir o fruto, cozer a armação, minar a liminha, recuperar a acidez, colher amoras, destemperar o cacau, botejar sabor em tirar de laranja, moldar os bombons, fazê-los círculo, dançar a ciranda, adoçar o beijo, incomodar, apimentar a vida, juntar as águas, adicionar tempero, ser mais ardida, incomodar, ser resistência, mudar o texto, reescrever a história em parágrafo único, a vida começa onde a violência termina.

É que... Então, eu não sei se a Amelinha lembra, porque são muitas coisas, mas essa questão da pimenta, do juntar, era parte da palestra. Então, foi baseado nisso. Obrigada.

Leila Ramos (Taubaté/SP)

Eu sou da baixada fluminense e vim para São Paulo para estudar, para fazer pesquisa. Eu acho que essa aula me contemplou muito, porque a Amelinha tocou num ponto que acho que é muito sensível, quando ela falou sobre a questão do período da ditadura e que ela foi violentada. E eu fico pensando, assim, a partir do repertório da Baixada, que tem uns extermínios da população negra muito fortes, e também, como a gente é silenciada... Quando ela tocou nessa sessão, fico pensando como que denunciar assédio ou violências é muito difícil. E ainda mais pensando no recorte de raça, porque é uma interseção de opressões. A Carla Akotirene fala que é uma encruzilhada de opressão, você muda, é ser negra, ser pobre, e eu queria que ela tocasse um pouquinho nesse ponto, porque eu acho que essa rede que está se construindo aqui é como se fosse um aquilombamento, de pensar futuros possíveis e eu acredito muito nesse potencial da escuta e da troca da gente. É um lugar muito afeto político.

Eu queria ouvir mais um pouquinho e agradecer..

Natália Alves (Mesquita-Baixada Fluminense/RJ)

Ah, eu nem vou falar, não é, que você é minha ídola. E quando eu crescer, eu quero ser que nem você. Então, sempre que você abre a boca, é muito importante. Sempre! Porque não tem uma palavra que você fale que seja jogada fora, Amelinha. Tudo que você fala nos provoca, nos incentiva. E a isso, sou eternamente grata. Mas eu quero retomar a discussão antes da sua fala, um comentário do vídeo, que alguém falou assim, que a diferença de homens e de mulheres estarem assumindo espaços de poder, principalmente poder político. Porque tem que estar atenta ao horário de buscar o filho na escola e, enfim, levar ao médico, e aí alguém, a mesma pessoa, falou que nós, mulheres, precisamos ter uma rede de apoio. Eu acho que a gente tem que ter uma rede de apoio. Mas, sabe, eu fico pensando, até quando as instituições não vão cumprir o seu papel de apoiar, mas de não sei se é apoio mas obrigação, com os cuidados que envolvem o nosso cotidiano. Por que eu tenho que chamar outras mulheres para buscar meu filho na creche, na escola? Por que a instituição onde eu trabalho não dá conta disso? Acho que é uma luta que a gente tem que fazer. Eu sonho que a gente possa ter uma tarde, para tomar um café com bolo de fubá, sabe? Quando é que a gente vai sentar para conversar de poesia, que nem a Leila trouxe para a gente? Para a gente falar de literatura, para a gente partilhar nossas amizades, os nossos amores, os nossos prazeres, sabe, onde é que a gente pendura isso na nossa vida? Onde é que a gente coloca? A gente não se encontra para falar disso, para saborear esses momentos. Acho que a gente pode ter uma rede, deveria ter uma rede para isso, sabe?

Tomar chocolate quente, tomar café, tomar chá. Porque as outras coisas já estarão resolvidas. Uma outra coisa que acho que foi a Amelinha que falou, de greve das mulheres. Ah, eu sonho com uma greve das mulheres. Quando eu assisti aquele filme, acho que é A Fonte das Mulheres, em que elas fazem greve de sexo, porque as mulheres eram responsáveis por trazer a água numa região seca, acho que era um filme do Oriente Médio. E elas fazem uma greve de sexo e dá resultado. Os homens passam aí buscar água. Então, fico pensando, que greve a gente poderia fazer, como ação coletiva, para impactar mesmo, sou super a favor de uma greve das mulheres. Mas qual o objeto a ser paralisado? Outra coisa que quero contar é que aqui na minha cidade, que se chama Pirajuí, tem 25.300 habitantes, e nesta última eleição foram eleitas prefeita e vice-prefeita. Tudo bem que sejam do PL, entendeu, mas são duas mulheres. E que sofreram muitas humilhações durante a campanha pelo candidato do prefeito. Então, eu quero contar isso para vocês, porque eu ainda não fui falar com a prefeita, mas na semana que vem parece vai dar certo uma conversa com ela. E eu estou querendo dizer para vocês que enquanto eu não me reúno para tomar café com vocês e comer bolo de fubá, eu vou ter que fazer esse trabalho aqui com a prefeita.

Não sei que abertura ela vai me dar, mas eu devo esquecer um pouco que ela é do PL, ou trabalhar isso com ela, e, em sendo do PL, mas sendo mulher numa sociedade machista e patriarcal, o que vem pela frente? E como é que ela pode ser fortalecida para enfrentar o que vem pela frente? É só isso que eu tenho para dizer. E, mais uma vez, agradecer muito a Amelinha, e agradecer a Vera pelo curso.

Marilda (Pirajuí/SP)

Nossa, excelente explanação. Fiquei encantada! Ela fez vários levantamentos, vários conceitos, e acho que a gente tem que se debruçar sobre isso. Mas a Marilda complementou e fez uma fala belíssima, que me deixou também muito tocada. Concordo com ela em gênero e número. A rede de apoio tem que ser política pública. A gente tem que fazer todo o movimento para garantir políticas públicas equânimes. Por quê? Porque estamos inseridas nesse processo de trabalho, capital e trabalho, e somos também parte desse movimento. Estamos na política, precisamos ocupar esses espaços, principalmente. Eu acho que nós estamos numa vanguarda, nós estamos à frente de tudo isso, a gente precisa fortalecer nossas bases, tomando cafezinho com os vizinhos, falando sobre essas possibilidades. Quando estiver no local de trabalho, trazer essas redes e fortalecer exatamente a construção coletiva, em busca, por exemplo, de creche no local. São quantas mulheres que têm filhos; qual a idade? Isso é uma pesquisa que eu acho que vai para além da base, uma associação de moradores, uma associação de mulheres, o movimento de rendeira, de crocheteira, todas as mulheres têm nesse local, porque a rede de apoio entre mulheres é antiga. As mulheres sentavam, colocavam seus filhos perto. E hoje a gente tem um mercado de trabalho explorador, que coloca a gente em escala 6x1, com filhos pequenos. Eu sou um exemplo disso: tenho duas adolescentes agora, mas eu vim trabalhar em Angra dos Reis e elas eram bebezinhas; sofri várias questões e isso continua até hoje, porque o filho fica doente, e não está posto para a trabalhadora que ela pode se ausentar desse trabalho. Isso tem que estar na política pública. Se ela é uma mulher trabalhadora, tem que estar lá na lei. Bem, gente, porque eu acho que é isso que a gente tem que romper. Por que as mulheres têm que criar um ciclo de apoio quando, na verdade, o apoio tem que ser coletivo, uma construção. Um casamento é uma comunidade, então, o homem tem que estar dentro dessas relações de cuidado também. Tem que tirar essa relação do cuidado somente do papel feminino, isso que a gente tem que desconstruir, pois papéis que são solidificados nessa sociedade patriarcal para colocar a mulher como não sujeito. E nós somos sujeitos de direito, e é isso que a gente tem que fortalecer. E ter consciência de que esses papéis são socialmente construídos para nós mulheres. Somos nós que temos que determinar nossos papéis nessa sociedade. Eu agradeço muitíssimo. Gostaria que ela falasse um pouquinho mais sobre a interseccionalidade, que é uma coisa nova para mim. Precisamos desconstruir também a questão da classe, da raça, da etnia, isso tudo está no gênero, está colocado na nossa sociedade como subalternizada para que a gente fique naquele lugar. Somos a maioria, mais de 50% de mulheres. E aí a gente tem expressivamente um número muito pequeno nas participações. Concordo também com a professora, quando ela falou sobre não sermos invisíveis. A gente tem agora os documentários falando sobre várias mulheres que construíram coisas e que os homens que levaram o nome. Por quê? Porque a sociedade é, de fato, machista, misógina, patriarcal e tem esse poder. A grande classe econômica está na mão dos homens; quem pega a caneta e legisla as leis contra nós são os homens liberais ou não. Nós temos que desconstruir essa cabeça das mulheres extremamente conservadoras e liberais, quando a gente fala de trabalho em redes.

Cátia (Angra dos Reis/RJ)

Ai, Amelinha, maravilhosa que saudade! A Amelinha proporcionou seu depoimento numa Semana da Mulher aqui em Marília, que deixou todo mundo emocionado, maravilhado com a luta, com a perseverança dela e com a luta na perspectiva dos direitos das mulheres, da não-violência. E sua fala foi maravilhosa, querida. Você é inspiração para todas nós, viu? E parabênzo pelo evento, viu, Vera? Maravilhosa! E também por toda a contribuição que a Amelinha nos proporcionou. É importantíssima a sua fala, seu exemplo de vida. A Amelinha mostra o que a história não revelou. No caso, ela e muitas mulheres estiveram sempre lutando pelos direitos de todas as pessoas. E foram violentadas! E a história esqueceu, invisibilizou as mulheres, então, nós precisamos lembrar, como nesse momento aqui, importantíssimo. Agradeço demais a possibilidade de revê-la e de ouvi-la.

Toda sua contribuição é maravilhosa para a nossa vida.

Tânia Brabo (Marília/SP)

Muito obrigada, Amelinha, por suas palavras. Acho que é fundamental a importância de a gente nomear, nos apoderarmos dos conceitos, das narrativas, para a gente poder ficar mais preparada para o combate. Também vejo que, na questão da pergunta que foi pontuada no vídeo, fazendo um pouco de referência a tudo que foi abordado na noite de hoje, eu acho que quando a gente se empodera, a gente fica um pouco mais preparada para o combate, mas também fica um pouco mais tranquila na hora do descanso, na hora do cafezinho. Muitas vezes, a gente fala no sentido de que nós, mulheres, somos múltiplas. E também a gente tem que observar um pouco esse discurso, às vezes, se colocar a todo o momento como heroína, também nos provoca muito cansaço. E também quando a gente se apodera desses conceitos, a gente também vê que dentro da luta feminista, dentro do movimento feminista, também tem várias ramificações. Quando você faz a pontuação sobre a questão do feminismo liberal, e quando a gente também vai para a parte do discurso sobre a interseccionalidade, eu acho fundamental a gente fazer esse recorte também da questão econômica, da luta de classe, que acaba nos deixando tão vulneráveis. Hoje a gente vê que a questão dos direitos trabalhistas pesa muito nos nossos ombros, como mulheres, porque direitos estão sendo tirados diariamente da classe trabalhadora, e a mulher sai em desvantagem a todo momento. Então, eu acho que a gente também precisa fazer esse recorte, saber que tem muitas mulheres que estão lá, embora esteja ocupando um espaço. E a gente vai nesse momento de combate, e acaba comprando a narrativa do outro que quer nos oprimir; a gente sabe que tem campos de debate que são também campos de confronto de ideias que acabam fazendo com que a gente também veja na outra, não como inimigas, mas que elas também têm uma narrativa de não é igual a nossa. Precisamos nos posicionar sabendo que existe grupos de mulheres que também levantam algumas bandeiras que vão no sentido contrário de um posicionamento progressista. Então, só quero parabenizar a Associação Mulheres pela Paz e parabenizar também a fala de cada companheira aqui. Seguimos na luta por um mundo mais igualitário, onde a gente possa não sobreviver, mas viver d

forma digna. - Marcilene (Riacho Fundo I / Brasília/DF)

Eu achei tão importante o quanto a Amelinha frisou a questão de nos empoderarmos dos conceitos e de estudarmos. O que eu vejo aqui no meu território, no meu país, não é só em Indaiatuba onde atualmente eu moro, mas o que eu observo é que tem uma geração mais nova que a nossa, eu completei 70 anos, que a gente faz de tudo para que esteja junto com a gente. E é muito bom quando elas aderem, e a gente também adere à luta delas. O que eu percebo? Falta reflexão, falta o estudo, falta se apropriar destes conceitos que a Amelinha falou. Quando a Vera manda os convites, eu falo, enfim, a gente faz ali a nossa lição de casa, e eu vejo que as pessoas não conseguem priorizar, elas não conseguem sair da sua bolha, sabe? Então, isso é uma coisa que exige da gente uma paciência histórica. Na nossa formação, e eu lembro da Rede Mulher de Educação, que foi uma das organizações que me formou, que me influenciou, que me preparou para chegar aqui, ela investia firmemente nisso. Eu que sou de Cebes também, as Comunidades Eclesiais de Base, naquele momento que as organizações populares de mulheres só tinham espaço da igreja, por conta da ditadura, para organizar o nosso apoio à greve dos metalúrgicos em Campinas. Nós íamos discutir sobre os nossos problemas, sobre a alta do custo de vida, sobre a nossa sexualidade, enfim, a forma com que as mulheres pobres estavam, na década de 70, sendo esterilizadas pelo sistema de saúde, sem que elas soubessem. Então, havia essa gana por formar rodas de conversa, e hoje eu vejo um ativismo que falta um pouco desse empenho, pensar sobre o que faz. E o dano disso é a desunião, é a consequência que eu estou vendo aqui no meu município. Você reforçou para mim a importância de refletirmos, de estudarmos, de nos apropriarmos, para termos mais argumentos, e junto com isso, a paciência histórica para convencer as nossas próprias companheiras de luta, bem mais jovens, mas que não são muito do ativismo, e com pouca reflexão.

Zeza (Indaiatuba/SP)

Que prazer estar aqui com você novamente! Sou a Judeti, de Ribeirão Preto, aqui junto com a Adria e com a Silvia, onde a gente tem as PLPs também. Eu refleti muito sobre a sua fala, e aliás, essas aulas têm sido muito boas, no sentido da formação que a gente, e de tudo que a gente ainda tem como desafio pela frente. A Amelinha me instiga muito. Eu vou fazer 60 anos, e desde meus 20, com os meus 30 e poucos, eu já me relacionava nos movimentos feministas, inclusive dentro da Rede Mulher de Educação. E, hoje, eu enfrento uma grande dificuldade, que passa também pelo que a Zeza acabou de falar. Eu sinto que as mulheres da nossa geração, que tiveram essa formação e essa participação dentro da sociedade através desses movimentos, estão com dificuldade de dialogar, de ter interlocução com as mais jovens, sobretudo porque tudo acontece de uma forma muito tecnológica e muito superficial através nas redes sociais. E a gente não consegue alcançar. Então, hoje eu estou vereadora, e amanhã estava quebrando a cabeça, pensando assim, como que eu ia conseguir conceitualmente, através das bibliografias, fazer alguns *points* tão interessantes quanto o de vocês. E eu comecei a fazer, fiz alguns muitos bons que eu vou mandar para a Vera, mas cheguei à conclusão que eu tenho que falar disso que eu estou vivendo nesse momento, que é uma experiência única, bastante importante e desafiadora, e que faz parte de todos os contextos, pelo menos dessas três aulas que nós tivemos. Se a gente quer que as mulheres ocupem os espaços de poder e de decisão, dos micros aos maiores espaços, a gente tem que ter mecanismo para isso. E como você bem disse, a linguagem é uma coisa muito importante. Então, para além dos diversos feminismos que existem hoje, existe a questão da comunicação.

Judeti (Ribeirão Preto/SP)



Judeti Zilli é vereadora pelo PT, em um mandato coletivo, na cidade de Ribeirão Preto, pela segunda vez. É professora da rede pública municipal, ativista feminista e educadora social feminista.



O consenso, o dissenso e a arte da negociação

Exercício preliminar *

Vídeo: História da Comunicação Não Violenta (CNV) [4:29]

<https://www.youtube.com/watch?v=rN09BjiWjc4>

Descreva um conflito vivenciado e tente transformá-lo em um episódio com a utilização da CNV.

Uma vez, andando pela rua, vi uma senhora (mãe) e um rapaz (filho) parados conversando. Ao me aproximar, ouvi a voz do rapaz alterada (aparentemente exaltado porque a senhora havia lhe dito que não tinha dinheiro para lhe dar). Vi o rosto de tristeza da senhora pedindo que ele não a maltratasse. Foi uma situação marcante, que poderia ter ocorrido de forma diferente com a aplicação da CNV, da seguinte forma:

O rapaz poderia comunicar à senhora a situação que estava acontecendo, explicar que precisava de algum dinheiro para resolvê-la.

Deveria perguntar se ela poderia ajudá-lo.

Ela responderia que lamentava, mas que não tinha dinheiro para ajudar. Ele compreenderia, ainda que lamentasse, e, juntos, pensariam em uma solução para a situação.

(Roseany Mendes)

Pessoas em espaços de poder, principalmente homens, tendem a usar da ameaça como forma de comunicar, método que poderia ser transformado em CNV por meio de um diálogo mais humanizado.
(Leticia Marques)

Em reunião de equipe, há momentos em que são direcionadas palavras negativas, até mesmo de uma forma ríspida. É necessário se expressar com clareza, fazer observações sem julgamentos, o que vai facilitar o processo de entendimento, sem imposições.
(rcpisaias@gmail.com)

* Cada um dos módulos foi precedido por uma tarefa de casa, postada na plataforma digital, contendo um vídeo e uma pergunta sobre o tema, a cargo de Vera Vieira, proporcionando a interação de ideias entre as participantes. Em cada oficina, os trinta minutos iniciais eram dedicados ao debate sobre o exercício, possibilitando a intervenção de todas as participantes, o que também foi considerado importante na capacitação para a ocupação de cargos de poder e decisão.

É bem difícil, pois fomos educadas e formadas para esses exercícios de poder. Creio que seja importante a empatia, o ouvir/ver/enxergar a outra pessoa, se colocar no lugar quando da tomada daquela atitude que consideramos não tão bacana. Creio que um bom exemplo são os conflitos entre pais e filhos. Quando partimos sempre daquilo que acreditamos estar correto, que sabemos o que melhor é para eles, que nossa experiência tem que ser sempre considerada, não ouvimos, e simplesmente determinamos as condutas, proibimos, julgamos etc. Assim, acredito que podemos utilizar a CNV ao aplicar o diálogo, que pode transformar um conflito em um espaço de ajuda mútua, de respeito e de muito aprendizado.

(Cristina Gobbi)

Em alguns momentos, me exalto quando me sinto desafiada ou imagino que estão duvidando da minha fala. Então, meu movimento é usar da agressividade para tentar me impor e não validar esse sentimento de dúvida que vem da outra pessoa. Com a utilização da CNV, eu posso filtrar esse primeiro sentimento de julgar a colocação da outra pessoa como afronte e me posicionar de uma maneira incisiva, mas mais aberta e com mais empatia ao que foi colocado sem levar como um ataque pessoal, quebrando o ciclo da dominação.

(Bárbara Bolognesi)

No ambiente escolar, um estudante veio relatar sobre assédio sofrido em sala de aula, usando, na descrição do fato, sentimentos de repulsa quanto ao docente. Para fazer o relato do episódio foi preciso muito exercício na hora da escrita, para não carregar o texto com julgamentos que eu mesma estava fazendo. Descrever apenas era meu papel, não julgar. A observação é importante na CNV.

(Rosa Barbosa)

No noticiário local de minha cidade, assisti uma matéria sobre a briga de dois trabalhadores da construção civil, pelo fato de um não ter emprestado determinada ferramenta ao outro. Contudo, iniciaram uma discussão com palavras de baixo calão e partiram para briga corpo a corpo. Um deles desferiu um golpe de enxada na cabeça do outro, causando um grave ferimento. Pessoas próximas à ocorrência, se juntaram e separaram a briga. Resultado: o agressor foi indiciado por tentativa de homicídio. Fica claro nessa situação que uma comunicação não violenta, seria a melhor opção. Um poderia ter justificado sua necessidade de pegar emprestada a ferramenta, ter aguardado ou outro terminar o que estava fazendo e seguir a rotina de trabalho normalmente. Caso ainda houvesse a negativa, poderia reportar o fato ao seu coordenador, solicitando a compra de mais ferramentas de trabalho, evitando qualquer conflito grave como este.

(Fernanda)

Não consigo pensar em um conflito neste momento, mas penso que muitos dos conflitos gerados seriam facilmente solucionados por meio da CNV.
(Vanessa)

Nossa, a CNV é incrível, porém, particularmente para mim, é muito difícil aplicá-la, tanto profissional quanto particularmente. Não me lembro de um momento específico, mas, pensando profissionalmente, mesmo levando em conta que nunca exerci um cargo de liderança, acredito que a postura de um chefe que pratica a CNV nas suas relações seja crucial para um ambiente saudável de trabalho. Por exemplo, na cobrança de atividades, na apresentação de reuniões, *feedback* para o subordinado, em momentos de maior estresse.
(Luana Cachuite)

Maria e José trabalham juntos em um projeto. Durante uma reunião, José interrompe Maria várias vezes enquanto ela tenta apresentar suas ideias, o que gera frustração e descontentamento por parte de Maria. Maria diz a José: “Na reunião de hoje, percebi que você interrompeu minha apresentação várias vezes, e não consegui concluir minhas ideias. Quando isso aconteceu, senti-me frustrada e desvalorizada, pois queria compartilhar meu ponto de vista. Preciso que minhas ideias sejam ouvidas e respeitadas, assim como a sua voz também é importante para o nosso trabalho em equipe. Você se importaria de me ouvir até o final da próxima vez que apresentarmos algo juntos? Isso ajudaria a criar um espaço mais colaborativo para nós dois.” José, ao ouvir Maria, reflete sobre seu comportamento e reconhece que não estava consciente de como suas interrupções afetavam a dinâmica. Ele responde: “Peço desculpas. Não percebi que estava interrompendo. Agradeço por me avisar. Na próxima reunião, farei um esforço para ouvir você até o final.” Com essa abordagem, Maria conseguiu expressar suas necessidades sem acusar José, e José teve a oportunidade de se sentir respeitado e ouvido. O diálogo se transformou em uma oportunidade de crescimento para ambos, fortalecendo a colaboração na equipe.
(Silvia)

Em uma reunião com pessoas que exercem cargos comissionados, o prefeito falando com rispidez, e até mesmo mandando alguns funcionários calarem a boca, dizendo que era ele quem mandava. Isso poderia ter sido diferente se ele tivesse empatia pelo próximo, pois, da mesma forma que ele quer respeito, ele precisa respeitar.
(Gisa Nascimento)

Já vivenciei várias situações de conflito que poderia narrar, entretanto, o vídeo me mobilizou a observar, refletir, sobre como me sentia e reagia diante dessas situações. Inicialmente, quero dizer que hoje compreendo o conflito como um fator natural e salutar nas relações, pois sinaliza que algo precisa ser revisto, através de uma interação respeitosa e empática. E que uma das formas da violência é o conflito que faz a outra pessoa se sentir intimidada, discriminada, diminuída, humilhada. Minha experiência com esse tipo de violência impactou minha auto-estima e auto determinação. Foi participando de grupos de mulheres, entrando em contato com o pensamento feminista e terapia, que, gradativamente, fui me apropriando de uma outra forma de lidar com a violência na comunicação. O que antes me levava a revidar, próprio da cultura da violência, hoje já consigo respirar e encontrar, naquele segundo de raiva, uma forma de lidar com a situação. Nem sempre consigo, mas estou mais atenta.

(Zeza)

Como voluntária de atendimento ao público, às vezes, os beneficiários dos serviços perdem a paciência, e tenho que aplicar os recursos obtidos depois de passar por terapia. As pessoas oferecem o que têm para oferecer, os processos são diferentes do meu. Todas as pessoas têm suas complexidades. As atitudes e ações das demais pessoas não podem me tirar a paz. Eu respiro fundo e mudo o foco.

(Yormery J. Lopez Bello)

Fui também Conselheira Tutelar, trabalhei muito com CNV com pais, principalmente dentro da Escola de Pais. Até hoje, no dia a dia com os atendimentos, muitos pais e filhos ainda não têm noção do que seja a CNV.

(Ive Freitas)

Quem sou eu?

Sou Judeti Freitas Pimenta Zilli, 59 anos, mulher, parda, periférica, mãe de três homens, uma neta, professora aos 40 anos, educadora social popular desde os 20, forjada nas Cebts [Comunidades Eclesiais de Base], movimentos sociais de mulheres feministas, na educação. Desde 2020, vereadora, criadora e representante oficial de um mandato coletivo, inspirado nas primeiras experiências de conselhos tutelares no Brasil, reeleita agora nas últimas eleições de 2024, pelo Partido dos Trabalhadores.

Representatividade e ampliação democrática, como incentivo à participação política das Mulheres

Não existe democracia sem a participação das mulheres. De acordo com o *National Democratic Institute*, apenas 20% das parlamentares de todo o mundo são mulheres. Portanto, vale pensar: *O que é o Poder? Por que as mulheres têm tanto medo e se afastam dos espaços reconhecidamente de poder? A ocupação desses espaços ainda é desafio; a permanência também. Quais mecanismos poderíamos acionar individual e coletivamente para nos fortalecer nesses*

espaços? Você sabe como identifica-los?

A representatividade das mulheres na política é um indicador crucial da saúde democrática de um país. Com a participação ativa das mulheres nos processos políticos, as políticas públicas refletem melhor a diversidade e as necessidades da população. Isso ocorre porque as mulheres tra-

zem perspectivas únicas e experiências de vida distintas, que enriquecem o debate e a formulação de políticas. Sem a participação equitativa das mulheres, metade da população permanece sub-representada, o que compromete a legitimidade das instituições democráticas.

Mas como sabemos, no meio do caminho ti-

nha uma pedra, tinha muitas pedras....

Com a divisão sexual do trabalho no capitalismo e patriarcado, as mulheres ficaram até há algumas décadas

A representatividade das mulheres na política é um indicador crucial da saúde democrática de um país. Com a participação ativa das mulheres nos processos políticos, as políticas públicas refletem melhor a diversidade e as necessidades da população.

restritas ao espaço doméstico. As lideranças comunitárias alçaram voo, porém limitantes, uma vez que as decisões permanecem sob atributo e papel do homem. A jornada de trabalho triplicou, quadruplicou em muitos casos. Mais de 30% das mulheres são arrimos/ chefes de família.

Mulheres, mulheres negras, LGBT, indígenas, periféricas vêm ocupando espaços de poder institucional, mas ainda é pouco! Menos de 20% das parlamentares no Brasil são mulheres, em pleno século XXI.

Por que então ocupar os espaços de poder

e decisão?

De modo geral, as mulheres têm mais paciência nos relacionamentos. Elas sabem utilizar melhor o tempo, o que significa que nas negociações *não vão com muita sede ao pote*. Estes traços femininos podem ajudar as mulheres a ganhar mais *informações* nas reuniões e contatos que estabelecem o que é determinante para levar adiante negociações bem sucedidas.

As mulheres têm maior disposição para perseguir

objetivos. Um estudo de Karl Robinson, da North-Western University, demonstrou que os homens mudam de ideias três vezes mais frequentemente que as mulheres. Isto

significa que as mulheres lutam muito mais pelo que desejam e, quando tomam uma decisão, relutam em mudá-la. Por isso, ao que parece, analisam com muito mais cuidado os desdobramentos e as repercussões das alternativas existentes.

As mulheres têm maior necessidade de sociabilidade, por isso desenvolvem qualidade de percepção e observação mais sutis. Esta característica das personalidades femininas

provém do interesse e do cuidado que as mulheres têm com os sentimentos alheios. Elas são capazes de uma maior reverência à vida e desenvolvem uma percepção mais aguçada das pessoas e situações humanas, provavelmente, em decorrência de serem dotadas para a maternidade.

Mas, o que vivem as mulheres que ultrapassaram o limite das fronteiras patriarcais? A discriminação de gênero é uma das principais barreiras para a participação das mulheres na política, imputando severas punições àquelas que ousam ocupar espaços de poder e decisão. As discriminações de

A discriminação de gênero é uma das principais barreiras para a participação das mulheres na política, imputando severas punições àquelas que ousam ocupar espaços de poder e decisão.

gênero na política se valem da desqualificação das mulheres como sujeitas que não têm condições, capacidades e qualificações para estar nesse espaço.

Nesse processo, várias imagens de controle são acionadas, como por exemplo, acusações misóginas de que as mulheres não são racionais, que se deixam levar pelas emoções e que não têm pulso para gerir a política. Esses estereótipos prejudicam sobremaneira o exercício político das mulheres. O principal objetivo é impedir a entrada e a permanência das mulheres nos espaços de poder e decisão.

Precisamos, com um caleidoscópio, olhar para dentro das formas de como se dão os relacionamentos humanos. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher - no trabalho, na vida pública, na educação -, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que estas últimas tenham liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

O empoderamento feminino é um processo tanto coletivo quanto individual que vem sendo discutido há

algum tempo. As mulheres precisam fortalecer o poder de ação, de voz e de participação. Na constituição de formação da educação popular feminista, os micros espaços de poder são relevantes.

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher - no trabalho, na vida pública, na educação -, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que estas últimas tenham liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

O Consenso, o dissenso e a arte de negociação

Vamos agora recorrer a alguns temas que norteiam os espaços políticos. Como isso acontece em nossos espaços? E a linguagem conceitual, as palavras que enfrentem nossa invisibilidade? A rede de proteção às mulheres é fato ou sonho? E como está nossa capacidade de

resolver conflitos, dialogar com as diferenças, não aceitar as práticas de violências, todas, especialmente de linguagem, simbólicas, entre outras? Como conseguir concordância ou unanimidade de opiniões, raciocínios, crenças, sentimentos etc. em um grupo de pessoas? Como tomar decisão, ter opinião, realizar uma deliberação comum à maioria ou a todos os membros de uma comunidade?

Vamos nomear alguns conceitos bastante utilizados nas lutas, tanto em âmbito pessoal como coletivo.

Consenso significa concordância ou unanimidade de opiniões, raciocínios, crenças, sentimentos, etc., em um grupo de pessoas; decisão, opinião, deliberação comum à maioria ou a todos os membros de uma comunidade.

Um dos aspectos mais marcantes e mais surpreendentes da história política das últimas décadas foi a decadência do **conflito**. Ou seja, a democracia representativa enfatiza o valor, a necessidade e possibilidade do consenso. E isso ameaça substancialmente a arte do diálogo, visando à imposição religiosa, moral, negligenciando a importância do conflito e suas resoluções coletivas e éticas, não meramente morais.

Seria então a base consensual promotora do vazio discursivo, reflexivo, em prol da unanimidade ainda que imparcial?

Ligado à ordem, o termo consenso remete para à noção de contrato, na sequência de uma tradição (Santo Agostinho, Hobbes, Locke, Rousseau), em que o contrato implica o acordo de várias vontades.

A ética do consenso é um conjunto de práticas exercidas

pelo indivíduo com a consciência de sua inclusão social, em seus múltiplos papéis e funções, objetivando a sua realização pessoal. A exigência de consenso e, mais ainda, de um

consenso fundado na razão, é uma ameaça à desocupação do lugar do poder. O foco está, segundo Raws(1971), no valor da imparcialidade, que ele apresenta como o véu da ignorância, “que impede que cada pessoa conheça sua posição na sociedade.”

Percepções da política e da democracia que enfatizam o valor, a necessidade e a possibilidade do consenso ganharam proeminência a partir dos anos 1980,

deslocando em primeiro lugar as narrativas centradas na ideia de dominação, mas também para atingir o pluralismo liberal que até então ocupava uma posição hegemônica.

Um tema recorrente do pensamento político, ao menos desde o século XVII, é o fato de que os interesses são os principais empecilhos para o pleno exercício da razão.

A política pensada como dissenso é o da emancipação

As mulheres nunca devem perder de vista o paradoxo que lhes é constituinte, o que significa compreender que seu vínculo com a política se dá pela instauração de um

A exigência de consenso e, mais ainda, de um consenso fundado na razão, é uma ameaça à desocupação do lugar do poder. O foco está, segundo Raws(1971), no valor da imparcialidade, que ele apresenta como o véu da ignorância, “que impede que cada pessoa conheça sua posição na sociedade.”

dissenso.

OU seja, cabe aqui a máxima Freireana, Marxista: é conhecendo nossa realidade com pertencimento e ciência de classe, gênero, etnia entre outros marcadores sociais interseccionais, que poderemos, de forma individual mas sobretudo Coletiva e Política. intervir e transformar as relações humanas de forma sistêmica, cultural, histórica, sobretudo econômica.

E sobre o dissenso, o que teríamos, então?

[Jurídico] Abandono de um ou mais contratantes antes de um contrato firmado vencer. Etimologia (origem da palavra dissenso). Do latim *dissensus*.

Dissenso é sinônimo de: dissenção, discórdia, oposição, conflito, inconformação. O dissenso põe em jogo, ao mesmo tempo, a evidência que é percebida, pensável e factível, a divisão daqueles que são capazes de perceber, pensar, modificar as coordenadas do mundo comum. Por isso, o movimento feminista transgride, se opondo, resistindo, ressignificando a ordem estabelecida pelo patriarcado. Nossa ordem primeira é: “Despatriarcalizar”.

A luta pelo protagonismo feminino na política é um dissenso contra a ordem hegemônica. E a arte da negociação das correlações de forças (dentro e fora dos partidos), da educação popular como mote de resistência ao patriarcado, capitalismo, racismo, exploração, dominação e submissão das mulheres?

A negociação está presente na vida de todas as pessoas. Afinal, o ser humano já começa a negociar desde que nasce. Quando chora, por exemplo, está negociando com a mãe, um meio para conseguir alimento ou carinho. E isso poderá definir, segundo a psicanálise, que personalidade de adulto poderá ter, ou não. A negociação permeia todas as dimensões de nossas vidas: em casa, na igreja, no trabalho, na Política e afins.

As geniais contribuições de Maquiavel, há cinco séculos, permanecem válidas: o conflito é o indício de que há liberdade, de que os interesses de uma parte não subjugaram inteiramente os de outra. O antagonismo político é, assim, uma manifestação de resistência aos padrões de dominação vigentes na sociedade.

É preciso destacar que quando as articulações políticas ocorrem fora dos espaços institucionais vigentes, a ação

*Por isso,
o movimento feminista
transgride,
se opondo,
resistindo,
ressignificando a ordem
estabelecida pelo patriarcado.
Nossa ordem primeira é:
“Despatriarcalizar”.*

política dos dominados tem um caráter apenas da negação do mundo existente, sem incorporar qualquer programa efetivo para seu reordenamento.

Não é preciso aderir a nenhum irracionalismo filosófico, para aceitar que a recusa a um mundo iníquo [contrário à

equidade] e o esforço para impedir que ele se reproduza, não perdem seu valor por estarem desacompanhados da planta baixa do mundo novo. As grandes transformações históricas tiveram como ponto de partida a negação do presente, não o projeto do futuro.

Referências Bibliográficas

BARRO, Lucia Dias Costa – **Feminismos e as poéticas do dissenso: Os caminhos da política como dano a partir de Jaques Rancière**; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Agosto de 2023, https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_26f680d17672a33ab86e4942d44a3eae, acesso em 16 de outubro de 2024.

CHERFREM, Carolina Orquiza e outros – **Feminismo Dialógico: Diálogo possível entre diferentes identidades para a superação de desigualdade de gênero**; https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278029520_ARQUIVO_CHERFEM_artigo_modelo.pdf, acesso em 16 de outubro de 2024.

FERNANDES, Geovana Faza da Silveira e SALLES, Sérgio de Souza – **o papel estruturador do dissenso nas democracias contemporâneas: um diálogo necessário entre a teoria política do dissenso e a ideia de democracia radical**. Synesis, v. 14, nº 2, p. 135-174, ago/dez 2022, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil, <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2271>, acesso em 16 de outubro de 2024.

MIGUEL, Luis Felipe – **Consenso e conflito na teoria democrática para além do “Agonismo”**, www.scielo.com.br, acesso em 16 de outubro de 2024.

ROCHA, Welitania de Oliveira – **O Protagonismo das Mulheres: passos para a atuação política das mulheres em espaços de poder e decisão**. Fundação Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, Brasília, 2024, www.enap.gov.br, acesso em 16 de outubro de 2024.

SOUZA, Jesse de – **Democracia Hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Editora Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2001



DEBATE AO FINAL DA OFICINA

A maioria aqui é da geração dialógica, não é da geração digital que nasceu no final dos anos 1990.

Eu vou falar sobre dois aspectos dessas oficinas de capacitação, que estão diretamente ligados à qualificação para se ocupar e transformar os espaços de poder e decisão. O primeiro tem a ver com a plataforma digital e as dificuldades que as pessoas têm encontrado, que são dificuldades completamente normais que vêm surgindo. Nós, mulheres, não fomos socializadas para usar tecnologias, então, quem tem acima de 45 anos é ainda da era analógica. Vejam algumas estatísticas: as mulheres são as que mais conseguem diploma universitário nesse país; há muito mais mulheres com diploma universitário do que homens e, no entanto, são só 15% que se formam na área de tecnologia, nos cursos relacionados aos chamado CTEM [sigla em inglês] - Tecnologia em ciência, tecnologia em engenharia e matemática -. As mulheres são só 22%; elas eram mais nos anos anteriores, mas está caindo. E no mercado de trabalho de TI – Tecnologia da Informação as mulheres são só 20%. A tecnologia não é neutra, então, é importante a gente estar nessas áreas, a gente desbravar esse caminho, por mais que a gente encontre empecilhos nesse caminho. Qualquer dificuldade com nossa plataforma, basta entrar em contato conosco.

Vamos explorar tudo o que tem na plataforma, tem todos os materiais, navegar em tudo o que tem. O segundo aspecto que eu queria enfatizar aqui tem a ver com a parte inicial e final da oficina. Quanto eu desenhei esse curso, previ a importância de todas as participantes se expressassem. Eu me lembro de quando eu comecei a falar em público, eu tinha medo do microfone e quando eu tinha uma palestra, parecia que estava indo para a força. Então, por experiência própria, posso dizer que é uma questão de prática; faz um dia, faz outro dia e vai melhorando. Trata-se de um ativo fundamental para que as mulheres ocupem e transformem os espaços de poder e decisão. Há dois termos em inglês - *maninterrupting* [interrupção desnecessária de uma mulher por um homem] e *mansplaining* [quando um homem explica coisas óbvias às mulheres, muitas vezes com um tom como se ela não fosse intelectualmente capaz de entender algo]. Então, vejam só como é importante pegar o microfone.

E é por isso que essa parte inicial e final também fazem parte dessa nossa capacitação.

Nós, da coordenação e as palestrantes, estamos aqui para ouvir vocês, com toda essa diversidade, gerações diferentes, regiões diversas deste país. Vamos ocupar os espaços de poder e decisão!

(Vera Vieira)

Boa noite. Eu peço desculpas, porque no primeiro dia acho que eu fiquei um pouco ansiosa e não me apresentei. Então, meu nome é Sílvia, eu sou doutoranda do programa de pós-graduação e sou formada em matemática pela Unesp de Rio Claro. Para mim, é um prazer enorme estar aqui com vocês, aprendendo muito durante esses dias, está sendo um presente. Essas aulas todas estão mexendo muito comigo, e agora vocês vão entender o porquê. Então, esse vídeo especial foi muito importante. Aquela história que eu respondi lá na plataforma como fictícia, coloquei Maria e José, na verdade a Maria sou eu, mas ela não aconteceu da forma como está escrito lá, porque lá eu adaptei de acordo com os princípios da comunicação não-violenta. Então, lá havia a forma como eu gostaria que tivesse acontecido. Antes de começar, eu queria falar que isso não aconteceu comigo, nem uma, nem duas, nem três vezes. Aconteceu durante a minha vida, muitas vezes, de eu ter sido agredida em lugar de fala. É por isso eu tenho um pouco de receio e dificuldade de falar. Esses dias todos eu quis muito falar, mas eu não consegui... Mas você falou várias vezes... Falei pouco, eu tinha que ter falado muito mais ontem com a Amelinha, eu queria ter falado tanta coisa para ela e eu não consegui. Mas hoje eu falei, vou ser a primeira, porque aí não tem como fugir. Então, eu estou aqui fazendo um enfrentamento, tá gente? Então, eu queria colocar para vocês a situação. A situação verdadeira foi assim: eu e mais três colegas estávamos trabalhando num projeto em que eu estava mais à frente. Eu estava mais à frente e um outro colega que estava mais à frente, então seria Maria e José; e esse colega fez algumas coisas na escrita e eu não concordei. Eu questionei numa reunião que a gente marcou, e ele não concordou com os meus questionamentos, levantou-se e foi embora. E ficou como se eu tivesse feito questionamentos inadequados. A outra mulher que estava ali era uma menina bem mais novinha, ela ficou quieta, não falou nada. O outro homem que estava no ambiente falou para mim que eu não podia ter falado, que eu tinha que ter ficado quieta. Então, eu disse que o projeto era nosso, nós estávamos trabalhando no projeto, meu nome tá aqui, eu não concordo. E aí, como ele foi embora, acabou a reunião e eu fui embora chateada. E o que aconteceu? A gente tinha que apresentar esse projeto depois. Aí o que que eu fiz? Eu falei, então, é o seguinte, aquela parte que eu questionei, você foi embora, você vai apresentar. Eu não vou apresentar essa parte. E aí ele foi, apresentou e a professora que estava assistindo a apresentação falou para ele voltar nesse ponto aqui. E aí ela fez os mesmos questionamentos que eu fiz na reunião. E aí ele teve que mexer nessa parte. Mas eu gostaria que tivesse sido da forma como eu escrevi lá; eu gostaria que ele tivesse ouvido, tivesse me deixado falar, tivesse refletido e que a gente pudesse chegar num consenso, que a gente pudesse crescer juntos. Mas não foi isso o que aconteceu. E esse tipo de situação já aconteceu muitas vezes na minha vida, muitas vezes. Então, para mim, o falar em público é um enfrentamento, um sofrimento, mas é também uma libertação. Isso em função de situações em que eu já fui ridicularizada, agredida, em lugar de fala. E o vídeo me ajudou muito. O curso também está me ajudando muito, então, eu sou e serei sempre muito grata.

É isso que eu queria falar. Muito obrigada! (Sílvia Raquel - Santa Rita do Sapucaí/MG)

Eu percebo que, às vezes, eu sou igual à Silvia. Eu acho que a mulher está sempre sendo desafiada quando ela fala, está sempre tendo que, não só se justificar, mas tem que ter o embasamento, tem que ter sempre um TCC na cabeça. Quando a mulher vai falar, tem que ter tudo certinho, porque senão levanta muita dúvida, pois é muito fácil duvidar do que ela fala. Eu acho que por conta disso, às vezes eu acabo me sentindo sempre nessa coisa de duvidar do que eu vou falar. Às vezes, é só uma troca, mas eu vou sempre por esse caminho de estar na defensiva. Então, eu acho que isso é um sentimento que tem muito a ver com o fato de ser mulher. Eu acho que a mulher está sempre sendo colocada em todas as situações. Isso me levar para a defensiva, de querer me provar. E, às vezes, nem precisa. Eu não devo me provar para as pessoas.

(Bárbara - Santo André/SP)

Eu não conhecia o termo como tal, comunicação não-violenta, mas acho que a pratico porque eu faço terapia e às vezes trabalho com o público também, pois sou voluntária de uma organização de base comunitária que faz atendimento com migrantes. Eu sou migrante venezuelana e eu trabalho diretamente na área de documentação, então, às vezes, tem um pessoal que fica estressado. A internet aqui, às vezes, recarrega e extravasa a demanda. O processo de documentação migrante, às vezes, é estressante. E vêm aquelas pessoas que têm suas prioridades, muitas pessoas doentes, pessoas com câncer, elas querem se regularizar para conseguir o tratamento, para conseguir fazer as coisas cotidianas de regularização migratória. Quando me perguntam como eu consigo lidar com tudo isso, eu digo que eu jogo para o espaço, porque eu tenho que me colocar no lugar dessas pessoas, pois o processo migratório é desafiador. Agora, meu trabalho parece fácil, porque eu já faço isso como voluntária, já estou inserida, já sei os processos, já consigo dar orientações. Eles acham que eu já sei tudo, sendo que eu sei que não. Eu respeito os processos de cada um e respiro, mudo o foco, tento dar a volta. No ambiente de trabalho, a gente também tem que se adequar e ter um comportamento profissional. É uma tarefa difícil. Aí, eu respiro fundo e depois trabalho na terapia, choro, é parte disso...

(Yormery - Rondônia)

A comunicação não-violenta, particularmente, é algo que me interessa muito. Eu já li o livro, pratico na terapia. É algo que eu sempre estou conversando com minha terapeuta, mas é um aspecto na minha vida, assim, muito difícil de implantar. Não sei, talvez seja uma questão de defensiva. Eu não me lembrei de algo específico, na hora de fazer o exercício na plataforma. Acho que a comunicação não-violenta deve ser implantada em todas as formas de comunicação. Mas aí eu pensei, assim, num cargo de liderança. Eu acho que, por exemplo, eu trabalho no serviço público. Então, se um chefe ou uma chefe implanta a comunicação não-violenta, passa a ser muito mais interessante aquela rede de comunicação que tem ali, flui muito melhor. Por exemplo, a gente não vai falar, apontar. O pouco que eu sei sobre a comunicação não-violenta não é você falar do outro, mas você falar como você se sentiu, como você viu aquilo. Só que a gente tem a tendência sempre de trazer, de levar para o outro: 'eu percebi que eu achei que você é assim, eu achei que você não fez porque você postergou alguma coisa no trabalho'. Acaba, como eu disse, que é uma prática diária. Parece que a gente, ao longo do tempo, das décadas, tem esse processo de mais apontar para o outro. E a gente precisa reaprender a olhar pra gente e falar dos nossos sentimentos. 'Olha, eu me senti triste, eu me senti decepcionada'. Só que a tendência é não falar. Então, assim, é algo, bom, não sei, para mim é muito difícil fazer esse processo, é como reaprender a me comunicar de uma forma muito mais saudável.

(Luana - Viçosa/MG)

Eu queria perguntar, na verdade, para a Judeti. Ela fez uma fala sobre a importância dos movimentos, sejam os sociais, os feministas, enfim, de exercer pressão para que algumas propostas consigam ser rejeitadas ou aprovadas na Câmara. A rua, o espaço público, é um espaço político e é um espaço importante para que nós, dos movimentos, dos mais diversos, nos posicionemos, haja vista a Marcha das Margaridas. É um evento que a gente espera acontecer todo ano. Aqui em Campinas, completou 30 anos, no 7 de setembro, a Marcha dos Oprimidos, quando todos os movimentos sociais se reúnem, os partidos, as frentes de esquerda, num só bloco para poder dizer nessa data importante o que se pensa. Mas eu queria ouvir uma experiência da Judeti: em que momento você, nesses quatro anos de Câmara, conseguiu uma presença que foi fundamental para a aprovação ou rejeição de alguma lei.

(Zeza - Indaiatuba/SP)

Boa noite, eu quero agradecer por essa oportunidade. A minha principal dificuldade é que eu nunca tive coragem, nem vontade, nem interesse de assinar uma ficha de um partido político. Embora eu faça política todos os dias desde que era menina. E então eu quero parabenizar às diversas militantes partidárias com mandatos ou que disputaram mandatos. Eu acho muito importante o que vocês fazem, que acaba por nos fortalecer. Hoje à tarde, eu participei de uma festa literária, no Sesc, em uma programação muito potente e muito importante. Uma escritora, amiga minha, que participou da mesa fez toda uma apresentação, dizendo que tem oito livros publicados. E ali estavam mais dois escritores, sendo um deles editor também, um amigo muito querido. Mas todos eles só falaram de autores. E aí, quando foi aberto para fala, eu fiz um grande elogio a ela, porque ela tem qualidade literária, mas questionei o fato de ela ter falado que ela ainda não era uma autora, enaltecendo o outro que estava compondo a mesa com ela. E toda a fala dela foi no sentido de que ela ainda não tinha se sentido uma autora. E aí eu pedi que eles citassem mulheres autoras. Aí, ela, principalmente, trouxe brilhantemente, algumas autoras e um rico histórico. E os homens, os dois, tiveram uma dificuldade muito grande de falar sobre autoras. Então, o que eu estou querendo dizer, é que a gente realmente precisa muito estar nesses espaços. Por isso, eu agradeço quem tem essa coragem e essa disposição para ocupar esses lugares. Obrigada.

(Leila - Taubaté/SP)

Olá, boa noite a todas, me apresentando um pouquinho, eu sou Talyta, sou psicóloga, sou cearense, mas moro aqui em Macapá. Conheci a Vera e a Clara, da Associação Mulheres Pela Paz, quando elas vieram pra cá para discutir sobre tráfico de pessoas. Na época, eu era coordenadora do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. Saí de lá, mas continuo na militância. Fiz um mestrado, fazendo um recorte de dez anos da Política de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas aqui no Amapá. Continuo nesse segmento, trabalhando nesse enfrentamento à violência contra a mulher, voltada para o tráfico de pessoas, com muito coração.

Em primeiro lugar, quero agradecer e parabenizar esse evento, porque é maravilhoso. Acho que antes de ontem, alguém falou que a gente estava sem motivação. E vocês chegaram com esse evento. E a gente está voltada para uma guerra do bem, uma guerra de amor, de paz, de fraternidade, e eu fui muito atingida, contaminada, literalmente por essa emoção e essa garra, pois eu estava muito angustiada por não estar fazendo muita coisa. Eu preciso fazer alguma coisa aqui na região do país, estamos na fronteira, tem um problema sério de violência, feminicídio e etc e tal. Então, quero parabenizar, porque essa discussão é extremamente importante. Eu, antes, chefiar o psicossocial da Polícia Civil, então, na época eu era mais jovem, na faixa dos 30 anos; hoje eu tenho 42, mas imagina, uma menina de 30 anos chefiando o psicossocial da Polícia Civil... Tenho muito orgulho dessa trajetória porque eu me posicionei mesmo sendo muito jovem. Sofri e enfrentei cinco ameaças de prisão por delegados porque eu me posicionava. Claro que todos eram homens. Então era sempre aquela coisa que não deixava eu falar, me cortava... E eu fui aprendendo a me posicionar e dizer: 'eu ainda não terminei, doutor, me aguarde, por favor'. E eu fui tendo algumas ameaças de prisão. Eu só tive medo na primeira vez, depois não tive mais. Trabalhando no enfrentamento ao tráfico de pessoas, as organizações são muito articuladas e muito envolvidas, com todas as demandas sociais. Esse curso, essa formação, é excelente. Eu estou encantada com a diversidade das mulheres. Isso é muito importante para as reflexões, para o aprendizado e para voltar a acender aquela chama de que a gente precisa realmente fazer alguma coisa. Como disse uma colega antes de ontem, a sensação que eu tenho é que não vai dar tempo, e eu tenho essa sensação também porque tanta batalha, tanta luta, os tempos estão tão difíceis que eu tenho essa sensação. Mas, quando eu olho para vocês e outras mulheres que abriram esse caminho, e nós nos incluímos, e me incluo, é revigorante.

Então, muito obrigada, muito obrigada mesmo! Vocês não têm noção da diferença que vocês fazem!

Talyta Pontes (Macapá/AP)

Eu vou fazer uma pontuação. Eu achei, assim, bem interessante porque pega um pouco do gancho da nossa formação formal, já que estamos com mulheres de várias faixas etárias. Então, é maravilhoso pensar nessa vivência, nessa troca, a gente vendo pessoas aqui que não tinham o primeiro contato com a era digital. E até a questão da temática abordada na pergunta para esse encontro, da questão de descrever, assim, um conflito. Eu não vou nem me deter tanto à questão do conflito do nosso dia a dia, porque a gente sabe que aqui no Brasil, são várias camadas, questões bem complexas, mas eu acho que um dos carro-chefes que a gente vivencia hoje é a questão do conflito no espaço digital. E isso é muito caro para a gente, porque vemos no cenário mundial questão de rumos políticos sendo definidos por comportamentos, a gente vê discursos de ódio, gabinetes de ódio sendo implementados. A Judeti coloca um ponto crucial, que me faz pensar diariamente. No local de fala, a esquerda, pessoas com ideias e ideais progressistas... Parece que a gente vem no atraso, a gente não consegue se sintonizar. Tem a importância da questão da base, como uma autocrítica. O que será que acaba distanciando a gente da base?

Porque a gente tem a sensação que, nesse discurso de ódio que a extrema direita propaga, parece que ela consegue acessar essa camada. Chega onde o poder do Estado não está presente com políticas públicas. Acho que uma das grandes ferramentas para isso que eles utilizam são os fundamentalistas religiosos. É uma mão fortíssima para chegar a essa base, a essa camada da população brasileira que é tão carente. E porque que parece que os políticos de ideias progressistas só conseguem enxergar a base no momento das eleições? Parece passar esses quatro anos de costas para eles, retornando esse olhar para a base quando vai precisar do voto.

(Marcilene - Riacho Fundo I / Brasília/DF)

Boa noite a todo mundo. Então, eu sempre fico tentando levar a teoria para a prática, para a vida. E aí, assim, acho que há algumas coisas bem importantes que foram ditas até para a prática, ontem. E uma das percepções de hoje também, que é uma das coisas óbvias: mulher votar em mulher. Aí, eu fiquei pensando: será que a gente não tem que ler mais autoras mulheres também? Eu leio muito, eu gosto de ler muito, e se eu for olhar aqui talvez tenha mais literatura de homens do que de mulheres. E uma coisa que a Amelinha falou ontem, quando a gente for fazer uma pesquisa, da importância de também buscar referência em mulheres. É o que as mulheres negras sempre dizem do lugar de fala, que sempre teve pessoas negras estudando o racismo, mas as pessoas brancas que estudavam o racismo sempre tiveram muito mais visibilidade do que as pessoas pretas. Então, eu acho que isso é um cuidado que a gente pode ter no nosso dia a dia. Claro, votar em mulheres, acho que todo mundo aqui votou, não sei, mas esses cuidados mesmo, de opções onde a gente se valorize, porque somos maioria, mas somos minoria nos espaços de voz e de poder. E só uma última coisa que eu fiquei pensando muito, porque hoje teve a caminhada com o Boulos, a caminhada das mulheres lá no centro da cidade. Então, eu fui e encontrei muitas mulheres, muito interessantes, foi bem legal, tal, aí a gente caminhou com Boulos, depois paramos para ouvi-lo. Ótimo, beleza, vamos, queremos o Boulos, não queremos de jeito nenhum o Nunes, mas é um homem falando, entende? E eu falei, poxa que pena, podia ser uma mulher, a gente podia estar, nós, mulheres, lutando por uma prefeita mulher, porque isso faz muito a diferença. A Marta não foi? Eu não vi a Marta lá, eu acho que quem estava lá era a Cida Gonçalves, que falou pelas mulheres, mas o que eu estou falando é que eu acho que a gente tem tanta força. Tinha tantas mulheres tão boas lá, e aí, assim, é ainda um homem que tá falando sobre as nossas necessidades, sobre o que nós precisamos, o que ele vai fazer pra nós se ele assumir prefeito. Beleza, é o Boulos muito melhor, porque é um homem progressista, de esquerda, mas, gente, até quando a gente vai se reunir, gritar pra ouvir um homem falando? Isso me incomoda um pouco... É difícil quebrar essas barreiras, ainda foram muito poucas vereadoras e ainda tem muitas mulheres que continuam votando em homens, apesar de a gente está super, super, super representadas. Então, eu acho que a gente também precisa estar atenta, no dia a dia, nas nossas escolhas, nas nossas referências. Sei que não é fácil, mas só estou pensando aqui...

(Patrícia Negrão - São Paulo/SP)

Muito bom estar com vocês, mais uma vez, se analisando bem profundamente.

Eu já tive um debate no ICL, que falava sobre como a esquerda recuperar os espaços perdidos durante os anos que nós tivemos recentemente. E aí se fala muito sobre a linguagem utilizada pelos movimentos, de esquerda e de direita, como eles se comportam, onde vão buscar apoio. Aí, eu estava visualizando como a direita entrou tão massivamente nas vidas das pessoas, com tanta facilidade, com tanta orientação e resultado. Eu fico vendo a questão da tecnologia. Há um desequilíbrio, com a direita toda envolvida na tecnologia, com as *fake news*, com os gabinetes dando apoio. E a esquerda ainda engatinhando na questão. A esquerda precisa se aproximar da comunicação tecnológica, precisa se aproximar da comunicação de massas. Então, eu vejo que houve um crescimento, mas ainda está aquém. A linguagem precisa ser melhorada no sentido comum, e não acadêmico. Uma linguagem popular que realmente chegue mais fácil e mais contundente, né. Havia figuras, lideranças bem conhecidas no nosso meio, e da nossa vivência, que nos ajudam e nos estimulam também, que incentivam ainda mais. Então, dentro desse grupo, também se fala muito em intensificar as suas representatividades nas bases, e com uma linguagem mais acessível. Uma coisa que eu achei bem interessante é que falam em linguagem agressiva, porém, afetiva. Agressiva não no sentido de agredir, mas de ser firme e objetiva, porque as lideranças da turma patriarcal querem engolir, eles querem massacrar, eles querem passar por cima, querem calar.

Então, a linguagem mais objetiva e assertiva é a ideal.

(Neti Navarro - São Paulo/SP)

Parabenizar pela fala tão importante da nossa companheira. Eu queria compartilhar algumas falas aqui, Vera. O que muito me tocou, com relação aos movimentos, com relação à vivência que eu tive há vinte anos atrás na candidatura à vereadora aqui no meu município. A Silmara falou que a gente anda descalça, e é verdade. Quando hoje foi falado com relação à filha D, a neta D, a mulher D, isso é muito recorrente, é recorrente, desculpe a redundância. A gente vive isso em todos os pleitos eleitorais. Isso se repete. E aí eu faço uma auto análise: como a gente enfrentar isso, de que forma buscar estratégias para que a gente consiga, avançar. Eu digo, porque não foi frustrante a minha vivência, mas eu vi uma face terrível do ser humano. Na época, eu era de movimento, mas eu trabalhava em organização social, e foi uma luta. Eu fazia comícios, e aqui é uma metrópole com quase um milhão de habitantes. Enquanto eu fazia comício com um monte, um bando de homens machistas, desrespeitosos, eu era uma das poucas mulheres. Mas eu tentava ir... Naquela época, eu não tinha ainda esse conhecimento e essa vivência, esse acúmulo de experiências como hoje eu estou tendo com vocês, então, era muito difícil para mim. E o candidato que tinha maioria, tinha uma filha que veio na primeira candidatura também. Ele fazia o seu comício VIP e eu segurava as pontas até ele chegar com ela e finalizar. Foi prefeito aqui também. Eu acabei desenvolvendo uma amizade com a filha dele que faleceu há um mês de câncer. Essa vereadora estava para ir para o seu terceiro mandato. Foi muito rápido, porque ela descobriu a doença e morreu depois de alguns meses. Depois de oito dias da morte dela, o avô, que foi prefeito, colocou a neta para disputar o pleito. Uma jovem que a gente via que aquilo não era uma coisa espontânea dela, ela não tomou a decisão, tomaram por ela. Isso me entristece, porque quando a gente fala da representatividade feminina, da consciência do nosso papel, o empoderamento, eu sinto que a gente tem ainda uma luta muito árdua pela frente.

(continua...)

(...continuação)

Quando a gente fala que serão necessários mais de 200 anos para alcançar a equidade, percebemos que a gente não pode desistir desses espaços de poder. Eu me afastei assim dessa perspectiva, mas não perdi minha esperança. Eu apoio outras mulheres, as companheiras que têm essa coragem. É preciso mesmo muita coragem. A gente costurou com as vereadoras que tinham uma mandata coletiva, alguns projetos de lei. A construção foi conjunta e fomos para cima dos outros vereadores, dos homens, mas numa audiência a gente sentiu muita falta dos movimentos. Minha impressão é que os movimentos foram perdendo essa força. Acho que o tempo de retrocesso também colaborou muito para isso. E a gente está no município aqui, na grande São Paulo, que tem uma história de movimento, que fez a diferença na construção das políticas públicas, na transversalidade dessas políticas e na interseccionalidade. Sobre a autoria de mulheres, mulheres autoras, eu digo para vocês que eu vivi há três anos a experiência com a autora de três livros. Compartilhar experiências com outras companheiras, e a gente precisa fortalecer também, a literatura, as autoras escritoras femininas, isso também faz parte da nossa construção. Eu só quero agradecer, Vera, parabéns pela sua condução, a Zeza, que eu conheci agora, vocês são maravilhosas, todas, sem citar o nome, eu queria agradecer a oportunidade de estar fazendo esse curso, que hoje me fez a diferença. Eu fui fazer uma formação sobre pessoas transexuais, na inclusão corporativa de pessoas transexuais numa escola de ensino fundamental para 100 professores, e esse curso me ajudou muito, está me ajudando bastante, essa formação, essas trocas de saberes. E eu saí de lá muito machucada, porque essa mulheridade, esse multiverso feminino, como as pessoas vêm para cima, a ignorância que acaba ferindo e matando pessoas, né. Eu vi tanto ódio em falas, essa comunicação violenta, sabe, essa expressão verbal que intimida outra pessoa... Discutir o banheiro... A gente usa o banheiro para a necessidade fisiológica, não para estuprar outras pessoas. Eu cheguei a falar que não existem estatísticas realmente de mulheres trans ou travestis que estupram outras mulheres num banheiro, mas existem estupro e abuso de vulnerável de criança e adolescente que sofre isso no meio familiar. Então, a gente tem que refletir muito sobre isso. E eu saí de lá muito triste, essa é a palavra, sabe, e vendo assim, a gente tem que refletir sim, tem que continuar, tem que se unir mais para que a gente possa passar por tudo isso, e as próximas gerações também. É isso! Obrigada, gente!

Luciana - Osasco/SP



Luana Alves é vereadora (PSOL/SP), psicóloga do SUS, educadora popular, feminista negra e LGBT. Eleita em 2020 com 37.550 votos, foi responsável pela primeira cassação de um vereador por racismo, na história de São Paulo. Foi reeleita em 2024, com 83.262 votos (a oitava na lista dos mais votados)



**O empoderamento psicológico,
emocional, intelectual e financeiro
das mulheres**

Exercício preliminar *

Vídeo: Empoderamento das Mulheres [2:37]

https://www.google.com/search?q=video+empoderamento+das+mulheres+onu&og=video+empoderamento+das+mulheres+onu&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDg4NTRqMGo3qAllsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:730ddafe,vid:6RSc_XYezig,st:0

Você se sente uma mulher em busca constante do empoderamento?

Quais fatos marcam esse percurso?

Creio que precisamos discutir o sentido que queremos dar ao empoderamento e às relações sociais estabelecidas. Se pensarmos que é uma ação coletiva, que pode potencializar a conscientização e o conhecimento sobre nossos direitos, se torna muito interessante. Assim, se defendemos que o empoderamento pode estar presente nos desafios por mudanças nas relações patriarcais, na quebra da manutenção de privilégios, na invalidação das decisões baseadas somente no gênero etc., sim, me sinto empoderada.

O empoderamento vem ao encontro da luta pela equidade de gênero, no processo de transformação das relações sociais, sejam políticas, econômicas, de poder, culturais etc. Encontra forças nas transformações dos processos de dominação dos homens sobre as mulheres, que estão estruturadas nas bases da nossa sociedade. Sim, entendo o empoderamento como a autonomia, autocontrole, autoconfiança e a autoestima, para estarmos empoderadas em nossas individualidades, nossas escolhas, nossos corpos, nossas sexualidades, liberdades e no exercício de nossas competências.
(Maria Cristina Gobbi)

Sim, me sinto muito empoderada, na vida pessoal e profissional. É o resultado de minha forma de conduzir a minha trajetória
(Walkiria Lobo Junqueira Ferraz)

Apesar de perceber que a opressão às mulheres sempre me incomodou, não faz muito tempo que entendi que essa situação pode ser alterada e que posso contribuir para isso. Desde então, tenho buscado acreditar no meu potencial e na minha possibilidade de atuação na luta pela equidade social. Entrei no doutorado para estudar gênero, busco participar de cursos/palestras sobre o tema, busco assistir/ouvir/estar com mulheres que estão nesta luta e sempre falo sobre o assunto com pessoas que o desconhecem.
(Roseany Mendes)

* Cada um dos módulos foi precedido por uma tarefa de casa, postada na plataforma digital, contendo um vídeo e uma pergunta sobre o tema, a cargo de Vera Vieira, proporcionando a interação de ideias entre as participantes. Em cada oficina, os trinta minutos iniciais eram dedicados ao debate sobre o exercício, possibilitando a intervenção de todas as participantes, o que também foi considerado importante na capacitação para a ocupação de cargos de poder e decisão.

Eu me sinto, em parte, uma mulher empoderada. Primeiro, porque sou descendente de mulheres potentes e corajosas, que, mesmo sendo julgadas, são como são e agem como querem. Tenho orgulho disso, mas, por outro lado, ser assim, na nossa sociedade crítica, machista e opressora tem um peso, e isso me assusta, em parte, para dar minha opinião. Mas, às vezes, não me aguento, falo e banco as consequências. Então, tivemos avanços, principalmente, no último século, de conquistas de direitos e espaços no ambiente de trabalho. Porém, socialmente, ainda sinto, que as expectativas sociais e os diversos papéis que exercemos no nosso dia a dia, acabam me impedindo de dizer que sou uma mulher empoderada por completo. Confesso que, muitas dessas expectativas, me atingem e me impedem de buscar mais empoderamento.
(Luana Cachuite)

Sim, toda minha trajetória acadêmica e profissional é em busca do empoderamento e da conquista de acesso a todos os lugares que desejo.
(Leticia Marques)

Sim, sou atuante em causas contra as opressões, a partir da minha prática docente. Reivindico meu lugar político como mulher que tem voz e sabe sobre suas escolhas nos circuitos por onde transito, mesmo que isso cause desconforto, como é o caso do ambiente familiar. Dos fatos que marcam minha história:

- relação afetiva
- (de)formação/carreira acadêmica
- atuação política
- transfeminismo
- luta antirracista
- luta contra LGBTQIA+fobia

(Rosa Barbosa)

Sim, mas isto não é tão simples e automático, ou naturalmente fluído. O empoderamento é uma busca constante que requer atenção, sensibilidade e compreensão do caminho percorrido ou a ser percorrido. É um exercício diário.
(Vanessa)

Eu me sinto empoderada, sim.

Desde criança, vendo minha mãe sempre muito dependente de meu pai, pois não teve oportunidade de estudar, trabalhar, vivendo de forma submissa - e naquela época, com poucas opções -, eu já tinha em mente que gostaria de fazer diferente.

Que queria ter autonomia sobre minhas decisões, minhas escolhas, ideias, comprar uma casa, ter um veículo próprio, um bom trabalho, estudar.

Ao longo de minha vida, fui galgando meus objetivos e conquistando um a um, com muito esforço e vontade.

Atualmente, sou servidora pública, tenho minha casa própria, meu carro, pago minhas despesas, viajo.

E estou sempre buscando o melhor, me qualificar mais, pois acredito que estudo e qualificações nos empoderam, e muito.

Isso nos dá coragem para enfrentar os desafios; e vencê-los é sempre muito gratificante.

(Fernanda)

Passei por um relacionamento abusivo. Depois que me libertei, me tornei uma mulher empoderada.

E tenho lutado para que outras mulheres se tornem empoderadas.

Sempre procuro dizer o quanto elas são valorosas, maravilhosas e capazes de conquistar seus sonhos e objetivos.

(Gisa nascimento)

Sim.

O que marca esse meu percurso é a busca e o investimento na minha educação acadêmica. E também, por meio do estudo de questões de gênero e raça, que acredito serem primordiais nessa construção.

(AmandaDasCandongas)

Sim.

Busco, através dos estudos, ampliar o conhecimento, reivindicar os meus direitos, ter voz ativa, conversando com outras mulheres. Embora ainda tenha um longo caminho para percorrer e deixar de ser invisível, procuro lidar com as adversidades do dia a dia. E o meu trabalho foi uma dessas portas que se abriram e que geraram possibilidades de transformações.

(rcpisiaias@gmail.com)

Sempre em busca de me priorizar em todos aspectos da minha vida, e não dar o poder a ninguém de minimizar a minha jornada. Uma luta diária, com posicionamentos constantes.
(Yormery Jeliverth Lopez Bello)

Sim.
Acho que, enquanto mulher, o empoderamento se inicia desde que a consciência começa.
O empoderamento do próprio corpo, as questões de ocupar lugares, as decisões de carreira profissional, as decisões amorosas, de família, da maternidade. Sempre foram, e são, empurradas para as mulheres, as formas de pensar e existir.
Com isso, a insegurança de ser quem é, com todas as outras questões “esperadas” socialmente, aniquilam a autonomia e independência que o empoderamento traz.
Acho que, pra mim, os fatos marcantes do empoderamento são um resumo disso: constantemente me empoderar para não cair na armadilha do padrão estético, do que é esperado no âmbito familiar e conseguir ser apenas quem eu sou, com as ideias que eu tenho.
(Bárbara Bolognesi)

Sim,
o empoderamento é um pilar importante na minha trajetória. E essa busca foi se construindo e se ressignificando ao longo dos anos. Em meu trabalho, sempre vejo as mulheres que acompanho, especialmente em situações de vulnerabilidade, como fonte de inspiração para seguir em frente. O projeto Força Feminina, que idealizei, tem exatamente esse propósito: empoderar mulheres digitalmente e mostrar que há espaço para cada uma se expressar, evoluir e transformar sua realidade. Momentos importantes, como o curso Mulheres Ocupando e Transformando os Espaços de Poder e Decisão, reforçaram minha certeza sobre a importância de ocupar espaços e desconstruir estereótipos. Minha inscrição para o mestrado com o projeto sobre maternidade nas periferias também reflete um desejo de compreender e trazer visibilidade para temas que impactam a vida de muitas mulheres, indo do empoderamento até as dificuldades e exclusões sociais que enfrentam.
(Maria Silvia Oliveira)

O empoderamento feminino contribui para que as mulheres tenham o direito de participar ativamente dos mais diversos tipos de debates, tomando decisões que influenciarão no futuro de sua região, país, ou sociedade como um todo.
(Macielma Torres Rodrigues)

Sim, eu me sinto uma mulher em busca constante do empoderamento. Para mim, empoderar-se é um processo contínuo de autoconhecimento e de acolhimento da própria essência, que envolve reconhecer e honrar minhas emoções, necessidades e a força que existe em mim. Ao longo da minha vida, diversos momentos foram fundamentais para esse percurso,

em que busquei estar mais em conexão com minha verdade e a liberdade interior.

Um dos marcos dessa busca foi o momento em que comecei a perceber as limitações impostas pela sociedade, pela cultura e até mesmo pelos padrões familiares aos quais fui exposta. Esse despertar me permitiu questionar as expectativas que definem o papel da mulher e entender que essas limitações não são minha verdade.

Com isso, passei a buscar maior autonomia e igualdade, reconhecendo que minha voz, assim como a de outras mulheres, tem grande valor e merece ser ouvida. Em vez de lutar contra o que me limitava, passei a acolher essas questões e a transformá-las em ações de fortalecimento pessoal.

Minha trajetória acadêmica e profissional também desempenhou um papel fundamental nesse caminho.

Ao enfrentar desafios no ambiente educacional e no mercado de trabalho, aprendi a lidar com as adversidades com maior confiança. Em vez de me ver como uma vítima das circunstâncias, passei a me perceber como parte de um todo, em que minha contribuição e o reconhecimento do meu valor eram necessários. Quando comecei a ocupar espaços como este, percebi que o empoderamento vai além da experiência individual; ele se expande quando se compartilha o poder com outras mulheres, quando se cria uma rede de apoio e quando se abre espaço para que todas possam florescer.

Além disso, empoderar-se também envolve a aceitação plena de quem sou, com todas as minhas forças e vulnerabilidades. Reconhecer minhas imperfeições não como fraquezas, mas como parte de minha humanidade, me permite viver com mais autenticidade.

A prática da autocompaixão e do não-julgamento tem sido essencial para que eu continue meu caminho com mais leveza. A busca pelo empoderamento, para mim, é uma vivência constante, um movimento de crescimento e expansão, que, embora envolva desafios, é também uma jornada de celebração de quem sou em todos os meus aspectos, com todos os meus sentimentos e experiências.

(Sílvia)

Sim.

O constante despertar sobre o meu corpo e mente.

Ainda somos criadas em territórios que desassociam nossa percepção sobre nossas mentalidades, então, quando consigo me apropriar daquilo que penso e tomo posse de qualquer espaço denominado pelo sistema patriarcal como inapropriado para mim, eu me sinto dona de mim.

(Marcilene Pereira Barbosa)

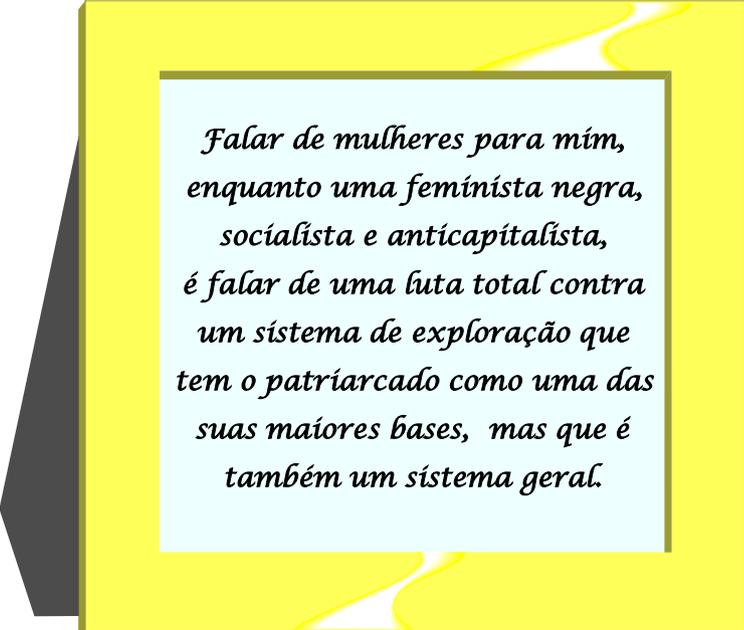
O empoderamento das mulheres

Eu tenho muito orgulho de ter sido a primeira mulher negra a ser reeleita na Câmara Municipal de São Paulo, porque a história é muito dura. Quando a gente vai olhar todos os marcos que as mulheres conquistaram na forma da política tradicional, é muito assustador o que a gente vê. Em 2020, quando eu fui eleita pela primeira vez, só duas mulheres negras tinham sido eleitas vereadoras na história de São Paulo. Em toda a história do município de São Paulo, cuja Câmara tem mais de 400 anos, é uma das mais antigas do país, só duas mulheres negras eleitas na história, é muito assustador. Enfim, sou psicóloga de UBS [Unidade Básica de Saúde], também sou uma pessoa da área da saúde mental e sou educadora popular.

Estava dando uma olhada neste curso. Vi que vocês passam por diversos focos, dentro do tema do fortalecimento de mulheres, que eu acho que é uma das

lutas mais fundamentais que a gente vai ter para o próximo período. E falo pensando não só na questão das mulheres, mas a gente é a metade do mundo e cuida da outra metade. A gente sabe disso quando pensa no quanto o patriarcado nos coloca o trabalho do cuidado de forma permanente. Então, pensar o futuro significa pensar as mulheres no centro do poder. Acho que cada vez mais, por questões econômicas, questões sociais, questões climáticas, falar de mulheres para mim, enquanto uma feminista negra, socialista e

anticapitalista, é falar de uma luta total contra um sistema de exploração que tem o patriarcado como uma das suas maiores bases, mas que é também um sistema geral. Enfim, eu vou falando muita coisa, mas tentando ir aos poucos, por partes.



Falar de mulheres para mim, enquanto uma feminista negra, socialista e anticapitalista, é falar de uma luta total contra um sistema de exploração que tem o patriarcado como uma das suas maiores bases, mas que é também um sistema geral.

Falando um pouco da minha trajetória: eu sou filiada ao PSOL, do qual faço parte já há muitos anos. Em 2020, fui eleita a vereadora mais jovem, na história de São Paulo. Apesar de ser uma jovem vereadora, eu sou razoavelmente antiga no partido. Tenho 31 anos, mas sou filiada desde os 19, então, há mais de dez anos que eu faço parte de um partido político, não exatamente com a ideia de eleição. Eu sempre entrei para ser militante. Acho que muitos partidos, em especial do campo da esquerda, mas não só, têm avançado em apresentar candidaturas fortes entre mulheres. As forças conservadoras têm conseguido também de alguma forma entrar nisso.

Acho que é importante vocês saberem, por exemplo, que uma das vereadoras mais votadas de São Paulo, é uma vereadora de direita. Isso sempre acontece, e tem acontecido mais, pois a direita tem investido também nessas candidaturas de mulheres conservadoras. É muito comum que mesmo partidos que têm muitas mulheres como representantes, quando se olha os diretórios municipais, diretórios estaduais, diretórios nacionais, na executiva se vê dirigentes partidários homens.

É muito comum que mesmo partidos que têm muitas mulheres como representantes, você vai olhar os diretórios municipais, diretórios estaduais, diretórios nacionais, olhar a executiva dos nacionais dos partidos, ver dirigentes

partidários homens. Isso é um avanço que ainda está mais atrasado do que na questão de figuras públicas, de candidatas, de deputadas, etc. Então acho que esse é um ponto importante. Eu tenho a felicidade de não só ser figura pública do meu partido, mas ser militante, inclusive sou parte da executiva estadual já há alguns anos.

Virando o mundo do avesso

Falando um pouco sobre a questão geral que a gente está vivendo,

sobre o fortalecimento de mulheres nesse contexto de mundo, o contexto econômico, o contexto social e tal, a gente sabe que isso significa virar o mundo do avesso, simplesmente isso. Não tem como pensar um fortalecimento coletivo e massivo de mulheres sem questionar a ordem que está estabelecida, a ordem patriarcal, ordem capitalista. Eu, como uma pessoa que

Não tem como pensar um fortalecimento coletivo e massivo de mulheres sem questionar a ordem que está estabelecida, a ordem patriarcal, ordem capitalista. [...]
Um dos primeiros dados que me fez entender a necessidade do feminismo é o que diz que 70% dos pobres do mundo são mulheres.

sempre penso a partir dessa perspectiva, inclusive materialista histórica, um dos primeiros dados que me fez entender a necessidade do feminismo é o que diz que 70% dos pobres do mundo são mulheres. A sensação é importante para a gente saber que a pobreza tem gênero no mundo. A maioria das pessoas, da classe trabalhadora, que está nos piores empregos, que está nos lugares onde se paga menos, seja fora de casa, ou trabalho doméstico pago, ou mesmo não pago, a gente sabe, que são as mulheres. E são elas que têm que sustentar a população infantil do mundo, inclusive do ponto de vista financeiro.

Existe uma desigualdade de acesso à riqueza no mundo, que é uma desigualdade imposta pelo patriarcado, então, é uma forma estruturada e sistemática de exploração, que se combina com a ordem capitalista. A gente sabe que é preciso muito tempo para falar sobre o capitalismo; não dá para abordá-lo em uma aula.

Falando de forma resumida, o capitalismo é a exploração da capacidade de trabalho de grandes massas, em que a maioria das pessoas, do povo trabalhador, ganha menos do

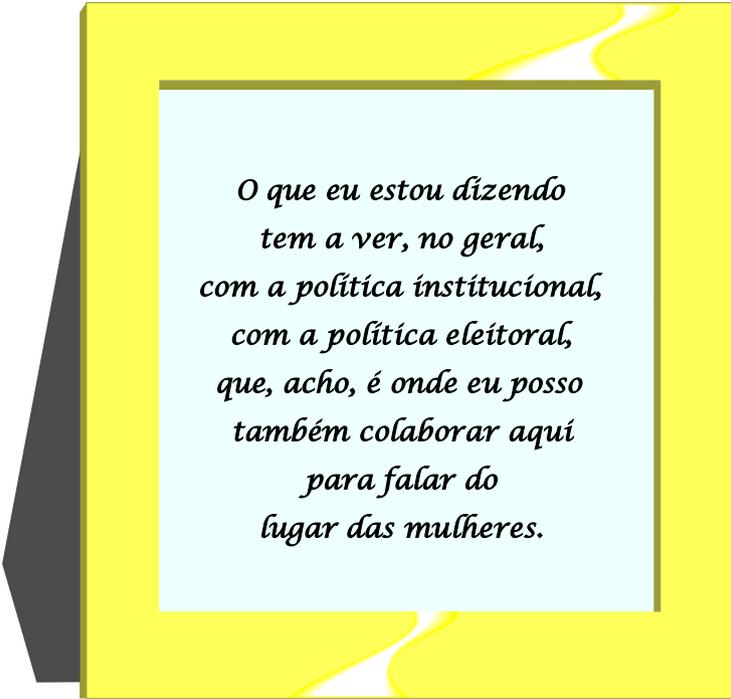
que produz. Isso é, de maneira muito resumida, a ordem capitalista. Só que dentro dessa classe trabalhadora, as mulheres são as mais excluídas, as que mais têm os frutos do seu trabalho arrancados.

Acho que essa é a questão principal para a gente entender o planeta que a gente está vivendo. E isso está aumentando. A gente está vendo a desigualdade social no mundo também aumentar, com crises ambientais, crises sanitárias, crises econômicas. Quando a gente fala de crise, principalmente

quando os governos são neoliberais, a gente, mais uma vez, vai ver a situação das mulheres piorar, de forma acelerada. Então, a cada crise do mundo econômico que vai existindo, que vai sendo imposta sobre nós - porque quem cria é o andar de cima -, começa-se a se ver reformas sociais, reformas previdenciárias, que vão prejudicando a vida das mulheres, que já são duplamente exploradas.

O que eu estou dizendo tem a ver, no geral, com a

política institucional, com a política eleitoral, que, acho, é onde eu posso também colaborar aqui para falar do lugar das mulheres.



O que eu estou dizendo tem a ver, no geral, com a política institucional, com a política eleitoral, que, acho, é onde eu posso também colaborar aqui para falar do lugar das mulheres.

Infelizmente é muito triste de ver, os cortes de benefícios sociais, os cortes de investimentos sociais, para propositalmente alcançar o equilíbrio fiscal. Não sei se vocês estão vendo esse debate que está acontecendo no governo federal. O Haddad [ministro da Fazenda] tem falado que vai ter o novo pacote econômico, o que significa prejudicar a vida das mulheres, diretamente. Assim, é uma coisa que a gente sabe, a cada real que é cortado de educação pública, de saúde pública, de benefício previdenciário, de benefício de assistência social, seja o BPC [Benefício de Prestação Continuada], seja o Loas [Lei Orgânica de Assistência Social]. A maioria de quem recebe, inclusive, são mulheres idosas, ou pessoas com deficiência. Esse cuidado, tanto financeiro quanto do trabalho do cuidado, vai ter que ser exercido por alguém.

Dando como exemplo: quem não receber o BPC, como é que vai ser cuidada? Quem vai dar conta? Eu falo do básico, que é garantir a alimentação, os cuidados mínimos de sobrevivência. A grande probabilidade é que vão ser mulheres pobres, e, em especial, mulheres mais velhas.

Política partidária

A primeira coisa para falar de mulheres na política, e eu sempre tenho esse cuidado - isso não é invenção nenhuma, pois é o que dizem todos os dados, mesmo dessas grandes grupos globais como a ONU, etc. - acho que é importante

falar também da política partidária. Muitas mulheres que eu conheço são candidatas - que são também parlamentares ou que participam da vida política, e mesmo as que são de partidos mais progressistas - se deparam com dirigentes partidários majoritariamente homens. Ou então, agora que as mulheres negras estão entrando na política, não é assim. É recente que a gente

Muitas mulheres que eu conheço são candidatas - e que são também parlamentares ou que participam da vida política, e mesmo as que são de partidos mais progressistas - se deparam com dirigentes partidários majoritariamente homens.

consegue ter mais representação do ponto de vista de cargo parlamentar. Então, é relativamente comum, inclusive no meu caso. Assim, é um avanço que tem que se ter; para tanto é preciso reconhecer o problema. É recente a gente conseguir ter mais representação do ponto de vista de cargo parlamentar. Mas isso não significa também que agora é

que as mulheres começaram a participar da política. Eu, como vereadora de São Paulo, tenho oportunidade de ouro circular por essa cidade, de ir em UBS, em hospital, em escola. Não tem um equipamento público que eu vá, que não tenha história de mulheres anônimas dos bairros que lutaram precisamente para esse equipamento público existir. Então, são conquistas com muita luta, com histórias, falando por mim na cidade de São Paulo.

Alimentação escolar, transporte escolar, bilhete único para a mulher gestante para fazer o pré-natal, coisas que são inclusive de benefício geral, mesmo ônibus, saneamento básico, calçada, que não aparecem da noite para o dia, e governo nenhum dá de graça para as pessoas, porque é sempre fruto de muita

batalha. É sempre assim, tem sempre a história de mulheres, lideranças políticas que são parte desses grupos. Mas você vai na base, você vê na base, quem está ali tocando a cozinha comunitária, vendo se tem família que está sem lote, vendo se tem família que a lona rasgou... São mulheres lideranças

políticas dos movimentos que não fazem só o trabalho ali de cuidar. É um trabalho de direção política intelectual, que normalmente não é reconhecido. Então, acho que esse é um ponto importante para pensar as mulheres na política. A gente tem, então, uma grande história de mulheres sendo lideranças políticas no Brasil, ainda que seja uma história escondida e mal valorizada. Agora, o que eu acho que tem,

que a gente tem conseguido avançar, mas falta muito ainda, é nessa representação também nos cargos de poder. Vereadora, deputada, presidente, governadora... É muito duro a gente conseguir competir contra candidaturas masculinas. Então, o que antes acontecia é que normalmente as candidaturas mais fortalecidas eram só os homens de famílias tradicionais, normalmente conservadoras, os caras da velha política. Aqui eu não falo velho de idade, eu falo dos velhos esquemas, das práticas tradicionais, conservadoras. Então, o que essa

regra colocou é que pelo menos 30% do fundo deve ser gasto com candidaturas de mulheres, e também de pessoas negras ou indígenas. Isso é um avanço gigantesco. Então, é esse tipo de coisa que a gente tem que ficar muito atenta. Não basta ser mulher! É isso que eu quero falar. Não basta

São mulheres lideranças políticas dos movimentos que não fazem só o trabalho ali de cuidar. É um trabalho de direção política intelectual, que normalmente não é reconhecido. Então, acho que esse é um ponto importante para pensar as mulheres na política.

a gente ser mulher na política. Tem que estar do nosso lado. É importante, por exemplo, do ponto de vista do debate de orçamento, fortalecer políticas públicas de cuidado que tirem o peso, a sobrecarga das mulheres, principalmente das mulheres trabalhadoras. Como é que pode a gente ter representantes mulheres que votam a favor, por exemplo, de reformas que cortam direitos sociais? Isso é **anti-mulher**, isso é antimaternidade. Do ponto de vista delas que defendem tanto a maternidade, eu quero ver elas chegarem às eleitoras mulheres, às mulheres-mães de crianças pequenas, e falar que elas votam a favor de um orçamento que tirou recursos da educação pública. Então, são coisas como essa que a gente deve ficar muito atenta. Sem contar as mais conservadoras ideologicamente falando, que criminalizam mulheres que abortam, que perseguem profissionais de saúde. Então, é

importante a gente conseguir também saber dessa linha divisória, que não é uma representatividade vazia. Tem que estar do nosso lado!

Falando um pouco também dessa questão da luta para políticas públicas, como psicóloga do SUS, eu, como uma pessoa que trabalhou no serviço público de saúde, atendendo mulheres violentadas, atendendo crianças, atendendo família, para mim é evidente como que a gente deve estar, como movimento feminista, enraizada e disputando cada política pública. Temos que disputar a saúde, a educação, para ser mais feminista. Por exemplo, eu recebo denúncia a toda hora de hospitais de São Paulo

Como é que pode a gente ter representantes mulheres que votam a favor, por exemplo, de reformas que cortam direitos sociais? Isso é anti-mulher, isso é antimaternidade. Do ponto de vista delas, que defendem tanto a maternidade, eu quero ver elas chegarem às eleitoras mulheres, às mulheres-mães de crianças pequenas, e falar que elas votam a favor de um orçamento que tirou recursos da educação pública.

que se recusam a fazer o aborto legal de mulheres que sofreram violência sexual. Essas e esses profissionais que estão ali na ponta, não estão tendo ética. É uma questão de ideologia, no fundo. É importante a gente fazer essa disputa

já nas escolas dos profissionais de saúde, nos cursos de enfermagem, de medicina, atendente social, e também no próprio serviço. É muito importante a gente fortalecer esse aspecto. Falar, sim, sobre a questão de gênero na escola. Todo esse pânico moral sobre a questão de gênero, de ideologia de gênero e tudo mais é um papinho patriarcal para impor o retrocesso nas escolas, para colocar um cala-boca nas professoras, em especial as professoras feministas. Porque falar de gênero é importante, sim! Falar sobre a questão dos estereótipos de homem e de mulher. Então, a gente também tem que, cada vez mais, ter essa rede de suporte, essa rede de apoio às mulheres vitimizadas, que estão nas políticas públicas. Temos, também, que fazer a disputa nas câmaras, enfim, nas secretarias, para a gente ter políticas de fato pela liberdade, pela autonomia das mulheres. Acho que isso é muito fundamental; é parte também das batalhas que a gente tem que tocar.

Então, a gente também tem que, cada vez mais, ter essa rede de suporte, essa rede de apoio às mulheres vitimizadas, que estão nas políticas públicas.

Temos, também, que fazer a disputa nas câmaras, enfim, nas secretarias, para a gente ter políticas de fato pela liberdade, pela autonomia das mulheres.

Isso é estratégico para o movimento feminista, pelo fortalecimento das mulheres nesse momento, porque tem a ver com uma questão de mundo. A gente está vivendo

um caos, uma catástrofe climática... Essa é a verdade! A gente está vivendo um momento em que eu acho que esse sistema, cada vez mais, não é compatível com o futuro a longo prazo. Há uma exploração exacerbada, tanto das pessoas quanto do meio ambiente. Não dá para ficar por muitos anos, por muitas gerações dessa forma. A gente está vendo eventos climáticos extremos, com grandes enchentes, grandes secas. Mas, por que eu estou falando isso? Até pode parecer que não tem a ver

com a questão de mulheres... mas, tem! Porque nós somos estratégicas para poder mudar um sistema que não nos beneficia. Todo esse debate que tem sido feito de proibir o debate de gênero de escolas, criminalizar o movimento social, também é para podar essa nova geração. Também é para tentar passar uma tesoura na vida dessas meninas que estão vindo com muita força, com muito ânimo, com muita garra, muito fôlego. Esse movimento está se ampliando. Eu

estou vendo isso! Não acho seja só otimismo. É mesmo uma avaliação do que tem acontecido. Acho que a gente tem muito espaço para colocar nossas ideias, para ser rede de apoio a mulheres, para fortalecer aquelas em situação de violência. Com isso, vamos conseguir fazer cada vez mais

movimentos que sejam amplos, que consigam abarcar mais mulheres, promovendo mais autonomia, mais fortalecimento e, conseqüentemente, uma mudança geral de sociedade. Não tem como as mulheres se libertarem, a gente se libertar, sem a gente mudar radicalmente o sistema.



DEBATE AO FINAL DA OFICINA

Eu disse na minha resposta que acho que a gente precisa discutir o sentido que queremos dar a esse empoderamento e as relações sociais estabelecidas. Se a gente pensar que é uma ação coletiva, que pode, sim, potencializar a conscientização e o conhecimento sobre os nossos direitos, se torna muito interessante. Assim, se defendermos que o empoderamento pode estar presente nos desafios por mudanças nas relações, por exemplo, patriarcais, na quebra da manutenção de privilégios, na invalidação das decisões baseadas somente no gênero, sim, me sinto empoderada. E o empoderamento vem ao encontro da luta pela equidade de gênero no processo de transformação das relações sociais, sejam políticas, econômicas, de poder, culturais e muitas outras. E ele encontra força, na minha opinião, nas transformações dos processos de dominação dos homens sobre as mulheres, que estão na estrutura base da nossa sociedade, em minha opinião. Então, sim, eu entendo o empoderamento como autonomia, o autocontrole, a autoconfiança, a autoestima, para estarmos empoderadas em nossas individualidades, nossas escolhas, nossos corpos, nossas sexualidades, liberdades e no exercício das nossas competências. Então, eu acho que nesse sentido é essa busca que a gente faz constantemente por essa liberdade de decidir, que a gente pode dar o nome, em algum momento, de um empoderamento.

(Maria Cristina Gobbi - Bauru/SP)

Eu acho que é uma prática diária. E acho que, pela minha vivência, está atrelado com a questão da escolaridade. Poder ter espaços, dividir com outras mulheres e também ter uma concepção maior entre meu corpo e minha mente. Porque eu acho que a questão, assim, do ser mulher, nessa nossa trajetória, a gente passa por narrativas que desassocia muito nosso corpo e nossa mente. Então, eu vejo isso nos espaços de estudo, principalmente dentro da universidade. São espaços onde eu pude compartilhar o inverso feminino, concepções de mulheres que têm realidades bem diferentes, de contexto social, de raça, gênero. Então, acho que no dia a dia, quando eu tenho essa concepção voltada para corpo e mente, eu começo a me enxergar mais potente, mais dona de mim.....

(Marcilene - Riacho Fundo I - Brasília/DF)

Mas eu achei muito bom eu ter feito hoje o exercício, porque eu tive uma motivação. Eu respondi que eu me considero, sim, em um processo de empoderamento. Eu ainda não me considero totalmente empoderada, porque eu acredito que essa conquista é coletiva. E foi nesse sentido que eu fiquei um pouco entristecida hoje. Eu não sei quem daqui é do grupo de construção das atividades de 8 de Março, em São Paulo. Teve uma companheira que questionou absurdamente a fala da Janja. E ela comentou que logo ela vai dar um tiro no peito do Lula. Eu achei aquela frase, aquela colocação, muito agressiva. A colocação foi muito pesada, muito violenta sobre todas as mulheres. Ela praticou uma violência contra a mulher num grupo de mulheres e contra uma fala que nos representava, porque a fala, independente de ser palavrão ou não, era uma fala que queria ofender o capitalismo, o patriarcado mesmo.

[em um evento no Rio, Janja disse “fuck you, Elon Musk”]

(Leila Ramos - Taubaté/SP)

Eu gostei muito do que a gente identifica como empoderamento. Eu vejo que é um processo que vai crescendo a partir das mulheres com as quais você vai se identificando e se empoderando. Isso no sentido de que a outra te ajuda a perceber o patriarcado, sobre você e a participação, o estar junto, então, para mim, o empoderamento está muito ligado ao coletivo. Sinto que as mulheres que passaram pela minha vida me ajudaram a chegar aqui como eu cheguei, empoderada naquilo que eu não era. Eu não emitia minha opinião, eu não tinha coragem, tinha baixa autoestima, então, tudo isso que vocês falaram, para mim, faz sentido. E eu agradeço muito, muito às mulheres que vieram me ajudando a ser quem eu sou.

Zeza - Indaiatuba/SP)

Eu me sinto em constante busca pelo empoderamento. Isso significa um processo contínuo de autoconhecimento e acolhimento da minha essência, reconhecendo minhas emoções e a força que há em mim. Esse caminho começou quando eu percebi as limitações impostas pela sociedade. Eu passei a questionar os papéis definidos para a mulher, buscando mais autonomia e igualdade. A minha trajetória cadente e profissional também foi fundamental para isso; eu enfrentei e enfrento desafios que me ensinaram e me ensinam a confiar mais em mim mesma e a ver o meu valor. Hoje, acredito que o empoderamento se expande quando compartilhamos forças em espaços como este, por exemplo, e criamos uma rede de apoio entre mulheres. Para mim, essa busca é sobre aceitar quem eu sou por completo, com minhas forças e vulnerabilidades, e seguir em frente com leveza e autenticidade.

(Sílvia Raquel - Santa Rita do Sapucaí/MG)

Eu acho que todas já disseram o que eu penso. Eu acho que o processo de empoderamento, em primeiro lugar, nos leva ao autoconhecimento, sobre nos conhecer, saber dos nossos direitos. Esse conhecimento nos leva a um conhecimento maior. E essa busca do conhecimento maior nos traz libertação. Acho que realmente a frase que diz que o conhecimento liberta é fantástica, porque é só a partir desse conhecimento, de todos os nossos direitos e deveres enquanto cidadãs, que nos elevamos a um patamar de autossuficiência, de segurança, de conquista. E saber que a gente pode é libertador. A gente, às vezes, tem timidez, às vezes, a gente tem falta de amor próprio, e isso dificulta o processo. Juntas, nos coletivos, isso dá mais força. Então, essa nossa busca aqui juntinhas nos eleva e nos faz sentir esse afeto, uma pela outra, o respeito contínuo da luta, da jornada juntas.

(Neti Navarro - São Paulo/SP)

Pensando em empoderamento, eu tenho refletido muito nos últimos tempos, no quanto tem sido importante pra minha trajetória, consumir mulheres pretas a partir de uma perspectiva da intelectualidade, da produção de conhecimento mesmo. Porque, de fato, esse lugar nos foi negado, e ainda hoje, é um lugar que nos é negado, esse lugar de produção de intelectualidade, de produção de conhecimento. Então, o que eu sinto, o que me empodera, que tem feito muita diferença nos últimos anos, é esse consumo, através da leitura, através da convivência, através da escuta, através desse olhar atento e empático a mulheres diversas; porque somos diversas, temos opiniões distintas. E eu acredito que a nossa maior luta é pra que a gente, a partir daquilo que nós somos e da realidade que nós viemos, se empodere muito. Tenho me empoderado muito, e através disso, fortaleço a minha autoestima. É tão importante a gente se ver, ver as nossas referências, entender que a gente também é potência.

Aline (São Paulo/SP)

Todo mundo falou um pouco dessa união, que eu acho que a gente não precisa concordar sempre umas com as outras, ao contrário, discordar é muito rico. Mas eu acho que existe muita agressividade, e o 8 de Março é um exemplo. Construir o 8 de Março é um horror; é só agressividade o tempo inteiro. Quem já participou sabe disso. Então, o que você me fala não me surpreende nem um pouco. Muitas vezes, eu desisti no meio do caminho, porque havia partidos brigando com partidos, mesmo no próprio partido... É muito pesado. Então, eu acho que a gente, às vezes, achando que está se empoderando, tem que ganhar sempre. Só que não tem que ganhar sempre; a gente tem que escutar. A escuta também é empoderamento. Eu tenho uma opinião contrária à da outra companheira sobre a fala da Janja. Eu acho que ela não tem que falar aquelas coisas, mas eu não estou agredindo e não quero ser agredida por isso. A gente tem que discutir mais, ter mais escuta, acho que a gente está com muito pouca escuta, parece que empoderamento é só falar, só ter lugar de fala, tem que ter lugar de escuta também.

(Patricia Negrão - São Paulo)

Eu fiquei muito envolvida nessa colocação da Luana, que foi brilhante. Você nos provocou muito, e trouxe muitas informações, porque eu sou da época que o Caisme, aqui de Campinas, realizava os procedimentos para o abortamento legal. E nós contávamos, no caso de Campinas, com o juiz, doutor Torres, que dava todo o aval para os médicos do hospital entrarem com este procedimento, sem todas aquelas exigências burocráticas. Foi ele também, o doutor Torres, quem, no Ministério da Saúde, ajudou a criar todos os documentos, os protocolos, enfim, as orientações para os hospitais. Mas, nós estamos vendo um retrocesso. Você falou que, gradativamente, o SUS vem perdendo investimentos, o que compromete até o desenvolvimento destes serviços. E a gente vê que não é pela falta de dinheiro, mas por questões mesmo de bloqueio, de colocar todos os impedimentos que eles puderem para barrar os avanços que nós tivemos nas décadas dos anos 2000. Eu resido atualmente em Indaiatuba, e tudo aquilo que diz respeito à questão da violência, do enfrentamento, enquanto uma política pública, é tudo faz de conta. E os conselhos de direitos, que seria o lugar onde nós, feministas dos movimentos, temos que incidir, aqui se criou uma lei que só entra, só tem representatividade dentro dos conselhos, quem tem CNPJ. E isso é anticonstitucional. Então, a luta nossa aqui o tempo todo é de enfrentamento mesmo. E é uma cidade em que nós não conseguimos eleger uma pessoa de esquerda, então fica muito difícil... Não existe um centro de referência que atenda. O que existe? O CREAS. As profissionais não são preparadas para esse atendimento. A Associação Mulheres pela Paz, através da Vera, realizou um encontro por meio de um projeto que ainda está acontecendo, de formação de profissionais da rede de cuidados. Eu conversei com a diretora do CREAS para que essas profissionais pudessem participar, mas elas não foram. Em plena campanha, ela me mandou uma mensagem pedindo desculpas, por não poder liberar para essa formação. Não existe um centro de referência, e criaram a casa de acolhimento, sem que essas profissionais estejam preparadas. E nós não conseguimos entrar e incidir sobre esses próprios serviços. Fiquei muito feliz de ouvir você falar do protagonismo das jovens e dos jovens. Estou com 70 anos, e eu realmente grudo nessa moçada. Aqui, a nossa presidenta do PSOL é uma pessoa muito ativa, mas que esses dias, na manifestação dos 'seis por um' [semana de trabalho], chega lá o companheiro ditando ordens para ela fazer no ato. E ela deu uma boa olhada para eles se colocarem em seus lugares. Nós estamos falando de empoderamento das mulheres. E mesmo os nossos companheiros, por mais que eles queiram estar com a gente, eles ainda reproduzem um patriarcado realmente pesado em cima das mulheres. Então, é muito gratificante estamos juntas nessa luta, viu, companheira?

(Zeza - Indaiatuba/SP)

Então, Luana, parabéns pela questão da sua reeleição. A gente fica muito feliz quando vê a juventude ocupando um espaço tão primordial, com pautas que são tão necessárias e tão caras. A gente percebe dentro do cenário da política brasileira um certo tipo de ruptura de 2016 pra cá, com o golpe que a Dilma sofreu e a tomada de poder pelo Temer. Se não bastasse, em seguida, vem o governo Bolsonaro. Depois, vem uma questão de um mundo sendo redesenhado com a pandemia de Covid-19. A gente vê três panoramas, assim, cruciais pra poder sustentar o nosso país: o corte em educação, saúde e segurança. São os alicerces, e são tão caros pra gente. E a gente tá percebendo isso de 2016 pra cá; parece que a gente está sendo abduzida a um cenário de horror. Queria muito que você falasse como lidar com essas questões que são tão caras pra gente. A gente lidar com esse cenário é muito difícil, porque ficamos de mãos atadas, porque parece que damos um passo à frente e dez atrás.

Estamos fragilizadas e cansadas, em muitos sentidos.

(Marcilene - Riacho Fundo I – Brasília/DF)

Eu achei excelente e eu concordo com todas as colocações. Eu fiquei muito feliz com os dados que ela trouxe, porque eu sou do município de Taubaté, que não dá pra dizer nem que é conservador. Eu acho que a gente nem tem um adjetivo pra qualificar o que acontece no meu município. E essa esperança que a Luana traz, que é esse terreno onde estão as meninas e que elas estão lutando, e estão conquistando, eu acho que é o que me contempla.

Eu busco muito essas meninas,
mais para aprender com elas do que qualquer outra coisa.

(Leila Ramos (Taubaté/SP)

Eu queria, assim, compactuar com você no sentido desse movimento da juventude. Sou professora da Unesp, e a gente tem visto uma mudança significativa. Estamos aí lutando pra esse troço que ele quer impingir a lei, ele tem tentado mexer no orçamento, enfim, mas o que a gente tem percebido, que com as cotas, por exemplo, houve uma mudança considerável nas universidades públicas de um modo geral. Então, inicialmente, o que foi criado, no sentido da equiparação, da problemática de vir da escola pública, enfim, se mostrou exatamente o contrário. Eu posso dizer pra vocês, que os nossos alunos cotistas são os mais envolvidos, os mais esforçados, os melhores alunos que a gente tem, porque eles têm vivência dessas lutas. A gente tem percebido que o pessoal tem investido muito na juventude, então, a gente acaba reunindo a juventude pra discutir pautas que são importantes pra essa juventude, pra educação. Tudo isso tem mudado os cenários de luta, porque esse jovem está mais empoderado, vai com menos medo pra esses enfrentamentos que são tão importantes. Se a gente vai olhar pra história, os grandes movimentos sociais foram feitos por pessoas jovens. Então, ou a gente muda através dessa juventude, ou ainda a gente vai padecer um pouco mais. Eu acho que cada vez mais esse investimento na juventude é fundamental, trazendo mudanças das grades curriculares, permitindo que esses movimentos ocorram dentro da universidade. A gente passou recentemente por uma questão de assédio. Foi um processo longuíssimo, três anos, mas conseguimos botar o cara pra fora. Foi o primeiro caso em que o professor foi demitido, depois de muita luta das meninas que passaram por situações de constrangimento, de violência ainda maior do que aquela sofrida durante o assédio. Então, esse é um ponto. E o segundo ponto: você levantou alguns dados importantes. Eu trabalho na área da comunicação e acho que a nossa maior dificuldade, Luana, é que os dados não estão disponíveis pra quem quiser. Então, cada dado que você vai colher pra fazer em determinados estudos, você sofre muito, porque você não tem essa transparência pública. Também porque não há interesse mesmo que esses dados sejam divulgados. Então, toda essa informação que você traz é sempre um problema pra gente trabalhar no cotidiano das universidades, enfim, das salas de aula mesmo.

(Maria Cristina Gobbi - Bauru/SP)

Eu fico muito orgulhosa de ter uma vereadora como essa me representando. Muito obrigada, Luana. Ela já te promoveu, hein, Luana? Desculpe-me. Pois é, estou promovida. Você só profetizou, querida? É uma profetização. Vamos esperar que sim, porque assim estaremos muito bem representadas. Eu sinto que essa explanação dela de hoje traz esperança. Tem muita coisa acontecendo que só quem está lá sabe ver, diariamente na luta e tudo mais. Mas saber dessa juventude que está também lutando contra a maré, vamos dizer assim, e se colocando mais, só agrega também para nós. Eu acho que, às vezes, é preciso passar isso adiante realmente para que as outras também se fortaleçam. Tem muita coisa para nós entendermos com essas colocações, principalmente em virtude das malícias masculinas, do patriarcado. É engraçado como, às vezes, dá a impressão que só se a gente jogar o mesmo jogo é que a gente vai ter alguma evolução, mas não é esse jogo que a gente quer jogar. A gente quer jogar um jogo transparente, a gente quer ter verdade, a gente quer ser reconhecida, ser valorizada e estar batalhando por um mundo mais justo e igualitário, com todas as pessoas tendo os mesmos direitos e deveres. E eu fico pensando assim: eu não sei jogar, mas adoraria aprender. Eu preciso saber jogar xadrez, porque é uma estratégia meio muito suja que eles usam, às vezes, não dá nem oportunidade da pessoa raciocinar, eles já estão metendo bronca, já estão fazendo e acontecendo, tirando direitos e fazendo apagamento das conquistas, das falas das mulheres e tudo mais.

Então é preciso muita força para estar aí e eu te parablenizo, viu, Luana?

(Neti Navarro - São Paulo/SP)

Luana, eu gostaria de parabenizá-la pela excelente abordagem ao destacar os desafios enfrentados pelas mulheres em nossa sociedade. Sua fala trouxe à tona questões fundamentais necessárias para a promoção da igualdade de gênero. Muitas questões que já foram mencionadas aqui, mas tem um tópico que você mencionou que me chamou a atenção, que eu acho que ainda não foi dito, que é assim, no que diz respeito à luta contra a pobreza. Você trouxe um dado de que 70% das pessoas em situação de pobreza são do gênero feminino. Sim, gostaria de perguntar como você enxerga a relação entre, por exemplo, o financiamento adequado de escolas que você mencionou, serviços de saúde, com essa redução de desigualdade. Quais seriam, por exemplo, as ações prioritárias no campo da educação e da saúde que poderiam promover uma maior inclusão econômica dessas mulheres em situação de pobreza, possibilitando que elas superem essa situação de vulnerabilidade?

(Sílvia)

Primeiro, sobre a Patrícia, sobre a questão dos interesses do conservadorismo, necessidade de dialogar, aquela coisa da que eles não estão na base e tal. Eu concordo com essa crítica em grande parte, e eu acho que não é só uma questão de estar na base. Às vezes eu fico pensando, a direita também faz trabalho de base o tempo todo, faz para caramba. A gente vai fazer igual ou a gente vai fazer de uma forma de fato a produzir mudança? Eu acho que são coisas que a gente tem que sempre refletir. Primeiro, que eu acho que não tem muito fórmula mágica do que fazer, é tempo, é trabalho. Assim, acumulou, não é o tempo eleitoral, é o tempo da política, é coisa que é outro tempo, então, eu tenho muita felicidade por fazer parte do pessoal, mas também tenho felicidade por fazer parte de movimentos sociais. Claro que tem uma relação com o pessoal, mas também vai além da forma partidária. Um deles que eu faço parte é a Rede Emancipa, por exemplo, de educação popular, que são cursinhos pré-universitários; tem em diversos lugares. Mas o nosso objetivo não é só fazer a pessoa passar, porque a gente faz uma disputa de consciência o tempo todo. A gente questiona a exploração do mundo do trabalho. Falar que a gente questiona os privilégios da elite, inclusive da elite política, acho que nós não temos que ter medo de falar sobre nada disso. Acho que é parte dessa disputa contra o conservadorismo, porque é bom para a gente. Eu acho que não tem como a gente não ter momentos de cansaço, momentos de impotência; acho que a questão é a gente não permitir que isso defina a nossa capacidade de atuação. Voltando para questão da Zesa, às vezes eu fico mal, assim, em momentos da Câmara de muita violência, os caras gritam e tal, é muito complicado. Agora, onde eu me fortaleço: justamente em movimentos, em coletivos, em grupos de fortalecimento de mulheres, principalmente com as minhas companheiras do meu partido, do grupo que eu faço parte. Acho que são importantes esses momentos pra gente se fortalecer, pra gente perceber que existe muita luta, que existe muita gente fazendo muita coisa. E é isso, assim, a gente tá vendo que, apesar de muitas coisas nos cansarem, o futuro também é contraditório. Essa última pergunta é mais difícil. Eu acho que para resolver é só derrubando o capitalismo. Acho que, enfim, tem coisas no resumo, mas eu acho que é importante a gente fazer as nossas lutas parciais também. De certa forma, acho que tem políticas públicas que só por existirem são redutoras de desigualdade. Educação pública, saúde pública, assistência social, sistema previdenciário, que são redutores, digamos que naturais, de desigualdade dentro da nossa estrutura. De forma contraditória, às vezes também ajudam na manutenção do sistema. Mas também precisam de um espaço de redução de desigualdade. Acho que é importante a gente batalhar pelo fortalecimento, inclusive financeiro, dessas políticas redutoras de desigualdade. Então, temos que voltar a falar, porque a reforma trabalhista aprofunda a pobreza, aprofunda a desigualdade.

(Luana Alves - vereadora SP)



Rai de Almeida é vereadora na cidade de Piracicaba/SP, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), pelo quarto mandato não consecutivo. Advogada, mestre em direito e pós-graduada em educação para os direitos humanos pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP). É militante da Marcha Mundial de Mulheres.



**Conciliando
vida privada e vida pública**

Exercício preliminar *

Vídeo: Mulheres e Trabalho de Cuidado [3:27]

<https://www.youtube.com/watch?v=jd1mwMMD4TE>

Em sua opinião, o que seria necessário para um maior equilíbrio de responsabilidades das tarefas do cuidado?

Acho esse aspecto fundamental para proporcionar mais oportunidades às mulheres nos ambientes de poder e decisão. Mulheres cansadas não são capazes de lutar por igualdade, pois já enfrentam lutas diárias nos exercícios de seus diversos papéis. Dito isso, um maior equilíbrio das tarefas do cuidado, envolve reconhecimento do trabalho não remunerado e aplicação de políticas públicas de apoio às mães (creches, projetos de reconstrução ou fomento da renda), ações flexíveis de jornada de trabalho e principalmente reeducação das crianças e jovens sobre sexo, gênero.

E, em pequena mas significativa esfera, a redistribuição, de maneira igualitária, das tarefas de casa e de cuidado entre os homens.

(Luana Cachuite)

Quebra do patriarcado.

(Rosa Barbosa)

Primeiramente, romper com o imaginário de que existem funções naturalmente femininas e masculinas. Acredito que trazer para o debate a masculinidade hegemônica e debater as múltiplas possibilidades de ser homem são o primeiro passo para romper as múltiplas jornadas de trabalho feminino e as ideias de características naturais a um e a outro.

(Leticia Marques)

* Cada um dos módulos foi precedido por uma tarefa de casa, postada na plataforma digital, contendo um vídeo e uma pergunta sobre o tema, a cargo de Vera Vieira, proporcionando a interação de ideias entre as participantes. Em cada oficina, os trinta minutos iniciais eram dedicados ao debate sobre o exercício, possibilitando a intervenção de todas as participantes, o que também foi considerado importante na capacitação para a ocupação de cargos de poder e decisão.

Seria necessário tanto mulheres quanto homens estarem cientes de que todos devem contribuir para a execução de tais tarefas, pois todos se beneficiam e precisam delas.

A partir disso, (re)distribuir entre todos as atividades e responsabilidades.
(Roseany Mendes)

A educação de homens e mulheres sobre a lógica da igualdade de gênero, a quebra de padrões estabelecidos socialmente e políticas públicas que forneça subsídios para efetivar tais práticas.
(Vanessa SP)

Reconhecer, redistribuir e reduzir o trabalho de cuidar. Isso é fundamental para termos uma sociedade mais justa e igualitária
(Walkiria Lobo Junqueira Ferraz)

Conscientização de todos(as) envolvidos(as) na rotina de execução das tarefas do cuidado. Analisar, e re(distribuir) as tarefas entre todos(as) é essencial para garantir a equidade nos momentos de descanso e relaxamento. Se todos(as) trabalham de forma regular durante um determinado período, por que não colaborar com os afazeres posteriores a essa jornada de trabalho? Começemos a partir daí as mudanças para garantir o empoderamento das mulheres, a liberdade de expressão sem temer represálias, imposição de suas ideias e ideais.
(Fernanda)

O trabalho não remunerado é essencial para a vida social, pois contribui para a formação de cidadãos íntegros.

No entanto, a distribuição desigual do trabalho não remunerado entre homens e mulheres é considerada uma violação dos direitos das mulheres.

(Macielma Torres Rodrigues)

Concientização de que o trabalho doméstico é de todos que moram na casa e não apenas de uma única pessoa.

Que tarefas divididas não sobrecarregam ninguém, assim como mulheres podem ter jornada dupla de trabalho, homens também podem.

A tarefa de cuidar dos filhos também cabe ao homem.

Temos que acabar com essas *fake news* do relacionamento.

Mas para chegar nesse patamar, precisamos falar sobre o assunto, precisamos educar nossos filhos e quebrar o ciclo de servidão.

(Gisa nascimento)

Então, acabar com a visão conservadora de papéis, tendo o homem provedor e a mulher cuidadora. E a educação é a base para tal conscientização.

É um desafio conciliar as exigências profissional e pessoal. Partilhar as tarefas de uma forma igualitária, é necessário. Precisa haver corresponsabilização.
(rcpisaias@gmail.com)

Acredito que seja necessário mudar a estrutura machista da sociedade como um todo.

Homens e mulheres precisam ser educados para entender que o trabalho de cuidado é responsabilidade de todas as pessoas, sejam elas homens ou mulheres.

(AmandaDasCandongas)

Para alcançar um maior equilíbrio nas tarefas do cuidado, acredito que seja essencial transformar nossa cultura e práticas de gênero em várias frentes. Precisamos, em primeiro lugar, de uma educação que desconstrua estereótipos desde cedo, mostrando que o cuidado não é responsabilidade exclusiva das mulheres, mas de todos. Isso inclui ensinar crianças a partilhar essas tarefas de forma justa, valorizando o cuidado como um papel essencial e digno, não subordinado. Além disso, são necessárias políticas públicas que promovam essa igualdade, como licença parental mais flexível e estendida para ambos os gêneros, incentivo à divisão de tarefas no lar e suporte para que mulheres e homens tenham tempo e condições adequadas para se desenvolverem, tanto na vida pessoal quanto profissional. No ambiente de trabalho, empresas também têm um papel relevante: oferecer apoio às famílias, permitir jornadas de trabalho adaptáveis e combater a cultura da “disponibilidade total”, que recai, muitas vezes, sobre as mulheres.

(Maria Sílvia Oliveira)

Os dados do vídeo são surpreendentes. Estamos tão acostumadas a essas tarefas que nem nos damos conta do quanto isso tem tomado parte de nossa vida. E pior, ainda temos que lidar com um sentimento de culpa, quando, por alguma razão, não conseguimos realizar o cuidado. Creio que para minimizar um problema urgente, seria necessária a divisão do trabalho entre todos os envolvidos (mulheres e homens) para atender quem precisa ser cuidado (pensando estritamente no caso das famílias). Mas acredito que o fundamental seria o reconhecimento público dessa atividade como um trabalho e da sobrecarga que ela traz para as mulheres. E neste sentido, se faz necessário e urgente a criação de políticas públicas que reconheçam a importância do trabalho de cuidado, não somente no sentido da remuneração, mas como forma de proteção e garantia de direitos para quem cuida e de quem precisa ser cuidado. Também defendo que precisamos, urgentemente, ensinar nossas meninas e meninos sobre a responsabilidade COLETIVA do cuidar, seja da casa, das crianças, dos idosos, dos animais, do patrimônio público etc. Em outras palavras, todos somos responsáveis. Somente assim, pelo menos no futuro – ainda que distante –, podemos ter esperança de alcançar uma sociedade mais justa e igualitária.

(Maria Cristina Gobbi)

Que os homens assumissem suas responsabilidades perante a vida, afinal, todo o serviço de uma casa e cuidados com filhos ou pais requer tempo e esforço que, se em conjunto, fica mais justo, igualitário e não demanda tanto esforço da mulher para “equilibrar os pratos”.

Lembro-me que, em certa ocasião de minha vida, eu trabalhava das 8h às 18h, às vezes fazia horas extras até umas 20h, sem falar nas 2 horas diárias nos transportes, onde o abuso por “enchochamentos” era frequente e humilhante.

Ainda chegava em casa e tinha todo o serviço doméstico pra realizar, mais alimentação e faculdade. Chegava em casa à meia noite, por aí. E, quando fui mãe, mais essa “responsabilidade”. A constante jornada tripla e todo o abuso e violência, o cansaço, a falta de perspectiva de amadurecimento de meu parceiro me fizeram cair na real e buscar outra maneira de viver.

Preferi criar minha filha sozinha a continuar na ilusão de que ter um homem bastaria...

Segundo minha mãe (não a julgando; sei de suas limitações), ruim com ele ... pior sem ele.....

Optei pelo “pior”, e me vi no melhor de mim.

(Ivanete)

A ruptura dos ditos papéis, visto que o verbo cuidar é associado aos corpos femininos como sendo sua função principal.

As tarefas do cuidado devem ser associadas ao coletivo.

(Marcilene Pereira Barbosa)

Acho que o maior passo para o equilíbrio das tarefas do cuidado é o entendimento que, primeiramente, não é algo inerente à mulher, e que, apesar de conter um grande peso afetivo, é um TRABALHO.

E um trabalho não remunerado, invisibilizado, que recai em uma só pessoa (geralmente a mulher) e não é visto como uma responsabilidade que deveria ser socialmente dividida, com grande atenção do Estado e de políticas públicas para tal.

(Bárbara Bolognesi)

Conciliando vida privada e vida pública

Inicialmente, vamos fazer uma retrospectiva quanto aos aspectos histórico-culturais do patriarcado – nos quais menina e menino nascem com papéis sociais determinados.

Desde a tenra infância, esses papéis vão sendo definidos por meio dos brinquedos, sendo que enquanto as meninas brincam com aqueles que têm relação com os utensílios da casa (panelas, fogão, o fazer a comida, o passar roupa, o limpar a casa, a tarefa do cuidado e da reprodução por meio da boneca, etc.), os meninos brincam com aqueles de domínio público (bola, carrinho, avião, soltar papagaio).

O que quer dizer que as meninas, ao longo das suas vidas, vão sendo preparadas para o trabalho privado, invisível e não-remunerado, enquanto os meninos vão para o trabalho público – que impacta nos aspectos sócio-econômico-político-cultural.

Assim sendo, as mulheres, ao ingressarem no mercado

de trabalho, vão exercer aquelas funções extensivas às da casa, as do cuidado, quer dizer, as que são menos valorizadas. Como demonstração desse fato, podemos citar que, em 1895, as meninas tinham aula de corte de costura e os

meninos tinham aula de marcenaria.

A base da pirâmide social

A questão étnica/racial é de grande importância, para entender as desigualdades. As mulheres negras representam mais de 45% do trabalho informal e a

remuneração é menor tanto em relação à mulher branca como em relação aos homens brancos. De acordo com dados da Agência Brasil 2023, a mulher negra recebe 48% da remuneração do homem branco.

A taxa de informalidade das mulheres negras é de 45,4%, quase 15 pontos percentuais acima dos homens brancos (30,7%).



História do trabalho: o que sempre foi (é) para mulheres e o que foi (é) para homens?



Aula de costura para meninas, em 1895



Aula de marcenaria para meninos, em 1905



A mulher negra e o trabalho



Vida privada e vida pública



Em 2022, as mulheres dedicaram quase o dobro de tempo que os homens na posição de cuidadoras e responsáveis por tarefas domésticas. Foram 21,3 horas semanais contra 11,7 horas para os homens.

Em 2022, mulheres em cargo de gerência tiveram rendimento médio de R\$ 6.600 - **21,2% abaixo** do que os homens ganharam (R\$ 8.378). IBGE – 2022.

Os espaços de poder político



Além disso, o legislativo e o executivo são espaços de domínio masculino, apesar de a mulher representar mais de 51% da população.

Pela via eleitoral direta, apenas em maio de 1933, uma mulher ocupou assento no Congresso Nacional. A médica Carlota Pereira de Queirós foi eleita a primeira deputada federal da América Latina, após ativa participação na Revolução Constitucionalista de 1932.

Para termos uma noção do que significa a sub-representação das mulheres no legislativo, vimos que, nas eleições de 2020, foram eleitas 9 mil mulheres, o que corresponde a 16% do total nacional. Os homens eleitos representam 84% – 47,3 mil. Enquanto que nas eleições de

2022, das 27 vagas disponíveis no Senado, apenas quatro senadoras foram eleitas. Hoje, elas representam 12% do total de vagas.

Disso, concluímos que, apesar de as mulheres terem avançado nas suas pautas, ainda há muito a se conquistar, especialmente, quanto à implementação de políticas públicas para mulheres nas diferentes esferas – União, Estados, Distrito Federal e Municípios, pois só a partir destas é que teremos garantia de direitos e oportunidades iguais, o fim da violência de gênero em todos os espaços nos quais as mulheres estão presentes e não seremos mais a minoria representada. Assim, teremos que seguir em frente, juntas sempre, até que todas sejamos livres!

A Bancada do Batom, na Assembleia Constituinte de 1987



A Bancada do Batom (ou Lobby do Batom) foi uma iniciativa estratégica e bem-sucedida que formou uma aliança suprapartidária entre senadoras e deputadas durante a Assembleia Constituinte de 1987-1988. Seu objetivo era garantir e ampliar os direitos das mulheres na Constituição Federal, incluindo direitos civis, sociais e econômicos.

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lobby_do_Batom)

O Lobby do Batom foi composto por professoras, médicas e jornalistas, entre mulheres de outras profissões. Teve um total de 26 constituintes de variados partidos, como PSB, PSDB, PT, PFL, PTB e outros; a maioria das constituintes pertenciam ao PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), que contou com onze representantes (42,3%). Dado o período de redemocratização do país, havia a necessidade de redigir uma nova Constituição que abrangesse mais direitos para a população. Para isso, foram eleitos, por voto direto em 1986, 559 deputados. Desses, só 26, ou seja, 5% eram mulheres, o que pode até parecer um número pequeno de participação das mulheres – e de fato era. Entretanto, para a época, já era revolucionário. Isso porque, por exemplo, na Assembleia de 1934, a Assembleia Constituinte contou com apenas duas mulheres: Carlota Pereira de Queiroz e Almerinda Farias da Gama. Assim, as constituintes se uniram com o objetivo de alcançar suas reivindicações em comum: a ampliação dos direitos civis, sociais e econômicos das mulheres, a definição do princípio da não discriminação por sexo e raça-etnia, a igualdade de direitos e responsabilidades na família, a proibição da discriminação da mulher no mercado de trabalho, e igualdade jurídica entre homens e mulheres, entre outros. (Fonte: <https://www.politize.com.br/lobby-do-batom/>)



DEBATE AO FINAL DA OFICINA

Então, o vídeo fala sobre a tripla jornada da mulher, a correria da vida da mulher, as questões de profissionais, com a sobrecarga do trabalho de casa, que não obstante tantas campanhas, tantas lutas e tantos anos, dizendo que não é um serviço para mulher apenas. Afinal, todo mundo suja, todo mundo tem que limpar, né? Mas fica a carga da mulher por uma questão patriarcal e toda essa leva de situações em que a mulher é colocada como um objeto que tem que limpar e cuidar e tudo mais, e ainda trabalha fora, ajuda em casa. Eu lembro que quando eu era moça, e eu casei muito jovem, com 19 anos, na verdade, eu não queria me casar, mas foi assim, uma campanha dos pais e do noivo para realizar o casamento. Eu acabei indo nessa levada, acabei casando, mas logo já vi que não ia dar certo, porque era desse jeito. Eu chegava do serviço, cansada, tinha que preparar comida, cuidar da casa. Depois de dez anos, eu fiquei grávida. Aí, eu tinha que cuidar da filha. Tinha vezes, que eu carregava na condução a filha, minha bolsa, a bolsa da filha, sei lá, e o maridão de boa vivendo a vida como se fosse solteiro ainda. Imagino que como eu, muitas mulheres têm essas questões de lidar com tudo isso ao mesmo tempo, e ainda tem que estar de bom humor o tempo todo. Então, eu acredito que é muito pesado mesmo, é uma carga muito pesada. Eu aguentei por um tempo, mas depois eu preferi ficar comigo, sabe? Gosto muito de mim hoje. Depois de muita luta, eu comecei a entender as questões, e depois de muita briga, muita agressão, física, moral, de tudo quanto é jeito, eu acabei me separando, e vivo bem hoje. Cuido de mim, eu sei que eu mesma tenho a minha bagunça, não preciso cuidar da bagunça de marmanjo. As situações no serviço também não ajudam muito, porque em muitos lugares não há creche ou não tem vaga, então, a mulher tem que se voltar para pagar particular, porque além de tudo a gente tem que se preocupar com isso.

E quem vai atrás é a mulher, geralmente é a mulher.

(Neti Navarro - São Paulo/SP)

Eu penso que a questão de gênero não deveria ser um fator determinante para a divisão desses papéis, para reforçar entre o gênero masculino e feminino, mas sim para compartilhar esses papéis. De quem é essa responsabilidade? De ambos. E essa questão tem muito a ver com a educação, como já foi mencionado. Eu penso que se a gente, desde a primeira infância, começasse a educar para a igualdade de gênero, seria diferente. Eu tenho um neto de oito anos, e com quatro anos ele pediu um fogão de presente de Natal. Minha irmã faleceu esse ano, e compartilhou também com ele a questão do ato de cozinhar, o prazer em cozinhar, plantar, enfim. E a partir dessa brincadeira, eu acho, eu penso que a gente supera essa divisão de papéis, que não é a brincadeira de menina ou menino, que menina tem que brincar de casinha e menino de carrinho, como foi na nossa geração. Quando a Camila Pitanga fala dessa dupla jornada, que vocês já falaram para lá de dupla jornada, ontem, por exemplo, eu estive ausente porque eu tenho uma mãe de 86 anos, e eu me divido entre três lares, além de trabalhar e estudar. Ontem, eu senti isso na pele, porque eu tenho um irmão que e eu sinto muita dificuldade em compartilhar o papel do cuidado da minha mãe. Minha mãe é uma pessoa consciente, mas ela tem as suas limitações físicas. Eu sinto isso desde quando eu era pequena, porque para eu poder ir para a escola de sexta-feira, que era o dia de faxina, eu tinha, antes, que limpar a casa e deixá-la brilhando. Meus irmãos, não. Eles iam brincar e quando chegavam jogavam meia, roupa, aonde eles quisessem. E estava tudo bem, porque são homens. Hoje, eu acabei de chegar do trabalho, enquanto eu estava abrindo esta aula no computador, eu estava lá começando a fazer a janta, lavando louça. Enfim, hoje eu estou na minha casa, ontem eu estava na casa da minha mãe, então, a gente se vira em mil ainda. A gente buscou uma autonomia e ainda está buscando, porque a nossa independência vai além da questão financeira. A gente ainda tem que lutar contra muitos direitos violados para alcançar uma plena autonomia, obviamente. Direito à nossa saúde, à nossa saúde mental, como a colega falou, a gente acaba adoecendo com essa sobrecarga. Então, é repensar tudo isso de uma maneira bem reflexiva mesmo, é um exercício constante, para que a gente consiga realmente preparar um caminho. É aquilo que a gente vem falando durante as aulas: é ter esse pensamento de preparar um caminho. A Amelinha falou numa perspectiva de 200 anos para conseguirmos a equidade, mas que a gente possa alcançar uma cultura de paz, com pensamento diferenciado das novas gerações, para realmente compartilhar esses papéis a partir das relações familiares e outras reproduções de relações humanas, sociais, de trabalho. Então é isso. A gente compartilha aqui as angústias com as companheiras, e é importante, isso nos fortalece. Eu penso que é para que a gente possa pensar nesse compartilhar e educar como mulheres de forma diferenciada. Seja a avó que participa da criação, entre aspas, desse menino. Hoje, eu tenho maior orgulho quando meu neto me chama para ir para a cozinha, fazer um bolinho de chuva. Enfim, é muito positivo, porque lá na frente, independente da relação que ele tiver e da orientação sexual dele, ele vai ter essa consciência como corresponsável também por tudo, desde as rotinas dos afazeres dentro de casa. (Luciana Ribeiro - São Paulo/SP)

Eu acho que quando eu me deparei com esse vídeo, acabei pensando muito na questão entre vida privada e vida pública. Quando a gente para e pensa em mulheres e homens, na questão dessa cultura de papéis, a gente percebe uma circulação maior da mulher, do espaço privado para o público. A gente consegue ver esse transitar, assim, e esse transitar acaba também nos levando a uma certa exaustão, porque nos pede que a gente seja 100% em qualquer área que a gente ocupe. Já para o homem não; quando você vai visualizar a figura masculina, pelo nosso sistema patriarcal, a gente vê uma figura que domina o espaço público, mas o privado não é colocado como espaço de ocupação, de você compartilhar, dividir, é colocado até como um espaço de fragilidade. Eu fiquei pensando muito na questão que a Luana trouxe: ela abordou a questão da luta que a gente está vivendo esse ano da escala de trabalho 6x1, e o tema que a Camila Pitanga aborda no vídeo sobre os cuidados... Nós somos o quê? Trabalhadoras, donas de casa, sendo mães ou não, mas sempre esse espaço está sendo colocado para que a mulher domine. Você vê a mãe levando o filho ou o pai dela para uma consulta; a mulher tem que se virar sozinha. Então, assim, eu acho que a ruptura dos papéis vai depender muito da educação, que seja voltada para o âmbito coletivo. É uma questão que a gente tem que aprimorar. Também a necessidade de políticas públicas, porque se você tem um filho, precisa de uma creche para deixá-lo, de uma escola próxima, precisa de uma rede de apoio. A mulher heroína, que dá conta de tudo, acaba adoecendo em vários sentidos, fisicamente, mentalmente, psicologicamente.

(Marcilene - Riacho Fundo I / Brasília/DF)

Eu queria fazer uma reflexão que para mim hoje é muito forte, com relação à divisão sexual do trabalho. Eu até escrevi que a cultura patriarcal caminha de mãos dadas com o sistema capitalista.

O que eu quero dizer com isso? Essa divisão sexual do trabalho, em algumas famílias, eu não sei nem calcular qual seria a porcentagem, os homens têm participado da vida privada, fazendo, cumprindo com a reprodução da vida. E o que é a vida privada? É o alimento, é a casa, é o cuidado com os filhos, e isso é a reprodução da vida. Só que nós, enquanto classe trabalhadora, nós também estamos no mercado de trabalho. Antes, aquela época em que a mulher era privada do mundo do trabalho, do trabalho entre aspas, remunerado, porque a mulher ela tem essa tripla jornada, dupla jornada, e não é remunerada, tanto que está para ser aprovado, já foi para o Senado, a lei do cuidado, exatamente porque a reprodução da vida, ela passa por tarefas que têm que ser cumpridas. Se alguém não for no mercado, não fizer comida, não lavar roupa, como é que vai ser?

E o dono do capital, ele precisa do seu trabalhador... E, hoje, quando a gente está dizendo não à escala 6x1, é porque cada vez mais nós estamos voltando para o sistema escravagista. O que é o sistema escravagista? É você não ter o tempo que você precisa para viver a tua cidadania. Você é uma apropriação do sistema, então, você precisa do teu dinheiro para comer, do teu salário, você se submete ao horário que o sistema está oferecendo. É por isso que eu não consigo hoje desvencilhar classe com essa divisão sexual do trabalho. Eu vou dar o exemplo da minha filha: o marido dela trabalha no aeroporto; ela é uma microempresária. Gente, tem semanas que ela viaja de segunda até sexta, e quem que cuida dos três filhos, da casa, comida, é o pai. E é a rotina, não é uma coisa que é de vez em quando, e ela tem que estar no mundo porque a profissão dela exige isso. E é claro, eles dividem estas tarefas, mas aí é o que eu estava dizendo, cada vez mais o sistema vem se apropriando do tempo do trabalhador, da pessoa, do cidadão, da cidadã, ele se apropria porque é uma forma também de controlar o desenvolvimento político, então, você não tem como participar de uma ação política, de um sindicato, de uma organização do movimento popular, porque você está tomada todos os dias. Eu queria só deixar esta reflexão de que nós não podemos mais só falar na questão do privado e do público, sem associar o dono do capital, controlando e tirando de cada pessoa, homens e mulheres da classe trabalhadora, a nossa dignidade.

(Zeza - Indaiatuba/SP)

Eu acho que tem que ter a redistribuição de tarefas. Só que, pela educação que eu tive, meu pai nunca ajudava à mamãe, então, para mim, é muito difícil, foi muito difícil aceitar essa ajuda.

Hoje, eu vejo acontecer tudo diferente. Eu sou mãe de dois meninos que são casados.

Eles fazem tudo, ajudam às mulheres. Eu acho que tem a ver muito com a época que nós estamos vivendo. Agora, eles conseguem fazer essa divisão, limpar, cuidar, cozinhar.... Ele que cozinha, porque a mulher não sabe cozinhar. Então, para mim, foi uma surpresa muito grande. Tem a ver com uma nova geração.

Na geração de meus pais, a mamãe era completamente submissa ao meu pai.

(Wal - São Paulo/SP)

Eu só queria trazer a questão da revolução russa, quando foi proposta a socialização do trabalho doméstico, além da criação de creches, lavanderias e restaurantes públicos, para libertar as mulheres do trabalho doméstico.

Então, só queria trazer essa lembrança. Isso aconteceu há 100 anos.

Talvez isso pudesse ser resgatado na sociedade de hoje.

Não funcionou, então, pela história, aconteceu toda a queda lá, então foi tirado isso, mas é uma possibilidade que aconteceu naquela época e por questões políticas históricas não deu certo, não foi para frente.

(Vanessa - Piracicaba/SP)

A gente está discutindo o que seria necessário para um maior equilíbrio da jornada da mulher, então, eu acho que a gente tem um desafio bem grande. Eu ouvi a fala da Zeza, eu falo que a caminhada é bem cheia de carinho e de uma vivência que é muito importante para nós. É preciso dividir, pois não é só obrigação minha, é obrigação dele, do meu filho, da minha filha, entendeu? Não penso na mulher delegando as tarefas, mas eu penso na mulher compartilhando, então, a palavra de ordem é compartilhamento mesmo. É extremamente complicado, eu acho que cada uma de nós, em alguma medida, vive essas responsabilidades que nos são atribuídas. Acho que uma das responsabilidades mais sérias que nós temos é a responsabilidade do cuidado. Não estou falando só de quem está doente, é o cuidado com o filho, é o cuidado com o marido, é o cuidado com a casa, é o cuidado com a roupa, é o cuidado com a conta que não foi paga, é o cuidado com o rapaz que vem entregar alguma coisa para a gente, é o cuidado o tempo inteiro. E aí a gente esquece do cuidado com a gente. Então eu acho que todas as atividades, de um modo geral, devem ser compartilhadas. A gente precisa adquirir a capacidade de dizer não, porque nós não fomos ensinadas a dizer não. Às vezes, eu falo que estou tão sobrecarregada, e chega alguém e me pede para fazer outra coisa. Eu falo, tá bom. Aí, eu percebo que não poderia ter feito assim. Simplesmente aceitei de forma automática, essa coisa da mulher, da disponibilidade que nós temos. E não é só em casa. No próprio trabalho, com os meus alunos, com os meus orientandos. Em casa, por exemplo, agora há pouco, eu dei uma bronca no meu marido porque eu entrei e ele estava sentado. Ele se virou pra mim, pedindo um copo de água. Por que, você tá com problema na perna? Mas isso é tão comum que a gente acaba fazendo, às vezes, muitas vezes, pra se livrar, pra resolver, porque nós somos muito ágeis. Então, eu acho que é desacelerar, aprender a dizer não e compartilhar, compartilhar, porque não aprendemos a fazer isso.

A gente aprendeu a assumir.

Então eu acho que esse é o nosso maior desafio.

(Maria Cristina Gobbi - Bauru/SP)

Como eu organizo os 16 dias de Ativismo, a gente ficou dois anos no tema que vinha da campanha global, que era sobre uma resolução da Organização Internacional do Trabalho. Por essa resolução, a gente só conseguiria a justiça social no mundo do trabalho, quando conseguisse fazer valer a economia do cuidado. Mas nesses dois anos que a gente fez a campanha e agora discutindo, o que aconteceu? A gente acabou acumulando essa luta, a luta pela economia do cuidado, ela é mundial. A companheira já trouxe que a Rússia tentou fazer e que os países, especialmente os europeus, que têm leis avançadas no mundo do trabalho, têm essa divisão, têm essa licença paternidade prolongada, toda essa estrutura. O que é a economia do cuidado? Diz respeito a quantas pessoas trabalham para produzir a riqueza da família, independente do modelo familiar. E a gente puxando muito para a nossa vida privada. Agora, em Taubaté, é que a gente está conseguindo construir um plano de enfrentamento à violência contra a mulher. A gente não tem nada; tem alguns poucos serviços. Não temos nem conselho de direito. Então, a gente sonhou que ia dar para fazer esse plano, e fomos atropeladas pela legislação nacional, pois o município que não tiver o plano vai perder verba da segurança. Aí, o principal veio dessa questão do trabalho. Nós fomos para o fórum com uma questão da economia do cuidado, uma ação. Era na mesa que eu estava, que era do controle social. Eu era a única da mesa não ligada ao funcionalismo da prefeitura. Aí, um jovem de militância política falou que gostaria de melhorar aquele texto, para torná-lo mais convincente. Eu não tive esse tempo de atendê-lo, as minhas colegas de grupo, que eram uma representante da OAB e a outra representante do CRP, também não fizeram. Aí, a gente vê que foi um homem que disse que a gente precisava falar sobre a economia do cuidado de forma mais convincente, com mais exigência. Eu acho que a gente precisa sair um pouco da nossa vida privada. Quando a gente fala em economia do cuidado, a gente precisa, sim, falar sobre creches para todas as mulheres, falar sobre lavanderias comunitárias. E a gente precisa se apropriar desse discurso. Embora a questão proposta seja como a gente vai conciliar a vida privada com a disputa dos espaços de poder e decisão... Eu acho que a gente precisa discutir fora, deixar os nossos arranjos familiares. E eu quero contar para vocês que eu, cuidando de mim, sou um desastre. Eu mudei de perfil, de perfil total, fiquei viúva, sozinha. Meus filhos foram embora, ficaram adultos, já estão ficando até velhinhos e eu sou um desastre para me organizar... Eu acho que é isso. Eu acho que a gente precisa discutir o externo, o coletivo, lutar lá fora.

Como que a gente vai fazer essa luta coletiva?

(Leila Ramos - Taubaté/SP)

Essa nossa jornada, hoje, nos adocece, e vem nos adoecendo muito. Nós vivemos mais, mas adoecemos mais. E cada vez mais doenças relacionadas às emoções, como a fibromialgia, estão abraçando as mulheres. Quem tem fibromialgia, quem tem uma amiga que tem fibromialgia, sabe como é. O outro ponto é que a gente está nessa luta mesmo dessa construção para que todos entendam que é dever de todos cuidar da casa, mas ainda é tão difícil... Só para compartilhar, uma paciente minha é médica, 70% da renda da família é dela. E assim, a rotina dela: ela acorda às cinco da manhã para preparar café para todo mundo, acordar os filhos, o marido acorda depois das crianças. Quando ele sai, depois de se arrumar rapidinho, ainda reclama que ela atrasa. Então, independente do nível social, a gente passa pelas mesmas dores como mulheres. Claro que o nível social agrava outras coisas, mas essa discussão é de tamanha importância, porque o que mais me chama a atenção é o quanto nós estamos adoecidas hoje por conta dessa sobrecarga. E ainda temos que ser mulheres bonitas, sedutoras, sexualizadas. E 70% dos divórcios ocorridos em 2020, 2022, foram pedidos por mulheres. A queixa delas é a sobrecarga de responsabilidade com a família, com os cuidados, com a família. E a queixa dos homens é que ela não é mais atraente e não tem mais o pique sexual que tinha antes.

(Thalita - Macapá/AP)

Essa implementação vai exigir muita luta. Na realidade, mais luta, porque eu concordo com a Rai de que não é uma coisa pronta; quando se consegue uma lei a nível federal, ainda temos que batalhar nos estados e municípios. Aí, fica a questão de como implementar e de como lutar, o que podemos fazer, campanhas, circulações, divulgações, quem sabe fazer até uma campanha mais radical, tipo, tal dia as mulheres não vão fazer nada, vão só fazer o seu plano de carreira; e todas vão fazer uma revolução de cada um por si, vamos lá, todo mundo fazendo suas obrigações, sujou, lavou, limpou...

Eu sou mais radical, sabe por quê? Na minha opinião, tudo vem da educação, a mãe educando o filho e a filha para ajudarem um ao outro, a casa, como cidadãos e não como gênero. Não é uma função, um serviço, que tem que ter gênero na situação. É uma questão ética, moral, social e individual de responsabilidade de cada um. Vejam os japoneses: eles vão aos campos, aos estádios, assistir a algum evento, eles saem limpando todos juntos. E isso vem da escola, da educação, desde pequenininhos as crianças são ensinadas a fazerem o serviço comunitário de limpeza das suas coisas.

Tem que ter cuidado com as suas coisas. Então, esse tipo de cuidado que tem que se ter na nossa educação, é um serviço geral de todos, todos têm responsabilidades, todos têm que assumir suas responsabilidades e agir. Eu vejo também que quando a mulher, por exemplo, trabalha home office e o homem presencial, recai sobre ela um peso de casa. Você está em casa o tempo todo, o dia todo, então, você teve mais tempo para fazer que eu. Eu já vi, ouvi essa frase e, assim, é como se a mulher não estivesse trabalhando, e ela está. Ela está no trabalho home office que exige os horários, o serviço cumprido, as metas e tudo mais, então, a cobrança lá do serviço e a cobrança em casa dizendo que ela está disponível, atender tais demandas é uma questão realmente de educação. Eu acredito que o principal ponto é a educação de todas as pessoas envolvidas. Fazer um combinado de todo mundo junto, a partir de então, educar ambos os gêneros como uma obrigação, uma responsabilidade na realidade, uma responsabilidade de cada pessoa.

(Neti Navarro - São Paulo/SP)

Para complementar, pegando isso da educação das crianças principalmente, eu acho que existe uma coisa muito mal resolvida da sexualidade também, existe um medo muito grande. Ah, esse menininho brincar com boneca vai virar gay, vai virar homossexual. Se a menina brincar com o carrinho vai ficar masculinizada. Então, eu acho que existe uma coisa muito mal resolvida da sexualidade, e existe uma supervalorização até hoje. Eu acho que sexualmente também, porque as crianças, as meninas, além dos brinquedos que as oprimem dentro de casa, as bonequinhas, as roupinhas, ou elas são sexualizadas desde muito pequenas, ou elas são as meninas que pintam unha desde muito nova, brincam com coisas para maquiagem. E os meninos, não; até as roupas deles dão mais liberdade do que as roupas das meninas. Então, eu acho que aqui no Brasil, eu acho que em outros lugares também, existe uma coisa muito mal resolvida da sexualidade, do medo. E uma coisa que eu falei ontem, e que isso me incomoda muito, mas eu também não sei como colocar muito bem: ao mesmo tempo que a gente está vendo muito, muitas coisas caminhando, a gente vê o contrário. Mesmo como a vereadora Luana falou ontem, ela tem 31 anos, ela é superjovem, mas eu quando eu tinha 16, 17, 18, eu jamais imaginava andar com uma namorada de mão dada. E hoje eu vejo isso nas escolas que eu vou, as meninas estão assumindo mais, elas estão assumindo muito depois dos meninos. Mas, ao mesmo tempo, também tem um retrocesso muito grande. A direita está promovendo muitos cursos com as mulheres. A Damaris e a Michelle estão fazendo muitos cursos. E elas estão fazendo curso com muita gente, porque elas pegam das igrejas. Eu queria ter estômago para fazer um curso desse.

Isso está me assustando muito também, sabe?

Porque parece que ao mesmo tempo que vai para uma direção, vai para outra, né?

(Patrícia Negrão - São Paulo/SP)

Eu acho que o que você traz aí dessa preocupação da política do cuidado é uma coisa muito séria, porque a nossa política de cuidado, pelo menos essa proposta que está rolando, ela abarca um universo muito grande. Aí, eu acho que é nesse ponto que nós vamos ter que entrar mesmo, para trazer essas aproximações com as realidades nacionais, porque as políticas públicas, de um modo geral, elas nos permitem um universo, e aí a gente vai ter que trabalhar dentro das especificidades de cada uma das demandas que a sociedade vem sentindo. Tem a mulher, a criança, o idoso, quer dizer, tem um universo muito grande. Eu acho que o desafio do nosso trabalho nem começou ainda nas políticas do cuidado. Nesse sentido de fazer valer mesmo essa legislação, que é uma conquista importante, enfim, um pouco mais da nossa luta cotidiana. É muito importante a nossa luta. Eu acho que é um dado dessa política de cuidados, que é importante ser destacado, porque quem mais está nessa tarefa de cuidados são as mulheres pobres, as negras, são elas que precisam abandonar o trabalho para cuidar de alguém, porque não têm como pagar para alguém cuidar de um familiar. E nós vamos ter que pensar em estratégias para trazer essa mulher para nossa luta, porque é ela quem vai ser beneficiada. Quando a mulher tem um poder aquisitivo maior, a família tem um poder aquisitivo, contrata alguém para cuidar. E essa mulher, que já ganha muito pouco num trabalho, ela muitas vezes precisa sair porque não tem quem cuide dessa pessoa do seu familiar, seja sua mãe, seja seu pai, seja o filho. Quantas mulheres atípicas que vivem numa situação de miserabilidade e o Estado não tem uma política para essa criança que tem uma deficiência; o transporte, é tudo muito precário, e é tudo muito difícil para as mulheres pobres. Então, eu estou bastante confiante nessa política de cuidados, nós até já fizemos alguns debates aqui a respeito. Nós vamos começar, por exemplo, o ano que vem, 2025, já fazendo essa discussão com o novo prefeito, porque tem que trazer para o município essa política de cuidados, pois vai beneficiar muitas mulheres.

(Maria Cristina - Bauru/SP)

Você citou que quem pode, quem tem dinheiro, contrata alguém para cuidar, e contrata normalmente uma outra mulher negra, pobre. Infelizmente, é essa a realidade, é isso aí.

Mas você fez a citação de uma expressão, que eu ouvi há muito pouco tempo, eu aprendi há muito pouco tempo, por isso eu não sei se todo mundo sabe. Você falou em mãe atípica, você pode explicar? Não sei se todo mundo sabe o que é. A mãe atípica é aquela mãe que tem um filho com deficiência, autista, cadeirante, é qualquer tipo de deficiência. Então, ela é tida como uma mãe atípica. Em Sumaré, a Zeza, você também estava lá, quando tiveram alguns reconhecimentos de algumas mulheres, que elas falaram sobre essa questão, elas falaram do trabalho que elas têm e da falta de políticas na sociedade para com essas pessoas que têm deficiência. E essas mães sofrem todos os tipos de dificuldades de tratamento, do cuidado dessas crianças, mas também o problema da pobreza, porque elas não têm como trabalhar, elas não têm como deixar esses filhos com outras pessoas, ficando privadas do básico necessário para a sua sobrevivência, e vivem com um chapéu na mão. E aí tem as políticas, tem o Bolsa Família, tem algumas políticas dessa natureza, mas elas são insuficientes para suprir as necessidades dessas mulheres. Portanto, quando nós falamos de vida das mulheres, e que nós defendemos a vida das mulheres, nós não estamos defendendo a vida só daquelas que estão em vias de risco de vida, nós estamos falando de vida das mulheres que estão na extrema pobreza, com todo tipo de necessidade, que moram precariamente, geralmente em um barraco, que não têm nenhum tipo de serviço de saneamento básico, não tem luz... E as necessidades são tremendas. Minha avó dizia que a fome dói..

a dor da fome é uma dor terrível que só quem sentiu pode dimensionar.

(Luciana - SãoPaulo/SP)

Em sua opinião, o que seria necessário para o maior equilíbrio das tarefas do cuidado?

Então, a gente olha e fala que é simples, mas não é. Como a Vera já colocou aqui, muito complexa. Foi construída historicamente, culturalmente, então uma mudança que não é fácil de ser feita. E eu fico feliz de saber que está aí uma luta por uma legislação, no sentido de começar a mudar isso. Então, eu parablenizo e digo que eu tenho muito orgulho de saber que há mulheres aí como você, Rai, nessa frente. E eu fico pensando sobre isso, a complexidade, como eu já falei, o que foi construído culturalmente, historicamente... Então, a gente tem que pensar nessa abordagem ampla, integrada. A mudança precisa ser cultural, com políticas públicas, como já estão acontecendo, mas elas também precisam acontecer através de ações educativas. Fico pensando na dinâmica familiar, mas penso assim de entrar nos currículos mesmo, para que desde a infância as crianças já possam aprender essa equidade que tem que acontecer no sentido da divisão das responsabilidades entre homens e mulheres, e essas responsabilidades em todos os sentidos, né? E principalmente no sentido do cuidado. E então é isso, acho que a gente precisa valorizar o trabalho de cuidado, investir em educação de redes de apoio, tentar criar um ambiente equilibrado onde o cuidado seja uma responsabilidade compartilhada por todas as pessoas.

(Sílvia)

Eu quero compartilhar brevemente a experiência que eu tive aqui na região Oeste da Grande São Paulo, que partiu de movimento social, de militantes, de gestores públicos, há três anos. A gente conseguiu, antes de implantar um consórcio na região, ser a primeira câmara temática a ser implantada nesse consórcio de gênero, e alcançou projetos. Mas, quando a gente fala da política pública pra mulher, que não é prioritária, e a gente considera assim o tempo de porta fechada com a pandemia, outras questões de saúde que foram muito significativas, nesse tempo que a gente passou quanto ao orçamento público, a gente sofre muito. Eu trabalho em um município que tem um milhão de habitantes. A gente criou uma secretaria executiva, não é fim, não tem capacidade técnica nem pra gerir projetos, implantar, criar, elaborar, fomentar política pública, e nem pra dar conta dos serviços lá na ponta de execução. Nós temos dois CRAMS que atendem vítimas de violência, mas a gente tem, a duras penas, também trabalhado uma questão de diálogo com o legislativo. Quando a gente vê uma pessoa com peso da tua expressão, desculpa a forma também de me expressar, que tem essa consciência, que tem esse empoderamento, é muito bom, porque nós tínhamos um grupo de cinco vereadoras até este ano, e foi reduzido esse número aqui na nossa cidade. Com cinco já era difícil, e essas cinco todas têm realmente uma representatividade, um empoderamento para que a gente possa discutir a regulamentação de leis federais dentro do município, a implantação de projetos de leis que alcançam as necessidades das mulheres. Quando você fala das mães atípicas, que são invisibilizadas, que são abandonadas pelas suas famílias, a gente tem aqui também uma outra executiva só que para todos esses segmentos, PCD [Pessoa Com Deficiência], mulher, diversidade sexual, que é uma matemática que acumula na secretaria que eu trabalho. Recorte racial e igualdade racial, hoje, são executivas, cada uma com a sua especificidade, mas a gente precisa fortalecer a intersectoralidade, a intersecção que a gente aprendeu na primeira aula, que a gente conversou bastante.

Então, a gente sente muito essa dificuldade no cotidiano.

(continua...)

(...continuação)

Mas é importante ter esse diálogo com o legislativo, entender que a gente está num momento muito conservador, trabalhar esses recortes e a garantia de acesso, acessibilidade dessas população aos seus direitos e leis que as representem também. Muitas vezes, não são contempladas pela opinião individual de um legislador, enfim, pela forma, pela religião que ele segue, e isso é frustrante, nos deixa desanimadas. Mas, quando a gente está aqui nesse espaço de reflexão, é muito importante para a gente continuar essa caminhada, e entender que é necessário que a gente continue de forma consciente, seja como movimento social, os conselhos que foram citado aqui por uma colega do Direito, dos movimentos sociais, da participação dos conselhos de direito. É sobre o conhecimento que conselheiros necessitam para poder fazer o controle social das políticas públicas. É importante a gente fortalecer em nossos municípios, seja o Conselho de Direito das Mulheres, seja divisão. Às vezes, tem município que tem uma sala, de uma divisão de mulheres, de políticas para mulheres... A gente tem que chegar junto e apoiar, seja como movimento, seja como cidadão, e tentar somar, porque é luta todo dia, não é fácil trabalhar essas políticas públicas, não é fácil a gente poder estabelecer diálogos entre os poderes, entre as outras políticas públicas, porque as pessoas não respeitam a nossa representatividade, não nos colocam junto para discutir. Enfim, são tantas situações, só que a gente tem que olhar sob uma outra perspectiva. Quando atendia vítimas de violência doméstica, eu falava que a gente tem que buscar outras perspectivas. É difícil, mas a gente senta junto de igual para igual, tira a mesa, que separa a gente num atendimento, pega na mão e vai junto. E, assim, a gente segue como mulheres, seja como militante, seja como conselheira, seja como acadêmica, enfim, seja como trabalhadora, seja como dona de casa, para que a gente consiga mesmo essa autonomia plena, que quebre tantas questões que causam mortes de mulheres, seja para o risco de vida por causa da violência de gênero, a violência doméstica. A gente está tentando outras terminologias, porque o nome gênero virou demônio. Se você fala de gênero em certos espaços públicos, você é demonizada, então, a gente está tendo que inserir também na educação essa temática de outra forma; falar da lei Maria da Penha e aí tocar sutilmente, que é importante trabalhar a relação entre homens e mulheres. Aí, a gente entra na mulheridade, esse universo feminino, e sutilmente vai falando das trans, das travestis, das mães atípicas, das pessoas que fazem parte do grupo de mulheres pardas, pretas, indígenas, trabalhadoras urbanas, enfim, todo esse universo feminino, esse multiverso feminino.

(Luciana - São Paulo/SP)

Hoje, nós fizemos a abertura aqui na Câmara Municipal de Piracicaba, dos últimos dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher. E nós tivemos uma companheira fazendo uma palestra, com uma abordagem muito interessante. Ela conceitua o patriarcado como um sistema, e o machismo como um instrumento, e a misoginia como um discurso integrado por esse sistema e esta ferramenta. A misoginia é esse discurso que você vai falar que mulher não pode isso, que mulher quando tem uma liderança ela não é uma mulher, não pode ser identificada como uma mulher, enfim, todo preconceito com essa mulher que tem um ativismo na vida pública ou ocupa um espaço nos poderes constituídos. Quando a mulher altera a voz, é porque ela é desequilibrada, ou ela é louca, ou ela não está preparada emocionalmente para estar naquele lugar. Diferentemente do homem, que, quando altera a voz, é porque ele é autoridade, ele tem firmeza, ele tem poder da fala. Quando nós fazemos um debate político de qualquer natureza, que depois vem uma e fala, essa mulher não sabe o que está falando, isso não tem a menor importância, há a desqualificação daquilo que nós falamos. Esse discurso misógino que é colocado na sociedade vem, portanto, desse sistema denominado patriarcado e desse instrumento que é o machismo como manutenção do poder do macho sobre as mulheres, essa questão da sua superioridade. E, para mim, na minha concepção, eu vejo que o patriarcado está ligado ao sistema capitalista, que é da humilhação da riqueza e da opressão da classe trabalhadora para que esse sistema se mantenha. Então, assim, a gente precisa romper com esse patriarcado capitalista para que nós possamos ter uma outra sociedade, que seja a sociedade humana, que nós possamos ter um humanismo. Nós falamos de sociedade socialista, mas nem sei se a gente já pode nomear, ter como uma referência, porque mudaram tanto, a nossa história mudou tanto... Nós estamos aí sabendo que sociedade é essa que nós estamos buscando e que nós estamos discutindo aqui, que são as políticas que buscam a igualdade de gênero, raça, etnia, que a gente está buscando isso e que nós não podemos desistir em hipóteses nenhuma, apesar de todas as dificuldades que nós temos. E com isso nós podemos nos encorajar, melhorar a nossa saúde mental para que nós possamos resistir na luta e não desistirmos mais. Então, a gente precisa desses espaços, desses diálogos para que nós possamos pensar nessa complexidade que essa sociedade, essa complexidade que é romper com esse modelo para possamos ter uma sociedade diferente dessa que nós temos. E que é possível!

(continua...)

(...continuação)

Eu acho que eu queria falar sobre essa questão da lei; primeiro, da lei das políticas públicas de cuidados. É uma lei que nós vamos precisar compreender, inclusive, o seu próprio conceito, porque ela não foca apenas esse trabalho da vida privada. Ela vai para além desse trabalho da vida privada, que é com os trabalhadores e as trabalhadoras da educação, da saúde, da cultura, o trabalho doméstico, as cuidadoras de idosos, de pessoas com deficiências, dos doentes. Então, assim, acho que tem um conceito que está estabelecido nessa lei, porque ela tem uma amplitude para todas essas funções que são as relacionadas aos cuidado. Lógico que compreendendo também que esse trabalho, que é o trabalho do lavar, do passar, de cozinhar, de cuidar das crianças, de fazer o mercado, de fazer a comida, processar a comida, esse também é um trabalho que não tem um valor. E ele passa, a partir dessa política, a ser implementada, a ter também um valor. Esse trabalho, como eu disse em minha apresentação inicial representa 8,5% do PIB, então, portanto, você destina recursos públicos para remuneração desse trabalho.

Agora, a Neti, falou essa questão das campanhas, da radicalização dessas campanhas.

Nós precisamos, de fato, ter um movimento para fazer com que essas políticas sejam implementadas município a município, e aí vai depender de cada uma, de cada um de nós para fazer cumpri-la.

Nós sabemos que a sociedade tem uma dificuldade de incorporar isso. Vejamos a lei que estabelece a igualdade de salários entre homens e mulheres para as funções que são iguais: essa lei ela não pegou ainda; nós temos uma resistência pelo capital, pelas grandes empresas, também as pequenas, de não pagar essa remuneração. Essa lei ainda está por ser cumprida.

(continua...)

(...continuação)

Eu acho que essa lei de cuidados também vai ter, com certeza, uma dificuldade para ser implementada. E nós podemos até já falar isso quando nós pensamos nas políticas públicas e na constituição de organismos que pensam em políticas públicas das mulheres no município. Eu já estou há 40 anos nessa luta. São poucos os municípios que têm um organismo que pensa e implementa as políticas de forma transversal e intersetorial. São poucos os municípios que têm políticas públicas, especificamente para as mulheres e que pensem no todo. Porque nós temos algumas políticas, na saúde, na educação. E na educação tem um retrocesso por causa da politização da denominada ideologia de gênero. Tem esse discurso colocado na sociedade, e a proibição de falar de educação de gênero na rede pública de educação. A gente tem muito ainda a lutar para que tenhamos de fato uma política pública para as mulheres, que busque essa igualdade e também essa política de cuidar. Mas é um avanço. Já é um ganho, só o fato da Câmara dos Deputados, que majoritariamente é conservadora, já ter votado essa lei e agora já estar indo para o Senado. E eu acredito que o Senado também vai aprovar essa lei porque tem um apelo na sociedade. O que me assusta é que ao mesmo tempo tem muitos avanços, há muitos retrocessos também. Você falou, Patrícia, por exemplo, da Michelle e da Damaris, que elas estão fazendo muitos cursos de formação, que é Deus, Família e Pátria. E este discurso tem um apelo na sociedade, essa política dos costumes. Nós temos enfrentado essa discussão em todos os lugares que nós estamos, nos legislativos em especial, tanto que agora tem a discussão novamente de se tornar ilegal até o aborto, aqueles casos que já estão previstos no Código Penal. E essa direita, extrema direita, ela tem esse discurso dentro das igrejas, e isso é muito forte. Tanto a Michelle quanto a Damaris levam esse debate. E ao analisar o número de vereadoras que foram eleitas agora em 2024, a grande maioria é do PL. E essas mulheres, essas vereadoras eleitas, vão trazer para o legislativo o debate dos costumes.

(continua...)

(...continuação)

Eu estou dizendo, por experiência própria, no ano de 2024, que foi o período eleitoral, nós enfrentamos esse debate na Câmara aqui de Piracicaba. A Câmara ficava cheia de pessoas com crianças, levadas para discutir a questão do aborto. E quem fez esse debate na Câmara? Apenas eu, isoladamente.

Nenhuma outra voz veio na defesa, porque essa pauta é uma pauta que tem uma rejeição enorme. Embora nós tenhamos milhares de mulheres que são mortas anualmente por abortos malfeitos, e tem uma quantidade imensa de abortos realizados clandestinamente. Mas, quando você vai fazer esse debate na sociedade, tem um preconceito, tem um mito, tem um problema sério. Inclusive, aqui não por acaso, várias vezes eu sou tida como a que é favorável ao aborto, portanto, sou favorável a morte das crianças. Não se fala da morte das mulheres, mas da morte daquele que é indefeso, que é aquele que não tem a capacidade ainda de fazer a defesa da sua vida. É muito cruel a forma como é feito esse debate na sociedade. E aí, nós temos a Damaris e a Michelle com essa formação, que é dos bons costumes, daquela família dorianiana, que é branca, papai, mamãe, filho, e aí qualquer outra orientação sexual, ou diversidade mesmo, as mulheres negras, elas têm um preconceito na sociedade. E nós enfrentamos isso todo dia. Então, Patrícia, esse é um debate que nós temos enfrentado, cada uma de nós nos diferentes lugares, que nós vamos ter que aumentar esse debate e nos encorajarmos nesse debate, não nos intimidarmos, porque infelizmente é de norte a sul. Quem ganhou as eleições foi a direita, não fomos nós da esquerda. Eu tenho ouvido muito que a gente tem que voltar para as bases, falar com as mulheres onde as igrejas tomaram conta, para a gente falar com essa mulher, ouvir essa mulher, o reclamo dessa mulher.

Essa mulher que está dentro das igrejas, também têm um reclamo. E elas não têm onde desabafar, porque ela está premida por um discurso bastante misógino e de medo, porque também tem um discurso que você vai morrer em determinadas condições, você vai para o inferno. E isso é uma temeridade que está dentro das igrejas. E eu também estou falando por experiência própria. Eu venho de uma igreja evangélica, e o romper com a igreja evangélica é um verdadeiro pesadelo, mas, é libertador quando você consegue; e as mulheres que estão dentro das igrejas, elas sofrem muita pressão e todo tipo de violência. A gente vai precisar ter espaço para conversar com essas mulheres, cada vez mais, para que elas possam compreender o papel delas na sociedade.

(Rai de Almeida - vereadora Piracicaba/SP - palestrante)



Cristina Costa é Professora Titular de Comunicação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da USP, bolsista do CNPq em Produtividade em Pesquisa, autora de diversos livros entre os quais se destacam “Censura em Cena” e “Ficção, Comunicação e Mídias”. É também psicanalista do Instituto Brasileiro de Ciência e Psicanálise.



**A incidência nas mídias para pautar
e ampliar a participação efetiva de
mulheres nos espaços de poder e decisão**

Exercício preliminar *

Vídeo: Desinformação e Fake News – como lidar [3:01]

https://www.google.com/search?q=video+desinforma%C3%A7%C3%A3o+e+fake+news+como+lidar&oq=video+desinforma%C3%A7%C3%A3o+e+fake+news+como+lidar&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDgwMzIqMGo3qAllsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vid=cid:87088c67,vid:z1SOYhzKZ8o,st:0

Poderia relatar um fato envolvendo *fake news* que tenha vivenciado ou tomado conhecimento, com graves consequências?

Na pandemia,
as *fake news* que falavam que quem
tomasse vacina teria um chip implantado no seu corpo.
Para algumas pessoas, poderia estar muito claro
que não fazia sentido, porém,
outras deixaram de se vacinar devido a essas inverdades.

Em 2024, ouvi um podcast
(gravado em 2023, se não me engano),
com a participação da pessoa que inventou essa *fake news*.

Ele relatou que o seu trabalho é
inventar e propagar *fake news* e, de certo modo,
ele se divertiu ao pensar que
alguém tivesse acreditado em tamanho absurdo.

Saber disso me deixou ainda mais indignada
com essa *fake news* especificamente,
mas também com toda a indústria que foi montada
para a produção deste tipo de desinformação
e propagação de mentira.

(Roseany Mendes)

Mentiras gestadas
por pessoas conhecidas
que me causaram mal estar.
(Walkíria Lobo Junqueira Ferraz)

Os produtores das
fake news sobre Covid-19
exploraram, estrategicamente,
aspectos culturais como saberes populares,
tradições, crenças religiosas
e hábitos alimentares
para manipular a população
durante a pandemia.
(Macielma Torres Rodrigues)

* Cada um dos módulos foi precedido por uma tarefa de casa, postada na plataforma digital, contendo um vídeo e uma pergunta sobre o tema, a cargo de Vera Vieira, proporcionando a interação de ideias entre as participantes. Em cada oficina, os trinta minutos iniciais eram dedicados ao debate sobre o exercício, possibilitando a intervenção de todas as participantes, o que também foi considerado importante na capacitação para a ocupação de cargos de poder e decisão.

Eleição do inominável,
em 2018,
foi recheada de *fake news*.
Vivenciamos, cotidianamente,
as consequências.
(Rosa Barbosa)

As *fake news* durante a pandemia
sobre consequências inexistentes
da vacina, o que fez com que
milhares de pessoas se recusassem a se vacinar
e, conseqüentemente, gerou
mortes e casos graves da doença
que poderiam ser evitados.
(Leticia Marques)

Fake news gritantes que eu me lembro
são aquelas nas eleições e na pandemia.
Mas acontece diariamente.
Com o advento das mídias sociais facilitou.
Fico vendo nos grupo de WhatsApp,
na qual participo, vídeos de como solucionar
grandes problemas com descomplicadas ações.
E isso vai desde a uma receita médica
que cura sérios problemas de saúde até formas
infalíveis de ganhar dinheiro.
(Luana Cachuite)

Meu sogro recebeu uma ligação
de instituição financeira. informando que havia
sido creditado em sua conta, “erroneamente”,
uma determinada quantia e que
ele precisaria fazer a devolução.
Ele, sem consultar as fontes e ligar de fato para a instituição
a fim de sanar a dúvida e confirmar o depósito incorreto,
simplesmente realizou a transferência por PIX
para a chave indicada no momento da ligação.
Resultado: está com uma dívida enorme
como se ele tivesse feito um empréstimo consignado.
Como é aposentado, mensalmente, um valor
é deduzido de seu benefício.
Ele judicializou o caso e aguarda resolução,
porém, os descontos ocorrem regularmente.
(Fernanda)

No nosso cotidiano, isso acontece de forma muito recorrente. Trabalho com comunicação e o combate às *Fake Informations* tem sido um dos desafios. Iniciamos essa luta em casa, com as chamadas redes sociais que, muitas vezes, se transformam em um caldeirão de fofocas e desmandos, ainda em âmbito familiar. Poderíamos passar por vários exemplos, mas, pensando em uma coisa mais atual, relacionada às campanhas políticas de 2024, pudemos acompanhar um monte desses desmandos que chamamos de desinformação. São utilizadas imagens, textos e muitos outros artifícios. As próprias mídias massivas, muitas vezes, fazem isso. Temos casos históricos, como o da Escola Base, que destruiu uma família, ou mesmo os mais recentes como nas campanhas políticas em todo o mundo, podendo citar diversos casos. É difícil combater a desinformação, pois a primeira tendência é a de espalhar, como se fosse aquilo que chamamos de “furo” da informação. Tem ligação direta com o sentimento de ser uma pessoa informada e garantir o nosso *status quo*. Vivemos em bolhas informativas, e esse é o maior perigo, pois consumimos informação da nossa “rede” de contatos. Nas teorias do jornalismo, aprendemos e ensinamos nossas/os estudantes sobre isso e pedimos que orientem familiares e amigos. Mas é uma ação pequena. Assim, como sugere o vídeo, a verificação da informação é o caminho mais seguro. Com a ampliação da inteligência artificial, a tendência é a de piorar a proliferação de notícias falsas. Assim, precisamos ficar atentos(as).
(Maria Cristina Gobbi)

Lembro-me que, no ano 2014, recebi a foto de uma mulher pelo WhatsApp e depois pelo Facebook. Cheguei a comentar para que as pessoas tomassem muito cuidado com certas informações duvidosas. Não deu outra: Fabiane Maria de Jesus foi agredida após ser acusada de praticar magia negra com crianças. Além de ser agredida por vários homens, filmaram e postaram nas redes sociais. E assim, como o caso dela, já vi vários casos de pessoas que foram vítimas de mentiras nas redes sociais.
(Gisa nascimento)

Acredito que, no período da pandemia, houve muitas notícias falsas sobre a Covid-19, as quais ecoam até o momento, quanto à reação/sequela das vacinas. Trata-se de um desserviço, que dissemina medo, apelando para o emocional.
(rcpisaias@gmail.com)

Quando ouvi falar de *fake news*, na época, não tinha noção do significado e também dos seus efeitos ou consequências. Mas fui sentindo na pele, como muitas pessoas na sociedade, o quanto é nociva. Perdi pessoas queridas na época da pandemia, também em consequência da forte onda de *fake news* propagada com relação às vacinas. Como foi terrível! Na política e tantos outros segmentos, até hoje, vivemos isso. Chego a ter saudade do jornal impresso da era analógica; a leitura de livros qualificava melhor nosso conhecimento... Tenho esperança que possamos tomar consciência do quanto é sério isso, e que possamos nos aprofundar nas informações e em fontes de fato verdadeiras, embasadas e fundamentadas.
(Luciana Cristina Ribeiro da Silva)

Pessoas que não tomaram mais doses das vacinas contra a Covid-19, em razão das mentiras incansavelmente repetidas.
(Bárbara Bolognesi)

A pandemia COVID-19 é um fato que foi envolvido por inúmeras *fake news*, fazendo com que inúmeras pessoas descreditassem na ciência e colocassem em cheque medidas coletivas em prol de um discurso negacionista e individual.
(Marcilene Pereira Barbosa)

Certo dia, tomei conhecimento de um caso em que uma *fake news* foi disseminada em uma comunidade local. A notícia falsa afirmava que uma pessoa respeitada da comunidade havia cometido um erro grave. Essa informação originou-se de uma pessoa invejosa e maldosa, que conhecia a integridade e o potencial da vítima, mas, por motivos pessoais, queria afastá-la de seu caminho. Sem questionar a veracidade dos fatos, muitos membros da comunidade passaram a criticar severamente a pessoa envolvida e sua família, o que gerou grande sofrimento emocional. Esse episódio mostrou como a propagação de informações falsas, movidas por intenções maliciosas, pode prejudicar profundamente a vida de um indivíduo e enfraquecer os laços dentro de uma comunidade. O julgamento precipitado, sem o devido cuidado com a verdade, resultou em divisão, desconfiança e afastamento entre os membros da comunidade. Essa situação evidencia a importância de praticarmos uma comunicação cuidadosa e empática, baseada na escuta ativa e no respeito pelas necessidades e perspectivas de todos. Se a comunidade tivesse agido com mais abertura e atenção, verificando os fatos antes de julgar, as consequências poderiam ter sido bem diferentes, promovendo maior compreensão e menos sofrimento para todos os envolvidos.
(Silvia)

Um dos fatos mais chocantes (são tantos!) foi, durante a pandemia da Covid. Pessoas próximas a mim não se vacinaram ou, pior, deixaram de vacinar seus filhos/as (jovens ou crianças) devido às *fake news*. Por mais que eu tentasse argumentar com dados científicos, matérias de especialistas renomados etc, essas pessoas tinham contra-argumentos, inclusive artigos de médicos, negando a vacina ou, muitas vezes, nenhuma escuta. Além das mais de 700 mil vítimas da pandemia, as *fake news* foram e são tão nefastas que a negação da vacina, por exemplo, se ampliou, e doenças como o sarampo voltaram a ser uma ameaça. Isso em um país que sempre foi um exemplo de vacinação eficiente.
(Patricia Negrao)

Recentemente, quando o Trump venceu, cai na *fake news* do dólar alto. As *fake news*, relacionadas à guerra na Palestina, também estão em alta. Mas uma *fake news* na minha vida, aconteceu na pandemia, no início, quando falavam da cloroquina. Minha sogra tomou, durante muito tempo, a ivermectina. Meus pais e minha tia pegaram a Covid. Quando minha tia foi ao médico, saiu com a receita desses remédios. Meus pais não foram, e não tomaram nada. Minha tia foi melhorando e meus pais não. Isso me deixou muito confusa, porque era mentira. Mas como explicar que ela estivesse melhorando? No fim, meus pais também melhoraram e deu tudo certo.
(Vanessa)

Eu não estou conseguindo me lembrar de um exemplo que eu tenha vivência, mas acho que foi gravíssima a publicação contra o Boulos [candidato à prefeitura de São Paulo, em 2024], com o laudo falso [sobre uso de drogas], próximo às eleições.
(Leila de Almeida Ramos)

Há tantas *fake news*, que, sim, presenciei varias consequências gravíssimas, como a eleição de vários candidatos fascistas, em várias camadas políticas, trazendo um retrocesso vergonhoso, desastroso para todas as pessoas. Vide, também, as consequências na pandemia de Covid-19 e o número enorme de mortes. Já observei suicídios por conta de irresponsáveis *fake news*. E a morte de uma mulher inocente, acusada nas redes de ser sequestradora de crianças. Vi uma jovem ter que assumir publicamente uma violencia sexual, pois vazaram nas mídias fofocas de que ela estava num hospital fazendo aborto. Passei a admirá-la pela força que teve. Enfim, várias situações que não caberiam aqui. Isso é muito triste e errado ao extremo. Hoje, existem maneiras para comprovar a veracidade da notícia. Sempre confirmo, pois só a verdade me interessa; não tenho tempo a perder.
(Vanete)

Na pandemia,
houve muitas desinformações
que geraram mortes.
(ntsvalves@gmail.com)

Foto Voz - novas técnicas de pesquisa, educação e intervenção social



Quando o ano de 2020 chegou, a coisa estava fora da ordem. Uma pandemia foi anunciada, o vírus viajou o mundo, se instalou nos corpos, milhares de pessoas ficaram gravemente doentes, o sistema de saúde de países ricos e pobres entrou em colapso, as mortes se multiplicaram, o pânico se instalou, as tão festejadas relações comerciais e pessoais foram comprometidas, as fronteiras ressurgiram e o direito de ir e vir foi bloqueado. O comércio, as escolas, as práticas esportivas, as atividades culturais, os encontros, os

contatos, as conversas e os afetos foram interrompidos. Os aeroportos foram fechados, os transportes públicos pararam, as viagens e os passeios foram suspensos. As atividades escolares tiveram que ser bruscamente interrompidas. O mundo se fechou. Uma condição das pestes do passado voltou à cena: viver em isolamento social, perdidos em meio a informações contraditórias, sem uma liderança mundial ou mesmo local confiável capaz de nos orientar e guiar .

(HARARI, 2020)

As relações entre arte, comunicação, tecnologia e educação

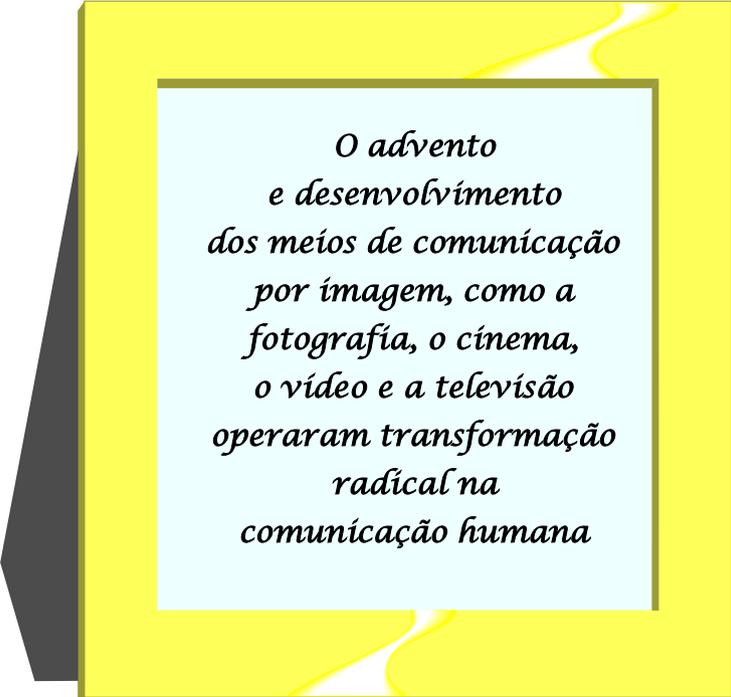
Esta aula se ancora em uma pesquisa mais ampla aprovada pelo CNPq que busca investigar as relações entre arte, comunicação, tecnologia e educação. A partir de autores que subsidiam a importância da renovação das posturas ligadas à educação e ao conhecimento, apresenta uma metodologia de pesquisa interativa e multilinguagem que, criada nos anos 1990, recebeu o nome de Foto Voz. Integrando registro de imagens fotográficas, reflexão e discussão de situações-problema, essa metodologia tem sido utilizada em pesquisas que visam à intervenção social com propostas ligadas à cultura dos participantes, à sua percepção da realidade e à sua subjetividade.

Educomunicação: a arte e o saber – estudo das manifestações da ciência sobre a arte e da arte sobre a educação. Este é o título do projeto recém aprovado pelo CNPq com vistas à Bolsa de Produtividade em Pesquisa, de

2022 a 2025. Esta proposta visa estudar as relações entre imagem e educação, meios de comunicação e linguagens artísticas nas práticas de pesquisa científica e de didática, tema que sempre foi foco de minhas atividades como professora e pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Parece, entretanto, que

essas práticas envolvendo comunicação e linguagens artísticas na educação se intensificaram após dois anos de pandemia de Coronavírus em que o trabalho remoto e o isolamento social obrigaram ao uso cada vez mais constante de mídias audiovisuais para o trabalho remoto e educação on line. Plataformas de redes sociais ficaram repletas de experiências inovadoras envolvendo imagens fixas e em movimento, aulas interativas e recursos

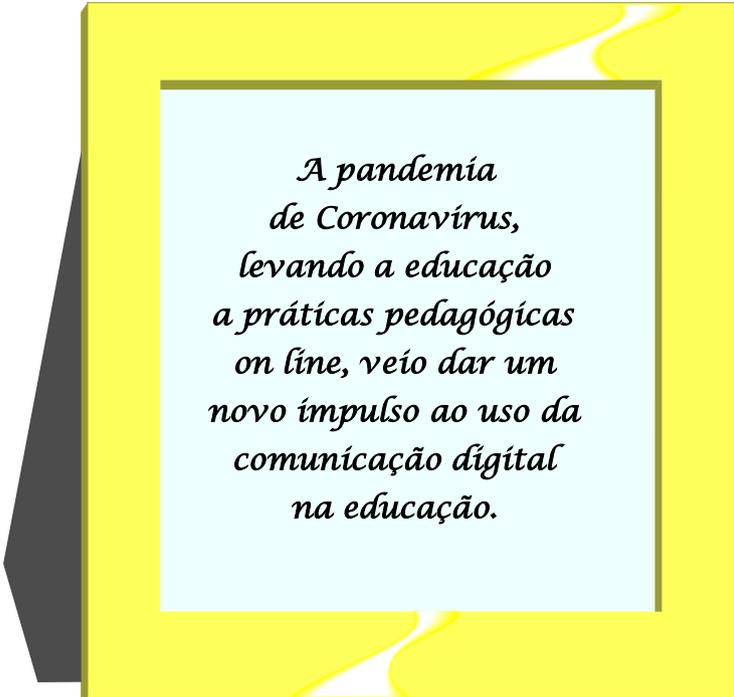
midiáticos que apresentaram professores transformados em repórteres, e jornalistas fazendo as vezes de professores. Essa intimidade entre educação, mídia e arte exige um estudo mais abrangente de seu potencial e possibilidades, bem como de suas dificuldades. Em razão disso, o projeto encaminhado ao CNPq se mostra oportuno e nos leva ao



*O advento
e desenvolvimento
dos meios de comunicação
por imagem, como a
fotografia, o cinema,
o vídeo e a televisão
operaram transformação
radical na
comunicação humana*

ao estudo dos recursos tecnológicos e de linguagem à disposição dos interessados, sejam eles professores, cientistas, artistas ou jornalistas.

O advento e desenvolvimento dos meios de comunicação por imagem, como a fotografia, o cinema, o vídeo e a televisão operaram transformação radical na comunicação humana. Aliados ao crescimento das cidades, ao êxodo rural, às ondas migratórias, os meios de comunicação puseram fim a séculos de domínio da comunicação letrada e abriu espaço para o uso da imagem como principal veículo de informação. E, por mais que a educação tenha resistido à invasão e ao protagonismo da imagem na cultura, especialmente no Ocidente, aos poucos ela foi se integrando às práticas pedagógicas, bem como às mais diferentes formas de divulgação científica. Na primeira metade do século XX, já se percebe a tentativa de inclusão de práticas imagéticas ao aprendizado escolar, ultrapassando os limites das aulas de artes e artesanato, bem como do seu uso sempre predominante no ensino infantil. Por outro lado, o desenvolvimento da imprensa e do audiovisual tornou



*A pandemia
de Coronavírus,
levando a educação
a práticas pedagógicas
on line, veio dar um
novo impulso ao uso da
comunicação digital
na educação.*

urgente a compreensão das relações que se estabeleciam entre imagem e texto escrito. Se o uso de linguagens visuais tornavam a educação mais atrativa, sensível e inclusiva, também se fazia mister que as imagens fossem compreendidas em toda sua complexidade, evitando-se as possibilidades de manipulação e distorção ideológica.

Sobre essas questões – sabores e dissabores do uso de linguagens visuais na educação – posicionaram-se autores como Edgar Morin; visando conscientizar o público dos desafios e possibilidades das novas linguagens que faziam uso de imagens e aparatos tecnológicos. Desenvolveram a teoria crítica autores como Theodor Adorno e Walter Benjamin, provenientes da Escola de Frankfurt, alertando para o uso manipulador das novas formas de comunicação. O desenvolvimento dessas análises que, apesar de conflitantes, se complementam, deu origem à educomunicação, uma interface entre Ciências da Comunicação e Educação, para orientar educadores a formar cidadãos capazes de enfrentar os desafios da cultura contemporânea e a complexidade dos veículos de comunicação e de suas linguagens.

Mas, se o desenvolvimento de mídias audiovisuais e da produção imagética modificou conteúdos e formatos da comunicação, bem como das posturas pedagógicas na educação, imaginem a repercussão que teve sobre elas o surgimento das mídias digitais e das redes sociais, na segunda metade do século XX. Uma “economia” linguística e tecnológica procurou dar conta da necessidade de maior velocidade na transmissão de mensagens e de maior espaço de armazenagem e memória, enquanto programas de produção de fotografias e imagens em vídeo se tornaram

cada vez mais ágeis, fáceis e populares, possibilitando uma comunicação baseada em imagens e sons. Todas essas transformações tiveram decisivo impacto sobre o que se concebe, hoje, como informação e conhecimento. A pandemia de Coronavírus, levando a educação a práticas pedagógicas on line, veio dar um novo impulso ao uso da comunicação digital na educação.

Corroborando o que aqui estamos apresentando, Adilson Citelli afirma em artigo publicado na Revista Comunicação

& Educação: “Enquanto convivíamos numa civilização dominada pela palavra, num mundo onde o conhecimento

e a informação estavam, basicamente, guardados nos livros, a diferença entre os mestres e seus discípulos era brutal, com relação à vivência de temas e problemas postos pela cultura letrada... Era preciso saber ler, possuir o segredo do livro, ter experiência para adentrar os mistérios da escrita.”

Diante do exposto, seria no mínimo extemporâneo entendermos que a forma de se produzirem sentidos no âmbito da escola continuasse seguindo os mesmos padrões de algumas

décadas passadas. Sem dúvida as interfaces comunicação/educação/novas tecnologias foram aprofundadas e tomaram-se cada vez mais interdependentes.

Para além da racionalidade

Além do desenvolvimento dos meios de comunicação digitais e da pandemia, a educação do século XXI se depara com uma outra tendência igualmente importante: a perda de importância da racionalidade como única e mais

Mas, se o desenvolvimento de mídias audiovisuais e da produção imagética modificou conteúdos e formatos da comunicação, bem como das posturas pedagógicas na educação, imaginem a repercussão que teve sobre elas o surgimento das mídias digitais e das redes sociais, na segunda metade do século XX.

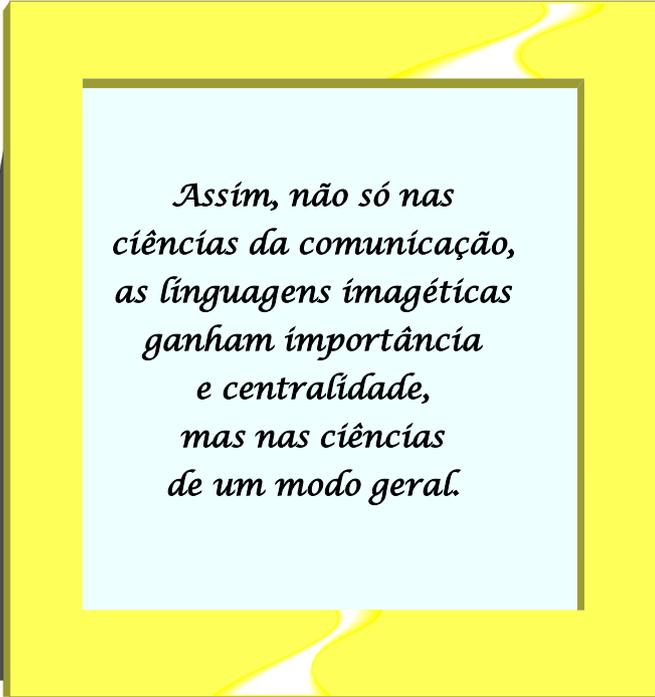
competente forma do ser humano se relacionar com a realidade na qual se insere. Os avanços da ciência, as descobertas da teoria da relatividade e da física quântica, mostraram a importância de um pensamento menos factualista ou mecânico, capaz de dar conta de fenômenos cada vez mais complexos e só apreensíveis por uma postura intelectual relativista e não dogmática. A educação procura se adaptar a essas novas condições de compreensão da realidade e a educomunicação se apresenta capaz de engendrar essa transformação nas práticas educativas.

Como explica Ismar de Oliveira Soares: “Por suas incongruências, contudo, como a destruição do ecossistema em nome da racionalidade econômica ou a violência que eliminou vidas sem conta nas pequenas e grandes guerras ... por causas que a história revelou irrelevantes - a razão iluminista acabou por perder legitimidade frente aos olhos de milhões de pessoas. Nesse sentido, a própria sociedade foi obrigada a buscar na dinâmica da denominada cultura da Pós-Modernidade referenciais mais adequados que

expliquem as mudanças pelas quais a sociedade em geral e as pessoas em particular estão passando.”

Nesse sentido, Citelli conclui: “O vigor atrativo dos signos icônicos e da interatividade (real ou aparente) para a qual tendem os veículos de comunicação levariam o aluno a se distanciar dos esquemas da contiguidade que estruturam os discursos verbais. A força da imagem e sua capacidade de presentificar e aproximar tornariam um tanto obsoletos certos esforços explicativos conforme processados tradicionalmente pela escola.”

Assim, não só nas ciências da comunicação, as linguagens imagéticas ganham importância e centralidade, mas nas ciências de um modo geral. Na física, na matemática e na medicina, por exemplo, as teorias da relatividade e da física quântica mostram que a realidade escapa às dimensões conhecidas da percepção humana, exigindo esforços de raciocínio amplamente interpretativos e hermenêuticos, não factuais e descritivos, numa metodologia de análise do real bastante diversa da objetividade newtoniana ou da lógica cartesiana. Na psicologia e na psicanálise os



*Assim, não só nas
ciências da comunicação,
as linguagens imagéticas
ganham importância
e centralidade,
mas nas ciências
de um modo geral.*

símbolos imagéticos ganham preponderância por seu conteúdo manifesto, ou mesmo oculto, exigindo, como na física contemporânea, um esforço interpretativo que deve ser cada vez mais central na pesquisa científica e na educação. Cada vez mais, uma pedagogia voltada para a interpretação, compreensão e diagnóstico situacional e subjetivo se torna mais útil, adequada e inclusiva.

Muitos autores dedicam-se a investigar as repercussões na educação de uma cultura centrada no audiovisual e de uma teoria do conhecimento mais ancorada na hermenêutica [arte ou técnica de interpretar e explicar um texto ou discurso] do que na lógica. Alguns deles têm especial importância subsidiando nossas pesquisas. Marc Augé, antropólogo que estudou a cultura africana, publicou trabalhos em que mostra como a invasão imagética dos meios de comunicação estão modificando até mesmo a cultura mítica e mágica do continente africano. Diz ele: “Na intimidade de nossas casas, imagens de toda espécie, transmitidas por satélites, captadas pelas antenas que guarnecem os telhados da mais afastada de nossas

cidadezinhas, podem dar-nos uma visão instantânea e, às vezes, simultânea de um acontecimento em vias de se produzir no outro extremo do planeta.”

*Marc Augé,
antropólogo que estudou a
cultura africana,
publicou trabalhos em que
mostra como a invasão
imagética dos meios de
comunicação estão
modificando até mesmo a
cultura mítica e mágica
do continente africano.*

Roger Silverstone, nesse sentido aponta: “Saber onde estamos é tão importante quanto saber quem somos, e, claro, as duas coisas estão intimamente interligadas... para isso a mídia nos oferece uma janela para o mundo que, não é apenas uma janela, é um convite a estender nossa capacidade de atuar para além das coerções do imediato e do físico. De fato, rumo ao espaço virtual.”

É, portanto, para estudar os caminhos abertos pelos meios de comunicação e pelas linguagens audiovisuais e seus impactos para uma educação não centrada apenas na escrita e na racionalidade que se volta nossa pesquisa. Baseando-nos na própria história dos meios de comunicação audiovisuais, começaremos pela fotografia e por seus usos na comunicação e na educação – essa tecnologia revolucionária que foi um dos marcos do que chamamos de Modernidade e revolucionou as artes e as comunicações. Um aparato capaz de popularizar a criação de imagens, de

retratos, de registros do real, responsável por subsidiar nossas memórias e narrativas, transformando, ao mesmo tempo, a história e a vida cotidiana.

Com essa intenção, temos nos dedicado à pesquisa e análise de formas inovadoras de integrar fotografia, conhecimento, educação e artes. Vamos falar a respeito de um recuso de pesquisa qualitativa e, ao mesmo tempo, de comunicação interativa e prática pedagógica dialógica a que se deu o nome de Foto Voz.

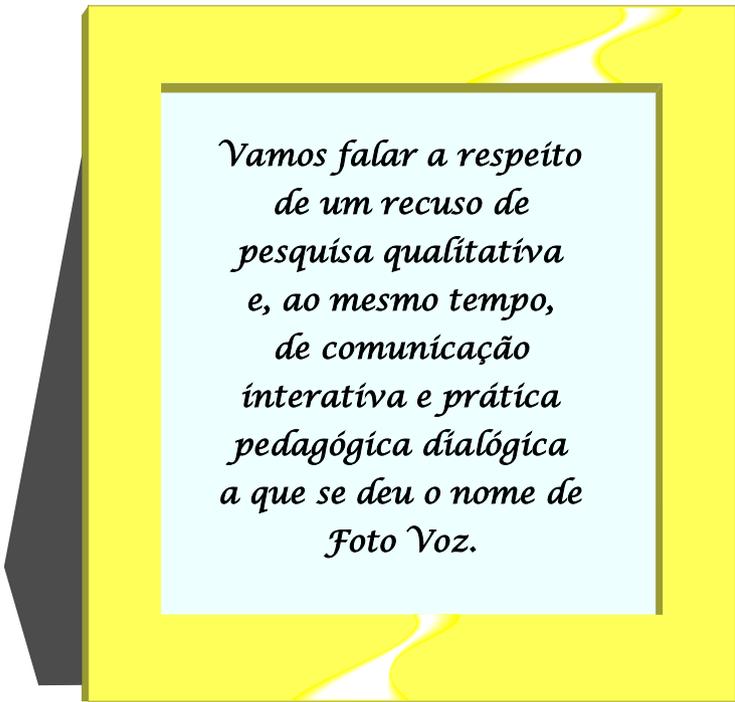
Fotografia e realidade

Desde sua invenção, a fotografia tem causado impacto na vida social e polêmicas acadêmicas. Popularizou a produção de imagens que ficaram acessíveis a grande parte da população, criou novas formas de entretenimento e de identidade pessoal. Multiplicaram-se os cartões de visitas com imagem, os cartões postais com paisagens, as reportagens fotográficas, as ilustrações em jornais e revistas, os álbuns familiares marcando momentos importantes da vida cotidiana como nascimentos, formaturas e casamentos. A fotografia

revolucionou o campo artístico fazendo eclodir movimentos de dissidência contra a arte convencional, o academicismo. Passou a constituir para o público um testemunho de realidade – um registro tecnológico realizado por captação da luz natural, muito diferente das imagens artísticas que eram submetidas à subjetividade do autor. Esse é o aspecto indicial da fotografia responsável pela sua credibilidade

testemunhal. Sabe-se que a fotografia também está sujeita a inegáveis manipulações que vão desde o retoque com lápis e pincéis aos grandes editores digitais da atualidade – mas ela nunca perdeu seu caráter testemunhal – em algum momento, a pessoa ou objeto retratado esteve diante da máquina que a fotografou. Esse seu poder documental, como o chama o fotógrafo e historiador Boris Cossoy, deu à fotografia especial importância na medida em

que os historiadores passaram a contar com um importante testemunho de diferentes épocas, fatos e situações. Entretanto, a fotografia ainda disputa com a escrita a sua legitimidade, especialmente na atualidade quando os



*Vamos falar a respeito
de um recuso de
pesquisa qualitativa
e, ao mesmo tempo,
de comunicação
interativa e prática
pedagógica dialógica
a que se deu o nome de
Foto Voz.*

mecanismos de manipulação e edição digital estão cada vez mais eficientes.

Assim, a fotografia traz consigo o valor indícial de ser, de alguma forma, um registro da realidade, o que lhe garante a objetividade daquilo que expressa, mas carrega também, em oposição à linguagem escrita, uma carga grande de

subjetividade – ela resulta do que a tecnologia possibilita de registro do real e da intencionalidade do fotógrafo. Roland Barthes, em *A Câmara Clara*, esmiúça esse aspecto subjetivo de quem fotografa e de quem vê a fotografia, explorando a carga emotiva que a complexidade da fotografia transmite aos observadores. A fotografia é portanto,

ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva, registro indícial do real e recorte autoral do fotógrafo, além de objeto altamente sensível e motivador do olhar do público. E esse deve ser o seu grande poder atrativo – ao mesmo tempo, revelar e esconder, inspirar e informar, ser e, também, não ser.

*A fotografia é,
portanto, ao mesmo tempo,
objetiva e subjetiva,
registro indícial do real
e recorte autoral
do fotógrafo,
além de objeto
altamente sensível
e motivador
do olhar do público*

O fato é que a fotografia rapidamente adentrou à vida científica e aos estudos acadêmicos, especialmente nas ciências humanas, passando a máquina fotográfica a ser instrumento indispensável do trabalho de campo. Já nos idos da década de 1940, para os cientistas sociais da Escola de Chicago, como Margareth Mead, mais abertos às novas

invenções, a fotografia passou a ser parte integrante da investigação científica. Desde então o uso da imagem na ciência não parou de crescer, assim como os estudos sobre as ambiguidades, complexidade e sensibilidade da recepção da linguagem visual. Os equipamentos digitais ampliaram em muito o uso das imagens fotográficas nas ciências – até mesmo a medicina tem nas imagens, hoje, uma base fonte segura para diagnósticos clínicos os mais diversos.

Do lado de fora das academias científicas e dos telescópios eletrônicos também o uso de comunicação por imagem só fez crescer, especialmente quando os telefones celulares se transformaram em máquina fotográfica e fototecas – a popularização das imagens fotográficas se tornou cotidiana e constante para os mais variados fins.

Assim, chegamos ao ponto central de nossa aula: nesse universo múltiplo e diversificado de uma cultura altamente audiovisual, a que mais serve a fotografia?

Foto Voz

Foto Voz é o nome dado a uma técnica de pesquisa qualitativa e participativa para investigação de sentimentos,

emoções, atitudes e crenças de um grupo de pessoas expostas a uma mesma situação/problema. Pode se tratar de um grupo de pessoas de um bairro, de pacientes com uma mesma patologia física ou mental, de alunos de uma escola, de participantes de um evento que se prestam a estudar e participar de uma pesquisa que seleciona um determinado objeto/problema: as

dificuldades do bairro, avanços e retrocessos na doença, aspectos da sala de aula ou problemas de participação no evento. Essa técnica de pesquisa, desenvolvida nos Estados Unidos, nos anos 1990, pressupõe que a fotografia, além de seu carácter documental, tem uma função simbólica

importante de expressar e externar sentimentos, ideias, emoções e crenças dos quais as pessoas, muitas vezes, sequer têm consciência de ter ou sentir. Como nos sonhos, estudados profundamente por Sigmund Freud, há na fotografia a expressão de sentimentos não-explícitos ou conscientes, fazendo dela um precioso meio de expressão subjetiva.

Essa metodologia de pesquisa, baseada no uso da fotografia como uma nova e potente linguagem, ou uma nova e diferente fala, obedece a certa dinâmica de aplicação que exporemos a seguir.

1) *Reunião dos participantes:* uma amostra de representantes do grupo a ser estudado é selecionada. Os participantes são reunidos em um local onde se apresentam, sob a coordenação de um profissional responsável pela pesquisa. Depois, ele mesmo expõe resumidamente ao grupo o problema que se quer

investigar – os conflitos de trânsito no bairro, por exemplo.

2) *Captação de imagens:* Com máquinas fotográficas ou telefones celulares, os participantes são deixados livres para se dispersarem e registrarem imagens fotográficas de objetos e situações que os remetam à questão/problema.

Foto Voz é o nome dado a uma técnica de pesquisa qualitativa e participativa para investigação de sentimentos, emoções, atitudes e crenças de um grupo de pessoas expostas a uma mesma situação/problema.

3) *Reunião e observação das imagens:* Após um tempo anteriormente definido, o grupo se reúne novamente e as imagens são dispostas em um equipamento audiovisual e apresentadas para todos. Cada participante expõe os significados que a imagem ou as imagens registradas tiveram para ele.

4) *Discussão da situação/problema:* Após a apresentação das fotografias e das explicações, o coordenador inicia um debate sobre os aspectos comuns e incomuns das fotos, bem como sobre as ideias que elas despertaram. Esse conteúdo assim trabalhado trará subsídios importantes para a pesquisa em questão.

Esse procedimento qualitativo tem inúmeras vantagens e uma das principais é a interação promovida entre os participantes e o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento e identidade deles com a situação em análise. Por outro lado, organiza subsídios importantes para o desenvolvimento de formas de intervenção social e políticas públicas.

Do ponto de vista teórico, essa metodologia de pesquisa abre espaço para a elaboração de um conhecimento que

reúne diferentes tendências contemporâneas para aprender e ensinar, conhecer e pesquisar. A primeira dessas tendências é a multilinguagem – o próprio nome “Foto Voz”

remete à necessidade de uma percepção da realidade que leva em conta a fala e o olhar, a voz e a imagem, a reflexão e a tecnologia, como formas diferentes de apreensão do conhecimento. Por outro lado, a tendência ao conhecimento coletivo formulado em uma dinâmica interativa e grupal é outra tendência de grande importância. que abandona a ideia do saber como um processo individual e

particular. O conhecimento deriva da interação e do diálogo. De outro modo, a ideia de trabalhar o conhecimento como um processo ao mesmo tempo interior e exterior, objetivo e subjetivo ao investigador é outro aspecto importante dessa metodologia. Para fotografar, o participante do grupo deve olhar, ver, escolher, recortar e registrar. Num momento posterior, deve olhar e interpretar os significados que resultaram desse trabalho. A reunião destas condições de

De outro modo, a idéia de trabalhar o conhecimento como um processo ao mesmo tempo interior e exterior, objetivo e subjetivo ao investigador é outro aspecto importante dessa metodologia. Para fotografar, o participante do grupo deve olhar, ver, escolher, recortar e registrar.

produção e apropriação do conhecimento caracterizam o que Michel Thiollent chama de Pesquisa-ação, ou seja, uma pesquisa que é, ao mesmo tempo, obtenção de informações e intervenção social, isso porque os participantes das atividades são imediatamente influenciados pelos debates que elas suscitam. O pesquisador produz conhecimento científico, ao mesmo tempo em que atua sobre a realidade pesquisada, conscientizando os participantes das questões com as quais se envolvem.

Foto Voz na educação e na pesquisa

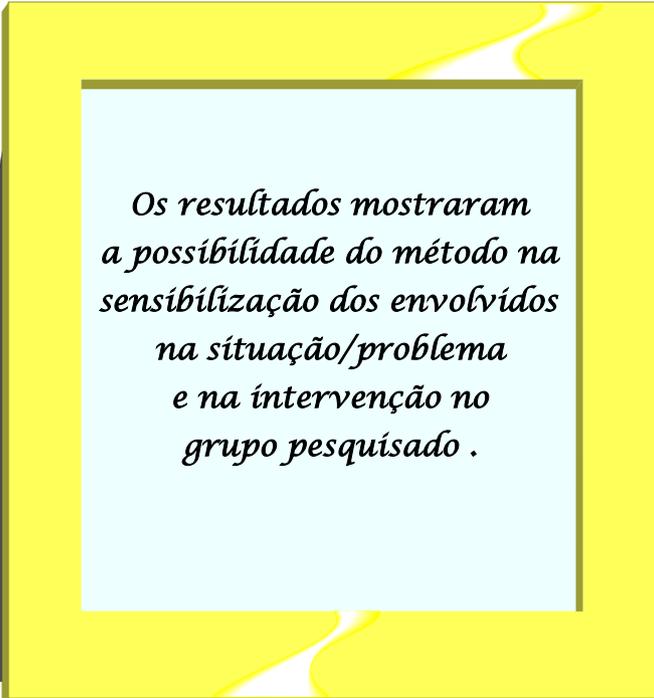
Chegamos enfim à proposta inicial da pesquisa que ensejou a elaboração deste artigo – como essa metodologia do conhecimento utilizando a imagem e a fotografia como meio de comunicação pode auxiliar os processos pedagógicos escolares e não-escolares, formais e informais.

Para isso daremos como exemplo a pesquisa levada a efeito por Larissa Bertagnoni e Sandra Maria Galheigo, intitulada Retratos, relatos e impressões de crianças moradoras da periferia de São Paulo sobre a cidade, publicada nos Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, em 2021. Com o intuito de conhecer qual era a percepção que as crianças da periferia de São Paulo tinham de seu entorno, foram reunidas seis crianças de 2º a 4º ano de Ensino Fundamental de escolas públicas, assistidas pelo Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil - CAPSIJ - da Zona Leste da cidade. Orientadas por autores como Christensen, que defendem a metodologia da Foto Voz, conduziram a experiência interativa

que resultou em interessante aporte fotográfico sobre o bairro e seu entorno. A partir dele, as crianças envolvidas

Com o intuito de conhecer qual era a percepção que as crianças da periferia de São Paulo tinham de seu entorno, foram reunidas seis crianças de 2º a 4º ano de Ensino Fundamental de escolas públicas, assistidas pelo Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil - CAPSIJ - da Zona Leste da cidade. [...] As crianças envolvidas puderam expressar suas ideias sobre a situação de vulnerabilidade com a qual convíviam e tomar consciência de suas dificuldades e sentimentos.

puderam expressar suas ideias sobre a situação de vulnerabilidade com a qual conviviam e tomar consciência de suas dificuldades e sentimentos. As autoras afirmam: “Em nosso trabalho foi possível perceber como a prática lúdica das crianças participantes associada aos seus olhares cuidadosos e atentos favoreceram a descoberta da natureza em meio a um território predominantemente urbano.” E confirmam, nas conclusões: “O entendimento da vivência cotidiana das crianças nos espaços de circulação, assim como a escuta com atenção enquanto uma prática crucial do trabalho, foi estrutura para o desenvolvimento da pesquisa e das relações entre os participantes, o que interferiu diretamente na qualidade das imagens registradas. O uso da fotografia enquanto linguagem proporcionou maior grau de controle sobre o processo de pesquisa por parte das crianças, assim como facilitou a relação dessas com seus territórios e com as questões de pesquisa.



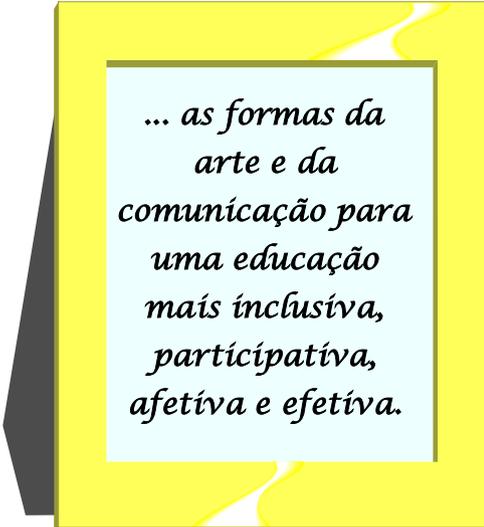
Os resultados mostraram a possibilidade do método na sensibilização dos envolvidos na situação/problema e na intervenção no grupo pesquisado .

Outras investigações também alcançaram bons resultados com o recurso da Foto Voz. Thais Delabarba Marim e Adriana Nunes Moraes Partelli reuniram dez adolescentes de uma escola pública da periferia da cidade de São Mateus, município litorâneo do Espírito Santo, para avaliarem fatores que interferem em sua saúde. Os resultados publicados na Revista de Enfermagem – UFPE ON LINE – em 2019, mostra que além dos integrantes da pesquisa terem feito um bom levantamento de seu entorno, puderam, por meio das discussões passar de uma visão ingênua de suas condições de vida a uma visão crítica dessa realidade .

Portelli, juntamente com Paula de Souza Silva Freitas, entre outros pesquisadores da área da enfermagem do Espírito Santo, também publicaram um texto no qual relatam a experiência do uso da Foto Voz com parturientes de parto cesariano visando sua humanização. Os resultados mostraram a possibilidade do método na sensibilização dos envolvidos na situação/problema e na intervenção no grupo pesquisado .

Considerações Finais

A metodologia de pesquisa da Foto Voz mostra como pode ser produtivo o uso de múltiplas linguagens nos processos de pesquisa e de interação de grupos. O uso de equipamentos populares como o telefone celular e a máquina fotográfica com os quais os participantes estão familiarizados, tornam os processos investigativos motivadores e instigantes. Por outro lado, o pesquisado não se sente alienado do próprio processo de pesquisa, do qual geralmente participa apenas como informante. Ele empresta sua experiência pessoal, suas ideias e reflexões para ilustrar o problema/foco. Há um envolvimento dos participantes entre eles, deles com a pesquisa e o pesquisador, há interatividade e um conhecimento que se baseia não apenas em dados objetivos, mas faz uso pleno da subjetividade.



*... as formas da
arte e da
comunicação para
uma educação
mais inclusiva,
participativa,
afetiva e efetiva.*

Aplicar essa metodologia na educação pode ter significativos resultados, dando voz aos alunos pesquisadores, possibilitando interatividade, facilitando o uso de diferentes linguagens, algumas das quais, como a fotografia, mais espontânea e instintiva do que a escrita. Essa experiência permite até mesmo um novo uso do espaço escolar e de frutíferas pesquisas nos bairros e nas regiões do entorno, promovendo a integração dos alunos em seus ambientes geográficos. O conhecimento orientado pela experiência pessoal e pela familiaridade possibilita uma maior facilidade expressiva. Tudo isso sem termos ainda mencionado a educação pelo olhar e do próprio olhar.

Deixamos assim, à educomunicação uma metodologia pedagógica que deve abrir espaço para importantes questionamentos e discussões. E assim avançamos e demos mais uns passos em torno dessa instigante proposta de estudar as formas da arte e da comunicação para uma educação mais inclusiva, participativa, afetiva e efetiva.

Bibliografia

- AUGÉ, Marc. A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. Escritos sobre mito e linguagem. São Paulo: Duas Cidades/ Ed.34, 2011.

BARTAGNONI, Larissa e GALHEIGO, Sandra Maria. Retratos, relatos e impressões de crianças moradoras da periferia de São Paulo sobre a cidade. Cad. Bras. Ter. Ocup. 29 • 2021 • <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2120-view/239114>; Acesso em: 11 mar. 2022. doi:<https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.239114>.

CAMATA, Karoline e MORAES-PARTELLI, Adriana Nunes, COELHO, Marta Pereira. - Foto voz: experiência reflexiva da enfermagem na humanização do parto cesariana - Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.4, n.4, p.15441-15457 jul./aug. 2021

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson Odair. Meios de Comunicação e Práticas Escolares. Revista Comunicação & Educação – Vol6, n.17 (2000) – p.30-36.

COSTA, Cristina. Educação, imagem e mídias. São Paulo: Cortez, 2005.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. São Paulo: Ateliê Editoria, 2001, p. 31

MARIM, Thais Delabarba; PARTELLI, Adriana Nunes Moraes. Determinantes sociais em saúde na ótica de adolescentes: foto voz. Revista de Enfermagem UFPE on line, [S.l.], v. 13, jun. 2019. ISSN 1981-8963. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/>

Moraes-Partelli, Adriana Nunes e outros. Foto voz: experiência reflexiva da enfermagem na humanização do parto cesariana. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.4, n.4, p.15441-15457 jul./aug. 2021

MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. Para sair do século XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? São Paulo, Loyola, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira – Educomunicação: um campo de mediações – Revista Comunicação & Educação – vol 7, n.19 (2000).

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 2002.



A imagem obtida de um grafismo em uma parede da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo sintetiza alguns pontos expostos na disciplina de Introdução ao Campo de Comunicação. Este trabalho tem como objetivo elucidá-los.



[Alunas/os da disciplina Introdução ao Campo da Comunicação do Curso de Relações Públicas, em 2022, da USP/ECA, ministrada por Cristina Costa, apresentaram, como trabalho do semestre, o resultado da seguinte proposta: a partir do aprendizado teórico, sair por São Paulo e fotografar um objeto ou cena que traduzisse esse conteúdo. Depois, se reuniram para discutir as escolhas. As produções estão nesta e nas próximas páginas.]

A imagem, criada através da síntese da experiência vivida pelos seres humanos, tem extremo poder e pode se tornar um símbolo político e social. Na foto utilizada é retratada a cabeça do antigo líder austríaco Adolf Hitler, cuja imagem foi desenvolvida na mente da sociedade devido às ações e experiências que ele proporcionou para as pessoas. Entretanto, cada experiência é única, vivida de maneira desigual por cada ser, portanto a imagem formada de uma dada situação é diferente para cada indivíduo.



A arte feita na parede é uma revolução do autor, por falar sobre si, de suas emoções, que são contrárias à ideologia predominante na sociedade heterogênea atual, onde a maioria das pessoas e a elite dominante não admitem esse tipo de sentimento, de não se reconhecer como aquilo que nasceu para ser, legitimando este pensamento excludente por meio da religião prevalente (catolicismo).



Ao andar pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), no famoso “vão da geografia” estampa-se um cartaz que expressa, de forma humorística e irônica, uma crítica aos recorrentes casos de abordagem policial, que são exercidos de forma violenta, em inúmeros locais de nosso país.



A foto que tirei foi a do ônibus devido a intensa comunicação que esse elemento tem em minha vida e na vida de tantos brasileiros. É nesse ambiente que grande parte da população paulistana passa horas dentro a fim de se locomover pela cidade.

Sendo a quantidade de pessoas que utiliza o transporte público enorme, cada qual com sua história, nome e cpf como cada ser é único e individual as comunicações, verbais ou não verbais, que ocorrem nesse meio são amplas, constantes e voláteis.



A partir dos conteúdos compreendidos em aula na disciplina Introdução ao Campo da Comunicação, trago uma contemplação sobre uma cena que presencio todos os dias à caminho da faculdade: a multidão em horário de pico na estação da Luz, em São Paulo.



A partir dos estudos realizados durante o semestre,
analisarei um elemento que, para mim,
abrange as questões debatidas pela disciplina.
O grafite.

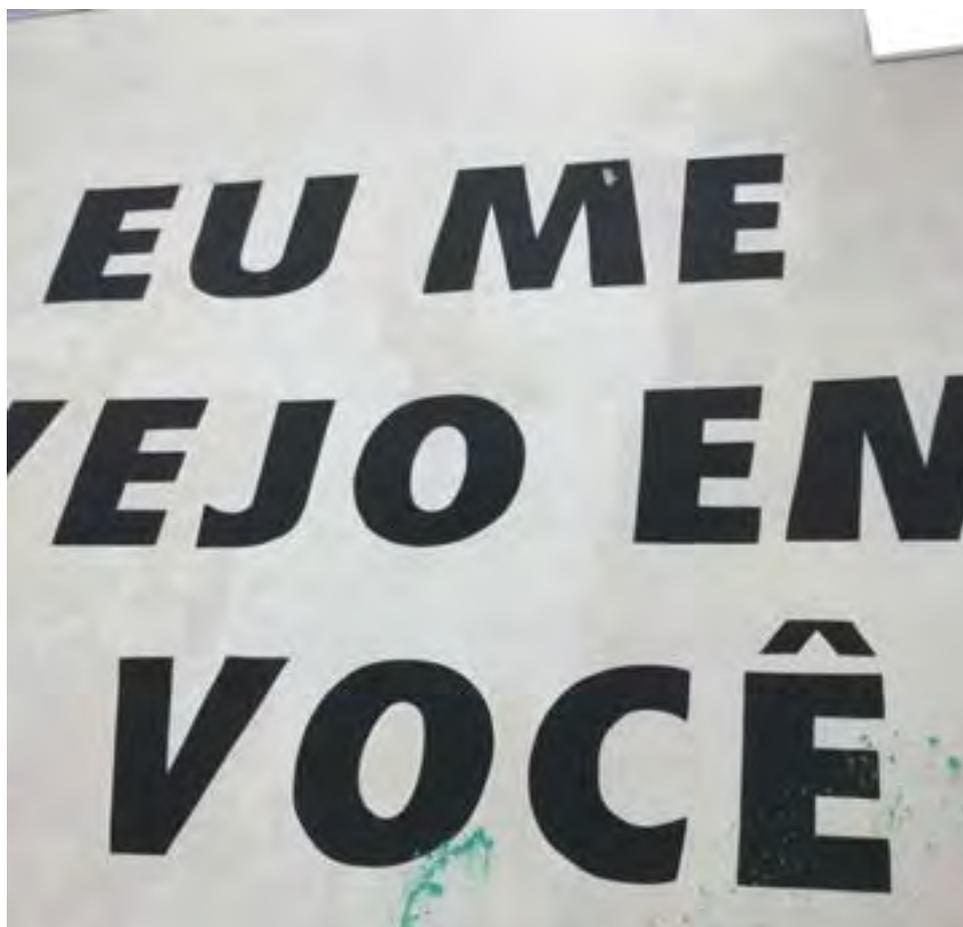


A cidade de São Paulo se destaca por ser uma das localidades mais diversificadas do Brasil. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2014, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), numericamente, a cidade de São Paulo é a mais negra do Brasil, com quase 3 milhões de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas.



Na matéria de introdução a comunicação, do primeiro semestre, acredito que foi uma boa introdução, ao que vamos receber ao longo da nossa graduação.

Passando por temas extremamente importantes e sensíveis, fazendo uma análise avançada e aguçada a partir da comunicação, buscando resolução dentro do nosso curso, para exercitarmos o que faremos no futuro, indo além das nossas necessidades e nossa vivências pessoais, buscando a partir da comunicação, a resolução.



DEBATE AO FINAL DA OFICINA

Eu posso falar como é que a mídia me ajudou ou prejudicou na eleição? Quanto a isso, a única coisa que eu senti, fora o alcance, é que é muito difícil disputar o alcance, porque, por exemplo, as campanhas usaram principalmente o Instagram, pelo menos aqui em São Paulo. As candidatas que eu acompanhei, era muito difícil o alcance, muito difícil. Tem que usar muito dinheiro, tem que impulsionar com dinheiro hoje em dia para sair da bolha, então, as campanhas com mais recursos financeiros impulsionaram mais e conseguiram... Hoje em dia, não basta só fazer um bom conteúdo, tem que impulsionar, tem que pagar. E outra coisa é que se faz muito pelo WhatsApp, hoje em dia. E o WhatsApp não dá conta. Hoje em dia, quase não se usa mais e-mail, então, você passa material por WhatsApp. Só que o WhatsApp não dá conta, porque não tem ferramentas suficientes. E as mensagens se perdem muito rápido no WhatsApp. Agora, a grande dificuldade é furar a bolha. Eu acho que a gente, inclusive com podcasts, acaba falando com a gente mesmo. Produzimos materiais que acabam por atingir só pessoas que já sabem do assunto, que já estão interessadas no assunto. Aí, eu volto lá para o começo da minha fala. Eu também não consigo acompanhar mídias fascistas, ou mídias que são machistas, ou que não me interessam. Acho que a gente, por um lado, produz muito, mas a gente acaba também só lendo e ouvindo aquilo que realmente nos interessa. Eu não sei o quanto seria importante a gente tentar também ouvir, ver coisas que não nos interessam tanto... Por outro lado, nosso tempo é limitado, então, também não sei como fazer essa seleção.

(Patrícia Negrão - São Paulo/SP)

Eu fico fazendo uma reflexão na questão de sala de aula... Acho que a gente acaba meio que se sentindo em uma guerra, e parece que a gente perde sempre. Realmente, eu vejo que hoje o celular é uma ferramenta, é praticamente uma extensão do nosso corpo. Tudo está ali nas nossas mãos, e a gente está a todo momento recorrendo a ele. Como é que você vê o projeto que transitou em relação à proibição do uso do celular em sala de aula, até mesmo para crianças por volta de 10 anos, de não poder levar o próprio aparelho para sala de aula, para escola? Como é que você vê essa questão dessa proibição? Outro ponto, você, como trabalha com imagem, como é que você encara a presença da inteligência artificial, agora, diante da educação? A gente vive meio que de cara com as redes sociais em termos de utilização de aplicativos, das redes... Mas, como utilizar isso? Acho que às vezes a gente se perde muito em aplicativos, como Instagram, Facebook e X. Mas em termos de comunicação, para ir atrás de formação, eu acho que a gente vive em uma sociedade que ainda é muito pobre em relação a esses usos.

Marcilene - Riacho Fundo I / Brasília/DF)

Então, eu estou dizendo que hoje eu estou com um pouco mais de dificuldade para coordenar o meu raciocínio, porque, além de tudo, tem ainda o fator emocional. Mas eu gostaria de agradecer à professora pela generosidade da didática, porque me atingiu, e eu consegui compreender muitas coisas. Eu gostaria de contar um pouco de onde eu venho, para dizer por que a gente precisa tanto dessa democratização da maneira que foi colocada. Eu sou uma mulher da roça, e isso me define. Quando a gente fala de democratização da mídia, eu gostaria de falar sobre o meu pai. Ele é muito emblemático, porque eu cresci ouvindo a minha avó dizer que o meu pai foi aluno do Colégio Verbo Divino. Só há pouco tempo eu vim saber o que isso significava. Ele, ainda bem jovem, optou pela vida na roça. Ele foi uma pessoa que só teve TV na casa dele com 61 anos, a partir do governo Lula. E isso fez uma diferença muito grande...Porque ele ensinou tudo. Eu sei a base da questão da preservação da natureza, ele nos ensinou quando a gente era muito menina, nós crescemos com essa consciência. E aí essa TV trouxe um conforto para ele. Então, eu acho que isso exemplifica muito nossa necessidade de democratização da mídia, comparada à luz elétrica na roça. Hoje, a gente começou 16 dias de ativismo aqui, uma feira na praça, onde nós ficamos das 11h da manhã às 6h da tarde. Foi por isso que eu cheguei atrasada. E aí, só para encerrar, o nosso segundo evento é com a Vera Vieira, que vai nos presentear com uma visita e uma palestra.

Leila Ramos (Taubaté/SP)

Eu estou aqui em Rio Branco, no Acre. Cheguei um pouquinho atrasada no curso, porque eu estava na campanha da OAB. Eu sou professora e advogada. A minha primeira pergunta é esse entrar tardio das mulheres na educação, somente no final do século XIX, século XX. Isso é causa da participação das mulheres, tipo, existe um teto de vidro praticamente em todas as profissões em que nós somos maioria na base? Aí, quando vai ocupar postos de trabalho, seja na educação, na direção da escola, na coordenação de cursos, na reitoria da universidade, na carreira jurídica, no Tribunal de Justiça, no STJ, no STF, é como se as mulheres não tivessem competência. Inclusive, na própria OAB, nós somos quase maioria de mulheres advogadas, mas quando chega uma mulher disputando a presidência, não pode porque as mulheres são incompetentes. Essa entrada tardia na educação tem influência, apesar de a gente ter superado isso hoje, pois as mulheres são maioria? Os homens, até o ensino médio, estão presentes, mas quando chega nos ensinos técnicos e os superiores, as mulheres são maioria. Mas quando vai para os postos de decisão, nós somos minoria. A outra situação que eu gostei muito foi sobre as formas de utilizar as mídias para sair da bolha. Isso para mim, como advogada, é o grande desafio, porque como é que a gente entra, por exemplo, na advocacia? Ou você tem uma tradição, uma família tradicional, ou você faz parte de um setor para que as causas cheguem até você. E uma pessoa, uma mulher negra igual a mim, é pior ainda. Eu sou advogada por conta do ProUni, porque eu não tinha dinheiro para pagar a faculdade. Mas, eu não vivo da advocacia, vivo um pouquinho da advocacia e um pouquinho da docência. Então, como a gente utilizar as mídias sociais, para que a gente possa realmente furar essa bolha? O Acre, durante algum tempo, proporcionalmente, ocupou o primeiro lugar em termos de violência doméstica, de feminicídio. Agora, nós estamos entre segundo e terceiro lugar. Então, como nós podemos nos utilizar das mídias sociais, dessas novas formas de comunicação, para chegar até as pessoas. Precisamos enviar mensagens potentes para o enfrentamento da violência doméstica, para que cheguem aos homens. Nós, mulheres, temos consciência do que é violência, quais os caminhos que a gente vai seguir para denunciar quando a gente quer sair do ciclo. Mas os homens não têm informações sobre a violência contra mulheres; precisamos sensibilizá-los e conscientizá-los.

(Lúcia - Rio Branco/Acre)

Pensando nas mídias e do quanto as mulheres estão incidindo, eu queria trazer uma experiência que foi do Levante. Trata-se de uma campanha nacional contra o feminicídio, o lesbocídio e o transfeminicídio, que nasceu há três anos e meio, em plena pandemia de Covid-19, quando houve aquele aumento avassalador de violência contra a mulher. E foi exatamente através das mídias, especificamente do WhatsApp. Nós começamos a nos organizar em um estado e a conversar, entre nós, nacionalmente. Então, nós tínhamos tanto reunião nacional como estadual. Podiam ser dez mulheres, mas eram dez mulheres que estavam ali resistindo ao que estava acontecendo. Hoje, a gente sabe o quão difícil é reunir as pessoas ativistas para uma reunião, porque o trabalho também está ocupando esse tempo de participação política das mulheres e dos homens. Depois de três anos e meio, nós realizamos o primeiro encontro nacional, com vinte estados, 130 representantes do Brasil.

Tiramos um documento e entregamos para as ministras Cida [Ministério das Mulheres] e Anielle [Ministério da Igualdade Racial], como também para a área do direito da União. Isso, para mim, foi uma experiência muito bem sucedida, na medida em que, por exemplo, no estado de São Paulo, nós conseguimos levar vinte lideranças. E nós tínhamos 80 no grupo do WhatsApp, só que na hora de fazer reunião, gente, eram dez, oito... E nós fomos em vinte para Brasília. Cresceu, nós fomos nos mobilizando. E tem uma coisa muito importante: a Vera Vieira tem feito projetos na área da violência, da rede, no enfrentamento à violência, que combinou com este momento. Então, eu vi o quão importante foi aquele investimento. Isso leva tempo. Eu queria trazer essa experiência como algo que foi bem sucedido. E a principal ferramenta de articulação foi o WhatsApp. Professora, muito obrigada pela sua contribuição histórica; você trouxe informações que ampliaram o nosso conhecimento. E eu queria reforçar a importância da educação. Nós temos muito o que trabalhar. Embora gênero esteja proibido nas escolas, nós temos que incidir nos conselhos de direito, porque é o nosso único espaço legítimo enquanto movimento popular. Acho que a gente tem que fazer que nem o cachorro, vai até o fim da linha e fica latindo.

(Zeza - Indaiatuba/SP)

Muitas perguntas bem interessantes. Estou bem informada para dar minha opinião sobre algumas. Outras, não muito. Então, vocês vão me desculpar se eu der só uma opinião de uma forma bem superficial. Primeiro, a questão do acesso à internet. Realmente, todas as mídias, todas, são super hierarquizadas. Tanto é que a gente trabalha pela democratização das mídias. Nós sabemos que, por exemplo, na pandemia, foi um caos. As escolas usando a internet para continuar ensinando a distância. Só poderemos falar em mídia na hora em que nós tivermos banda larga amplamente difundida no país, do contrário, a gente deixa a internet ser um privilégio de famílias ricas, que podem pagar YouTube, que podem pagar Google, que podem pagar uma porção de coisas. Então, acho que realmente uma coisa que a gente tem que falar em relação aos meios de comunicação é que eles são completamente elitizados e hierarquizados. Acho que a gente precisa lutar por políticas públicas que deem acesso às pessoas. Muitas *fake news* são justamente voltadas para as pessoas idosas, que usam muito pouco, mas sabem encaminhar, compartilhar. As bolhas, é claro que é uma política das próprias redes sociais. Quer dizer, deixam as pessoas falando com os seus pares. Vocês todas estavam falando que detestam ouvir bolsonaristas. Nós temos que ouvir, nós temos obrigação, e ainda bem que eles estão se mostrando. Então, eu sou a última pessoa a achar que uma coisa tem que ser censurada ou deve ser apagada, deve ser escondida. Vamos ouvir os argumentos para a gente poder resistir a eles. Então, eu sou absolutamente a favor de ouvir a oposição, de ver os recursos que estão usando, para poder combater esses recursos. Eu acho que as bolhas são uma maneira que essas plataformas criaram de tornar a internet um entretenimento, porque, na verdade, na maioria das escolas, o laboratório de informática é só para inglês ver. Na verdade, não funciona, as escolas não são produtoras de conteúdo. Acho que precisa capacitar professores para terem uma criatividade, para usar uma metodologia diferente, para mandar buscar as informações. Então, eu acho que precisa ter melhoramento na qualidade dos professores, precisa ter capacitação; tem muita coisa para mudar na educação. Também em termos de políticas públicas, do que a gente quer com a educação, para poder mudá-la. Sobre inteligência artificial... Vou dizer uma coisa: estou completamente por fora. Eu tenho um aluno, um orientando, que está usando isso. Ele está fazendo um trabalho de arte e tal. Eu continuo só acreditando no ser humano; só o ser humano consegue ser magnífico. E quem for magnífico vai usar bem a inteligência artificial. Eu acredito muito no ser humano, nas humanidades. Se as mídias são machistas, é uma pergunta que eu nunca tinha me feito. Eu acho que são, e não é só a televisão, não. Você pega o cinema, o produtor é homem, o diretor é homem, o diretor de fotografia é homem, o motorista é homem. As mulheres estão entrando, mas ainda demora; a gente continua sendo personagem. Personagem na televisão, personagem no cinema, personagem no rádio, mas o poder midiático ainda é muito masculino. Quanto à violência contra a mulher, eu não tenho a menor ideia de como diminuir isso. Temos que mudar o jeito de educar as crianças, homens e mulheres. Acho que as mulheres conseguiram muitos avanços na sociedade; nós conseguimos muita coisa.

(Profa. Cristina Costa - São Paulo/SP - palestrante)



Zeza Lopes (Maria José Lopes Souza) é educadora da Rede Mulher de Educação e pontualmente da Associação Mulheres pela Paz. Integrou a equipe de um dos três primeiros serviços no enfrentamento da violência de gênero, no Brasil, na década de 1980. Atualmente, atua em projetos com foco na geração de renda, em comunidades rurais, indígenas e cooperativas de catadores/as do resíduo reciclável, na perspectiva de gênero.



Redes, alianças e articulações

Exercício preliminar *

Vídeo: Sociedade em Rede [2:09]

<https://www.youtube.com/watch?v=BuFRDZjnwPo>

Em sua opinião, como a definição de sociedade em rede, de Manuel Castells, pode contribuir para o aumento do número de mulheres em espaços de poder e decisão?

A sociedade em rede contribui para o aumento no número de mulheres em espaços de poder e decisão, pois as informações são transmitidas com muita rapidez. A tecnologia tem contribuído substancialmente para esse fato.

O compartilhamento de informações, atualmente, se tornou mais fácil, rápido e acessível às pessoas.

Dessa forma, pode estimular as mulheres a entenderem e quererem estar, bem como participar de espaços de poder e decisão.

Fazer com que essa opção esteja em seu cardápio dos sonhos e lutem para conquistar essa posição.

A sociedade em rede contribui para o empoderamento da mulher, traz esclarecimentos e causa desafios que precisam ser superados.

Porém, com muito discernimento para filtrar o que realmente importa e reflete a realidade.

(Fernanda)

A presença feminina na política é fundamental por várias razões. Uma delas é a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e representativa. As mulheres representam mais da metade da população em todo o mundo e, sim, suas vozes devem ser ouvidas nas decisões políticas.

(Macielma Torres Rodrigues)

As mulheres têm formado, podem e devem formar ainda mais redes, por meio das quais troquem informações e conhecimentos sobre suas capacidades e a necessidade de equidade social.

Por meio das redes, as mulheres se reconhecerão umas nas outras, terão consciência das suas potencialidades, se apoiarão mutuamente e, assim, irão se empoderar, se encorajar e se sentir estimuladas para ocupar espaços de poder e decisão.

(Roseany Mendes)

* Cada um dos módulos foi precedido por uma tarefa de casa, postada na plataforma digital, contendo um vídeo e uma pergunta sobre o tema, a cargo de Vera Vieira, proporcionando a interação de ideias entre as participantes. Em cada oficina, os trinta minutos iniciais eram dedicados ao debate sobre o exercício, possibilitando a intervenção de todas as participantes, o que também foi considerado importante na capacitação para a ocupação de cargos de poder e decisão.

Contribuir eu acho difícil de perceber, visto as evidências de que os algoritmos reproduzem a lógica colonial, capitalista, sexista, branca e patriarcal, sendo, majoritariamente, pensados por homens.
(Rosa Barbosa)

Considerando a assertiva do autor, creio que é isso mesmo, é a conexão de muitos, em diversos espaços. É estar presente, participar, interagir, trocar etc. Precisamos ampliar nossas redes de conexão, não somente online, mas de participação social. Ativar, com bem disse o autor, nossas redes de indignação e de *esperança*, principalmente na presencialidade, estando presentes, falando e nos fazendo ouvir, manifestando nossas lutas e participando ativamente na busca de uma mudança na sociedade.
(Maria Cristina Gobbi)

As redes podem contribuir, principalmente para a promoção da informação e compartilhamento de ideias. Diante disso, podem ser um canal que aproxima os diferentes movimentos feministas, recruta novas interessadas, a fim de fortalecê-los e dar visibilidade às ações das mulheres.
(Luana Cachuite)

Contribui para o fortalecimento, pois a tecnologia possibilita a troca de conhecimento, permite às mulheres a circulação em vários contextos.
(rcpisaia@gmail.com)

A definição de sociedade em rede de Manuel Castells, que valoriza a interconectividade e o fluxo de informações globais, é uma base poderosa para impulsionar a presença das mulheres em espaços de poder e decisão.

Na sociedade em rede, as mulheres podem acessar mentorias, trocar experiências, fortalecer coletivos e inspirar umas às outras a ocuparem posições de liderança, especialmente em grupos que compartilham o mesmo objetivo de desconstruir estereótipos de gênero e lutar por equidade. As plataformas digitais também permitem a amplificação de vozes femininas, elevando debates sobre políticas inclusivas, como igualdade salarial, combate ao assédio e licenças parentais igualitárias, diretamente nos espaços de decisão e poder.

(Maria Silvia Oliveira)

A sociedade em rede para as mulheres contribui na troca de informações com mulheres de qualquer lugar, facilitando o acesso tanto em cursos, reuniões como também no empoderamento feminino .

(Gisa nascimento)

Acredito que a contribuição pode acontecer tomando esses espaços de redes e alcançando pessoas, que não seria possível chegar pela distância ou dificuldade de acesso. Porém, há uma dificuldade fática, até citada no vídeo, que os algoritmos trabalham para o lucro, para o ganho ainda maior de dinheiro.

Assim, esse tipo de conteúdo não vai interessar para aqueles que detêm o poder e estão em contrário com esse ideal. Mas, acho que de forma nichada é possível uma contribuição.

Esse curso é um exemplo disso.

A sociedade em rede faz com que pessoas se reúnam e discutam assuntos importantes.

(Bárbara Bolognesi)

Redes, alianças e articulações

O principal objetivo é refletir sobre a importância e capacidade dos movimentos sociais de incidir nas Políticas Públicas, por meio de ações em REDE.

Os estudos sobre redes ganharam impulso na década de 90, tendo a relevante contribuição do cientista social e escritor espanhol Castells e do físico e escritor austríaco Capra.

Hoje, o fenômeno de REDES pode ser considerado um paradigma de organização social, uma estratégia eficaz e sustentável para se efetivar políticas públicas, para o enfrentamento de graves problemas sociais.

Enquanto um fenômeno social, os estudos sobre redes possuem um caráter fortemente interdisciplinar, ancorados em perspectivas filiadas às várias correntes do chamado pensamento sistêmico e às teorias da complexidade.

As redes são SOLIDÁRIAS na interseccionalidade – gênero; raça-etnia; classe; orientação sexual; deficiência; entre outros fatores de exclusão -, porque, enquanto houver um

resquício de opressão, contra um ser humano, lá estaremos subvertendo a ordem patriarcal e capitalista, dizendo não aos mecanismos que levam à morte. “Vai ter luta!” (Sueli Carneiro).

As redes também são REVOLUCIONÁRIAS: “Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros/as.” (Che Guevara).

“Mulheres, esqueçam a competição. Não somos rivais, somos a revolução.” (Simone de Beauvoir)



Constituímos Redes Solidárias Revolucionárias para:

-  Apoiar-nos mutuamente;
-  Trocamos experiências;
-  Desenvolver projetos e ações conjuntas;

-  Articular esforços e competências;
-  Influenciar politicamente;
-  Incidir sobre as políticas públicas;
-  Provocar mudanças significativas, rompendo com estruturas opressoras.

-  Confiança e Cooperação;
-  Interdependência e Complementaridade;
-  Empatia e Corresponsabilidade;

Vantagens do trabalho em rede

Dentre as vantagens das ações em redes, estão as seguintes:

 Potencializa a capacidade de resistência, o alcance e a qualidade das estratégias e ações que se pretende implementar, no enfrentamento de problemas comuns.

 Quebra a barreira do silêncio, tornando proativo o potencial de indignação e resiliência.

Essas duas características:

 Aumento da resistência a partir de entrelaçamentos;

 Capacidade de manutenção do todo, mesmo quando duas ou mais partes sofrem danos, ...explicam a emergência das redes em todos os níveis.

Vamos falar agora do *princípios Éticos* de uma rede solidária, revolucionária:

 Sentimento de pertencimento;

O privado também é político! A importância das Políticas Públicas

Uma rede de vinte ministérios do governo Lula, impulsionada pelo Ministério das Mulheres, “estão trabalhando coletivamente para construir uma Política de Cuidados, com o propósito de promover o trabalho decente e remunerado de cuidadoras/cuidadores, ampliar a corresponsabilidade nessas atividades e reduzir a atual

sobrecarga das mulheres.” Foi o que destacou Letícia Peret, coordenadora dessa REDE. Esse programa visa também combater as desigualdades da mulher no mercado de trabalho.

As Redes Relacionais são extremamente importantes para a desconstrução dos estereótipos de gênero, em especial para a população LGBTQIA+.

Dentre os princípios Éticos de uma rede solidária, revolucionária, estão: sentimento de pertencimento, confiança e cooperação, interdependência e complementaridade, empatia e corresponsabilidade.

Quanto aos Movimentos Sociais, podemos citar o MST-

Movimento dos Sem Terra que contribui sistematicamente com doações de alimentos. Foi fundamental no período da pandemia. Também realiza doação de sementes para pequenos produtores afetados pelas enchentes, no Sul do Brasil, ou para projetos do Movimento Economia Solidária, entre outros.

Precisamos nos lembrar que nosso ecossistema – tudo o que existe entre os seres vivos e o meio ambiente – precisa ser protegido.

Outro ponto fundamental é o reconhecimento dos ATIVOS, nas parcerias e alianças que irão suprir nossos limites e possibilidades.

As relações de poder

Considerando as Redes sociais uma forma de organização conjunta entre elementos autônomos...
o poder só pode ser COMPARTILHADO!

Pressupõe uma participação consciente pois o desafio é ser sujeito de uma construção que demanda flexibilidade e capacidade de negociação para as relações interpessoais e interinstitucionais.

Rede é comprovadamente um modelo de organização social eficaz e sustentável. Entretanto, são os objetivos e propósitos da cada rede que irão definir se suas ações serão para o bem comum, ou para atender exclusivamente aos interesses um determinado grupo. Vamos aos exemplos:

 Bancada do boi, dos fascistas, fundamentalistas nas câmaras legislativas;

 Facção do narcotráfico;

 Redes oficiais de comunicação;

 Mídias sociais mobilizadas a espalhar *fake news*.

Recentemente, foi criado no Youtube o canal *Lobby do Batom*, com documentários sobre como as feministas na década de 80 e 90 incidiram na política, dando origem ao 1º Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Na década de 80, o Lobby do Batom foi um excelente exemplo de como as mulheres sabem se

articular em rede, num tempo que não se tinha internet! A internet chegou ao Brasil em 1988, mas só se tornou pública e comercial entre 1994 e 1995.

Internet para o bem e para o mal

Para Maria da Glória Gohn, cientista política da Unicamp, “a internet, essa nova forma de interação entre as pessoas

“Um país educado com internet progride; um país sem educação usa a internet para fazer estupidez.”

(Castells)

é em si, um meio”.

Para as redes sociais comprometidas com a transformação social, pautadas na cultura da Paz, “hoje é possível mobilizar indivíduos, sensibilizá-los, sem necessariamente ser um movimento social institucionalizado, o que para Castells, torna mais difícil reprimir o movimento ou suas lideranças.

Por outro lado, temos os Crimes Cibernéticos. Há inúmeros casos de suicídio entre jovens, sendo necessário criar leis que regulem o uso da internet no Brasil, tais como a Lei 12.737/2012 (Lei Carolina Dieckmann); a Lei 12.965/

2014, que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres, para o uso da internet;

<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/sedigi/crimes-digitais>

Redes e Movimentos Sociais para Castells

“Os movimentos sociais foram, em toda a história, os que mudaram a sociedade. O que tem de novo hoje, e que mudaram os movimentos sociais, foi a tecnologia da comunicação em rede!”. [...] “E não há líderes porque não é necessário, o movimento vai se ajus-

tando, as pessoas vão debatendo, vão se organizando, um dia um é líder em uma ação, outro dia é outro. Portanto, a rede se transforma no sujeito coletivo de mobilização e o sujeito coletivo de liderança.”

Pessoalmente, não descarto a necessidade de um grupo impulsionador... [Zeza].

“Estamos diante de uma forma de movimentos sociais que se caracterizam por serem capazes de se auto-organizar e mobilizar, local e globalmente, ao mesmo tempo, sem necessidade de liderança. Isso é novo na história! Automobilizar-se e autoliderar, sem pedir licença a nenhum

partido, a nenhum líder, porque dispõe de uma capacidade tecnológica comunicativa que nunca houve na história.”

Diferentes tipos de redes



Pode nascer de uma mobilização espontânea, que ganha dimensão nacional, sem necessariamente precisar de uma estrutura institucional, e sim de uma adesão e apoio à causa;



Rede de Serviços, enquanto um política pública, no enfrentamento de graves

problemas sociais, e que se institui por meio de um protocolo - acordos interinstitucionais -, para estabelecer o fluxo de atendimento, como, por exemplo, no

“Os movimentos sociais foram, em toda a história, os que mudaram a sociedade.

O que tem de novo hoje, e que mudaram os movimentos sociais, foi a tecnologia da comunicação em rede!”

(Castells)

enfrentamento à violência doméstica sexual contra mulheres e meninas.

Dentre os Movimentos Sociais, Redes e Articulações que marcaram a história do Brasil, construindo o paradigma de ações em rede, podemos citar:

-  Rede Mulher de Educação;
-  Movimento do Custo de vida;
-  Emendas populares e a Constituinte;
-  Ação pela cidadania, contra a fome, a miséria e pela vida;
-  Rede Grito dos Excluídos;
-  Rede de Cuidados Iluminar Campinas, no enfrentamento à violência doméstica e sexual;
-  Movimento Feminista e a Lei Maria da Penha.

A REDE MULHER DE EDUCAÇÃO (RME) é uma rede de articulação entre educadoras populares feministas, de diversas regiões do Brasil. Criada em 1980, a RME se instituiu numa rede de serviços em educação popular feminista, freiriana, na perspectiva de gênero e ações em rede, com o propósito de articular lideranças voluntárias, de várias partes do Brasil, para fortalecer suas lutas. O que estas mulheres tinham em comum? Estarem inseridas nas organizações de base, do seu território -, e o compromisso de levar para esses grupos a perspectiva de gênero, assim como fomentar ações em rede. Em contrapartida, a RME promovia anualmente encontros de formação, troca de experiências e a interconexão entre esses grupos de mulheres.

A RME encontrou na REPEM - Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina e do Caribe, uma parceira

agregadora, para aprofundar suas reflexões, tendo em vista, num esforço coletivo, aprimorar sua metodologia e alcançar o máximo de mulheres, através de suas lideranças.



“Construir uma inteligência coletiva até chegar a ver juntas a realidade a ser transformada”. Moema Viezzer, idealizadora e uma das fundadoras da Rede Mulher de Educação.



Beatriz Cannabrava, uma das fundadoras da Rede Mulher de Educação e da REPEM - Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina e do Caribe.



Encontro Nacional da Rede Mulher de Educação, realizado em 1996, em Nova Friburgo, onde também estavam as integrantes Zeza Lopes e Vera Vieira, além de Menchu Ajamil (*in memoriam*), consultora espanhola que teve grande importância nessa articulação.

O MOVIMENTO DO CUSTO DE VIDA (MCV) foi uma articulação em rede protagonizada por mulheres para uma determinada Ação Política. Em 1978, originário dos Clubes de Mães da Zona Sul de São Paulo, o MCV mobilizou os trabalhadores e trabalhadoras a se posicionarem e darem resposta a um processo de inflação que consumia o poder aquisitivo, sem que houvesse aumento salarial.

As mulheres do MCV eram as mesmas que lutavam no movimento das creches, escolas, transporte, além de ajudar a fazer piquete nas portas de fábrica, nos períodos de greve.

“Aos pés de muitas igrejas, lá você vai encontrar, esperança e caridade, querendo se organizar.”

(Geraldo Vandré)

Foi nas comunidades eclesiais de base, que mulheres do movimento popular e da classe operária, sob a ótica da teologia da libertação, driblaram e confrontaram a ditadura militar.

Segundo Cecília Hansen, “uma fé encarnada na realidade despertou a comunidade para as necessidades do povo”.

As ações do Movimento de Custo de Vida

Vamos relembrar algumas das estratégicas ações desse importante Movimento:



Pesquisa em duas mil casas, sobre o preço dos gêneros de primeira necessidade;



Articulação de um abaixo-assinado pedindo



<https://www.cedem.unesp.br/#/documento-da-semana/movimento-do-custo-de-vida---40-anos/>



Irma Passoni, Cecília Hansen, Ana Dias e Odete Marques: protagonistas dos Clubes de Mães, zona Sul/SP e do MCV (esq/dir).



Ana Dias, viúva do líder operário Santo Dias, assassinado pela polícia militar quando comandava um piquete de greve, no dia 30/10/79.

<https://santosmarfies.org.br/mobilizacao-social/santo-dias-da-silva-44-anos-de-marfio>

congelamento de preços, aumento de salários, mais creches e escolas;

 Nova articulação, ampliando para 100 mil assinaturas, a ser entregue para o governo federal. Em Brasília, foram desafiadas a entregar 1 milhão de assinaturas;

 No dia 27 de agosto de 1978, houve a entrega simbólica do abaixo-assinado na Praça da Sé, em São Paulo, contendo 1,3 milhões de assinaturas. O ato reuniu cerca de 20 mil pessoas, entre os articuladores do movimento, políticos, religiosos e artistas.

Rumo à Constituinte

A constituição Cidadã de 1988 contou com Emendas Populares, fruto da articulação entre os movimentos sociais e o Estado Brasileiro.

Mulheres parlamentares da Assembleia Nacional Constituinte, unidas e articuladas com as suas bases para garantir uma Constituição Cidadã!

Em 12/08/87, foi feita a entrega oficial das **122 Emendas Populares subscritas por 12 milhões de signatários**.

Das 122 emendas populares, apenas 83 preencheram os requisitos regimentais, e destas, apenas 19 receberam pa-

recer favorável da Comissão de Sistematização, vindo a integrar a Constituição. Porém, a experiência de participação popular na vida constitucional brasileira foi inédita, resultando na conquista da institucionalização dos espaços de participação social, através dos conselhos e conferências.



A AÇÃO DA CIDADANIA CONTRA A FOME, A MISÉRIA E PELA VIDA é uma articulação em rede protagonizada por lideranças da sociedade civil organizada, para uma determinada Ação Política. Em 1993, foi lançada a 1ª Campanha Nacional que mobilizou a sociedade para combater a fome, no Brasil. Foi idealizada Herbert de Souza - Betinho (1935-1997), sociólogo mineiro, com o objetivo de ajudar 32 milhões de brasileiros que, segundo dados do Ipea, estavam abaixo da linha da pobreza.

(<https://www.acaodacidadania.org.br/nossa-historia>)

A adesão à Ação pela Cidadania era espontânea, absorvida e organizada através de comitês locais, em sua maioria compostos por lideranças comunitárias, sociedade civil organizada (ONGs), sindicatos, artistas, intelectuais, entre outros setores sociais.

Para contextualizar, em maio/93, Fernando Henrique Cardoso assumiu o Ministério da Fazenda. Em agosto, a moeda passou a se chamar Real. Naquele ano ocorreram duas chacinas no Rio de Janeiro: a da Candelária e a de Vigário Geral. A instabilidade econômica associada à violência contra os mais vulneráveis, gerava um clima de terror e ninguém poderia prever o que havia pela frente.

A Ação da Cidadania consolidou seus trabalhos em diversas frentes, indo muito além da arrecadação de alimento. Instituiu-se juridicamente, desenvolvendo projetos voltados para a geração de renda, entre outros, além de incidir sobre as políticas públicas, participando ativamente das conferências, em nível estadual e federal, sobre Segurança Alimentar.



Em 2003, o Presidente Luis Inácio Lula da Silva lançou o programa Bolsa-Família, que unificou todos os programas sociais do governo. E foi de suma importância para a luta pela erradicação da fome no Brasil.



O GRITO DOS EXCLUÍDOS E EXCLUÍDAS é uma rede entre forças progressistas, para uma ação focal e pontual. Completou 30 anos, e foi resultado da 1ª semana social da CNBB [Conferência Nacional dos Bispos do Brasil], uma articulação entre lideranças dos diversos movimentos sociais, sindicais e partidos de esquerda.

Essa ação é realizada todo dia 7 de setembro, com um tema relevante, e as lideranças de cada estado e municípios se organizam em seus territórios, apresentando suas reivindicações e bandeiras de luta.

<https://www.gritodosexcluidos.com/search?q=hist%C3%B3ria+origem+do+Grito&type=blogs>



Tema/2024 - Todas as formas de vidas importam, mas quem se importa?

As manifestações ocorreram: Rio de Janeiro; São Paulo; Curitiba; Recife; Porto Alegre; Brasília; Maceió; Rio Branco



Rede e Violência de Gênero

REDE é um sistema eficaz e sustentável de Política Pública no enfrentamento da violência de gênero! O poder público é responsável por implantar e implementar as ações preconizadas na Política Nacional de enfrentamento da Violência Doméstica, balizadas na Lei Maria da Penha, e em parceria com organismos feministas da sociedade civil organizada e a iniciativa privada.

Vejamos um exemplo da institucionalidade da rede nas políticas públicas. A Casa da Mulher Brasileira (CMB) é um equipamento que atua no formato de uma rede de proteção e atendimento humanizado às mulheres em situação de violência.

A 1ª CMB foi inaugurada em 2015, no governo Dilma. Com o golpe em agosto/2016, todos os serviços que compõem a rede de enfrentamento à violência, no Brasil, foram sucateados. Com a volta do governo Lula, a CMB volta a ser considerada uma prioridade para a Ministra Cida Gonçalves do Ministério da Mulher.



Casa da Mulher Brasileira de Fortaleza/CE

Atualmente, ha dez CMB:

- 1• Campo Grande/MS
- 2• Fortaleza/CE
- 3• Ceilândia/DF
- 4• Curitiba/PR
- 5• São Luís/MA
- 6• Boa Vista/RR
- 7• São Paulo/SP
- 8• Salvador/BA
- 9• Teresina/PI
- 10• Ananindeua/PA



Casa da Mulher Brasileira de São Paulo/SP



A LEI MARIA DA PENHA é resultado de uma articulação interinstitucional

Marco Inicial, agosto/2002



Leila Linhares
CEPIA



Sílvia Pinental
CLADEM



Carmem Campos
THEMIS

Yara Romalho
CEFEMEA

Elizabeth Góes
AGENDA

Yela Wieg
PROCURADORIA
PÚBLICA

Rosane Alcantara
CEDM

Rosane Lavin

EXPERIÊNCIA ADQUIRIDA

Quando incidiram na **Convenção da OEA**, realizada em Belém do Pará/1994 - resultando na resolução para **Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher**;

INDIGNADAS PELA IMPUNIDADE

70% dos casos eram considerados crimes de menor potencial ofensivo - lei federal 9099/95 - Juizados Criminais de Pequenas Causas;

DECIDIRAM

Acionar à Corte Interamericana de Direitos Humanos/OEA, resultando na condenação do Estado Brasileiro por omissão e negligência no caso Maria da Penha Maia Fernandes, em 2001.



Foram 4 anos de muito trabalho e articulação política!



LEI MARIA DA PENHA
aprovada em 2006, foi
resultado de um processo
participativo, das ONGs
feministas que formaram um
consórcio, para lutar por
reparação e justiça.



Nicéia Freire
Ministra da Secretaria
de Políticas Públicas
para as mulheres.



Jandira Feghali
Deputada Federal e
relatora do Projeto de Lei.



Movimento Feminista brasileiro,

ALIANÇA X ARTICULAÇÃO

Fazer alianças, implica numa articulação política entre diferentes atrizes/atores, unidos por um propósito comum.

Um dos maiores desafios está na comunicação...

COMUNICAÇÃO: Uma fonte de maus entendidos! Exemplo: Nas eleições de 2024, o candidato Boulos/PSOL teria ganho a prefeitura de São Paulo no primeiro turno, que aceitou a aliança entre os partidos de esquerda para derrotar o fascismo, se grande parte do eleitorado tivesse acertado o número do candidato (era 50 e não 13, que é o número do PT).

Para finalizar, vamos enfatizar os desafios para que uma rede alcance seus objetivos:

-  Construir o comprometimento;
-  Alinhar as expectativas;
-  Gerenciar a diversidade;
-  Perseverar diante do imprevisto;
-  Valorizar o protagonismo com equidade no exercício do poder;
-  Abrir mão do ego e noções corporativistas;
-  Diante do conflito, o desafio está na capacidade de equacionar e não eliminar as diferenças.



DEBATE AO FINAL DA OFICINA

Gente, eu não tenho o que dizer, a não ser agradecer pela aula. Eu ficaria aqui o resto da noite te ouvindo, Zeza, porque você reúne coisas maravilhosas. Primeiro, pela militância mesmo, quer dizer, a participação efetiva, você fala a partir de quem estava lá, que muitas vezes é diferente da gente que fala a partir das nossas leituras. Esse teu conhecimento é uma coisa maravilhosa, então, eu realmente não tenho nada a dizer, não tenho nada que perguntar, a não ser dizer muito obrigada. Foi realmente uma grande aula, uma coisa que assim a gente vai levar no coração e no aprendizado mesmo. Eu fui anotando o que você foi falando, printei algumas coisas, porque, gente, é tão espetacular porque são coisas que sempre que a gente tiver alguma dúvida, vale a pena olhar o teu material, para ter certeza do caminho que nós escolhemos.

(Maria Cristina - Bauru/SP)

Agradeço às pessoas maravilhosas que vieram aqui. E assim, muito agradecimento, pela Zeza existir e pela Vera ter feito esse projeto, e ter colocado, tanta sabedoria para a gente. Aí, a gente chega, assim, com um gostinho de quero mais. Foi bom estar aqui e com a sensação de que fomos escolhidas para bebemos da fonte da sabedoria. Contemplar toda essa maravilha, não é de graça, traz para a gente o compromisso de levarmos adiante. Agradeço essa responsabilidade que me foi dada pela participação nesse curso, e tudo isso que a gente vivenciou aqui.

(Leila Ramos - Taubaté/SP)

De uma certa maneira, você deve ter sido uma das maiores participações, e eu agradeço, Zeza. À Vera, o agradecimento por todo o curso e todas as pessoas envolvidas. Zeza, a minha gratidão pela sua docilidade ao nos passar o conteúdo.

Foi uma grande representatividade. Muito obrigada por tudo que você fez, por todas as nossas ancestrais, tudo que elas fizeram. Eu fico, assim, muito emocionada, porque dentro de tanta luta, a gente vê tanta gente sem saber de nada por aí, ganhando eleição, entrando lá nos espaços de liderança para fazer um nada. É doído cair na real. A nossa real é a seguinte: muitas mulheres que têm essa capacidade não estão lá, porque não tiveram oportunidade, ou não tiveram condições financeiras para bancar uma eleição, uma campanha eleitoral, ou foram mortas antes de chegar lá, né? Ou, de repente, tiveram seus nomes retirados da lista, porque outras seriam mais fáceis de manipular, ou tantas outras coisas que a gente nem sabe. Acredito nesse movimento, se for crescente e se isso for de graça, porque tem muitos movimentos por aí que começam muito bem, daqui a pouco começam a cobrar e as pessoas, infelizmente, não estão em sua melhor fase financeira. Depois de tanta coisa, eu acredito que há uma grande probabilidade de acontecer o melhor com muitas lideranças, e isso me traz muita esperança. Você falou sobre a mudança de paradigma. Tudo o que está acontecendo leva a crer que há, pois eu acredito que o caos leva a mudanças, sem dúvida, dentro de tudo da teoria. O caos leva a alguma coisa, pois eu acredito que só desta maneira, como está sendo realizada aqui agora, é que vai acontecer uma grande mudança. Não existe grande mudança sem grandes responsabilidades, sem por a mão na massa, sem colocar os conhecimentos, os saberes, sem dividir, sem compartilhar. Então, é uma grande oportunidade de isso se tornar um movimento maior, uma corrente maior, repassar a rede, vamos dizer, repassar conhecimentos, saberes. Isso é ideologia, é utopia, que seja, mas é só assim que acontece. Como você disse, não adianta ficar parada, não adianta sentar na calçada e chorar, como eu fiz uma vez nas Diretas Já. A gente soube que a primeira votação não deu certo e nós sentamos na calçada chorando, eu e meu grupo. Depois nos levantamos e fomos embora, tomamos uma cerveja e partimos para outra, recomeçando. Essa é a chamada resiliência. Vamos nos levantar e vamos à luta. Dentro do que aconteceu ultimamente, era um cenário com uma perda de esperança muito grande. E isso que está acontecendo aqui, agora, tem que ser mais comum, em maior quantidade, porque é isso que renova as esperanças, as motivações, os incentivos, as influências, as partilhas, os conhecimentos. Tem muita gente que desconhece, até por uma questão de esconder mesmo, um apagamento real da história. Existe e existiu, sempre vai existir, se a gente não recorrer a essas comunidades, a essas reuniões, a esses encontros, realmente vai existir um apagamento. Uma das coisas mais importantes que eu senti dessa nossa conversa, é sobre a nossa união, porque, vamos ser sinceras, existe muita vaidade, e por conta disso se perde muito, muito mesmo. Quando se entra num impasse de vaidades, a gente perde, todas perdem. Então eu acho muito importante concentrar todas as nossas falas nessa questão de união e compartilhamento, num bem comum, num propósito comum.

(Neti Navarro - São Paulo/SP)

Então, Vera, olha, eu quero agradecer demais, eu estou muito feliz por estar aqui. Você chegou até aqui, porque é luta todo dia. Quero agradecer a todas as companheiras. Quero te parabenizar, porque você é incrível; todo esse trabalho que foi conduzido de maneira tão generosa, acolhedora, onde a gente pôde compartilhar, se expressar. Quero parabenizar também à palestrante; quando eu for gente grande, eu quero ser igual a ela. Foi uma aula de história, com toda essa bagagem de vida mesmo, de trajetória, porque ela é história viva. Ouvir falar do movimento por quem viveu tudo isso. Eu tenho um apreço muito grande pelos conselhos. Desde que eu iniciei a minha militância, eu tenho ainda muito a aprender, por isso eu sinto tanta falta dos conselhos, para somar, para poder fomentar política, para ter espaço, para ter ouvido. Eu posso compartilhar com vocês que uma das cidades que eu trabalhei, foi graças ao conselho que a gente conseguiu criar a Secretaria da Mulher. Durante anos, o conselho batalhou, ouvindo mulheres na cidade. Mas, eu sinto hoje na outra cidade que hoje eu atuo, aqui em Osasco, que as conselheiras não estão conseguindo desenvolver o seu papel. Algumas não entendem pela rotatividade de pessoas. Eu falei que nos últimos anos eu senti aqui na região uma fragilidade muito grande dos movimentos, para ter acesso, para ser ouvido, para mobilizar, para manifestar, para cobrar política pública. Zeza, eu queria a sua opinião, uma sugestão, sobre qual caminho a gente pode tomar, por exemplo, aqui onde eu trabalho para ajudar o conselho. Eu quero colaborar, não só como pessoa pública, mas também como uma pessoa, uma mulher, que vive isso também na militância e sente o que as companheiras sentem. Qual caminho a gente pode seguir para empoderar os elementos dessas mulheres, fortalecer para que acreditem. Todo dia que eu saía daqui, eu voltava no outro dia com um trabalho mais forte, por compartilhar tanta coisa com vocês, tanto conteúdo. Realmente a gente respira, né, umas com as outras. Às vezes, a gente desanima muito no dia a dia, a gente se frustra muito principalmente no enfrentamento à violência, na política de enfrentamento, buscando orçamento para a política para as mulheres. É difícil, mas eu tenho esperança, eu saio daqui com mais esperança ainda. Eu não tenho nem palavras, é indescritível, eu estou emocionada...

(Luciana - Osasco/SP)

Oh, Vera! Bom, o que falar, eu bebo da fonte desde que nasci. Tenho muita admiração por você, Vera. Muitos anos, muitos e muitos anos, de luta e de sonho e de resistência. E a Dona Zeza [mãe dela], ela me emociona. Todas as vezes que ela me dá a oportunidade de estar junto nesses momentos, eu me sinto muito emocionada. A gente tem participações aqui em Campinas. Ela está em Indaiatuba agora, mas tem participações na política aqui de Campinas. Eu sou filiada ao PT, meu companheiro é filiado ao PSOL e ao PT também. A nossa luta não é partidária, mas de esquerda. É social, por justiça, por segurança, enfim, é uma luta de esquerda, que é bem diferente. Eu só quero agradecer pela oportunidade de poder entrar nesta aula, dizer que eu me emocionei algumas vezes. A gente tem que se unir, a gente tem que continuar nessa luta juntas. Se hoje a gente está falando de rede, de articulação, é isso. Juntas, juntas somos mais fortes. Ninguém solta a mão de ninguém. Eu acho importante o que foi dito sobre estar na rua. A gente tem que se articular nas instituições, nos grupos, cada qual com uma militância, mas todas em comum. Só que temos que ir para a rua, a gente não pode esquecer disso, pois a gente não pode se calar. Então, sobre isso e sobre a quebra de paradigma, eu queria dizer mais uma vez, fica bem difícil não quebrar paradigma ouvindo o que a gente ouviu hoje. Então, vamos quebrar todos.

E a gente tem que se unir e continuar nessa luta. Obrigada!

(Mariana - Campinas/SP)

Sim, eu quero agradecer muito à Zeza, porque todos os dias ela estava aqui, e esse detalhe é importante. E sempre com falas muito interessantes assim, desde o começo. Muito obrigada mesmo, Zeza. Foi ótimo. Obrigada não só pela sua fala aqui, pela sua palestra, mas pela sua atuação, de tantos anos. E agradeço às outras presentes também que atuam há muitos anos. Eu estou começando a estudar gênero agora, então, foi uma oportunidade maravilhosa ter participado deste curso, conhecer vocês, as trajetórias das histórias, os ensinamentos dos cursos, o compartilhamento de todas que falavam durante as aulas, e assim, eu estou muito grata mesmo.

Obrigada, Vera e Wal, em nome do nosso acesso a Mulheres pela Paz e a coordenação do curso.

Muito obrigada mesmo.

(Roseany - Viçosa/MG)

Quero agradecer também a você, Vera, pela oportunidade dessas oito noites muito prazerosas. Passou rápido e quero agradecer a todas, principalmente as que estão aqui, que vieram todos os dias, porque são mulheres com colocações muito importantes. São vários saberes de lugares diferentes, de estados diferentes, deste Brasil que é tão grande, com tantas realidades, e isso enriquece muito. E, claro, agradecer por ouvir a história por quem participou dela. Isso é muito especial e muito importante. Tem coisas que a gente, às vezes, esquece na militância atual, e que a Zeza traz. Acho muito gostoso ouvir essas histórias, e como era tudo muito difícil. Uma coisa que começava no pé do tanque e não tinha rede, mal tinha telefone, e daí de repente consegue um milhão de assinaturas. Então, são coisas muito preciosas, como a das mulheres que fingiam que estavam indo pra igreja, para poder se reunir. E estavam mesmo, porque a teologia da libertação, as pastorais, tudo isso foi extremamente importante para a construção das lideranças das mulheres. E elas tinham um lugar pra ir. Eu conheci uma liderança, a Vanete Almeida, lá do sertão de Pernambuco. Ela era uma liderança das mulheres do campo, do sertão do Brasil. Havia muita dificuldade, porque as mulheres não saíam da cozinha, e elas trabalhavam muito, elas trabalham ainda hoje, na roça, cuidando dos filhos... E elas não tinham voz nenhuma, elas não participavam absolutamente nos sindicatos, eram totalmente invisíveis, porque as roças são muito distantes umas das outras. É diferente de trabalhar como operária, que acaba conversando com as amigas. Aí, a Vanete trazia as mulheres, fazia roda, discutia sobre saúde... no começo, ela queria falar e a voz nem saía, porque não conseguia falar. Depois, se tornou uma líder sindical. É muito importante resgatar essas histórias. Tem também a Creusa, lideranças das trabalhadoras domésticas. A Lenilda lá de Pernambuco... Como era difícil também para essas mulheres, porque elas eram muito solitárias dentro das casas; a maioria mulheres pretas, que só tinham uma mulher branca patroa como referência; elas eram trazidas pequenininhas para trabalhar, às vezes, perdiam total contato com a família. Para se reunirem, era muito difícil no começo, porque elas não tinham sábado e domingo, era trabalho escravo mesmo, trabalhavam muitas vezes por cama e comida. Então, há histórias muito lindas que precisam ser sempre lembradas, até porque eu acho que existem feministas jovens muito empoderadas, com uma fala muito legal, mas que tendem a criticar o feminismo das mulheres brancas, o feminismo que não contemplava isso, não contemplava aquilo. Isso é muito triste, porque tem um fundo de verdade, a maioria era mesmo, de mulher branca, mas há mulheres que foram torturadas, que lutaram contra a ditadura e que se não fossem elas, não teria espaço tão grande hoje. Então, eu acho que é muito, muito importante esse resgate da história e das dificuldades, porque não tinha nada, não tinha saúde...

(Patrícia Negrão - São Paulo/SP)

A oportunidade de ouvir a Zeza fazendo um apanhado histórico e também traçando a sua individualidade, a sua vivência, compartilhando tudo conosco. Acho que você tocou no ponto crucial, que eu acho que eu fiz um apanhado assim dos nossos encontros, e você fechou a noite de hoje, que eu acho que é a nossa saída, que é o fortalecimento dos movimentos sociais. A gente veio com um recorte falando um pouco das nossas ideias progressistas, de mulheres com as ideias progressistas, com ideologia que bebe da esquerda. Vejo que a gente foi muito fragmentada pela questão, quando a gente para e pensa num ponto em comum dos inúmeros grupos que nos testam sobre a questão da classe trabalhadora. Acho que a gente teve um momento de fragmentação e de enfraquecimento, pelo próprio sistema capitalista, com cada qual por si, há muito do discurso do individualismo. Então, eu vejo que a saída realmente é o fortalecimento. São questões muito caras para a gente, principalmente da questão das campanhas. Saí muito na questão da fazer uma autocrítica, quais são os pontos que nos deixam enfraquecidas, mas, enfim, eu acho que é mesmo a questão do fortalecimento dos movimentos sociais. E também a gente tem que atentar para muitas armadilhas que o sistema nos coloca, não ficar presas só nas nossas bolhas, como a Patrícia falou ontem. Às vezes, a gente se afasta muito de escutar alguns espaços. Tem hora que é preciso se afastar para se recompor e poder aguentar o amanhã. Hoje, por exemplo, eu não tenho condições psicológicas para lidar com isso, a gente vai nesse momento de rotatividade, segurando uma na mão da outra para poder aguentar. Mas, é muito importante que a gente não se detenha, porque a realidade realmente é leitura. A gente vive com discursos que nos matam, não só narrativas, é um campo de disputa de narrativas que tenta nos apagar de todas as formas possíveis. Então, assim, eu só tenho que agradecer a cada uma de vocês. Eu me sinto muito contemplada, porque é nesses espaços que a gente não se sente sozinha. E como é bonito a gente ver mulheres de diferentes lugares, diferentes conjunturas, de idades diferentes, trocando fichinha, trocando as suas angústias, os seus sabores também, os seus desamores e amores também.

Muito obrigada!

(Marcilene - RIACHO FUNDO I – BRASÍLIA/DF)

Agradecer acho que pela generosidade, é que foi uma rede de afeto, só não teve um vôo, e vocês trazem esperança, sabe? Então é muito legal quando a gente está aqui, ouve e troca, porque aí a gente vê que dá pra gente tentar, tem alguém que fez e passou por coisa até mais difícil. Muita gente aqui falou sobre a questão da ditadura. E aí eu fico pensando assim, não, não é pra gente ficar em silêncio agora, porque tem gente que lutou, sabe? E isso é muito importante, porque todo dia a gente vê tanta notícia que acaba nos deixando um pouquinho mortas. E vocês aqui, aquele lugar, olha, eu conheço aquela Vera, eu conheço a Val, eu conheço a Marcilene. E se referenciar também é muito importante, porque senão acabam apagando os nossos nomes, né?

Então isso é muito potente. Eu só queria agradecer.

(Natália Mesquita - Baixada Fluminense/RJ)

Eu sou educadora popular. Ontem, eu assisti quietinha aqui com o meu filho no colo, fazendo ele dormir, por isso que eu não liguei a câmera. Hoje, eu estou aqui principalmente pela Vera, pela Wal e pela Zeza. Desculpem-me se eu chorar, gente, porque eu sou muito emotiva. A Marcilene me emocionou muito com a fala dela. Eu me permiti chorar quando a Mariana, entrou, Zeza, eu achei tão bonito, sabe? Como mãe, como mulher, acho bonito, sabe? Por isso que eu fiz questão de tirar foto, porque eu achei tão lindo. Eu também estou aqui no interior de São Paulo, então, eu conheço todas vocês por nome, sou muito fã de vocês. Eu sou educadora social, trabalho com mulheres. Eu estava com 150 mulheres agora do Centro-Oeste, Norte, Nordeste. Trabalho com empreendedorismo feminino, então, são muito potentes esses encontros. Às vezes, realmente, eu me sinto muito sozinha, mas quando eu estou com vocês, eu vejo que a gente tem que continuar. Sou mãe solo de um menino negro, então, o machismo e o racismo tendem a tirar a nossa força motriz, a nossa vontade de continuar. Mas é isso, me senti contemplada por todas, me senti acarinhada por todas, mesmo tendo uma participação aqui muito tímida por questões domésticas, por maternidade, pelas minhas alunas também. Mas, sempre com vocês. Tenho muito carinho pela Cristina Costa, que foi minha professora na USP. Então, eu estava muito emocionada. Só agradecer, gente, vocês são uns exemplos pra gente, continuem muito assim. Eu estava aparecendo na foto assim, eu, a Vera no centro, a Zeza do lado esquerdo e a Marcilene do lado direito, sabe?

Então, acho que é isso, essa base para gente continuar.

(Maria Silvia)

A preocupação de vocês, até os últimos minutos passadinhos, de todo mundo ter a oportunidade de se expressar. Isso já é um ponto, justamente fora da curva. Eu tive o prazer também de conhecer vocês, pessoalmente, na oficina de Sumaré, através da indicação de mulheres potentes aqui de Piracicaba. Então, é importante a gente estar nos espaços, participar, agradecer por essa palestra inspiradora. E a pergunta que eu ia fazer, que bonito, ela já foi respondida pelas próprias colegas, com outras perguntas. Então, eu saio daqui com outras perguntas, inspirada e motivada. É preciso ter essa paciência, ter essa seriedade de escutar, de conversar muito mais do que chegar com algo pronto, e de buscar as redes.

E a gente já está super em conversa para outros cursos, outros movimentos aqui.

(Liliane - Piracicaba/SP)

Então eu queria agradecer mais uma vez Vera, parabenizá-la, Zéza, querida, que sempre me deram oportunidade. Eu trabalho com elas há quase três décadas, e sempre me deram oportunidade de participar desses cursos tão importantes, tão gratificantes, que me enriquecem muito na vida pessoal e profissional. Estou muito feliz por estar mais uma vez com vocês. Eu conheci vocês na Rede Mulher de Educação, que é a nossa base. É onde está o alicerce da metodologia de educação popular feminista. Foi onde eu aprendi o sentido verdadeiro da violência contra mulher. Elas me ensinaram, através de toda a trajetória desses cursos. Eu achava que violência era só física, aí, tive consciência das violências diferentes que sofri. Agora basta, não sofro mais...

WAL (São Paulo/SP)

Na última frase dela, ela levantou a bola. Ela mesma diz que todas as noites que ela saía aqui do curso, ela voltava motivada, voltava com outro ânimo. Enquanto educadora popular, enquanto alguém que acredita que é através do trabalho de base que a gente vai coletivamente construindo processos de mudança, eu vejo que nós temos que cavar por todos os meios, em todas as instâncias, seja no partido, seja no trabalho. Nós precisamos criar um espaço para uma escuta afetiva. O que é essa escuta afetiva? É ouvir a outra pessoa, sabe, quais são as dores dessa pessoa? O que é comum na tua vida que também me machuca, que também me oprime. Nós temos, como mulheres, que associar a escuta afetiva com uma compreensão, uma leitura de realidade. Puxa, mas por que que a gente passa por isso? O que que provoca essa situação, porque os porquês, sabe que nem uma criança, os porquês nós precisamos, e aí é formação. E a partir do quê? Do interesse delas. É a questão da saúde, é a questão de moradia, é a questão da violência contra a mulher, é a questão da baixa autoestima, da solidão, da velhice. Não sei... Precisamos estar prontas enquanto educadora, para a necessidade da comunidade. E como eu posso ajudar a minha comunidade a fazer essa leitura de realidade. O problema da fome é política pública, não é falta de alimento; é falta de distribuição, a desigualdade... E aí, é só naquelas rodas de conversa, que a pessoa gradativamente vai ampliando a capacidade crítica, para não ser mais manipulada através de votos. Bom, é no coletivo, não é sozinha e não é com palestras. É preciso ouvir a outra pessoa a partir da leitura de realidade. Gente, desculpa, mas é como eu enxergo, é o que eu vejo hoje que é possível fazer. Eu não vejo um salvador da pátria. Temos que nos unir, seja um movimento popular, um movimento político, um movimento sindical, não importa qual é o partido político para discutir o problema da fome, da moradia, da violência contra a mulher, da insegurança. Gente, o que é que nós temos em comum para lutar por isso? É plano de ação. Não é ficar a reboque, porque o que eu sinto é que muitos movimentos, eles ficam só reagindo. Tem que ir para a rua. Vou dar o exemplo aqui de Indaiatuba: nós não temos como participar do conselho, porque não tem CNPJ. E há essa lei exatamente para impedir que a esquerda tenha poder dentro dos conselhos. Qual é a primeira luta? É derrubar essa lei. E adianta a gente ir para a rua? Adianta, sim, não é para deixar de ir para a rua, mas você tem que atuar e incidir em instâncias de poder onde você vai programar as mulheres que têm perfil. E não tem a ver com ego, mas perfil, compromisso, história de luta para que ela saia candidata. E colocar isso como um desafio para os nossos companheiros. Você tem que apoiar a mulher; é tua filha que pode morrer estuprada, é o teu filho que pode sofrer uma violência da polícia. É a tua mãe que quando vai para o hospital, o SUS não está estruturado. Então, o partido político é importante, mas eu estou falando que a esquerda hoje tem que se unir. Na diversidade, porque eu não vejo outra solução.

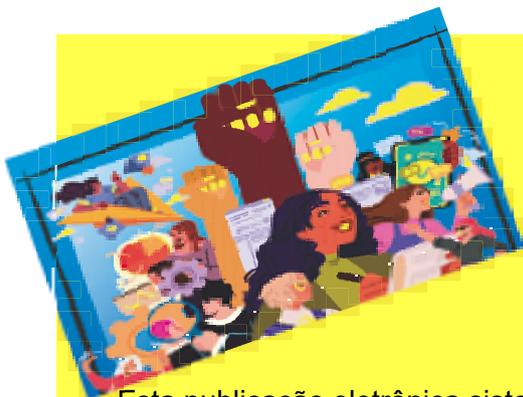
(Zeza - Indaiatuba/SP - palestrante)

**Quando uma mulher incentiva os vôos de outra mulher,
ela está dando asas a si mesma.**

Empoderar uma irmã te faz ouvir a própria voz, te lembrando de quem você
é, libertando todo amor e beleza que residem no coração.

Ajude, Acolha, Prestigie, Motive e Fortaleça outras Mulheres.





Esta publicação eletrônica sistematiza o conteúdo das oficinas de capacitação “Mulheres ocupando e transformando os espaços de poder e decisão”, que foram realizadas em oito módulos, nos meses de outubro e novembro de 2024, pela plataforma digital da Associação Mulheres pela Paz.

As oficinas on-line, com concepção e coordenação geral de Vera Vieira, contaram com profissionais renomadas em cada um dos focos, além de participantes das diversas partes do Brasil, que em muito qualificaram o debate sobre o tema.

É nos espaços de poder e decisão que se consegue influenciar e alterar a realidade das desigualdades de gênero e suas interseccionalidades. No Brasil, continua sendo um grande desafio o aumento do número de mulheres nesses espaços.

As atividades se alicerçaram na metodologia de educação popular feminista, isto é, foram construídas *com* as pessoas e não *para* as pessoas. O conteúdo teórico e prático focou aspectos subjetivos e objetivos que auxiliam na desconstrução de estereótipos discriminatórios e o fortalecimento das participantes, para aumentar o número de mulheres ocupando os espaços de poder e decisão, impactando, assim, na realidade das inequidades de gênero e suas interseccionalidades.

Um agradecimento especial à deputada federal Juliana Cardoso, do PT/SP, autora da emenda parlamentar que apoiou este projeto, através do Ministério das Mulheres.

REALIZAÇÃO



APOIO



www.mulherespaz.org.br
associacao@mulherespaz.org.br